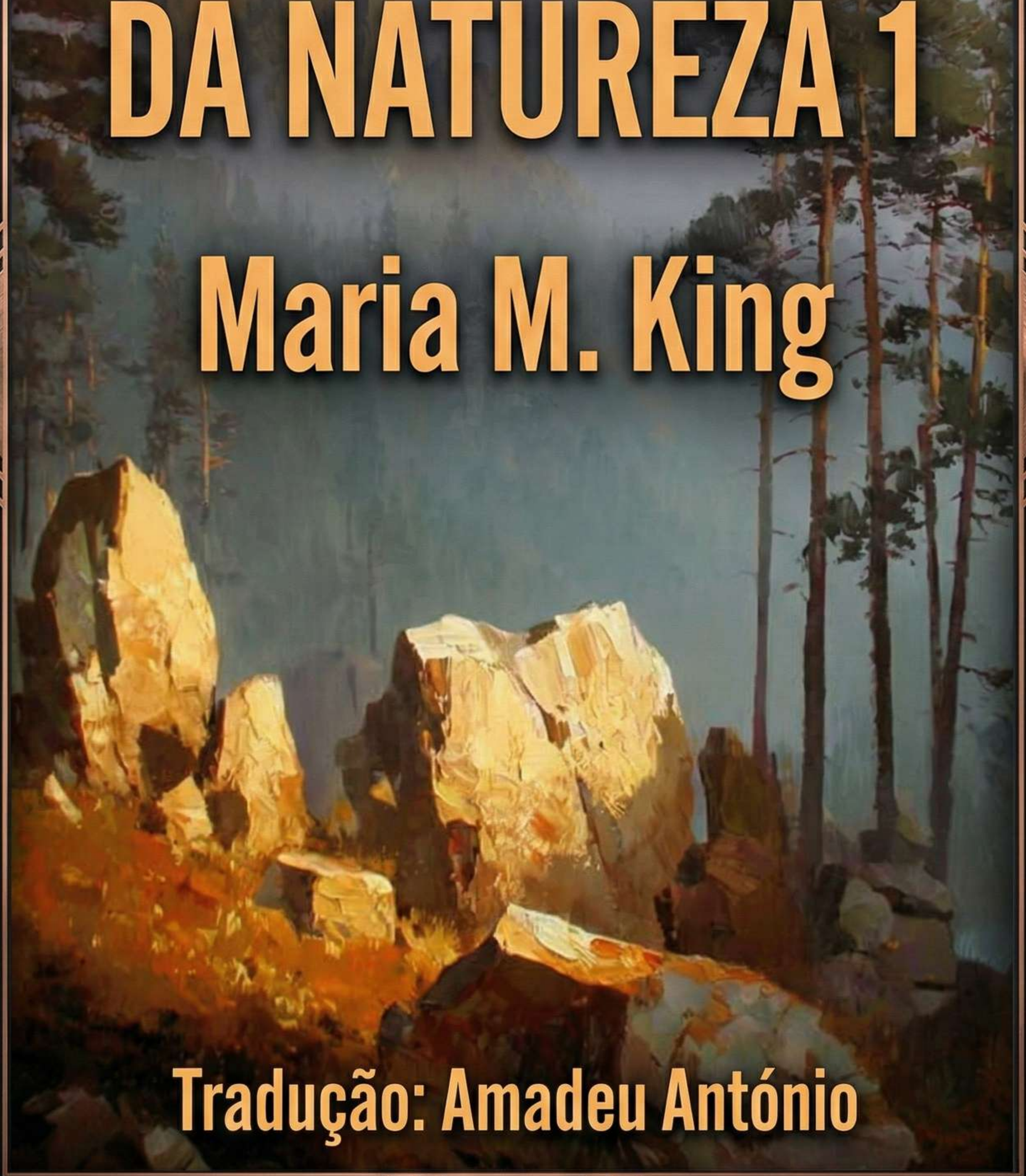
OS PRINCÍPIOS DA NATUREZA 1

Maria M. King



Tradução: Amadeu António

OS PRINCÍPIOS DA NATUREZA

CONFORME DESCOBERTOS NO DESENVOLVIMENTO E ESTRUTURA DO UNIVERSO

O SISTEMA SOLAR LEIS E MÉTODO DO SEU DESENVOLVIMENTO,

A TERRA, HISTÓRIA DO SEU DESENVOLVIMENTO.

SENDO UMA EXPOSIÇÃO CONCISA DAS LEIS DO DESENVOLVIMENTO UNIVERSAL, DA ORIGEM DE SISTEMAS, SÓIS, PLANETAS; AS LEIS QUE REGEM OS SEUS MOVIMENTOS, FORÇAS, ETC. TAMBÉM UMA HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA TERRA DESDE O PERÍODO DA SUA PRIMEIRA FORMAÇÃO ATÉ AO PRESENTE. TAMBÉM UMA EXPOSIÇÃO DO UNIVERSO ESPIRITUAL.

DADO INSPIRACIONALMENTE, Por Mrs. MARIA M. KING.

EM TRÊS VOLUMES, Vol. I. TERCEIRA EDIÇÃO.

HAMMONTON, N. J.: A. J. KING. Boston: Colby and Rich. Chicago: RELIGIO-PHILOSOPHICAL PUBLISHING HOUSE. 1880

PREFÁCIO DO ESCRIBA

TENDO desempenhado o papel de Escriba na produção deste volume, considero apropriado declarar brevemente algumas das circunstâncias sob as quais o mesmo foi escrito.

A minha esposa, Maria M. King, tendo estado por mais de catorze meses constantemente sob o poder e controlo de uma inteligência estranha a si mesma, que não só ditava o quê, e quando, ela deveria comer e beber, o seu modo geral de vida, mas quase todos os atos e palavras proferidas, anunciou, cerca de duas semanas antes do dia 8 de março de 1864, que nesse dia começaria a ditar a obra, há muito prometida, sobre os Princípios da Natureza; e que era desejado que eu atuasse como Escriba.

Consequentemente, a uma hora precoce no dia indicado, sentámo-nos a uma mesa provida de materiais para registar o que seria dado. Após permanecermos em perfeito silêncio por cerca de uma hora, ela disse (dirigindo-se a mim e falando como que por outrem): “Antes de entrar em qualquer ato importante, é minha prática, e deveria ser a de todos os homens, primeiro implorar a bênção de Deus: portanto, convido-o a orar.”

Após a oração, sentámo-nos Mais uma vez em quietude e, em poucos minutos, ela começou a ditar lentamente, e eu a escrever; o que continuou até cerca das onze horas e meia; perfazendo uma sessão de três a quatro horas. Ela saiu então e apanhou ar, caminhando lentamente no jardim, ou sentando-se à luz do sol e à brisa, até ao meio-dia; quando entrou e partilhou, frugalmente, de pão, nozes e fruta.

Depois do almoço, deitou-se por meia hora; depois leu e reviu o que tinha sido escrito; e pediu-me que o lesse cuidadosamente e lhe apontasse qualquer defeito que pudesse descobrir na ortografia, pontuação ou construção gramatical. Assim foi realizado o trabalho do primeiro dia; e este é quase um exemplo perfeito de todos os dias empregados na escrita do livro; exceto que ela ditou muito mais rapidamente durante a parte final do tempo em que estivemos ocupados na obra.

Começando sempre logo após um pequeno-almoço leve por um período de quietude e oração, e parando sempre, frequentemente a meio de uma frase, pelas doze horas; e geralmente por volta das onze e meia, preenchendo habitualmente de três a sete páginas de papel *foolscap* com conteúdo; mas às vezes permanecendo sentada toda a manhã sem proferir uma única palavra. Este silêncio, por vezes, continuava por vários dias seguidos; o que, para ela, era uma grande provação. Ela chamava-lhe "tratamento injusto e abusivo" e tentava mitigar a sua dor em rios de lágrimas.

Estas provações ocorriam a intervalos ao longo de todo o período de ditado do volume, e foram-lhe explicadas como sendo necessárias para preparar o seu cérebro para dar uma expressão mais perfeita ao pensamento da mente controladora; tal como as provações sempre tinham sido, e sempre seriam, necessárias para preparar o cérebro de carne para dar revelações — inspirações — elevadas e importantes aos homens. No entanto, estas, e outras muito mais severas, não deixavam de ser provações por ela conhecer o seu propósito; e parecia, por vezes, que uma mão impiedosa a pressionava contra a terra sem compaixão; e ela orava para ser poupada de mais suplício; mas estava nas mãos de um poder tão implacável como o destino, que relaxaria o seu punho de ferro apenas quando tivesse levado a sua vítima à própria beira do desespero. Quanto mais profundo o trabalho, mais profundo o pensamento que ela era obrigada a expressar, mais dura era a provação preparatória para o ditar.

Após iniciar a obra, ela ditou todos os dias, exceto aos domingos, durante três semanas; depois descansou uma semana; depois trabalhou uma semana; depois descansou por mais de três meses; a maior parte do qual foi um período de provação e de preparação adicional do seu sistema para continuar o trabalho. Ela

trabalhou então de dois a três meses, descansando a intervalos, mas trabalhando cerca de dois terços do tempo, quando foi anunciado que o volume estava concluído; requerendo, porém, uma revisão.

Após um descanso de várias semanas, ela iniciou uma revisão minuciosa da obra; em alguns lugares adicionando muitas páginas e reescrevendo outras. O tempo real em que esteve ocupada a preparar o livro para o impressor foi inferior a seis meses; enquanto desde o momento do início até à sua conclusão final foram pouco menos de treze.

Durante cinco meses, que incluíram a maior parte do tempo da revisão, ela não comeu qualquer alimento animal, nem mesmo leite, manteiga ou ovos, e, durante todo o restante tempo do seu ditado, e por catorze meses antes de começar, não comeu carne, salvo peixe e aves, e isso frugalmente uma vez por dia — ao jantar, sendo essa a sua refeição principal. Para compensar a rejeição de toda a substância animal, foi-lhe exigido que comesse nozes, azeite, passas, figos e outras frutas preservadas e concentradas e substâncias vegetais elevadas. Ela comia menos de metade da sua quantidade habitual de comida, mas mantinha na aparência, quase ou totalmente, a sua condição habitual de peso. Ao escrever, tinha pouca força física; mas ao descansar — durante os intervalos da escrita, se tivesse trabalho físico a realizar, estava sempre à altura da emergência, chegando a realizar o trabalho de dois dias num só, e sendo capaz de suportar mais do que alguma vez anteriormente.

Lia pouco e mantinha-se afastada da sociedade. Enquanto ditava, parava frequentemente e pedia-me para procurar alguma palavra no dicionário que seria apresentada à sua mente, mas que não lhe era permitido usar até estar satisfeita com a sua adequação. Enquanto ocupada a tratar do sistema Solar, foi-lhe exigido que adquirisse os "Elementos de Astronomia de Herschel", com os quais compararia as suas teorias e declarações de factos; e quando ocorriam discrepâncias entre as suas declarações e teorias e as contidas nessa obra, eram explicadas como resultantes do conhecimento defeituoso dos homens de ciência, dos factos ou dos princípios da natureza envolvidos; factos e princípios esses que lhe seriam dados para que pudesse ver a sua consistência e a harmonia da sua revelação com o que era realmente conhecido da verdade científica.

Assim foi ela educada, e a sua mente conduzida e levada a compreender as suas próprias revelações; afirmando o seu Mestre, como ela chamava à mente controladora, que ela não deveria ser "um cego a guiar outro cego".

Sempre que eu descobria algo na composição que pensava que poderia ser melhorado, sugeria-lho sempre; por vezes ela adotava a sugestão e, com igual frequência, não o fazia. Tentei compreender os princípios e teorias conforme

eram dados, e comparei-os com os de filósofos e homens de ciência tanto quanto me foi possível, a fim de descobrir a sua concordância ou discordância, a sua consistência ou inconsistência com factos apurados e teorias recebidas: e frequentemente combatia as proposições anunciadas, como sendo inconsistentes ou em oposição a factos científicos conhecidos.

Às vezes lisonjeava-me de ter conseguido demonstrar que a proposição, princípio ou facto alegado era erróneo; mas, geralmente, não me era permitido permanecer muito tempo nessa opinião, pois o Mestre explicava a aparente discrepância entre a sua proposição e os princípios conhecidos e fazia tudo harmonizar-se tão perfeitamente com a sua teoria, que eu era sempre compelido a render todas as dúvidas sobre a sua correção. Uma vez, enquanto ditava sobre o tema dos cometas, foram afirmados factos que pareciam totalmente inconsistentes entre si e com a descoberta astronómica; e ao apontar este aparente absurdo, o Mestre nada disse.

Isto pareceu-me um reconhecimento tácito de que a minha posição era irrespondível e a sua teoria era falsa. Maria não conseguia dar qualquer explicação; e eu, sentindo-me enganado, recusei escrever mais uma palavra do seu ditado até que fosse feita uma explicação consistente e satisfatória. Nem uma palavra foi dada por vários dias; este foi um tempo de provação para mim, bem como para Maria, e mais para mim do que para ela (pois ela estava confiante de que seria explicado satisfatoriamente de alguma forma, mas eu não acreditava que fosse possível); então veio uma explicação, tão clara, consistente e convincente da verdade de tudo o que tinha sido dito, que fiquei grandemente envergonhado da minha presunção e percebi vividamente quão pouco sabia sobre o assunto e sobre as leis da natureza a ele aplicáveis.

Assim foi produzido este volume; e é dado à humanidade tal como foi recebido, esperando uma investigação rígida, mas cândida, dos factos, teorias e princípios que contém; não pedindo favores devido à maneira extraordinária da sua produção, nem que, por esse motivo, o que quer que contenha de valor seja menos estimado por um público razoável e esclarecido.

A. J. KING. Saratoga Springs, 15 de março de 1866

PREFÁCIO DA AUTORA

O desígnio da obra aqui oferecida ao público é apresentar uma exposição concisa dos princípios do desenvolvimento universal; o que significa, desenvolvimento do físico e do espiritual.

Para tentar uma delineação dos fenómenos da natureza até agora inexplicados ou por descobrir — para declarar princípios até agora não declarados, para delinear processos até agora desconhecidos na natureza, é necessário citar exemplos, declarar factos, como ilustrações; caso contrário, tal exposição de princípios não poderia ser ilustrada à mente; não poderia ser compreendida pela mente no seu estado atual de desenvolvimento.

A revelação só é proveitosa para o homem na medida em que o instrui — auxilia no desenvolvimento da sua razão; portanto, factos revelados como ilustrações devem ser estudados com vista à sua aplicação a princípios; caso contrário, o objetivo da sua revelação não é atingido.

O presente volume discute o tema do desenvolvimento de formas físicas — o universo físico, mais plenamente do que será discutido em volumes futuros; no entanto, a ilustração adicional dos princípios, dos processos de desenvolvimento universal necessitará de declarações de novos princípios, novos processos, à medida que a obra avança, fazendo com que cada volume seja, como o primeiro, uma exposição dos princípios do desenvolvimento universal.

O presente volume encerra com a conclusão do estágio cometário da Terra. O segundo, espera-se, começará com a iniciação do seu estágio planetário. Propõe-se nesse volume tratar particularmente do desenvolvimento geológico da Terra, dos princípios de desenvolvimento da vida vegetal e animal; do método de introdução dos vários tipos, famílias, espécies, etc. do reino animal, e do método de desenvolvimento do homem.

As várias eras que compõem o estágio planetário serão delineadas; e particularmente as eras que subdividem a era do homem; de outro modo termo, a era da mente; como a era histórica, a era fabulosa, a era não registada da história do homem.

Deixando o tema do desenvolvimento físico com o estágio atual da terra, propõe-se no volume seguinte tratar particularmente do desenvolvimento do espírito — o universo espiritual. Será dada uma delineação dos processos de desenvolvimento de todos os graus de substância espiritual — formas, desde um universo de esferas espirituais — a forma mais baixa de espírito, até à forma mais elevada, a do espírito individualizado — o homem; com a enunciação das leis que regem a existência espiritual, a vida animal na esfera espiritual, as transformações pelas quais o homem passa à medida que sobe através das esferas, etc.

O assunto é amplo, profundo e elevado; no entanto, nada é prometido ou tentado que não possa ser realizado, mantendo-se as condições adequadas do médium através do qual estas revelações são dadas; e nada é prometido ou

tentado quanto à explicação e ilustração dos princípios da natureza que não possa ser prontamente compreendido por mentes instruídas na ciência comum do dia.

Napa City, Califórnia, 3 de janeiro de 1865

INTRODUÇÃO

ENTÃO, na marcha progressiva do intelecto humano, torna-se necessário estimular esse intelecto através da revelação; na ordem da natureza, a revelação é sempre concedida; quando, na marcha progressiva da ciência, verdades importantes necessitam de ser compreendidas para que não haja impedimento ao progresso de ramos particulares da ciência, são sempre concedidas as descobertas necessárias.

De acordo com esta ordem, os profetas são preparados para dispensar as revelações requeridas, e os filósofos para fazerem as descobertas necessárias. Um vidente caldeu é preparado para dispensar uma revelação da criação, um grego para dispensar revelações de princípios filosóficos, e um judeu para dispensar revelações de filosofia moral. Um Newton é preparado para descobrir a lei da força atrativa; um Galileu, a verdadeira teoria do sistema solar; um Savery, para descobrir o poder do vapor, e um Watt, um Fulton, para aplicá-lo ao uso do homem; um Franklin, a natureza do fluido elétrico, e um Morse, para aplicar esse fluido para a transmissão do pensamento.

A Natureza, sempre justa para com os seus filhos, emprega os meios ao seu alcance mais adequados às necessidades presentes da raça. Este princípio de justiça impele-a a preparar mentes que, como a de um Newton, possam extrair a verdade da natureza pelo seu próprio poder inerente auxiliado pela revelação; também a preparar outras que, por poder inerente não desenvolvido senão por agência espiritual, como um Jesus de Nazaré, um Platão, um Zoroastro, descobrirão a verdade à raça pelo poder da mediunidade — por revelação direta.

Não menos importante para o homem é um método do que o outro; pois enquanto um Newton, raciocinando a partir de um ponto de vista físico — baixo, está sujeito a tirar inferências injustas de verdades reveladas pelo poder do intelecto, intelecto este que, embora instruído, é obscurecido pela ignorância da época, um Jesus pode, pelo poder de uma alta mediunidade, dispensar a verdade pura; sendo o seu intelecto inculto, quando comparado ao de um Newton. Portanto, o método de fornecer verdades importantes através de uma alta mediunidade permanece para a natureza como o método necessário.

Ocorrem épocas na história da raça em que revelações necessárias ao progresso da raça são dadas através de instrumentos preparados. Um vidente dos

tempos antigos transmitiu o, assim chamado, relato Mosaico da criação; as nações antigas receberam cada uma, em determinadas épocas, revelações através de profetas preparados, necessárias para a sua instrução e o seu governo. Tais foram o chinês Confúcio, o persa Zoroastro, o hindu Buda, o grego Platão, o Jesus do Mundo.

Profetas preparados significa homens ou mulheres de moldes de mente tão peculiares que sejam os mais adequados para os propósitos das mentes da segunda esfera, que desejariam, através de tal instrumentalidade, beneficiar a raça; indivíduos estes que são preparados pelo desenvolvimento — um longo curso de tratamento, instituído pelas mentes controladoras na segunda esfera; — tal tratamento conforme a organização peculiar da mente e do sistema dos indivíduos exija, e conforme a época, ou condição dos elementos, garanta. Jejum, reclusão, provação, "tentação", são alguns dos meios ordenados para a preparação destes profetas — o desenvolvimento de uma alta mediunidade.

Objeta-se à revelação que a mente deve extrair a sua própria luz da natureza? Responde-se: Que a natureza não dá luz exceto combinando a revelação com a verdade aparente. Newton poderia ter estudado o resto da sua vida sobre o problema da força atrativa, não tivesse algo chamado a sua atenção para a queda da maçã. Ele já tinha visto objetos cair antes, sabia que era o peso da maçã que causava a sua queda; por que não tinha ele pensado antes que a solução do grande problema residia na pequena circunstância da ponderabilidade da matéria — do semelhante que procura o seu semelhante? — Tal é a inspiração.

Os hábitos de vida de Newton favoreceram o seu desenvolvimento parcial como recetor de inspiração, tal como fazem os hábitos de todos os pensadores profundos — estudiosos da natureza. O homem não é colocado na Terra como um ser isolado; — isolado das fontes de conhecimento — os meios para a sua elevação. Tão depressa se esperaria que a criança aprendesse sem colocar nas suas mãos um livro de texto, ou fornecendo-lhe um professor, como se esperaria que o homem aprendesse de todas as coisas na natureza sem o auxílio da inspiração.

Assim como os raios solares iluminam a atmosfera outrora escura da Terra, assim os raios de luz espiritual iluminam perpetuamente a atmosfera da mente do homem; e iluminam-na de acordo com a sua densidade — a sua suscetibilidade de impressão.

A independência de pensamento e de ação que foi desenvolvida pela época impossibilita o perigo da aceitação de qualquer teoria pela massa instruída que não esteja de acordo com a natureza e a razão. Passou o tempo em que um "assim diz (um anjo do) o Senhor" pode prender um povo inteiro a qualquer teoria, por

mais sábia ou absurda que seja; homens que sentem o seu relacionamento com os anjos, com a Mente Divina, desprezam as algemas que até agora prenderam a mente; eles obedecerão à máxima que diz: "Provai todas as coisas", antes de se "agarrarem" a qualquer coisa. Isto é Divino.

Esta obra é oferecida ao público na íntegra como a produção de uma mente desincorporada — como uma revelação. Através da instrumentalidade da mediunidade, uma mente outrora incorporada na carne assume Mais uma vez o dirigir-se à humanidade na carne. Esta mente é uma que simpatiza com as carências do povo; e que, assim simpatizando, foi levada a usar os meios tão abundantemente ao seu alcance para se qualificar para ensinar as coisas aqui ensinadas.

Os anos da sua vida na Terra dos Espíritos bastaram para prepará-la para a missão que lhe foi confiada "pelos anjos"; e o curto período em que tem vindo a preparar o seu instrumento bastou para a preparação desse instrumento até ao grau em que ela se sente satisfeita para iniciar o seu trabalho; — para se dirigir ao mundo através do cérebro — a organização de uma mente incorporada, sobre os tópicos mais importantes que podem ser apresentados à mente.

O estilo da obra é peculiar, e tal que, sem dúvida, provocará críticas severas; contudo, é considerado o mais apropriado que poderia ter sido escolhido, considerando a natureza dos assuntos tratados, a capacidade do médium para se expressar e a capacidade da mente na época atual. Princípios — proposições, são ilustrados à medida que são enunciados: este é o estilo — o método peculiar recorrido nesta obra para que cada princípio possa ser devidamente compreendido. Apenas pela ilustração prática pode a mente compreender devidamente os intrincados princípios e processos da natureza.

Devido ao método seguido de tratar o mesmo assunto em diferentes contextos — de reverter ao mesmo princípio repetidamente, no decurso da obra, à medida que surgem exemplos ilustrativos do mesmo, a fim de o ilustrar mais perfeitamente, é inapropriado subdividir a obra em capítulos ou secções menores; o que seria desejável se o estilo o permitisse. Na preparação da obra, o autor sentiu dificuldade devido à pobreza da língua em que está escrita.

A linguagem humana é desprovida de termos através dos quais dar expressão aos verdadeiros princípios da natureza; portanto, a confusão de termos é inevitável. A língua não tem nomes para qualidades, ou para métodos de ação, que não se saiba existirem. Assim, muitos termos são mal aplicados, no sentido em que os homens os entendem, e apela-se à caridade, bem como à razão do leitor, para uma desculpa por esta inovação.

É um hábito de uma classe da humanidade evitar a revelação — descartar as reivindicações daqueles "que falam conforme são movidos pelo Espírito"; e, consequentemente, ao lerem uma revelação, agarram-se a cada imperfeição de estilo, ou de composição, que possam detetar; ou que, segundo os seus julgamentos, o sejam, sem tomarem em consideração as circunstâncias das leis que governam a mediunidade, a pobreza da linguagem, etc. Imputam a impostura todas as supostas falhas ou erros descobertos pelas suas próprias mentes individuais — observáveis a partir dos seus próprios pontos de vista; ou, evitando a revelação por completo, atribuem tais falhas-erros à incapacidade da mente do escritor.

Quando os homens tiverem estudado e compreendido as leis da mediunidade; tiverem expandido as suas mentes para a compreensão dos verdadeiros princípios da natureza, compreenderão melhor as dificuldades sob as quais o autor desta obra trabalhou.

Não só a pobreza da língua causou dificuldade ao autor; a pobreza de linguagem — de termos, na mente do médium através da qual a expressão da obra foi dada, foi uma fonte de dificuldade — de grande embaraço. O método seguido na enunciação da obra através do médium, desde o início, foi que a mente dela compreendesse cada princípio, cada palavra, proferida através do meio da sua organização; portanto, nenhuma palavra foi usada que não estivesse na mente do médium, por assim dizer; por outras palavras, nenhuma palavra foi aplicada na exposição de qualquer assunto, em qualquer contexto, cujo sentido a mente dela não pudesse apreciar nesse contexto.

De conhecimento limitado de termos, ela está desqualificada para expressar o pensamento num estilo fluente ou gracioso. Os homens não querem termos para a expressão de princípios que lhes são incompreensíveis; portanto, termos que de outra forma poderiam ter sido usados foram inteiramente evitados.

O autor confia a obra ao público, acreditando que as verdades nela contidas se recomendarão à consideração, não obstante o método da sua expressão — as falhas que leitores agudos e autores qualificados devem encontrar no método da sua expressão. Do instrumento dir-se-á: "Ela fez o que pôde"; que ninguém a julgue mal.

OS PRINCÍPIOS DA NATUREZA

CAPÍTULO I

Deus vivia. O universo era o Seu corpo, a Sua morada. Os Seus atributos eram sabedoria, poder, justiça, amor e harmonia. Infinito nestes, sem princípio de

dias ou fim de vida, a Sua prerrogativa era agir eternamente por estes atributos, através da Sua organização, o universo. Tão infinito em extensão quanto Deus, a mente residente na duração, o universo foi desde a eternidade o veículo da manifestação Deífica.

Deus planeou; a sabedoria ditou o plano que foi executado pelos Seus outros atributos. O Método era a mente eterna. O Progresso era a lei, conforme exibida no método do movimento, da lei progressiva, através de períodos desde a eternidade, nos quais a matéria estava a evoluir forças, a desenvolver vida. O movimento era eterno; agia eternamente no universo a partir de centros de vida — órgãos, como lhes chamamos, do Corpo da Divindade. Estes centros eram inumeráveis, pois esse Corpo era infinito em extensão. Deus era: Vida, Movimento, Matéria, Lei; no entanto, Ele era Mente e Corpo. A Sua inteligência, exibida na natureza — na ação da lei — prova a existência da Mente Deífica organizada. A Vontade, agindo sobre a matéria, causava movimento. A Mente Deífica exigia um meio através do qual agir sobre a matéria; este meio era a Força Elétrica Deífica. Esta força é o elo que liga o Princípio-Alma Deífico à Mente Deífica.

As forças da natureza, os princípios de vida, são o Princípio-Alma da Divindade, tal como o princípio-alma de todas as formas organizadas é a vida, o poder motor dessas formas. A Força Elétrica Deífica é a força superior da natureza; afinizada à Mente Deífica; é, portanto, o meio através do qual ela age. A Força Elétrica Deífica, portanto, causava o movimento, estimulava o movimento, extraía a vida da matéria bruta; agia conforme a vontade da Divindade ordenava — conforme o Seu plano ditava.

O método de Deus era que a ação e o repouso se sucedessem; — que o movimento, a atividade, fosse sucedida pela inatividade, a morte; que a ação induzisse o cansaço, necessitasse de repouso; o repouso revigorasse a matéria, necessitasse de ação. O desenvolvimento era o produto do repouso e da ação; — da quietude aparente e do movimento estimulado desde a eternidade. O método de Deus era que a eternidade fosse uma eternidade de eternidades — um período infinito de períodos infinitos.

Há graus na infinidade; tal como há uma infinidade que é ilimitada como a vida de Deus, e infinidades que são limitadas; assim há uma eternidade ilimitada como a vida de Deus, e eternidades que são limitadas. Faltam termos para expressar a verdadeira linguagem do desenvolvimento; portanto, estes termos são usados como sendo os mais expressivos da verdade.

A Vida eterna de Deus, ou Período, foi, desde a eternidade, separada em períodos constituindo ciclos, ciclos compostos; períodos por dozes e setes. Estas

divisões — eternidades ou estações, eram períodos de repouso e ação. Uma eternidade de período mais curto, assim chamada, era o dia de repouso da natureza (um período eterno para a compreensão da mente finita, e que o será até que tal mente tenha vivido muitos desses períodos), ou um período em que a Força Elétrica despertava o movimento, a ação; renovava o movimento, desenvolvia a vida, a lei; a matéria assumia forma, ou procurava assumir forma; um dia de atividade — um dia eterno correspondente à noite eterna precedente.

Doze tais períodos constituíam um período, denominado ciclo. Sete ciclos constituíam um ciclo composto, dois dos quais constituíam um período denominado ciclo completo. Os ciclos eram períodos em que a natureza realizava uma certa proporção do seu trabalho destinado a ser realizado num ciclo composto.

Os ciclos eram separados por períodos correspondentes em duração a um período de um ciclo. Estes períodos eram, propriamente, continuações da noite que encerrava o ciclo, portanto não são contados como períodos de um ciclo, ou eternidades, como são os outros seis períodos do ciclo. Períodos correspondentes intervinham entre eternidades, ciclos de eras e eras, bem como entre ciclos compostos de eternidades; períodos estes que eram, propriamente, continuações da noite que precedia a interposição do período.

Toda a estação do labor da natureza, ou ação num ciclo completo, era um ciclo composto. Este era dividido em tempo de sementeira e colheita, por assim dizer; — o período de preparação da natureza, e o seu período de frutificação. O ciclo composto correspondente a este, e constituindo o restante do ciclo completo, era de repouso.

Este período correspondia ao outro, sendo composto por dias e noites eternos, assim chamados, e ciclos. O que de ação transcorria durante estes dias e ciclos era a decomposição — a morte da matéria; repouso cada vez mais profundo; a preparação para a ação renovada. A ação da natureza durante um ciclo composto será aqui enunciada.

Deus — Vida Infinita, vive através destes períodos, compreende-os, como o homem vive através dos seus momentos, compreende-os. Deus quer que o homem saiba, que estude a Sua obra, o Seu plano; que procure compreender tudo de Deus, da natureza. Que ele não tema alcançar este conhecimento; coexistente com Deus, ele viverá; coevo da natureza, ele a compreenderá.

O início do presente ciclo composto foi o despertar para a vida da matéria, após um ciclo composto de repouso. Um período completo era aquele em que a natureza produzia fruto — espírito individualizado. Desde a eternidade, este era o método da natureza — de Deus. Um período completo compreende o período de

repouso e ação; o inverno segue o período de frutificação como a estação de repouso da natureza; precede-o e, tão necessário para a produção de fruto é este período de inação, como a ação que o culmina imediatamente. Tipificando isto está o inverno eterno da natureza.

Este foi o período que tinha passado quando a matéria (significando matéria bruta quando assim referida) despertou para a vida no início do presente período — o que está sob consideração. Tempo de sementeira; — quatro ciclos deste ciclo composto foram o tempo de sementeira da natureza. A noite sucedeu ao dia até que doze períodos — eternidades, constituindo um ciclo tivessem passado, durante os quais a matéria se moveu, o movimento estimulou o movimento, a ação central estimulou a ação em toda a massa universal; indicando que a formação deveria ocorrer — que a natureza estava a preparar o seu solo. Outro ciclo de doze eternidades passou.

Cada dia — manhã, o movimento despertava na matéria primeva, assim denominada, após uma noite de morte — um período em que o movimento tinha cessado de se manifestar através do desenvolvimento de força; no qual elementos decompostos se tinham revigorado através do repouso. Cada manhã era, num sentido, como o despertar da natureza pela primeira vez; como o eliciar da ação a partir da matéria morta.

Cada noite era, num sentido, como o decaimento final da matéria; a destruição de toda a vida, o fim final; era a decomposição de elementos que a natureza tinha formado durante o dia através de um esforço incansável. Cada manhã, contudo, encontrava a matéria mais avançada do que a anterior.

O segundo ciclo realizou o que o primeiro tinha prometido — a formação. Sóis centrais foram formados — não concluídos. A condensação não os preparou para serem os progenitores de outros sóis — formações. O terceiro ciclo aperfeiçoou os sóis centrais até ao ponto em que formações podiam resultar neles a partir da lei parental, e ser evoluídas por esta lei. Formações secundárias evoluíram formações; sóis de segunda ordem evoluíram formações.

A matéria desenvolveu-se até ao quarto grau. Os sóis — todos os sóis deste ciclo giravam em torno dos seus centros através das suas eternidades como cometas — corpos raros, vaporosos. O quarto ciclo desenvolveu a matéria até ao sétimo — o grau mais elevado; as seis ordens foram desenvolvidas. Durante este ciclo, nenhum sol foi condensado para além da condição de vapor denso. O esforço incessante da Natureza era condensar a matéria — desenvolver planetas.

Contemplai a sua obra! Eternidade após eternidade ela tinha trabalhado; ciclo após ciclo tinha passado; e, no entanto, quando o quarto ciclo terminou, não existia matéria mais condensada do que o vapor denso — nenhum mundo mais

desenvolvido do que a condição de um cometa denso e vaporoso. Ela não parou; a promessa era sua; o fim seria alcançado; o ciclo seguinte haveria de aperfeiçoar a sua obra — seria o início do seu tempo de colheita.

O quinto ciclo desenvolveu o espírito positivo — de outra forma, mente organizada, a partir do grau de matéria em desenvolvimento que constituía o universo de matéria evoluída ou estimulada. A ação universal, durante o primeiro dia desse ciclo, desenvolveu a matéria até à condição de terra estratificada; desenvolveu o espírito não individualizado, não positivo, assim denominado; contudo, o fim estava à vista. A noite encontrou o fruto verde, não pronto para a foice. O segundo dia completou o que o primeiro tinha tão quase realizado; — o homem, o derradeiro dos elementos da natureza — a formação perfeita, resultou como o clímax da obra estupenda da natureza. Cada dia desse ciclo que se seguiu a este, desenvolveu o homem.

O sexto, o ciclo atual, continuou o trabalho que o quinto tinha iniciado. O início de cada ciclo era marcado pela exibição de sinais significativos de progresso mais rápido na matéria do que fora a ordem no último ciclo; o fim de cada um era notado por sinais significativos de que o processo ou estágio de desenvolvimento existente estava concluído.

A Força Elétrica, a originadora do movimento, era estimulada a uma energia cada vez maior por cada estação sucessiva de ação e repouso. O sexto ciclo realizou mais em cada dia do que o anterior por esta razão. O sexto dia está agora a pender para a sua noite. O homem desenvolvido durante este dia é irmão do homem desenvolvido em todos os dias de todos os ciclos; com ele servirá e adorará o Pai Universal, e progredirá em direção a Ele eternamente. O presente ciclo encerra-se com a noite que se segue ao fecho da presente eternidade. A aurora do dia seguinte será a instituição do sétimo ciclo; a seguir a este será a instituição do ciclo composto de repouso.

CAPÍTULO II

CENTROS inumeráveis existindo desde o princípio, universos, assim chamados, — as partes do grande universo sujeitas a cada centro, eram também inumeráveis. Deus agindo como um através de cada um, de todos os centros, a ação universal era a mesma em todos.

(Universo é aqui usado tal como eternidade o é — à falta de um termo melhor, um que seja expressivo da verdade.) Assim como a mente finita falha em compreender uma eternidade, e falhará em compreendê-la até que tenha vivido através de muitas; assim falha em compreender um universo, e falhará até que

tenha, durante as eternidades vindouras, perscrutado muitos desses universos. O que é afirmado no presente capítulo refere-se a uma única secção do universo infinito, do qual Deus é a Mente — o Princípio Intelectual; — uma secção sujeita a um centro — governada a partir de um centro, cuja circunferência é limitada por secções como ela mesma, denominadas universos. Sendo a ação Deífica simultaneamente operante sobre todos os universos — a partir de todos os centros, sendo todos simultaneamente desenvolvidos, uma exposição do desenvolvimento de um é uma exposição do desenvolvimento de todos; portanto, o que é revelado do desenvolvimento da lei é de desenvolvimento universal, lei universal no seu sentido mais lato e abrangente.

O universo que denominamos nosso — o nosso lugar de habitação, sendo assim um tipo de todos, o seu desenvolvimento será o tema do presente capítulo desta obra.

A Força Elétrica despertou o movimento — estimulou-o no centro universal. A Força Impregnadora Deífica era esta força.

Macho e Fêmea, Deus era, desde o princípio; desde o princípio Ele agiu através da operação destes dois princípios, que eram Ele próprio, sobre a matéria; estimulando toda a ação nela. O poder procriador, desde o princípio, foi força impregnadora; foi a cooperação dos princípios masculino e feminino dentro da matéria, produzindo a formação.

O movimento estimulado em cada manhã ou período sucessivo, desde a eternidade, foi o resultado da cooperação destes princípios — a Força Impregnadora Deífica agindo a partir de centros sobre toda a matéria. Estas forças são também denominadas Positiva e Negativa; Positiva denotando o princípio masculino, e Negativa o feminino.

Simultaneamente com a ação da força impregnadora, o átomo central da matéria universal moveu-se com movimento estimulado; a matéria universal sentiu o impulso, e moveu-se também com movimento estimulado. Este universo era, conforme a mente finita compreende o espaço, imensurável, ilimitado. Toda a altura, toda a profundidade, todo o comprimento, toda a largura, era uma massa de matéria líquida. Toda a vida, todo o poder, toda a lei, estava latente, dentro desta massa.

A força elétrica, na sua verdadeira significação, a força única da natureza, é uma força graduada, como aparecerá na futura consideração do assunto. Tem outras denominações, conforme atua como assistente da força originadora, assim chamada, para a conclusão de formas originadas por si mesma; como preparadora da matéria para assumir a forma.

É denominada força atrativa, quando atua na sua capacidade secundária como construtora de formas; ação química, quando atua como agente da natureza para preparar a matéria para assumir a forma. A Força Elétrica deposita o germe — impregna centros procriadores ou institui formas; a força atrativa — a exibição inferior da mesma força, atrai átomos da natureza que a ação química — a exibição ainda mais inferior desta força preparou para revestir, para completar a formação.

O movimento estimulado na massa universal eliciou estas forças em toda essa massa; sujeitou todos os átomos ao seu poder. Os átomos moveram-se entre si; este movimento era ação química. Este movimento eliciou movimento; estimulou o movimento destes átomos como elementos; os átomos foram eliciados dos elementos, átomos por ele, — pela fricção dos átomos. Esta força reorganizou a matéria decomposta; demonstrou o poder do movimento sobre a matéria. Era a manifestação inferior da força atrativa, sendo o poder que os átomos exerciam uns sobre os outros em virtude desta força — este princípio dual cujo princípio positivo é denominado força atrativa, e o seu negativo, força repulsiva.

A ação química, apenas exibida na matéria atómica, é simplesmente a força atrativa exercida por átomos semelhantes uns sobre os outros; a força repulsiva exercida pelos não semelhantes uns sobre os outros. Esta força sujeitou a matéria à força secundária; denominada, como antes observado, força atrativa.

Forças atrativa e repulsiva é o poder exercido sobre átomos e corpos por átomos e corpos centrais, para formar corpos, e para regular os seus movimentos subsequentes à formação. É distinta da Elétrica Positiva e Negativa, assim denominadas, na medida em que é exercida por átomos sobre átomos, corpos sobre corpos, como uma força propagada, de acordo com a massividade, ou superioridade da força vital interior. A Força Elétrica é distinta desta força, na medida em que é a Força Deífica exercida em todos os centros simultaneamente (todos os centros do mesmo grau, sendo esta força uma força graduada e agindo sobre matéria graduada) para estimular o movimento, para que a formação possa ocorrer; — para instituir a formação.

A força prevalecente na natureza, autora da vida, da organização, incessantemente operante na multiplicação de formas, na instituição de novas formas; contudo, após a impregnação de um centro, a instituição de uma forma, ela cessa a sua ação como Força Elétrica, como aparecerá; o movimento instituído é daqui em diante denominado força atrativa.

A estimulação do movimento, a instituição da formação no centro universal, foi o desenvolvimento da lei parental. O átomo central da matéria universal

moveu-se obediente à Força Elétrica; todos os átomos moveram-se em obediência à mesma força simultaneamente com o átomo central. Este impulso foi a impregnação do centro pai; com este impulso, a necessidade para o exercício desta força cessou. A formação segue necessariamente a impregnação, e pela lei da força atrativa. Este impulso desenvolveu a força atrativa — a ação subsequente na matéria universal, como aparecerá na exposição do assunto.

A lei desenvolve a lei, tal como a força desenvolve a força, na matéria. O movimento do átomo central desenvolveu a lei da afinidade. O átomo central, pela lei da afinidade, atraiu átomos semelhantes do universo, que tinham sido sujeitos a esta força pelo desenvolvimento do movimento em toda a massa; pelo desenvolvimento da ação química entre os átomos através do movimento. Átomos afinizados procuraram átomos afinizados, átomos não afinizados repulsaram átomos não afinizados em todo o universo, desde o momento em que a vida foi despertada — o movimento estimulado nele. A ação química preparou os átomos para se tornarem sujeitos à força atrativa — o poder central. O átomo central — o germe da nova formação, era superior em qualidade, mais condensado do que qualquer outro átomo no universo. Centros são onde a matéria está mais condensada.

O átomo central tinha sido, desde a eternidade, o mais elevado, o mais condensado; pois, desde a eternidade, os centros foram estabelecidos, e a lei determinou a sua localização. Deus é lei; o Seu plano resultou do Seu conhecimento de toda a lei. Sendo o Seu método o movimento, Ele trabalhou como Deus para instituir o movimento nesses centros; instituindo assim o processo de desenvolvimento.

Desde a eternidade, o movimento rotativo foi estabelecido. Os átomos giravam; átomos unindo-se a átomos, participavam na revolução do átomo mais condensado, sendo obedientes ao seu movimento. O átomo central, girando periodicamente, propagava o seu movimento entre todos os átomos que se uniam a ele; assim o movimento rotativo do corpo central foi estabelecido. A matéria primeva nos universos está organizada em estratos, por lei. Resultando a decomposição por lei, a qualidade dos elementos ou matéria decomposta determina a posição dos estratos.

A matéria mais elevada forma naturalmente o centro — ou aquela matéria mais suscetível à Força Deífica; centros significando, como aqui usado, localidades no universo onde esta força mais se exibe — a seguinte em qualidade organiza-se em torno desta; assim, a mais imperfeita é a matéria exterior do universo. Densidade e raridade são qualidades da matéria que determinam a sua posição e grau de desenvolvimento. A matéria mais densa é a que está mais perto

de ser aperfeiçoada. A matéria, assumindo esta posição ao fim de cada período ativo, retém-na até que a ação seja Mais uma vez retomada.

A lei do desenvolvimento necessita da formação de um corpo central de tal construção que possa receber e reter dentro de si toda a matéria no universo; sendo ele o progenitor de todas as formas. A matéria rara, apenas, está apta para fazer isto; pode apenas receber outra matéria em si mesma; por outras palavras, a matéria rara, apenas, pode receber entre os seus átomos outros átomos. O átomo central girando, propagou o seu movimento por toda a massa; — o universo girou. A matéria exterior movia-se necessariamente com a maior rapidez.

Sendo embora a matéria mais rara, por esta superioridade de movimento tornou-se mais cedo sujeita à força central; a consequência foi que o corpo central foi composto pelos átomos raros, os mais raros da matéria universal. A matéria atómica pode possuir a qualidade de raridade ou densidade, embora o corpo que forma seja um corpo raro ou denso, assim denominado. A rocha de granito é densa; a matéria atómica que forma esta rocha é mais rara do que os átomos que formam o ar atmosférico. Isto ilustrará o ponto.

O átomo central do sol central era o átomo mais denso do universo. A força atrativa exercida por ele sobre a matéria eliciou dela átomos semelhantes, como foi observado. Átomos semelhantes eram todos os átomos do universo, num sentido, sendo toda a matéria similar. Apenas os átomos evoluídos — átomos eliciados pela ação química da matéria primeva não evoluída estavam sujeitos à força atrativa, e por isso apenas podiam ser atraídos para o corpo central.

Átomos afinizados, portanto, atraídos para este corpo eram diversos do átomo central no que diz respeito à qualidade dos átomos, sendo os átomos mais raros. Assim a composição, a construção do sol central era tal que respondia ao propósito pretendido. A lei determina que o átomo central de todos os corpos seja o mais denso; que, tal como o sol central, a forma seja construída com os átomos mais raros dentro da sua esfera; — por outras palavras, sujeitos à sua força atrativa. Isto é determinado pela mesma lei em todas as formações — a lei do movimento rotativo, ou revolução.

O universo é o tipo de todas as formações subsequentes. A evolução do corpo central do mesmo foi determinada pela lei única que determina todas as formações — a lei procriadora da natureza.

A condensação resulta do movimento, como observado; a qualidade do movimento é determinada pelo período e circunstâncias do desenvolvimento. As circunstâncias que acompanharam o desenvolvimento do corpo central do universo foram muito desfavoráveis à sua condensação. Isto aparecerá no tratamento dos graus de matéria e ordens de formações.

Átomos afinizados procuraram o átomo central. A força atrativa apoderou-se de átomos que a ação química tinha preparado, atraiu-os para o centro, ou para posições sobre o corpo central determinadas pela sua qualidade, — afinidades organizando-se sempre juntas. O movimento era repouso aparente, mesmo então. Períodos de eras — períodos incompreensíveis para o intelecto humano, decorreram enquanto se formava um sol central; eras incontáveis enquanto este sol realizava uma única revolução. No entanto, o movimento alcançou o seu fim — condensou esse sol, depois de períodos de eras terem Mais uma vez decorrido, o suficiente para o tornar apto a ser o progenitor de novos sóis.

A mente falha em compreender a vastidão quando os universos — quando universos de universos são contemplados. Ela examina um universo, as leis do seu desenvolvimento, e contempla as suas formas pela luz que possui; pelas suas faculdades não desenvolvidas; contempla-os como contempla as suas imediações; que ela procure elevar-se, sondar o universo do qual faz parte; contemplar o centro desse universo — a primeira forma, a mãe das formas dentro dele. Ela falhará em perceber a verdade, em compreender a vastidão deste sol — um universo por si só, dispensando vida e nutrimento à sua descendência — todas as outras formações, desde o homem mais elevado até ao cometa caprichoso que mais recentemente evoluiu.

A condensação deste corpo resultou da força atrativa. Incessantemente operante era a força exercida pelo átomo central sobre os átomos que compunham o corpo. O movimento estimulava o movimento dentro dele; o movimento rotativo estimulava a ação atómica, ou química, que sendo estimulada, os átomos tornavam-se mais e mais sujeitos ao átomo central. À medida que os átomos progrediam, a força atrativa tinha mais poder sobre eles; consequentemente eles procuravam o centro, obedientes a ele; os mais progredidos tomando os seus lugares em redor e mais perto do átomo central; todos os átomos dispondo-se no corpo de acordo com esta lei.

A matéria estava no primeiro grau. O sol central — a primeira evolução da matéria, era do primeiro grau. O movimento que evoluiu a matéria para formar este sol atuou sobre matéria tão grosseira — não desenvolvida, que os átomos eliciados eram quase da qualidade da massa não evoluída; por conseguinte, diz-se que são do primeiro grau de matéria, e o corpo por eles formado como sendo deste grau. A qualidade da matéria é determinada pela qualidade da força — o movimento nela contido. Julgando por esta lei, este sol era do primeiro grau de matéria; sendo o seu movimento como corpo o do universo, determinando a revolução do seu átomo central a da massa universal.

Observou-se que períodos de eras decorreram enquanto este sol estava a ser condensado. Num sentido, a linguagem é inexpressiva e os termos sem significado quando aplicados ao tempo que decorreu enquanto ele se formava e condensava, antes de se tornar apto para ser o progenitor de novas formações — outros sóis. Condensando-se os vários graus de matéria de acordo com a qualidade do movimento neles contido, os graus mais elevados progrediram com rapidez infinitamente maior do que o primeiro.

O movimento é estimulado na evolução de cada grau sucessivo; induzindo um progresso mais rápido em cada grau sucessivo do que aquele que marcou o precedente. Os vários estágios através dos quais a matéria passa durante o aperfeiçoamento de um mundo são indicativos do seu progresso — propriamente o seu grau de desenvolvimento, e o período subsequente necessário para o seu desenvolvimento até à condição planetária — a da matéria terrosa, assim chamada. A matéria primeva é gasosa, elemental, invisível ao olho físico, inapreciável por qualquer sentido físico. Isto é verdade para todos os graus de matéria primeva — não evoluída, assim denominada. O processo da evolução dos vários graus será descrito numa conexão futura. As formações de cada grau sofrem os mesmos processos, passam pelos mesmos estágios, apenas em diferentes períodos de tempo.

A condensação, após eras terem decorrido, tinha desenvolvido a matéria rara do sol central ao grau em que este começou a assumir forma como um corpo. A massa de luz pálida, até então aparentemente sem forma, que rodeava o centro do universo, assumiu a forma de um sol. A consistência da matéria deste sol, neste período, era a do vapor mais raro. Ele tinha consumado a primeira era de desenvolvimento cometário de um sol, assim chamado; estava a entrar na segunda. A sua aparência neste período era a de um sol inconcebivelmente vasto, composto de vapor cor de chama, mal visível pela sua extrema raridade de substância.

O período necessário para atingir esta condição deste sol foi mais longo do que o necessário para desenvolver um sol de primeira ordem até à quinta era. Continuando a condensação deste sol, a terceira era foi alcançada após mais eras; um período mais curto do que o necessário para a conclusão da primeira, embora medido por períodos; por eras incontáveis. A sua consistência neste estágio era ainda a de vapor raro. A aparência apresentada por este corpo durante esta era era a de um sol; pálido, raro, mas claramente distinguível. Períodos de eras incontáveis passaram Mais uma vez; a quarta era foi alcançada. Esta era apresentou este sol com dimensões menores. A condensação tinha-o contraído.

Volátil ainda, ainda vapor raro, era contudo, mais brilhante e evidentemente mais condensado, — mais um sol na aparência. Então, era uma formação suficientemente avançada para possuir poder procriador — força impregnadora, dentro de si mesma. A condensação tinha-o qualificado assim ao estimular o movimento atómico dentro dele, evoluindo assim esta força. A condensação tinha-o qualificado para reter dentro da sua substância outra substância — novas formações. De matéria atómica raríssima, estava apto para este uso, na medida em que estava condensado ao grau em que o movimento estimulado tinha desenvolvido a força atrativa dos átomos ao grau em que estes podiam reter outros átomos entre si — átomos semelhantes. A força procriadora desenvolveu-se dentro dele durante a parte final da anterior — a terceira era.

Em todas as formações, a terceira era desenvolve esta força; mas não a desdobra ao grau em que a impregnação possa resultar. A impregnação ocorreu dentro desta forma durante a quarta era, quando a força procriadora se tornou suficientemente qualificada para induzir as condições requeridas. Tendo sido alcançada a condição qualificada — o estágio parental, ele era daqui em diante um sol procriador; um sol que deveria evoluir continuamente sóis — eliciar formações da matéria universal não evoluída, conforme a lei ditava.

A lei da formação — a lei parental, desenvolvida primeiro dentro deste sol central, é a lei de toda a formação; é a lei do desenvolvimento coextensiva e coeva da natureza — de Deus; é a lei que determina a evolução do movimento, da força, da lei e de toda a ação subsequente na natureza. Toda a ação é procriadora; toda a força é forma. Isto aparecerá no progresso desta obra, no delineamento da lei, da força e da ação formativa em toda a natureza.

Matéria universal estratificada não evoluída permeava a matéria atómica que formava o sol central; sendo ela de uma qualidade tão rara que podia misturar-se com toda a outra matéria como matéria não percebida e não perturbadora; sendo ela não evoluída. A partir desta, a ação química evoluiu matéria atómica de uma qualidade densa, apta para serem átomos centrais de novas formações.

Observou-se que a ação atómica desenvolveu a força atrativa dos átomos dentro deste corpo; que a força condensadora operava com o maior poder no centro e mais próximo dele; isto determinou a posição, dentro do corpo, dos átomos centrais de novas formações. A força procriadora desenvolvida por este sol atuou sobre o mais elevado destes átomos evoluídos dentro dele, independentemente da sua posição ou distância do seu centro. Atuando sobre tais átomos, e átomos semelhantes, criou centros, denominados procriadores; centros de formas; determinando a lei que assim fossem. Dentro deste sol, neste período, os átomos mais elevados recentemente evoluídos estavam dentro daquele estrato

do sol suficientemente condensado para reter formações dentro de si onde o movimento era mais rápido; ou aquele estrato mais distante do centro, que pudesse ser operado pela matéria atómica do sol para evoluir átomos, e as formações serem retidas, como observado.

Estes átomos recém-evoluídos retinham as suas posições dentro do estrato a partir do qual foram evoluídos, como átomos não perturbadores para a matéria evoluída do sol naquela localidade, mas sujeitos à sua força de retenção. O átomo central do corpo pai, embora fosse mais denso, embora fosse afinizado, era uma força repulsora antes que atrativa para esses átomos.

O grau de desenvolvimento dos átomos é o grau de desenvolvimento do seu movimento. Observou-se que toda a matéria é similar, diferindo apenas no grau de desenvolvimento. O movimento, por si só, fixa, determina o grau de similaridade ou dissimilitude da matéria. A diversidade de movimento de átomos e corpos origina a força repulsiva. A força Negativa é repulsiva, e a Positiva, atrativa.

Átomos ou corpos, atuados por estas simultânea e igualmente, não são nem atraídos nem repulsados; retêm as suas posições; mas a ação das duas forças estimulou o seu movimento atómico como efeito da sua ação combinada e simultânea. Este impulso impregna os átomos — institui formas; é a força procriadora. Continuando estas forças a exercer igual poder sobre o corpo, o impulso é movimento estabelecido. A Natureza instintiva com a vida de Deus — forças inerentes — desenvolve-se assim pela lei da simples força atrativa — o princípio dual.

Os átomos, tal como os corpos, possuem movimento rotativo bem como atómico, como anteriormente afirmado. O movimento recém-instituído dos átomos evoluídos deste estrato — o movimento estimulado — era rotativo; era o movimento rotativo estimulado destes átomos. Este movimento recém-estabelecido era um movimento mais desenvolvido do que o do átomo central; o que constituía estes átomos centrais recém-evoluídos como átomos mais desenvolvidos do que aquele, simplesmente no sentido em que possuíam um movimento rotativo mais desenvolvido. Eram átomos menos desenvolvidos do que o átomo central no sentido em que o seu movimento atómico era menos desenvolvido — eram átomos mais raros.

O leitor deve estudar cuidadosamente e distinguir os dois movimentos, rotativo e atómico; pois isto é essencialmente necessário para uma compreensão da lei do desenvolvimento. A matéria atómica, inapreciável pelos sentidos físicos, não compreendida pela mente não instruída, só pode ser compreendida pela compreensão dos princípios que governam o desenvolvimento da forma em

toda a natureza. A mente pode compreender estes; e, assim compreendendo, pode apreciar o que de verdade nunca de outra forma poderia ser apreciado com o auxílio do sentido físico ou da visão clarividente.

O impulso procriador estimulou o movimento rotativo destes átomos. A força procriadora, atuando sobre os corpos como tal, estimula o seu movimento atómico; atuando sobre os átomos como tal, estimula o seu movimento atómico; contudo, o seu efeito é estimular o movimento rotativo dos átomos de cada um, como explicado acima. Não há limite para a infinidade aplicada ao Ser de Deus, à extensão do Seu universo ou à divisibilidade da matéria.

Os átomos são infinitamente minúsculos em grau, tal como os universos são infinitamente vastos em grau. Os átomos centrais são apreciáveis pelo sentido físico, sendo evoluídos; portanto, a mente pode compreender a consistência do termo, movimento atómico de átomos. Um átomo é um universo, um universo um átomo; ambos são desenvolvidos pela mesma lei. Dentro de cada um, a força atrativa elicia a forma; o progresso elicia a natureza animada.

Esta verdade é incompreensível para o sentido físico não auxiliado; a visão microscópica revela o suficiente para confirmar a verdade desta proposição. Existe um limite para a formação nos átomos, como tais, não alcançado pelos universos, como tais; por outras palavras: a vida, desenvolvida dentro dos átomos pela força formativa, é a manifestação inferior da vida inanimada e animada. Tal como os universos, eles desenvolvem corpos centrais e formações correspondentes às formações universais, que são imperfeitas, sendo desenvolvidas pela ação imperfeita de leis, princípios e forças.

As formações desenvolvidas por formações destes universos infinitesimais são, consequentemente, imperfeitas. A Vida — os elementos visíveis e invisíveis da natureza, são estas formas; átomos infinitesimais de universos infinitesimais. A estimulação do movimento dos átomos evoluídos constituiu estes como mais diversos do átomo central do que antes da sua evolução. Sendo constituídos átomos sujeitos à força atrativa, estavam sujeitos ao átomo central. A força desse átomo era exercida para os repelir, não para os atrair. A influência dos átomos circundantes era suficiente para contrabalançar a força repulsora do átomo central; eles retinham as suas posições.

Simultaneamente, e como descrito, seis átomos foram desenvolvidos a partir do mesmo estrato em diferentes localidades. A força procriadora impregnou-os simultaneamente; desenvolvendo simultaneamente a diversidade neles em relação ao átomo central. Seis formações foram assim instituídas simultaneamente. As posições destes seis centros, determinadas pela lei, estavam a distâncias iguais do centro e uns dos outros. Assim, eram formas e forças que

se contrabalançavam; e leis iguais haveriam de desenvolvê-los em conjunto; — determinando o tempo preciso da conclusão de cada formação; e determinando que este período fosse o mesmo em cada uma.

A posição destes seis centros, determinada pela lei, foi assim determinada pela lei da ação Deífica, a lei que origina centros no universo de universos. Esta lei exibe-se no universo — a primeira forma; no sol central o seu órgão central, e em todas as formas subsequentes. Os centros são determinados pela qualidade dos átomos centrais em todas as formas. A existência de inumeráveis centros no universo infinito desenvolvendo ação simultaneamente prova que inumeráveis átomos avançados ao mesmo grau existiam nele. O facto de seis centros terem sido evoluídos simultaneamente pela força de desenvolvimento do átomo central do universo prova a existência deste número de átomos igualmente desenvolvidos no mesmo; também prova que estes eram inferiores em qualidade ao átomo central, sendo posteriormente e pela sua força desenvolvidos. A evolução simultânea subsequente de números iguais em diferentes períodos a partir da matéria universal prova que centros desigualmente desenvolvidos existiam em toda a organização. Estes centros, como foi observado acerca dos centros universais, são órgãos do universo; e provam que ele é uma organização.

No desenvolvimento de formas, o princípio dual atua de várias maneiras, embora para um único fim. Os centros são atuados pelo Positivo e pelo Negativo igualmente; os órgãos laterais, assim chamados, desigualmente. Isto aplica-se a estes como órgãos de uma forma, à natureza das suas funções como tal; não aos centros como procriadores; sendo todos os centros de todos os órgãos tornados tais pela ação igual das duas forças, e agindo eles próprios como centros procriadores para formas dependentes deles. Órgãos de equilíbrio desenvolvem-se simultaneamente e em número de acordo com as circunstâncias. Dois desenvolvem-se sempre juntos, um denominado centro Positivo, o outro centro Negativo.

O desenvolvimento de formas necessita disto. O que a ação na natureza revelou da operação desta força ao estabelecer assim centros laterais carregados com forças opostas delineia a verdade assim: a Natureza está carregada de fluido, elétrico; este fluido são os dois princípios, assim chamados, da natureza; os quais constituem apropriadamente um único princípio, ou força, na medida em que nenhum pode agir sozinho ou independente do outro. Para ilustrar isto claramente, cita-se o homem como exemplo.

Fosse a sua forma, perfeita como é, dividida centralmente ao comprido, não seria forma de homem algum; cessando a ação entre as partes, a estrutura seria destruída. Isto separaria os órgãos positivos dos negativos; o lado direito do

corpo com os seus órgãos, que são positivos, do esquerdo com os seus órgãos, que são negativos. Se o homem requer um órgão central para a sua natureza física — um coração, correntes fornecidas por este centro carregadas com fluido elétrico das duas naturezas para abastecer todos os órgãos da sua forma física; e se o coração, a fonte do agente eletrificante — o fluido que carrega ambos os conjuntos de órgãos, é um só; então ambos os conjuntos — positivo e negativo, dependem do mesmo centro; então são inseparáveis. Esta é uma ilustração perfeita de todas as formas na natureza. O universo foi desenvolvido como o homem — pela operação do mesmo princípio, da mesma maneira. Tal como há um lado positivo no homem, um lado negativo, também o há no universo, e em todas as formas intervenientes.

As circunstâncias que determinam o número de órgãos de equilíbrio, propriamente chamados, de uma forma, são os usos das várias formas desenvolvidas pela lei progressiva. Nos universos o seu número é infinito; formas mais elevadas desenvolvem os mesmos usos que estes, mas condensam o poder em menos órgãos. O homem — a forma perfeita, desenvolve o menor número de órgãos de equilíbrio de qualquer forma na natureza.

A lei da progressão que determina o desenvolvimento de formas cada vez mais elevadas exibe a ação desta lei perfeita, a mesma em todas as formas; mas exibe a sua ação superior. A matéria progride; — este termo é expressivo do desenvolvimento da lei, propriamente chamada; a exibição de Deus na matéria, — a exibição cada vez mais elevada de Deus na matéria por este desenvolvimento da lei; esta exibição cada vez mais elevada da mesma lei. A lei era tão perfeita no início do presente ciclo composto como agora; a mente agora apenas contempla a exibição comparativamente perfeita da sua ação comparativamente perfeita.

Este fluido nas suas duas naturezas, positiva e negativa, também foi nomeado magnético e elétrico; sendo magnético o positivo, elétrico o negativo. Os átomos centrais dos órgãos laterais, tal como os dos órgãos centrais, são átomos comparativamente aperfeiçoados, sendo estes órgãos eles próprios órgãos centrais para sistemas próprios, no mesmo sentido em que os órgãos centrais são centros de sistemas; sendo centros procriadores, propriamente chamados. Pela sua natureza, são órgãos de equilíbrio dos sistemas de que são membros. Positivo e negativo equilibram-se sempre num sistema, numa forma ou num órgão de uma forma, seja esse sistema, forma ou órgão um positivo ou um negativo; como por exemplo: — os órgãos positivos do homem equilibram os seus negativos; hemisférios positivos de planetas, sóis, equilibram os negativos; sóis positivos de sistemas equilibram os negativos.

A posição destes órgãos correspondentes é sempre tal que os constitui como órgãos de equilíbrio, embora a lei nem sempre exija que sejam equidistantes como corpos ponderáveis dos órgãos centrais, como no caso das seis formas primeiro desenvolvidas pelo sol central. Isto tornar-se-á claro à medida que este ramo do assunto for mais elucidado.

A força atrativa destes átomos centrais foi exercida sobre aquele estrato do universo onde o movimento, sendo mais rápido, tinha evoluído átomos — sujeitando-os à ação desta força. Este era o estrato contíguo ao exterior; — ao que tinha evoluído a matéria do sol central. Sendo assim matéria exterior, era a mais rara de todas as que seriam evoluídas.

Seis sóis, centros de novos sistemas, foram assim simultaneamente formados dentro da estrutura do sol central. Esta estrutura era de tamanho suficiente para conter estes dentro de si, separados uns dos outros quando a força atrativa completou as suas formas; e também numerosas outras formas embrionárias em processo de formação, para as quais estes não eram agentes perturbadores. Tão raros eram estes corpos em comparação com o corpo progenitor, que não constituíam força perturbadora para ele; nenhum obstáculo à condensação desse corpo.

Eras por períodos decorreram enquanto estes se formavam; enquanto as forças da natureza os preparavam para assumirem as suas posições no universo como formas aperfeiçoadas — órgãos qualificados desse corpo. Estiveram em embrião no útero da natureza, até que a natureza os tivesse evoluído a partir deste corpo; até terem assumido as suas posições designadas pela lei. Estes sóis eram vastos; infinitamente vastos, conforme a mente compreende a vastidão; centros de sistemas; vastos, infinitamente vastos. Tipos do sol central, eles haveriam, como ele, de evoluir sóis; de aperfeiçoar as suas organizações.

Chegou o período em que estas formas estavam completas — o período do nascimento. As forças da natureza reuniram-se para a emergência. Eram agora formas perturbadoras, forças preponderantes, dentro do corpo. Atraindo matéria ainda para si mesmas, tornaram-se tais; — demasiado massivas para que a constituição do sol progenitor as retivesse sem a obstrução das suas correntes, — interferindo na sua condensação.

A Natureza tinha providenciado para esta consequência da sua ação procriadora, qualificando uma força que deveria atuar como força repulsora para estes corpos no momento em que se tornassem formas perturbadoras para a forma progenitora. Sendo o método da Natureza instituir formas pela lei parental — instituir formas dentro de formas progenitoras, ela prevê que cada forma constituída como forma progenitora desenvolva forças que, no tempo apropriado

— quando se tornarem formas perturbadoras, repelirão as formas infantis. Um universo, sendo um tipo de todas as formas — o tipo mais baixo, exibe a manifestação mais baixa desta lei.

Sendo estas novas formas formas universais, a matéria universal atuou como o agente para as repelir da forma progenitora; para as impelir para posições apropriadas, como corpos independentes no universo. Foi observado que, atuando as forças Positiva e Negativa igualmente sobre um corpo, a sua posição permanece inalterada. Até este momento, estas forças tinham atuado assim sobre estes corpos. A força atrativa exercida sobre a matéria destes pela matéria circundante e central do corpo progenitor contrabalançava a força repulsiva exercida sobre esta matéria por matéria mais proximamente afinizada — a matéria recém-evoluída e em evolução do universo. Uma lei da matéria é que, ao misturarem-se átomos afinizados, a força repulsiva é desenvolvida por estes, o que preserva a individualidade dos átomos, — impede a sua união.

A matéria afinizada à matéria destes corpos era aquela que estava a ser evoluída a partir do mesmo estrato do universo que a evoluíra; mas que era suficientemente diversa dela em condição elétrica para impedir que constituísse matéria idêntica — matéria que pudesse unir-se à matéria das formas aumentando o seu crescimento. Não suficientemente afinizadas para se combinarem numa só forma, estas duas qualidades de matéria desenvolveram uma força repulsiva, cada uma para com a outra. Esta força repulsiva era a força contrabalançadora da força atrativa da matéria circundante e central do sol central; a força que impedia a decomposição destas formas embrionárias por esta força.

A matéria evoluída do segundo estrato exterior do universo fluía perpetuamente em direção ao centro em obediência à sua força atrativa; matéria esta que se misturava com a matéria do sol central, obediente a nenhum poder central próprio, não havendo ainda centros desenvolvidos afinizados a ela, e em torno dos quais ela pudesse acumular-se. Estas forças contrabalançadoras foram tais durante todo o período exigido para a conclusão destas seis formas.

Estando concluídas, a repulsiva tornou-se a força sobrepujante, assim: a força repulsiva da matéria circundante do corpo progenitor foi desenvolvida para auxiliar a da matéria evoluída intermisturada mencionada; esta força aperfeiçoando-se, à medida que a matéria destas formas se desenvolvia, constituiu, com a primeira força repulsiva originada, uma força que sobrepujou a força atrativa da matéria circundante e central — uma força repulsora para estas formas.

Positivo e Negativo são os equilíbrios da natureza: tão perfeitos que um átomo determina a força preponderante. Este princípio decide o período de nascimento das formas. No momento em que um átomo sobrepujante de força repulsiva foi evoluído, o período de parto da forma progenitora começou.

De matéria raríssima, estas formas infantis obedeceram relutantemente ao poder repulsor. Os átomos obedeceram-lhe de acordo com o seu grau de avanço; portanto, os átomos centrais foram os primeiros a iniciar o seu movimento para o exterior. A força repulsiva parental, como esta força repulsora é denominada, originou o movimento para fora. A força atrativa, exercida a partir dos centros destes sóis, era suficientemente poderosa para controlar cada átomo que lhes pertencia; sendo os átomos controlados de acordo com a sua qualidade e a sua distância do centro.

O estrato que evoluiu a matéria destes sóis era aquele dentro do qual as suas órbitas reguladas deveriam situar-se; a lei determinou que eles deveriam ser impelidos para posições neste estrato onde deveriam pausar na sua carreira externa. A lei que determinou a expulsão destas formas da forma progenitora foi a que determinou as suas posições no segundo estrato exterior do universo; — a lei da força repulsiva parental.

Formas universais — órgãos do universo, que era propriamente a sua forma progenitora, eles deveriam tomar os seus lugares dentro dele; ou por outras palavras; dentro da esfera do corpo central, como são denominados todos os estratos de matéria não evoluída do universo que rodeiam o corpo central ou que se misturam com a sua matéria. A matéria recém-evoluída deste estrato, fluindo incessantemente para o corpo central de todas as porções do estrato, constituiu a força repulsiva por ele originada, uma força poderosa por si mesma para estas formas antes da evolução do último elemento desenvolvido da força repulsiva parental.

Esta matéria acumulava-se continuamente à medida que o processo de evolução continuava no estrato; por conseguinte, era uma força em contínuo aumento. Era uma força sobrepujante para a da matéria mais elevada que constituía estas formas, na medida em que era matéria não perturbadora dentro do corpo central, enquanto a destas formas era matéria perturbadora; tendo progredido até ao estágio em que a força repulsiva era desenvolvida reciprocamente por ela e pela matéria do corpo central.

Não existindo repulsão entre esta matéria afluente e a matéria do corpo central, enquanto ela existia entre a matéria destas formas e a matéria do corpo central; esta matéria afluente acumulou-se em quantidades tão avassaladoras na vizinhança destas formas, que a força repulsiva desenvolvida por ela teria sido

suficiente por si só para as expelir do estrato em que se situavam. Sendo evoluídas a partir do corpo do sol central, para além da esfera de influência repulsiva desse corpo, foi pelo poder exclusivo da influência repulsiva da matéria recém-evoluída e em evolução que foram impelidas em frente para as suas verdadeiras posições no universo.

A matéria estava continuamente a evoluir deste estrato exterior, e em tais quantidades que a constituíam, à medida que se aproximava do corpo central na sua jornada para o centro, para o qual era irresistivelmente atraída, uma força sobrepujante para esta matéria recentemente expelida; uma força que impeliu estas formas para a sua verdadeira posição. Fluxos desta matéria rara, recém-evolutiva, preenchiam o espaço universal desde o estrato que a evoluiu até estratos que se aproximavam de perto do estrato central do universo; sendo estes fluxos maiores em volume na sua fonte, e perto dela, no estrato que os evoluiu.

Por conseguinte, à medida que estas formas expelidas recuavam para além da esfera de influência repulsiva do sol central, não cessavam o seu movimento para fora, sendo a força atrativa exercida sobre elas pelo centro sobrepujada pela força repulsiva desta massa sobrepujante de matéria recém-evolutiva. Alcançando o estrato que as evoluiu — a fonte da força que as tinha impelido até ali, elas pausaram; tornando-se forças contrabalançadoras para a matéria evoluída e em evolução que as rodeava.

Assim são as forças positiva e negativa os equilíbrios da natureza; assim a natureza abre espaço para novas formações dentro de corpos progenitores; assim as formas infantis, embora expelidas da forma progenitora, mantêm as suas posições dentro da esfera parental.

Estes sóis, como formas embrionárias, tinham sido esféricos e possuíam movimento rotativo. O movimento para fora desenvolveu o movimento cometário. Estes sóis saíram do sol central em fluxos de substância raríssima, em aparência como luz vaporosa, tão rara que era apenas tenuemente percetível. Centros — núcleos, movendo-se primeiro, como observado, escapando primeiro, atraíram atrás de si toda a matéria sujeita a eles. O movimento destes centros era comparativamente rápido; estando eles suficientemente aperfeiçoados para obedecer prontamente à força repulsora; o da matéria sujeita era-o de acordo com a sua qualidade. Eras decorreram enquanto estes sóis escapavam do sol central e assumiam as suas posições apropriadas no universo.

Rapidez de movimento é um termo comparativo. Comparado com o movimento já estabelecido, o movimento para fora destes centros era rápido; comparado com o movimento estabelecido subsequentemente — recentemente estabelecido, era repouso. Viajando uma distância infinita ao alcançarem as suas

posições, eras decorreram, como observado, antes que estes sóis alcançassem esse estrato exterior.

O movimento cometário recém-originado era uma força que deveria acelerar o progresso destes sóis; que deveria ser um agente aperfeiçoador para a matéria daqui em diante. Dois movimentos os átomos destas formas possuíam agora; ambos agentes de desenvolvimento. O movimento rotativo de formas cuja matéria é volátil, rara, é o movimento independente de átomos em redor do átomo central em períodos de tempo iguais; sendo o período o da revolução do átomo central.

Determinando a revolução do átomo central a da forma, determina-a pela justaposição de todos os átomos da forma. Os átomos são esferas; como outras esferas, podem encontrar-se. Na matéria rara estas esferas não se encontram; existem espaços entre elas. Estão, contudo, sujeitas à influência atrativa umas das outras, assim denominada; por conseguinte, o movimento dos átomos circundantes determina o movimento de cada átomo. Igualmente sujeitos ao átomo central e à influência de estratos interiores de átomos, que, à medida que convergem, derivam o seu movimento do central, o seu movimento é um só — o do central. A condensação de corpos aperfeiçoa este movimento; fixa os átomos fazendo com que as suas esferas se unam em toda a massa, de modo que nenhum movimento independente seja possível.

Esta é a condição da matéria atómica de corpos solidificados. O movimento independente de átomos de corpos raros significa a suscetibilidade de átomos ou massas de átomos independentes uns dos outros de serem balançados por forças exteriores; — como a suscetibilidade da matéria destes sóis de permanecer atrás do átomo central no seu curso para o exterior. Todos os átomos de corpos solidificados obedecem ao central, simultânea e igualmente, estando fixos; — não sujeitos a forças opostas exteriores como a matéria rara, por esta causa.

Encontrando-se as suas esferas, estão sujeitos à força atrativa uns dos outros; e estando afinizados — apenas átomos afinizados assumindo justaposição — são poderosos para reter uns aos outros em posição; e, como massas, para resistir a forças opostas exteriores. A influência atrativa exercida por esferas umas sobre as outras, sendo distantes, é um grau ligeiro de força atrativa: não suficiente para as reter em posição, ou impedir as influências perturbadoras de forças externas.

A matéria atómica gira em torno de centros em todas as direções, não estando fixa. Átomos independentes são tais devido ao facto do seu isolamento, por assim dizer, uns dos outros; sendo a influência atrativa incapaz de controlar os átomos, de fixar a sua revolução numa direção, ou de impedir que sigam a

direção de átomos fortemente afinizados. Em corpos raros, os átomos giram em correntes em todas as direções; a direção geral, contudo, é a mesma.

O movimento origina-se de um impulso propagado numa direção oposta à do movimento, conforme os termos são usados. Antes: é o poder repulsor de uma força oposta que impele o átomo — o átomo central, o originador deste movimento na direção em que gira. A acumulação de átomos em redor do átomo central em números cada vez maiores faz com que os átomos se comprimam uns aos outros em todas as direções; não, contudo, ao ponto de mudar a direção geral do movimento. Isto é perfeitamente ilustrado pela revolução de uma bola parcialmente imersa em água, ou sobre a qual se verte água. Átomos, massas do fluido, são lançados em todas as direções a partir do centro; contudo, a direção geral é a mesma que a da bola; e se os seus tempos de revolução pudessem ser medidos, verificar-se-ia que seriam os da bola — o átomo central.

Observou-se que os átomos afinizados se dispõem em justaposição em corpos em processo de formação. A similaridade de todos os átomos que formam um sol significa um grau de similaridade, um grau suficiente para determinar que tais átomos constituirão a mesma forma — determinar-se-ão para o mesmo centro. Contudo, a variedade caracteriza cada forma: não só existem estes graus, estratos, de diferentes qualidades, mas existem também graus de graus, subdivisões de graus.

Em todas as formas, os átomos são de variedade infinita. Por conseguinte, compreender-se-á como correntes de átomos de afinidade mais próxima existirão em corpos raros; como a direção destas correntes será determinada umas pelas outras, e por correntes da matéria de mais alta qualidade da forma. A ilustração perfeita desta verdade é apenas exibida na revolução da matéria cometária — o movimento rotativo de corpos cometários.

As correntes, tal como os átomos, tornam-se fixas em corpos condensados e solidificados. A direção das correntes mais elevadas determina a direção de toda a massa quando os átomos se tornam fixos — o corpo torna-se solidificado. Estas seguem a direção do impulso original; que, na natureza, é sempre a mesma — de oeste para leste; atuando as forças inerentes da matéria, por virtude da posição relativa dos átomos — de positivo e negativo, para impelir na direção do negativo, ou em direção ao leste. Fazem-no por virtude da sua superioridade de força e de condensação; atuando elas como uma massa central e propagando a sua força por toda a estrutura.

Este movimento independente de átomos de corpos raros em redor do átomo central — com ele, é denominado o movimento atómico do corpo. Em corpos solidificados, o movimento atómico é a revolução similar de átomos e correntes

de forças vitais desenvolvidas por estes mesmos átomos e correntes que, em corpos raros, revolvem eles próprios, não tendo ainda desenvolvido forças vitais. Esta revolução de átomos, esta volatilidade da matéria, é a ação química dos corpos; — a força de desenvolvimento que determina a condensação.

À medida que os átomos se movem entre si, a fricção das esferas de influência — que é a fricção dos átomos, como aparecerá na elucidação das esferas nesta obra — elicia átomos de elementos ou forças ainda não evoluídos, a partir dos átomos; átomos esses que, sendo eliciados da matéria evoluída, são forças superiores, de desenvolvimento mais forte, do que outros átomos não eliciados. Prosseguindo a ação, as forças recém-evoluídas evoluem outras, ainda mais elevadas. Estas, atuando umas sobre as outras e sobre os átomos originais, desenvolvem a força atrativa.

Este é o desenvolvimento progressivo do movimento atómico dos corpos; não a estimulação do movimento dos átomos. O movimento rotativo é da mesma qualidade, desde a primeira instituição de uma forma — a impregnação do átomo central — ao longo de toda a sua existência como forma. É o desenvolvimento progressivo do movimento atómico das formas que induz todo o progresso das formas. Sendo a força atrativa progressivamente desenvolvida, os átomos são atuados com um poder cada vez maior. Eles aproximam-se uns dos outros em obediência a esta força, exercendo os átomos mais elevados a força mais forte. Isto é a condensação dos corpos.

O movimento para fora destes sóis, induzido pela força repulsiva parental, foi um agente de desenvolvimento; sendo um novo movimento de átomos, um movimento adicionado; um movimento que induziu a variedade de movimento dos átomos destas formas — dos mesmos átomos — em redor dos seus centros, e para fora através do espaço — estratos de matéria não evoluída; induzindo um grau de ação de tal matéria sobre eles, o que auxiliou no aperfeiçoamento do movimento atómico das formas. A indução da variedade de movimento dos átomos em redor dos seus centros é consistente com os princípios já afirmados, que governam o movimento rotativo dos corpos — a revolução dos átomos destes em redor dos centros em tempos iguais.

O movimento cometário é o movimento de avanço de um corpo cuja matéria atómica é rara, volátil; determinando esta condição que o centro, ou núcleo, esteja avançado em relação à restante matéria da forma. A rapidez do movimento produz esta condição — o movimento cometário. A força repulsiva exercida sobre as formas concluídas atuou com o maior poder sobre os átomos centrais — os mais altamente desenvolvidos. Ela era, em si mesma, uma força não

aperfeiçoada; uma força que progredia à medida que os átomos que a evoluíam, e os átomos sobre os quais era exercida, progrediam.

Havia de ser também uma força incessante, continuando em operação enquanto as formas existissem; aperfeiçoando-se à medida que as formas se aperfeiçoassem. Foi a originadora da revolução orbital — revolução de sóis em redor do sol central, de outras formações em redor de centros progenitores; — um movimento que, daqui em diante, seria um movimento indispensável de todas as formas. O movimento para fora originado por esta força determinou as formas para as suas posições no universo, nas esferas que as evoluíam.

Estes sóis, como formas de equilíbrio para a matéria do segundo estrato exterior do universo, encontraram as suas posições nesse estrato. O movimento para fora dos centros continuou até que tivessem alcançado as suas verdadeiras posições; seguindo-se a restante matéria — obediente ao poder dos centros e também ao do impulso. Os átomos exteriores moviam-se com movimento relutante, sendo imperfeitamente sujeitos a qualquer uma das forças. A força repelente que atuava sobre estes era uma força não desenvolvida, pois atuava de átomos não desenvolvidos sobre tais. Toda a força era, na sua ação sobre estas formas, como a ação de uma massa de peso superior e volume vastamente superior; — surgindo a superioridade em peso da superioridade em volume, não da qualidade de superioridade da força atómica; e exercendo o seu poder como centro sobre centro, ou qualidade sobre qualidade. Era matéria não formada atuando sobre formas; por conseguinte, era de volume vastamente superior, sendo em igual grau não desenvolvida, em comparação com as formas sobre as quais operava.

Não podendo a força não qualificada, atuando sobre átomos exteriores não qualificados, ser impelida para a posição do centro, ou para a sua verdadeira posição em redor deste, os centros foram os assistentes da força repelente para auxiliar esta matéria não desenvolvida a alcançar o seu destino. Estando toda a matéria de uma forma sujeita ao seu centro, ela seguiria para onde este liderasse.

Atuando o impulso melhor qualificado sobre a qualidade mais elevada de matéria, como observado, os centros moveram-se primeiro. Eles não só se moveram primeiro e se mantiveram na frente, como também ganharam vantagem sobre o movimento dos átomos exteriores de acordo com o grau de qualificação do impulso comparado com o exercido sobre os átomos exteriores, combinado com o poder exercido sobre estes átomos pelos centros. O grau de diferença entre estes teria levado os centros inteiramente para além, para fora do alcance dos átomos exteriores, não fosse o movimento rotativo das formas — a revolução de todos os átomos em redor dos seus centros.

Os centros — núcleos, não eram átomos únicos, como aqui se fala; eram átomos centrais com estratos de átomos em seu redor condensados até ao grau de não estarem sujeitos ao movimento cometário; fixados ao grau de obedecerem perfeitamente à força central. Estratos de matéria menos, cada vez menos condensada, rodeavam isto; cada vez menos sujeitos ao poder central; cada vez mais livres para seguirem a direção de átomos afinizados em redor do centro. Os átomos centrais propagavam a sua força para os átomos circundantes; estes para o estrato seguinte, estes para fora; assim, a força atrativa era propagada por toda a massa; assim, como cada estrato para fora era matéria menos qualificada, a sua força propagada para o seguinte era menor. Assim, é claro como os estratos exteriores eram os menos sujeitos à força central.

Isto é perfeitamente ilustrado por um sistema de bolas em esferas ou estratos. A bola central está ligada ao primeiro estrato, ou esfera, por cordas curtas; curtas demais para admitir qualquer mudança de lugar das bolas pelo movimento da central; a estas está ligado o estrato seguinte por cordas curtas, não sendo a diferença do comprimento das cordas discernível, existindo, contudo, uma ligeira diferença; estas manteriam os seus lugares em redor da bola central com o estrato interior.

O estrato seguinte está ligado a estas por cordas ligeiramente alongadas; assim, as cordas que ligam cada estrato aos estratos interiores seguintes são mais longas do que as anteriores. Este sistema será suficientemente grande para que as cordas que ligam o estrato exterior sejam suficientemente longas para levar estas muito atrás da bola central à medida que esta se move obediente a um impulso que atua apenas sobre ela.

É evidente que a bola central impelirá consigo aquelas que lhe estão ligadas pelas cordas mais curtas, enquanto os estratos exteriores e mais externos permanecem imóveis. A matéria central fixa é representada pelas bolas centrais fixas; a matéria volátil e rara pelas ligadas por cordas longas, as mais longas. O movimento da bola central necessitaria do movimento de todas; contudo, elas obedeceriam a esse movimento dependendo do comprimento das cordas de ligação.

Esta é uma ilustração imperfeita da ação da natureza, pois nenhuma revolução de bolas pode ser induzida; contudo, é uma ilustração perfeita da ação da força atrativa tal como propagada a partir dos átomos centrais, como ligando todos os átomos de uma forma entre si; e da forma induzida pela precedência de movimento do centro de uma forma volátil.

O movimento rotativo — o movimento independente dos átomos — preservou estas formações da rutura à medida que os centros ultrapassavam a

matéria exterior no seu progresso para fora; assim: este movimento de átomos era um movimento propagado; tal como a força atrativa era uma força propagada; a impulsão movia os átomos que eram relutantes em obedecer à força atrativa. Alargando-se os espaços à medida que os átomos ficavam para trás dos seus centros, a força atrativa era menos poderosa sobre eles a partir dos átomos circundantes; eles, consequentemente, mover-se-iam menos rapidamente.

Não tivesse havido revolução de átomos, como observado, estes espaços teriam continuado a alargar-se até que os átomos não pudessem exercer qualquer poder para reter os átomos exteriores no corpo; as cordas teriam sido cortadas, as cordas que ligavam estes a átomos irmãos. Estes espaços não podiam alargar-se suficientemente para induzir esta consequência. A impulsão — o movimento contínuo em frente dos átomos impelidos pela força atrativa de átomos afinizados, ou pela força repulsiva de átomos não afinizados, compelia o movimento de todos os átomos em redor do central.

A ação repulsiva dos átomos ao impelirem-se uns aos outros em redor do centro foi o resultado da mistura de correntes que se seguiu ao deslocamento de estratos ou de correntes pela prioridade do movimento para fora do núcleo, o seu movimento mais rápido. Era a confusão total nestas massas de matéria em movimento para fora. Os átomos obedeciam ao impulso e à força central, de acordo com a sua qualidade; não à direção das correntes de matéria afinizada; cedendo todas as forças inferiores, sob a pressão do novo movimento, a estas superiores.

Se os espaços se alargavam entre átomos adjacentes à medida que recuavam do núcleo, sendo correntes parciais de átomos afinizados, em justaposição forçada com estas correntes parciais estavam correntes de átomos não afinizados forçando-se umas às outras ao longo; estreitando os espaços pela repulsão, pela impulsão recebida de trás. Misturando-se por toda a massa de matéria rara que seguia os centros, estas correntes opostas operavam umas sobre as outras como forças impulsionadoras, atrativas e repulsivas; o que, por si só, permitia à matéria preservar a sua posição no corpo à medida que contornava a extremidade da forma — a cauda do cometa, assim denominada; por si só preservou estes corpos do desmembramento. Estas forças tinham apenas bastado para este propósito; não tinham bastado para produzir um equilíbrio de movimento dos átomos, ou do mesmo átomo.

O movimento em frente dos átomos tinha sido cada vez mais lento à medida que recuavam do centro, aproximando-se da extremidade da forma. À medida que se aproximavam do centro no seu progresso em redor dele, o seu movimento era cada vez mais rápido. As forças impulsionadoras incitavam a isto. A

proximidade de todos os átomos de uma forma em relação ao centro, ao passarem em redor dele à frente da sua direção de movimento, era compelida por esta impulsão de movimento; determinando isto a maior massa atrás do centro.

Esta escassez de matéria à frente do centro era escassez de matéria rara, não qualificada; consequentemente, à medida que os átomos entravam em contacto com forças atrativas e repulsivas qualificadas, embora fossem átomos não qualificados, eram atuados com maior poder do que quando atuados por forças não qualificadas, — como o não qualificado atuando sobre o não qualificado. Eram impelidos em frente com grande rapidez enquanto em contacto com estas forças mais elevadas do corpo. Entrando gradualmente em contacto com forças menos qualificadas, o movimento dos átomos, que tinham ficado ligeiramente atrás do centro, era retardado.

Assim, toda a matéria volátil destes sóis foi retida por eles. Assim, os átomos giravam em redor dos centros em períodos de tempo iguais, possuindo variedade de movimento dos átomos e do mesmo átomo. O método da natureza era impelir o progresso através desta variedade de movimento dos átomos, esta mistura de forças diversas. A ação química induzida pelo movimento descrito dos átomos destes sóis era o movimento cometário; o agente recém-desenvolvido para o seu avanço; um agente que, daqui em diante, deveria atuar no desenvolvimento progressivo de todas as formas.

Era o método da natureza que, tal como os átomos atuam como forças externas uns sobre os outros — atrativas e repulsivas, os corpos devessem atuar assim; que, tal como os átomos se auxiliam mutuamente a reter os seus lugares sobre os corpos ao realizarem as suas revoluções em redor dos seus centros, os corpos devessem atuar assim; devessem auxiliar no aperfeiçoamento uns dos outros; na equalização dos movimentos uns dos outros; na qualificação do movimento orbital uns dos outros.

O movimento para fora destes sóis foi a inauguração do movimento orbital. O método era que a influência repulsiva das forças opostas continuasse enquanto fossem forças opostas; enquanto as formas existissem; devesse impelir estes corpos em frente incessantemente, qualquer que fosse a força menor que pudesse ser exercida sobre eles a partir de qualquer direção. As verdadeiras posições destes sóis eram no segundo estrato exterior do universo. Isto significa que o impulso teria levado estes corpos, não perturbados por outras forças, a estas posições.

A Natureza tinha providenciado forças qualificadoras, agências de desenvolvimento; para atuarem sobre estes sóis; agências que deveriam atuar em concerto com o impulso, a revolução orbital e o movimento rotativo. Estas forças

eram os próprios sóis atuando uns sobre os outros; e sóis de universos contíguos; os quais, nas suas poderosas revoluções de eras, nas excentricidades dos seus movimentos, deveriam aproximar-se destes o suficiente para que a sua influência atrativa fosse sentida.

As esferas podem tocar-se, mas nunca misturar-se; isto significa esferas de força atrativa, como aparecerá na plena elucidação do assunto numa conexão futura. Este princípio mantém-se em toda a natureza, desde os infinitesimais até às infinidades; desde o átomo mais minúsculo até Deus. Os átomos unem as esferas à medida que a condensação ocorre; os corpos unem as esferas à medida que o progresso os desenvolve; a mente segue a mesma lei. Átomos, corpos, mentes inteligentes — juntos formando o exterior da Divindade — com a mente Deífica, são como o corpo e a mente ligados; ligados, mas não obstrutivos; como esferas encontram-se, mas nunca se misturam. Os universos são as formas mais baixas da natureza.

A matéria exterior destes é de tal natureza, tão não desenvolvida, que as eternidades do passado não bastaram para despertar ação suficiente nela para induzir a formação; contudo, é matéria, e ligada a formas separadas, está sujeita à lei da força central; estando toda a matéria universal, por mais rara que seja, sujeita aos centros. Como matéria de esferas de influência atrativa, assim denominadas, ela é suscetível de desarranjo pela intrusão de esferas similares. Isto também aparecerá na futura discussão do assunto.

A matéria primeva universal, com aquela que compunha o sol central, era do primeiro grau, assim denominado; rodando ela em redor do átomo central com o mesmo grau de movimento. Estes sóis recém-evoluídos, sendo desta matéria, mas de movimento estimulado, eram do segundo grau, assim denominado. Observou-se acerca da matéria universal não evoluída que ela é inapreciável ao sentido físico; isto é verdade para a matéria não evoluída de todos os graus; a evolução da matéria de um grau para outro não altera a sua natureza a este respeito.

O sentido físico não poderia ter tomado conhecimento destas formas dentro do sol central, até que a condensação tivesse desenvolvido a matéria de tal modo que esta se tornasse substância, conforme os sentidos físicos compreendem. O sol central era um tipo de todos os sóis em todos os sentidos. O átomo central do universo, a forma da qual ele era o órgão central, atraiu matéria do estrato exterior dessa forma — do universo, para formar este sol. Assim foram formados corpos centrais para os sóis, ou propriamente, esferas, que foram formadas dentro deste sol.

A condensação começou dentro destas formas antes da sua evolução a partir da forma progenitora. Os átomos centrais atraíram os átomos mais aperfeiçoados para formar um corpo central, cujos átomos eram, como no caso do sol central, e pela mesma lei, do estrato exterior, consequentemente os mais raros dentro do corpo. Esta foi uma segunda evolução desta matéria; mas não ocorrendo estimulação de movimento, como o rotativo, a acompanhá-la, diz-se que é do mesmo grau subsequente, tal como antes da sua segunda evolução.

Esta matéria evoluída, esta massa central, era ligeiramente mais aperfeiçoada do que a não evoluída que se misturava com ela em redor do centro; tão ligeiramente que os átomos exteriores desta matéria evoluída atuavam uns sobre os outros apenas com um ligeiro grau de força superior à dos não evoluídos que se misturavam com eles; contudo, sendo evoluídos, sujeitos a este grau ligeiramente superior de força atrativa mútua, ligeiramente mais suscetíveis ao poder do átomo central, a condensação destes ocorreu gradualmente.

A ação atómica destes aperfeiçoou-se gradualmente até se formar um corpo central, e nele se desenvolveu e qualificou a força procriadora, até esta ser tornada um instrumento para a evolução da matéria não evoluída da sua esfera.

No período da evolução destes sóis a partir do sol progenitor, as formações centrais destes sóis haviam sido iniciadas, não completadas. O impulso que evoluiu estes a partir do sol progenitor atuou sobre toda a matéria destas formas; tanto a não evoluída como a evoluída.

Para que o leitor possa compreender totalmente a natureza da matéria primeva não evoluída, é necessária uma explicação mais completa sobre a natureza, os graus e a qualidade desta matéria.

Matéria primeva não evoluída significa a matéria não condensada do universo (aquela matéria até então não evoluída pela ação química em substância apreciável) que foi estimulada aquando da introdução do presente período de ação. Ela é de sete graus, correspondentes aos graus dos sóis. A matéria primeva não evoluída universal, assim designada, é a do grau mais baixo, o primeiro grau, assim termo; e também aquela não estimulada aquando da introdução do presente período de ação. A estimulação do movimento da matéria universal foi a estimulação do movimento apenas de tal matéria que fosse suscetível de estimulação pelo impulso transmitido; foi uma estimulação de movimento de um grau, assim designado, e como aparecerá doravante; deixando não estimulado, não afetado, o movimento do número infinito de graus abaixo deste grau.

Esta matéria não estimulada é o meio já referido, denominado a esfera de influência atrativa de universos contíguos; a qual os liga indissoluvelmente, e é o meio pelo qual os movimentos das suas formações exteriores são regulados.

A estimulação do movimento da matéria universal, como observado numa conexão anterior, foi a evolução desta matéria. Esta estimulação de movimento de toda a matéria deste grau evoluído foi estimulação suficiente para assegurar o desenvolvimento de um corpo central; para assegurar a evolução do grau mais elevado a partir deste grau evoluído. O grau mais elevado, como referido nesta conexão, significa aquela matéria que foi sujeita ao maior grau de movimento pela revolução da esfera universal — matéria exterior desta esfera, e átomos centrais evoluídos de matéria mais interior.

Por matéria exterior, nesta conexão, significam-se os doze estratos de matéria universal já aludidos, e que evoluem formações, ocupando a esfera universal exteriormente àquele plano que delimita a esfera repulsiva do sol central quando este se torna um corpo aperfeiçoado; ou dois terços da esfera.

O movimento destes doze estratos do universo foi suficiente para causar a evolução deste único grau, acima aludido, pelo impulso, a estimulação transmitida pelo despertar da Força Elétrica após um período de inação — uma noite eterna de repouso. A Força Elétrica, que desde a eternidade atuou sobre a matéria estimulando o seu movimento periodicamente, falhou em estimular Mais uma vez o movimento desta matéria evoluída, tão baixa era a sua qualidade, até que a matéria do corpo central tivesse sido evoluída como substância física

[Página 54] a partir do estrato exterior do universo por virtude do seu movimento revolucionário — por virtude da ação induzida neste grau mais baixo de matéria primeva pelo movimento revolucionário da esfera, e esta matéria estava a condensar-se em torno do átomo central. Foi durante a terceira fase de desenvolvimento do sol central que o movimento deste grau evoluído foi reestimulado — que a Força Elétrica Mais uma vez transmitiu um ímpeto ao seu grau de movimento já existente.

Esta estimulação foi sentida por toda a matéria destes doze estratos, este ímpeto transmitido a todos os átomos destes; contudo, o movimento revolucionário foi o agente da natureza para a evolução da matéria após a estimulação do movimento a ter preparado para a evolução — a ter tornado suficientemente suscetível ao efeito do movimento revolucionário para induzir a evolução.

A estimulação do movimento induzindo a evolução de formas por este método é o desenvolvimento de graus de matéria primeva não evoluída — de ordens de sóis, como aparecerá.

Os métodos da Natureza, determinados por lei, são sempre adaptados ao fim em vista, ao plano do Grande Arquiteto. O Seu método era que a esfera universal e as seis ordens de esferas — sóis, evoluíssem doze formações cada uma; que as

onze formações desenvolvidas por lei parental pela formação central de cada esfera de cada grau fossem desenvolvidas pelo mesmo grau de movimento estimulado; — devessem resultar do primeiro impulso dado à matéria de uma esfera subsequente à evolução dessa esfera — a condensação parcial da sua formação central.

A impregnação — a estimulação de átomos centrais das formas destas formações, como foi observado, é a estimulação do movimento no período da instituição da forma — o período em que estes se tornam centros qualificados, em todos os sentidos, de novas formas; todavia, não estimulação no sentido significado quando a matéria não evoluída é estimulada — quando o seu movimento é aumentado pelo impulso transmitido pelo despertar da força elétrica. É uma estimulação resultante da evolução.

A evolução de átomos significa, num sentido absoluto, a combinação de elementos de tais qualidades, graus, que se possam combinar pelo efeito da ação química dos seus átomos; cuja combinação resulta num átomo — uma partícula, apreciável ao sentido físico. Esta combinação resulta no avivamento do movimento atómico de todos os átomos que assim se combinam; portanto, é apropriado denominar o movimento do átomo recém-evoluído como movimento estimulado.

A linguagem humana é desprovida de termos para a expressão apropriada das verdades, leis e métodos complicados da natureza; portanto, é possível ocorrer um mal-entendido da teoria acima mencionada, complicada, mas verdadeira e perfeita, da ação da natureza na instituição de universos e sistemas menores. O leitor é advertido a estudar, mui cuidadosamente, a exposição acima dada, com o que se segue, e o que poderá doravante ser dado sobre o mesmo assunto em conexão com ele, para que possa obter uma compreensão perfeita do assunto.

A estimulação do movimento, e a evolução, são termos aqui necessariamente aplicados à enunciação de dois métodos distintos — processos da natureza, cada um. A estimulação do movimento de átomos de matéria primeva não evoluída, resultando simplesmente num grau aumentado de movimento daqueles átomos, é uma estimulação Elétrica; um ímpeto transmitido pela Força Deífica da natureza; é a operação da lei do Ser Deífico; a promulgação do plano de desenvolvimento universal.

A estimulação do movimento resultante da combinação de elementos na evolução de átomos de substância física é o desenvolvimento de uma forma superior de força elétrica física, propriamente denominada; uma força que resulta das operações da Força Elétrica Deífica sobre a matéria, mas não é essa força.

A evolução num sentido qualificado, e tal como aplicada à operação da Força Elétrica sobre a matéria primeva de qualquer grau que estimula o seu movimento mas não a constitui como substância física apreciável, é denominada evolução por falta de termo melhor. A matéria assim operada é apenas evoluída no sentido de que é separada da matéria primeva circundante no sentido de ser matéria superior — possuindo uma qualidade superior de movimento. Ainda primeva, ainda não evoluída no sentido absoluto, é doravante suscetível a influências de desenvolvimento; está no caminho para a evolução, como foi explicado acima.

Pela explicação acima, será perfeitamente evidente para o leitor atento o que se significa por uma primeira e segunda evolução da matéria, uma estimulação resultando num movimento aumentado dos átomos dos doze estratos de uma esfera, e aquela estimulação denominada impregnação de átomos centrais.

O sol central, uma forma resultante da primeira estimulação de movimento da matéria universal, é do primeiro grau. O átomo central desta formação central do universo, estimulado quando o movimento de todos os átomos do universo foi estimulado, foi evoluído, apenas, após eras incontáveis de revoluções do universo terem sido suficientes para induzir ação química suficiente dele e dos átomos circundantes para induzir a sua evolução. A impregnação deste átomo central do universo ocorreu quando este foi constituído, por assim dizer, um átomo — uma partícula de matéria; — quando foi evoluído como substância física apreciável; tal como a impregnação de todos os átomos centrais ocorre de acordo com a exposição já dada.

O átomo central moveu-se com movimento estimulado, a condensação do sol central ocorreu em consequência; isto foi afirmado na introdução do assunto do desenvolvimento do universo. Que os átomos se moviam com um grau aumentado de movimento, também foi afirmado. Pudesse a mente humana, no seu primeiro estágio, compreender a infinidade — períodos infinitos de tempo, o número infinito de graus ou qualidades de movimento; e houvesse termos na linguagem humana pelos quais expressar períodos infinitos de tempo, o número infinito de graus de movimento, diferentes expressões poderiam ter sido usadas; termos apropriados substituídos; mas, sendo considerada a condição existente da mente à qual as verdades expostas nestas páginas são dirigidas, o método seguido é considerado o mais bem calculado para transmitir uma compreensão perfeita da verdade, dos princípios da natureza até agora ocultos da mente na primeira esfera.

Os sóis evoluídos por lei parental pelo sol central, sendo evoluções de matéria resultantes de uma segunda estimulação da matéria universal, são do segundo grau — a primeira ordem, assim denominada; aqueles evoluídos por

esta ordem resultando de uma terceira estimulação da matéria universal são do terceiro grau — a segunda ordem; aqueles por esta ordem resultando de uma quarta estimulação da matéria universal são do quarto grau — a terceira ordem; aqueles por esta ordem resultando de uma quinta estimulação da matéria universal são do quinto grau — a quarta ordem; aqueles desta ordem resultando de uma sexta estimulação da matéria universal são do sexto grau — a quinta ordem; aqueles evoluídos por esta ordem resultando de uma sétima estimulação da matéria universal são do sétimo grau — a sexta ordem.

A estimulação do movimento da matéria universal, como foi incidentalmente observado, ocorreu periodicamente, desde a eternidade. Desde a eternidade, cada impulso periódico foi um impulso mais forte do que o anterior, à medida que a matéria sobre a qual atuava — através da qual era desenvolvido, era superior. Foi afirmado que um único impulso — uma estimulação de movimento, induz o desenvolvimento de todos os sóis de uma única ordem, ou grau.

Isto é verdade no sentido de que o movimento instituído por este impulso é o grau de movimento que institui estas formas; portanto, é verdade no seu sentido perfeito; e, no entanto, é igualmente verdade que cada impulso sucessivo atua sobre a matéria universal como um impulso mais forte. Esta aparente inconsistência é a consistência da natureza. Um impulso desenvolvido — um impulso desenvolvido através de matéria qualificada, não pode operar sobre matéria não qualificada para estimular o seu movimento para os propósitos comuns de levar a cabo o processo de desenvolvimento de formas num período de ação, tal como o fluido elétrico superior eliminado pelo movimento atómico da substância espiritual não pode operar sobre a substância física baixa para este propósito. A ação elétrica resultante da ação química desta substância espiritual é estimulação elétrica apenas de tal matéria que seja suscetível a tal ação.

A terceira estimulação da matéria universal significa que um impulso foi desenvolvido através do segundo grau de matéria universal que resultou na evolução do terceiro, tal como a primeira estimulação de movimento da matéria universal resultou na evolução do primeiro grau; a segunda estimulação da matéria desenvolvida através do primeiro grau resultou na evolução do segundo grau. A sétima estimulação de movimento da matéria universal significa que o impulso desenvolvido através do sexto grau de matéria do universo atuou sobre essa matéria para evoluir o sétimo grau.

O impulso que evoluiu o segundo grau atuou sobre toda a matéria dos doze estratos do universo, como observado. Antes do desenvolvimento deste impulso, o sol central tinha sido evoluído a partir do estrato exterior ou primeiro do

universo; portanto, o impulso atuou sobre a matéria do primeiro estrato na forma de matéria evoluída; atuou sobre ela sendo matéria organizada.

O sol central foi atuado pelo impulso como uma forma, resultando a estimulação do movimento dos seus átomos na estimulação do seu progresso como uma forma. O efeito do impulso sobre esta forma foi instituir uma era no seu desenvolvimento; — constituir o corpo central do universo como uma forma suscetível de impregnação. O período preciso da ocorrência deste impulso foi o período preciso que desenvolveu o poder procriador dentro do sol central — o momento que o constituiu como uma forma suscetível de impregnação; o qual foi durante a sua terceira era.

Da mesma maneira, o impulso desenvolvido através da matéria de cada grau afetou toda a matéria dos doze estratos das esferas desse grau, desenvolvendo, da mesma maneira, o poder procriador nos corpos centrais dessas esferas.

A natureza trabalha por impulsos e impulsos menores. O seu método é ciclos compostos, ciclos, eternidades, eras, divisões e subdivisões de eras, divisões e subdivisões de subdivisões destas, e ainda subdivisões, até que as subdivisões menores das estações sejam alcançadas; as subdivisões destas até que os períodos menores de descanso e ação necessários ao homem sejam alcançados — dia e noite. Dos impulsos menores — aqueles menores que os que evoluem os graus acima delineados, uma exposição completa será dada na elucidação dos princípios do desenvolvimento de sóis e planetas, as eras cometárias e planetárias dos sóis.

A impregnação — a evolução, do átomo central da esfera universal constituiu esse átomo como o átomo central do universo como uma forma, no mesmo sentido que a impregnação — a evolução, de um átomo central de qualquer forma de qualquer grau constitui esse átomo como o centro dessa forma — dessa esfera. O universo é um sol no mesmo sentido que o sistema solar é um sol; é uma forma no mesmo sentido que a esfera denominada sistema solar, da qual o sol e os seus planetas circundantes são membros, é uma forma; e foi evoluído precisamente da mesma maneira e pela mesma lei.

A primeira estimulação de movimento do átomo central do universo não constituiu, num sentido verdadeiro, este como o átomo central do universo; mas apenas num sentido qualificado. Desde a eternidade ele era o átomo central, sendo, como antes afirmado, o átomo de qualidade mais elevada no universo. Contudo, como observado, num sentido qualificado, a sua estimulação constituiu-o como o átomo central para a matéria universal — toda aquela que com ele foi estimulada, na medida em que, a partir do momento da sua estimulação, ele se tornou um agente mais poderoso para o governo desta

matéria; na medida em que um grau de força atrativa foi produzido por esta estimulação que assegurou ação suficiente na matéria universal para determinar o seu desenvolvimento subsequente.

A força atrativa é o agente que liga num só toda a natureza; que liga toda a natureza a Deus; que torna um o universo e o seu Centro Deífico residente. Esta força, tão debilmente desenvolvida por este primeiro impulso, ligou toda a matéria do grau evoluído mais firmemente ao átomo central, o agente para o seu avanço; tal como cada impulso progressivo na matéria ou na mente liga estas mais estreitamente ao Grande Centro para o qual todos os átomos da matéria universal tendem irresistivelmente.

Não evoluído estava este átomo central, bem como todos os seus átomos dependentes, durante eras, até que a ação química tivesse sido suficiente para a sua evolução; contudo, a força atrativa deste átomo era suficiente para controlar, pela lei da força propagada, cada átomo do universo. Quando a evolução finalmente ocorreu — quando este átomo foi constituído como o centro de um órgão da forma universal, ele não foi menos o centro da matéria universal, não possuindo menos poder sobre esta matéria do que antes da sua evolução.

O seu poder sobre a matéria não evoluída, sendo um átomo evoluído, não foi aumentado, por virtude do mesmo princípio que determina que um impulso qualificado não pode estimular apreciavelmente a matéria não qualificada. A lei da afinidade determina o poder dos átomos uns sobre os outros — impulsos sobre a matéria. Um átomo de alta qualidade não pode controlar um de baixa qualidade.

Subsequente à sua evolução, este átomo foi suficientemente afim da matéria universal para a controlar no mesmo grau que o fazia antes da sua evolução. Sendo o seu movimento estimulado, tanto o atómico como o rotativo, ele evoluiu uma esfera de matéria a partir dos elementos que compunham a sua substância, através da qual ainda governava a matéria universal. Esta era a sua qualidade mais baixa de matéria; — os elementos que entravam na sua constituição que eram os mais desprovidos de afinidade com a maior massa da sua substância e os mais afins da matéria circundante. Estes elementos — átomos, foram repelidos da massa maior, os mais altamente desenvolvidos circundando imediatamente a massa aperfeiçoada do átomo, e os mais não desenvolvidos tomando posição mais longe desta, e em proximidade com a matéria não evoluída circundante. Estes átomos exteriores eram suficientemente afins desta matéria não evoluída para agir como um agente através do qual essa matéria pudesse ser controlada. Esta esfera de elementos inferiores do átomo central é denominada a sua esfera de força atrativa; e é também a sua esfera de força repulsiva.

Os átomos são atraídos para a margem desta esfera do átomo central e assim controlados por ele, por meio da sua esfera de influência atrativa; a qual, tal como a de um corpo, o circunda; sendo eliminada por ele tal como esta esfera é eliminada pelo próprio átomo. Esta esfera é repulsiva para a matéria exterior; portanto, é denominada a esfera de força repulsiva; tal como é atrativa para a matéria exterior, sendo denominada a esfera de força atrativa.

É através desta esfera, portanto, que é propagada a força do átomo central; — a força que mantém a matéria do sol central em forma; mantém o universo em forma; e através desta esfera é propagada a moção daquele átomo até aos limites mais externos da esfera universal. Todos os átomos, todos os corpos, possuem esferas de força atrativa e repulsiva, eliminadas pela mesma lei que o átomo central do universo eliminou as suas esferas de força atrativa e repulsiva, e para o mesmo propósito.

Um centro é impregnado — uma forma instituída; a matéria de um estrato da esfera dentro da qual este centro está situado é atraída para ele e toma o seu lugar ao seu redor como matéria da forma recém-instituída: — Isto significa, na linguagem considerada melhor para transmitir a ideia verdadeira, que a matéria agora rodeia pela primeira vez esse centro como um centro qualificado — um centro evoluído; um centro que exerce força atrativa suficiente para assegurar a evolução de toda a matéria passível de evolução da sua esfera. Antes da sua evolução — desde o período em que a força procriadora foi desenvolvida pela primeira vez dentro da forma do seu progenitor, a matéria não evoluída afinizada — esta mesma matéria que agora o rodeia, tinha estado a reunir-se em seu redor a partir de um estrato de matéria afinizada.

Como um átomo central não evoluído, ele possuíra poder para controlar esta matéria; no entanto, sendo não evoluído, não possuindo ainda movimento independente, mas rodando com os átomos circundantes em torno do átomo central da sua esfera progenitora, não tinha poder para a controlar no sentido em que o fez após o movimento independente ter sido por ele desenvolvido dentro do corpo progenitor, ou após ter cessado, enquanto átomo, de rodar com os átomos circundantes em torno do seu centro progenitor, cujo movimento independente resultou da sua evolução.

O movimento revolucionário de um átomo central evoluído cessa por virtude da ação de forças iguais sobre ele, atrativa e repulsiva. Estas forças operam sobre ele de forma igual; assim: Situado onde a matéria evoluída e a não evoluída se misturam, sendo ele de um grau suficientemente diverso de qualquer um destes graus ou qualidades para o constituir o recetor de uma quantidade igual de força de qualquer um deles, a matéria não evoluída repele-o, sendo ele evoluído;

enquanto a matéria circundante do corpo central o repele, por ser ele apenas recém-evoluído — tão pouco desenvolvido, em comparação com aquela; Mais uma vez: A matéria não evoluída atrai-o, sendo ele

[Página 63] recém-evoluído e matéria de certo modo semelhante; a matéria circundante do corpo central atrai-o, sendo ele evoluído e matéria de certo modo semelhante. Esta ação das duas qualidades de matéria dentro das quais uma forma embrionária está situada, esta ação das duas forças exercidas por ambas as qualidades, em grau igual pela mesma qualidade, faz com que essa forma retenha a posição onde o átomo central estava situado ao tempo da sua evolução.

O desenvolvimento da força procriadora dentro de uma forma, o qual, como foi afirmado, ocorre durante a sua terceira era, significa que os átomos dos estratos interiores, durante essa era, se tornam suficientemente aperfeiçoados para agir como centros de acordo com a exposição acima; mas não para controlar a matéria para a sua evolução, como é feito por estes centros após a sua dita impregnação — a cessação da sua rotação em torno do centro progenitor, que resulta desta impregnação.

A confusão resultante da mistura da matéria sujeita a estes centros com toda a outra matéria do corpo progenitor na sua revolução em torno do centro progenitor, sendo matéria cometária, impede eficazmente o controlo desta matéria para a sua evolução; portanto, a proposição acima citada é apropriada; a saber: Um centro é impregnado — uma forma instituída; a matéria de um estrato da esfera dentro da qual este centro está situado é atraída para ele, e toma o seu lugar ao seu redor como matéria da forma recém-instituída.

Do que foi afirmado sobre o assunto da evolução e da formação de esferas, será evidente para o leitor atento que a evolução da substância física a partir da matéria não evoluída de todas as esferas começa após a chamada primeira evolução desta matéria; — após esta se ter tornado suficientemente aperfeiçoada por eras de movimento induzido pela revolução da esfera dentro da qual está localizada, para se tornar sujeita a átomos centrais; ou não antes da conclusão da esfera ou sol; ou após toda a matéria que a deve compor ter sido sujeita a, e estar reunida em torno do seu centro.

Eras sucessivas de revolução são então requeridas para evoluir a substância física a partir do estrato exterior da esfera; para evoluir esferas não evoluídas, por assim dizer, a partir dos sucessivos estratos interiores, como é a lei do desenvolvimento das esferas.

O investigador paciente das leis da natureza pergunta-se, maravilhado, por que lei pode ser que o estrato exterior de uma esfera evolua substância física para

a formação de uma forma física de modo diferente dos estratos interiores; o que, pela proposição acima, ele percebe ser o método da natureza.

As utilidades são os fins de todos os métodos de Deus — as utilidades mais elevadas. A promulgação do plano do Divino Arquiteto da natureza prova que esse plano é a perfeição da sabedoria; prova a existência da Mente Divina — a inteligência organizada denominada Deus. A mente finita detém-se em consternação perante as profundezas da sabedoria que se abrem diante dela nas suas investigações da natureza; e clama:

É o suficiente! à medida que as visões turvas se abrem diante dela, através das quais deve trabalhar à custa de cérebro e músculo para alcançar as verdades espalhadas tão densamente através delas; — sente-se cansada ao contemplar esses poucos espaços — visões de pensamento, para os quais teve um vislumbre, de entre o número infinito que vê em visão diante de si. “Encontrei-o”, exclama o estudante diligente; mas mal alcançou o tesouro encontrado — a gema da verdade, é sobressaltado pelo conhecimento certo de que não a encontrou toda.

Desta única verdade, proposição após proposição apresenta-se à sua mente para demonstração; problema após problema; cuja solução exigirá a descoberta de muitas mais verdades tão importantes quanto a primeira encontrada. E assim, ele não encontra lugar para parar. E assim a mente nunca encontrará um lugar para parar. Como Deus é infinito, como a verdade é infinita, assim a mente é infinita nas suas capacidades e na sua duração, para a investigação da verdade — para o serviço de Deus.

As secções externas das esferas — estratos externos, revolvem com um grau de movimento inconcebivelmente maior do que as interiores; isto é evidente. O movimento do estrato exterior do universo, como a secção externa de uma esfera em revolução, era num grau tão infinitamente maior do que o do átomo central, como a secção interior de uma esfera em revolução, que bastou para a evolução desta matéria exterior para o físico durante o período inconcebivelmente vasto que decorreu enquanto o átomo central se preparava para a evolução, e era evoluído. Este é o princípio sobre o qual todos os corpos centrais são desenvolvidos.

A matéria não evoluída rodeava o átomo central, sendo controlada por ele, tal como rodeia cada átomo central, de acordo com a exposição dada sobre este assunto.

O desenvolvimento da lei parental precedeu necessariamente o das formas. Esta lei, coexistente com o ser de Deus, foi desenvolvida como lei determinante da evolução da matéria primeva universal para o físico; do físico para todas as formas que Deus ordenou que fossem desenvolvidas a partir desta matéria, pela

instituição de um corpo central — um progenitor, através de cuja organização toda a matéria universal seria desenvolvida em forma pela lei da força procriadora. Assim como esta lei foi desenvolvida na esfera universal pela instituição de um corpo central através do qual, pela lei parental, toda a matéria dessa esfera pudesse ser desenvolvida em forma, assim ela é desenvolvida em cada esfera que a esfera universal evolui.

O estrato exterior de qualquer esfera é de maior profundidade, de longe, do que qualquer outro estrato da esfera; contém uma massa de matéria maior do que a massa total de todos os restantes estratos da esfera; além disso, sendo a matéria mais rara da esfera, ocupa consequentemente um espaço mais amplo. Sendo de uma qualidade de condição elétrica, compõe um estrato e é evoluída em conjunto, como a matéria de qualquer estrato é evoluída; e forma uma formação, tal como faz a matéria de cada estrato de uma esfera.

A evolução da matéria passível de evolução de uma esfera é o método da natureza para preservar a ordem do universo — a harmonia das esferas. Foi observado que a estimulação do movimento da matéria universal foi apenas a evolução de um único grau do número infinito de graus de matéria primeva. Sendo este grau estimulado, é constituído como matéria tão diversa daquela não estimulada que a sua ação sobre esta matéria inferior é doravante insuficiente para induzir a sua estimulação — o seu desenvolvimento, pelos processos da natureza durante a eternidade de ação existente.

Esta matéria inferior é constituída como matéria incapaz de posterior desenvolvimento apreciável durante a eternidade existente; contudo, de acordo com o método Divino da natureza, a sua utilidade é tão importante quanto a da matéria evoluinte e progressiva.

As esferas de força atrativa e influência de universos e esferas menores são constituídas, como já foi afirmado, por esta matéria. A matéria esferal que constitui o corpo de um sistema — as esferas de força atrativa e influência, é de dois graus de força; possuindo sistemas de cada grau as duas qualidades ou graus de força desta matéria; assim: Sendo a qualidade mais densa da matéria esferal de qualquer esfera capaz de impedir a intrusão de outras esferas dentro dela, é denominada a esfera de força atrativa do sistema; enquanto a mais rara, sendo incapaz de resistir à intrusão de outras esferas, embora seja ainda uma força protetora para o sistema, é denominada a esfera de influência atrativa.

A evolução da matéria evoluível do estrato exterior de uma esfera — aquela matéria que constitui o corpo central de uma esfera — deixa uma qualidade de matéria não evoluída mais rara nesse estrato do que a deixada pela evolução da matéria evoluível de qualquer outro estrato da esfera. Esta matéria é demasiado

rara para resistir à intrusão de esferas de força atrativa de outros sistemas, e é denominada a esfera de influência atrativa do sistema.

Durante o período da evolução dos corpos de um sistema, toda a matéria de um estrato do qual a matéria não foi evoluída, ou foi apenas parcialmente evoluída, constitui a esfera de força atrativa do sistema. Antes da evolução de toda a matéria evoluível do estrato exterior, a esfera de força atrativa do sistema é coextensiva com o sistema; enquanto que, subsequentemente à evolução desta matéria — durante todo o período da existência do corpo, ela é coextensiva com os onze estratos interiores do sistema. Este arranjo assegura a segurança dos sistemas, ao mesmo tempo que assegura a possibilidade do desenvolvimento das suas formações exteriores.

As esferas de força atrativa e influência estão sujeitas a centros como a matéria evoluível da esfera. A esfera de influência atrativa que rodeia todas as esferas, sendo cometária e sujeita a centros, acomoda-se aos movimentos das esferas às quais está ligada; portanto, é um agente sempre eficaz para a regulação dos movimentos dos corpos exteriores das esferas.

Sistemas limitam sistemas em todos os lados, como estrelas — sóis, limitam estrelas nos céus visíveis. Universos limitam universos em todos os lados, cujos movimentos das suas formações exteriores são regulados uns pelos outros através do meio das esferas de influência atrativa desses universos individuais, tal como os movimentos das formações exteriores de sistemas menores são regulados. O desenvolvimento simultâneo de todos os universos é, portanto, evidentemente uma necessidade. Deus é um; e como um atua sobre o Seu universo.

O impulso transmitido pela Força Elétrica Deífica, também denominada Força Impregnadora Deífica, que estimulou a matéria no início da presente eternidade de ação, foi um impulso universal; atuou sobre toda a matéria do Corpo Deífico. Assim, com cada impulso transmitido à matéria por esta Ação Deífica, ou por qualquer grau de força elétrica, cada um é tão universal quanto o Corpo de Deus é infinito em extensão; atua sobre toda a matéria desse Corpo de um grau capaz de apreciar a sua ação.

Assim, as sucessivas estimulações da matéria desenvolvendo sóis, inaugurando eras, eras menores, estações, estações menores, as estações periódicas de ação do homem — os dias, são estimulações universais — impulsos sentidos por todo o universo infinito da matéria, e pela vasta família de seres inteligentes e espirituais que habitam este universo. A natureza ordena as leis de modo a que atuem em harmonia; sendo uma lei necessária para o estabelecimento de todas, e todas de uma; assim o corpo é ordenado a agir sobre

o corpo; o desenvolvimento de um necessita o desenvolvimento de todos, e todos de um.

Nenhum átomo poderia ter sido dispensado do universo da matéria primeva; nenhum átomo pode ser dispensado do universo da matéria evoluída; nem mais pode um corpo ser dispensado desse universo. A desorganização deve seguir-se se o planeta mais insignificante do sistema mais remoto for apagado do universo; segue-se, quando o equilíbrio é perdido pela espiritualização da matéria de um planeta em excesso à do seu planeta correspondente; ou de um sistema em excesso ao seu sistema correspondente; sendo a substância espiritualizada imponderável no plano físico.

Seis sóis tomando simultaneamente posições no universo atuaram como assistentes na regulação do movimento orbital uns dos outros, pela influência atrativa que cada um exercia sobre todos os outros no curso da sua revolução em torno do sol central. Até que agências qualificadoras regulem o movimento orbital, este é excêntrico. O impulso, tendo repelido estes sóis para as suas posições no universo, cessou como uma força propulsora exterior.

Doravante, teria atuado como a força de movimento contínuo, impelindo estes corpos nas suas órbitas apropriadas em torno do centro, se todos os corpos, todas as agências, tivessem sido então aperfeiçoados. Era simplesmente o poder de movimento atuando no plano das suas órbitas, tendo-os impelido para este plano, e para nenhum outro. Não era uma força de contrapeso à força atrativa dos sóis exteriores, portanto não podia regular o movimento orbital.

Ao alcançarem as suas posições apropriadas dentro da esfera do sol central, estes sóis encontraram-se dentro das esferas de influência atrativa de outras esferas — esferas universais, em contacto com esta, a sua esfera progenitora; — sendo a influência atrativa das esferas matéria de uma qualidade tão rara que pode entrar em esferas de força atrativa, como já explicado. De tal excessiva grosseria, que não estava sujeita à lei da formação; contudo, esta matéria afinizava-se suficientemente com a matéria esferal destes sóis para superar a força atrativa parental exercida sobre ela a partir do centro. Esta foi atraída para a extremidade da esfera universal.

A matéria esferal, aquela que compõe as esferas de influência atrativa dos universos contíguos, misturando-se, embora de grau tão excessivamente baixo, constituiu uma força de tal grau que atuou sobre a matéria esferal destes sóis bebés para a desviar, como observado, para a extremidade da esfera universal. A ação química resultante da mistura de elementos diversos — desta mesma qualidade de matéria de duas esferas diversas, produziu movimento — influência

atrativa, suficiente para superar a fraca força atrativa exercida sobre esta matéria pela rarefeita esfera de força atrativa dentro da qual estes sóis estavam situados.

Misturando-se com a matéria rara destas esferas de influência atrativa dos universos perturbadores, estava a de esferas semelhantes de sóis correspondentes dentro desses universos universais, que estavam a ser atuados conforme atuavam sobre estes. As esferas de influência atrativa destes sóis misturando-se, era a mistura de forças superiores; forças que podiam ser propagadas às formações centrais das esferas separadas, e que foram assim propagadas.

Estas forças atraíram estes sóis das suas posições para muito longe, em direção aos limites extremos da esfera de força atrativa do universo; e se nenhuma força repulsiva dos universos opostos e dos sóis de cada um se aproximando da margem das suas esferas tivesse sido desenvolvida para atuar sobre eles, eles teriam perdido as suas posições dentro desta esfera; desordem universal teria resultado.

As forças atrativas e repulsivas atuam em todas as direções sobre as massas de acordo com a sua massividade comparativa; atuam também com referência à distância de acordo com a lei recebida da força atrativa. Toda a matéria em desenvolvimento nestes universos opostos e nestes sóis opostos atuou como uma força repulsiva para estes sóis, desenvolvendo esferas de força repulsiva coextensivas com as de força atrativa; e esferas de influência repulsiva coextensivas com as de influência atrativa.

A força atrativa superou a repulsiva por um período; durante este tempo eles aproximaram-se de outros centros, afastaram-se do seu próprio; a força repulsiva em desenvolvimento finalmente superou a atrativa; o movimento exterior destes sóis cessou. Pausando por um momento, finalmente começaram a sua jornada de regresso em direção ao seu centro. Continuando a desenvolver-se, esta força repeliu-os até à extremidade das esferas de influência atrativa dos universos opostos, que era onde os seus próprios impulsos centrais os podiam impelir em diante nas suas órbitas.

Estas órbitas foram organizadas em relação umas às outras pela ação repulsiva dos corpos em revolução uns sobre os outros, e o impulso impeliu estes sóis numa direção oriental; enquanto que, pela influência do grau ou corrente mais elevada de matéria esferal da esfera universal, as suas órbitas determinaram-se todas gradualmente em direção à corrente equatorial, sendo esta a corrente mais elevada desta matéria, ou para o mesmo ponto numa direção oriental. Isto fez com que se aproximassem uns dos outros no seu curso progressivo, aproximando-se e perturbando-se mutuamente.

As suas esferas de influência atrativa misturando-se, estes corpos voláteis tornaram-se sujeitos à força atrativa uns dos outros, como tinham estado à dos sóis de outros universos. A força repulsiva de cada sol individual atuou sobre os sóis opostos e em aproximação como uma força protetora; uma força que deveria agir como o preservador destas formas individuais e da forma progenitora, tal como esta mesma força agiu quando estas formas estavam na proximidade de universos contíguos.

Eles revolveram em órbitas determinadas por estas forças opostas — órbitas tão excêntricas quanto estas forças, assim desenvolvidas, podiam determinar que fossem. As figuras geométricas falham em delinear a forma destas órbitas; tão volátil era a matéria destes corpos que estava sujeita à mais ligeira força — dependente dos caprichos da natureza, por assim dizer.

Estas influências caprichosas determinaram a direção destas órbitas em diferentes períodos para se determinarem em direção ao centro. Isto induziu um movimento mais rápido dos sóis, pois sujeitou-os às forças atrativas e repulsivas mais fortes de matéria mais altamente qualificada. O movimento destes para o interior a partir das suas posições verdadeiras, ao sujeitá-los a forças atrativas e repulsivas mais fortes, foi mais rápido, — foi um movimento acelerado, devido à força crescente das forças impulsionadoras. O impulso era mais forte à medida que os corpos opostos se aproximavam uns dos outros, pela mesma lei em que as forças atrativas dos corpos afinizados eram mais fortes à medida que se aproximavam uns dos outros. O sol central — o progenitor, exerceu a sua forte influência atrativa sobre estes corpos, os seus descendentes, para os atrair para si. Eles aproximaram-se do centro em direções determinadas pelas posições uns dos outros, juntamente com o poder do impulso exterior.

A posição dos sóis perturbadores contíguos foi a primeira causa que incitou o movimento de cada um destes seis sóis individuais interiormente a partir do plano das suas órbitas — o plano que desenvolve o impulso de movimento contínuo; eles teriam permanecido sobre este plano, sendo outras circunstâncias favoráveis, não tivessem eles sido, por alguma força, atraídos para o interior — os estratos mais densos da esfera de força atrativa do corpo progenitor. Eles estavam situados, quando no plano das suas órbitas, nas únicas posições no universo onde poderiam permanecer imperturbados por influências externas, por assim dizer.

Fora do plano das suas órbitas, a esfera de força atrativa era demasiado débil para os reter sem auxílio sob a influência do corpo central; enquanto que, no interior deste plano, a esfera de força atrativa era demasiado densa para lhes permitir reter, sem auxílio, posições como corpos independentes no universo.

Sendo atraídos para posições interiores a este plano uns pelos outros, foram sujeitos à força atrativa da matéria evoluível de estratos dos quais, comparativamente, pouca matéria tinha sido evoluída — extraída. Esta força foi suficiente para superar o impulso que atuava perpetuamente sobre estes corpos a partir do centro para o plano das suas órbitas, como foi descrito, de acordo com a posição do estrato dentro do qual estavam situados.

No período do seu regresso ao plano das suas órbitas a partir do limite exterior do universo, milhões de centros tinham sido impregnados dentro do corpo central, os quais atraíam para si matéria evoluída do mesmo estrato que os tinha evoluído — dentro do qual o plano das suas órbitas estava situado. Até então, nenhuns centros estavam impregnados atraindo a matéria do terceiro estrato — nenhumas formas foram instituídas a partir da matéria desse estrato; contudo, essa matéria estava, naquele período, a evoluir matéria; e suficientemente desenvolvida para a constituir como uma força atrativa eficaz para a matéria destes sóis. Interiormente a partir deste estrato, todos os estratos estavam a desenvolver a sua matéria até àquele grau que constituía uma poderosa força atrativa para a matéria destes sóis; e uma força tanto mais poderosa quanto mais próxima do centro estivesse a matéria que a exercia.

O impulso — força repulsiva parental, como antes afirmado, era um impulso perpétuo, uma força que deveria existir enquanto as formas existissem. Esta proposição, aparentemente inconsistente quando considerada pela primeira vez, assume consistência quando se recorda que a força repulsiva desenvolvida pela matéria do corpo central auxiliava aquela desenvolvida pela matéria do estrato dentro do qual estava situado o plano das órbitas destes sóis; e quando se afirma também que esta força repulsiva parental individual é uma força constantemente progressiva, uma força que se desenvolve numa esfera de força repulsiva tão extensa quanto a esfera de força atrativa do universo (repulsiva para outros universos), tão extensa quanto a esfera dentro do plano da órbita da formação exterior (repulsiva para esta formação), tão extensa quanto as esferas dentro do plano das órbitas de todas as sucessivas formações evoluídas pelo corpo (repulsivas para estas respetivamente).

Uma esfera repulsiva, tal como a de um corpo central, desenvolve-se à medida que as esferas das suas sucessivas formações se desenvolvem. Cada corpo central, como cada forma, desenvolve uma esfera individual de força repulsiva, assim denominada; uma esfera até cuja extremidade a matéria exterior pode ser atraída, mas na qual nunca pode entrar; uma esfera que se condensa à medida que o próprio corpo se condensa, sendo de uma qualidade de matéria para ser atuada por forças condensadoras; cuja esfera de força repulsiva é delimitada por uma, como acima descrito; coextensiva com a esfera do corpo —

repulsiva para outras esferas; e esferas de força repulsiva repulsivas para as suas diversas formações. A esfera de influência repulsiva de um corpo corresponde à sua esfera de influência atrativa, tal como a de força repulsiva corresponde à de atrativa, e pelo mesmo princípio — e é coextensiva com ela.

[Página 72] Os corpos entram nas esferas de influência repulsiva uns dos outros tal como entram nas esferas de influência atrativa uns dos outros; no sentido de que esta esfera é desenvolvida por toda a matéria da esfera de influência atrativa pela mistura de matéria diversa com ela; como já foi sugerido, e a mistura destas esferas de influência repulsiva tem o efeito de auxiliar a repelir os corpos condensados destas esferas, tal como a mistura das esferas de influência atrativa tem o efeito de atrair os corpos condensados destas esferas. As esferas de força repulsiva dos corpos entram em contacto, tal como as esferas de força atrativa; sendo a força repulsiva eliminada pelo contacto de átomos de tal grau, e átomos diversos.

O sol central, no período da evolução destas formas, estendia a sua esfera individual de força repulsiva até aquele estrato onde a quinta formação está agora situada; o que é muito para além do limite que a delimitará como uma esfera aperfeiçoada; portanto, as forças atrativas não podiam determinar que o periélio das órbitas daqueles sóis fosse interior àquela secção da esfera universal; embora tenha determinado que fosse nos próprios confins da esfera individual de força repulsiva do sol central. A individualidade, por assim dizer, do corpo central, tal como destes sóis, estivera a desenvolver-se durante as eras em que estes sóis estiveram a realizar uma única revolução; tinha chegado àquela fase, neste período, em que a matéria destas esferas individuais não podia misturar-se.

À medida que estes corpos se aproximavam do centro, era com um movimento acelerado, sendo operados por forças cada vez mais altamente qualificadas. O impulso, tal como o da matéria do estrato que evolui estas formas, era um impulso perpétuo; e um impulso em desenvolvimento; dado que formas estavam a ser instituídas dentro do corpo central a partir desta matéria, para a qual a matéria fluía perpetuamente deste estrato. No entanto, as forças atrativas, à medida que se aproximavam do centro, eram suficientemente poderosas para superar este impulso; e se a força repulsiva parental individual não tivesse sido qualificada num grau capaz de desequilibrar estas forças atrativas, a desorganização destas formas teria resultado. Elas eram ainda de matéria cometária raríssima; matéria que estava sujeita a ser desviada da atração central por forças exteriores, e parte da qual teria sido desviada destas organizações não tivesse a natureza disposto que as forças por todo o universo fossem igualadas.

O corpo progenitor era ainda de matéria cometária rara, e as suas forças, tanto atrativas como repulsivas, estavam igualadas de modo a enfrentar a emergência; enquanto as outras forças que atuavam sobre estas formas em auxílio do seu desenvolvimento eram precisamente aquelas que a emergência exigia. A Natureza providenciara a perpetuação da raça que instituíra; os seus filhos foram o seu cuidado especial desde que foram concebidos. A sabedoria que planeou a instituição e o desenvolvimento progressivo destas formas até ao estágio atual providenciara para que nenhuma emergência, nesta fase, as pudesse desorganizar.

Alcançando os seus periélios, estes corpos cessaram a sua tendência para o interior, contudo revolveram com grande rapidez comparativa perto da margem da esfera repulsiva do sol central por uma estação; ou até que a força destinada os impelisse Mais uma vez para fora — fizesse com que se aproximassem Mais uma vez do seu afélio. Esta força destinada era a força repulsiva de átomos das esferas de força repulsiva do corpo central e destes corpos, à medida que os átomos exteriores destas esferas entravam em contacto, e à medida que as suas esferas de influência repulsiva se misturavam; força esta que estava perpetuamente a ser fortalecida por este contacto atómico; também a força exercida uns sobre os outros para atrair ou repelir, de acordo com a posição que os sóis individuais ocupavam em relação uns aos outros e ao corpo central.

Um sol na sua jornada para o interior entra em contacto com a esfera de influência repulsiva do corpo central — repulsiva para ele ao misturar a sua própria esfera semelhante com aquela. Sendo a matéria que se mistura de qualidade rara e baixa, a ação química desta matéria não se desenvolve rapidamente; portanto, o movimento do corpo condensado não é detido pela mistura destas esferas — a repulsão desenvolvida por esta mistura. As esferas de força repulsiva dos dois corpos encontram-se; instantaneamente a repulsão mútua é desenvolvida pelas esferas separadas, sendo elas de qualidade de matéria comparativamente elevada.

O movimento para o interior do corpo condensado é detido. Entretanto, a ação química resultou da mistura das duas esferas de influência repulsiva; esta ação produz finalmente repulsão suficiente entre os dois corpos para auxiliar grandemente qualquer outra força que possa tender a afastar este corpo do central, embora não seja suficiente por si só para realizar este fim.

Outro sol está na mesma situação relativamente ao corpo central; por meio da influência atrativa que é capaz de exercer na sua posição, auxiliado pela influência repulsiva assim desenvolvida, ele desvia este corpo da sua posição perto do central — inicia-o na sua carreira para o exterior. Entretanto, o impulso

tem estado a combater as forças atrativas que ligaram este corpo tão firmemente à vizinhança do corpo central; juntas, estas forças causaram um movimento progressivo do sol — um movimento progressivo comparativamente rápido; assim desviada, a direção da sua órbita inclina-se para fora.

Ainda combatendo as suas forças opostas, o impulso encontrou um auxílio na influência atrativa do sol vizinho, que com ele está a deixar a vizinhança imediata do corpo central; com este auxílio é suficiente para superar as forças atrativas operantes sobre o corpo, as quais são forças que diminuem à medida que o corpo se move para fora em obediência às forças descritas.

A posição dos seis sóis determinou a regulação do movimento orbital de cada um. É evidente como a posição determinou isto, tal como é evidente para o leitor instruído como o movimento orbital dos corpos do sistema solar é regulado pela posição. Como no sistema solar os corpos se atraem e repelem uns aos outros, nunca interferindo com os movimentos uns dos outros, nem com os do corpo central do sistema, assim era na esfera universal. Estes seis sóis, quase sós no vasto universo, foram suficientes para responder ao propósito de regular os movimentos uns dos outros o suficiente para preservar as suas organizações da rutura, até que outros sóis fossem evoluídos para os auxiliar, pelas mesmas leis que regulam os movimentos dos corpos de sistemas minúsculos.

Atraíram-se e repeliram-se uns aos outros na estação precisamente apropriada; auxiliaram o sol central, ou combinaram-se contra ele, na estação precisamente apropriada; nunca uma contingência poderia ocorrer no curso das suas revoluções que determinasse a desorganização destes corpos ou a confusão nos seus movimentos, pois a lei determinou a ordem, o arranjo perfeito destes, ao determinar a sua evolução simultânea e, assim, a sua aproximação simultânea aos seus periélios.

A lei pela qual o movimento orbital destes sóis era regulado é a lei que regula o movimento orbital de todos os sóis. O movimento cometário é o mesmo para todos os sóis, determinado pela mesma lei. Um cometa aproxima-se dos confins do sistema solar, sendo um habitante de um sistema contíguo, pela mesma lei que determinou que os sóis deste universo se aproximassem dos confins dos universos contíguos; e demora-se nos confins do sistema, tal como fizeram estes sóis nos confins dos universos vizinhos, por virtude da lei da força atrativa das esferas de sóis individuais de sistemas separados; são repelidos dos confins do sistema, tal como estes sóis foram repelidos dos confins dos universos contíguos — pela influência repulsiva desenvolvida destas esferas; e aproxima-se do seu próprio periélio por virtude das forças que operaram para fazer com que estes sóis se aproximassem dos seus.

O movimento orbital é um movimento excêntrico até se tornar aperfeiçoado. Procurando o seu periélio, os sóis movem-se com velocidade acelerada; procurando o seu afélio, movem-se com velocidade retardada; isto é determinado pela ação das forças exercidas sobre eles enquanto procuram estas posições. E o grau elevado de forças, como as exercidas pela matéria central de um universo, ou de um sistema menor, atua para produzir rapidez de movimento comparada com a produzida por um baixo grau de forças — aquelas exercidas pela matéria exterior de universos ou sistemas menores. Corpos no seu afélio movem-se com um baixo grau de movimento comparado com aquele com que se movem enquanto no seu periélio.

A esfera de força repulsiva de um corpo central desenvolve-se, como repulsiva para cada formação distinta que evolui, como foi observado, à medida que as suas sucessivas formações são evoluídas. Isto significa que, sendo a segunda formação evoluída, as suas formas são um estrato repulsivo, por assim dizer, para a primeira; estrato esse que é o limite da esfera repulsiva do corpo central — repulsiva para a primeira formação; sendo a terceira formação evoluída de igual modo a partir de um estrato repulsivo, estrato esse que é o limite da esfera repulsiva do corpo central — repulsiva para a segunda formação; e assim sucessivamente com as outras formações sucessivas para o interior. Um estrato de sóis é repulsivo para outro estrato de sóis. Assim, o limite das esferas individuais de força repulsiva do corpo central deixa de ser o limite dessa esfera para uma formação no momento em que uma formação interior a ela é evoluída.

Formações perfuram frequentemente o estrato, por assim dizer, dentro do qual uma formação interior está situada, para alcançar o seu periélio; mas estando sujeitas às influências da formação que ocupa esse estrato, neste sentido, diz-se que a esfera de força repulsiva do corpo central para essa formação se estende até aos limites do estrato.

Alcançando o plano das suas órbitas, Mais uma vez forças exteriores atuaram para desviar estes sóis desse plano; Mais uma vez procuraram posições obedientes a estas forças, nos confins da esfera universal. Mais uma vez foram repelidos de volta ao plano das suas órbitas, e Mais uma vez atraídos para o seu periélio; eras incontáveis decorrendo enquanto realizavam assim duas revoluções nas suas poderosas órbitas em torno daquele centro espantoso. A cada revolução sucessiva destes sóis, o poder das forças opostas era menor sobre eles; pois a ação atómica tinha, durante as eras que decorreram enquanto uma revolução era realizada, adiantado a condensação, qualificado as suas forças para resistir às influências perturbadoras de outros corpos. A cada revolução sucessiva, o afélio era mais distante dos limites exteriores do universo, o periélio mais distante do centro.

Com a formação destes seis sóis, a natureza não cessou as suas operações. Eles foram as formas iniciadoras da primeira formação do universo; os órgãos equilibradores dessa formação. Enquanto estavam em processo de formação, a força procriadora impregnou muitos outros centros dentro do mesmo estrato do sol central, mas em diferentes períodos. A formação destes outros sóis foi realizada pelas mesmas leis operantes na formação dos primeiros. Forças repulsivas, originadas pelas mesmas leis, repeliram estes do sol central para o mesmo estrato do universo ocupado por aqueles. Milhões de sóis foram evoluídos deste mesmo estrato do sol central para este estrato do universo. Assim se desenvolveu a primeira formação do universo.

A distância desta formação ao sol central era tão vasta, a matéria das suas formas de consistência tão rara no período da sua primeira instituição, que, vista da superfície do sol central, teria sido visível apenas como uma esfera de luz pálida; — uma esfera côncava envolvendo o corpo central. Por eras, esta teria sido a aparência daquela formação assim vista; desde o período da evolução dos primeiros seis, até que toda a formação tivesse sido evoluída e a condensação tivesse aperfeiçoado os sóis individuais até ao grau de apresentarem forma.

Durante todo o tempo desde o início do movimento para fora dos primeiros centros até que toda a matéria do último sol da formação o tivesse deixado, houve uma emanação constante de matéria do sol central a partir de pontos variando em número, de seis a centenas; — correntes de luz raríssima que, para o observador, não transmitiriam ideia de forma, de ordem, de lei; contudo estas correntes — esta matéria rara que as compunha, era tão obediente à lei das forças atrativas e repulsivas na sua natureza volátil, como o é a matéria de um sol condensado; o qual, com movimento regulado, realiza as suas revoluções periódicas em torno de um centro. Nenhuma matéria se perdia; cada sol era poderoso para controlar a matéria da sua forma; conhecia a sua posição, realizava as suas revoluções orbitais em torno do centro em períodos de tempo prescritos; perturbado, desenvolvido, pelas forças descritas.

A condensação procedendo em todos os sóis desta formação, gradualmente, à medida que as eras avançavam, eles apresentavam a aparência de sóis; ou melhor, de cometas em vários estágios de condensação; desde a forma longa atenuada do cometa mais raro, até à forma esferoidal alongada do mais condensado. Sendo os sóis desta formação feitos da matéria exterior e mais rara de entre as que entram em formações, exceto a do estrato exterior, têm demorado mais a condensar-se do que os sóis de matéria densa evoluídos mais recentemente. Nenhum sol desta formação progrediu ainda para fora da condição cometária; embora períodos de eras por miríades incontáveis tenham decorrido desde que foi completada.

A condensação de matéria atómica rara procede com muito menos rapidez do que a da densa; isto explica a condição atual dos sóis da primeira formação, em comparação com os de evolução posterior; sendo estes de matéria mais densa do que os daquela formação.

Foi afirmado, em conexão com a delineação da lei de formação dos sóis, que estes, em conexão com todas as formas, desenvolveram simultaneamente órgãos positivos e negativos — formas. Foi também afirmado que o sol central evoluiu simultaneamente órgãos equilibradores na evolução dos primeiros seis. Isto significa que qualidades separadas de matéria do estrato que evoluiu isto foram desenvolvidas em formas separadas por esta exibição inferior da lei da formação.

A mesma lei mantém-se em todos os casos de evolução de formas; de desenvolvimento de centros pela força procriadora; sejam os órgãos formas separadas ou a combinação dos dois órgãos numa única forma. O desenvolvimento progressivo da matéria exibindo a lei de forma mais perfeita, a verdade torna-se aparente de que a combinação de dois órgãos simples num só que responderá a um propósito mais elevado do que os dois, é a exibição superior da lei estabelecida. O Homem foi citado como um exemplo da exibição perfeita desta lei.

Para ilustrar o princípio em consideração, tome o leitor como exemplo da combinação de órgãos equilibradores, o coração ou o cérebro do homem; cada um destes é um órgão inseparável; cada um combina tantos órgãos separados — formas equilibradoras da formação — quantas são os órgãos correspondentes cujas correntes vitais se centram neste órgão. Estes órgãos são representativos dos órgãos centrais de todas as formações inferiores; contudo, são representações perfeitas da união de órgãos numa única forma. O fígado é uma ilustração mais perfeita da união de órgãos equilibradores numa única forma, uma forma lateral, assim denominada.

Os dois lobos são os dois órgãos; eles são inseparáveis — constituem uma forma; estão ligados ao centro por um conjunto de correntes da mesma maneira que um sol da mesma combinação de órgãos está ligado ao seu centro. O equilíbrio do corpo com o centro é perfeitamente mantido pela posição dos órgãos dentro dele, correspondendo à posição de órgãos exteriores semelhantes. Assim acontece com um sol; o equilíbrio do sistema é mantido em referência a outro sol semelhante; enquanto o equilíbrio é adicionalmente mantido pela união dos dois órgãos numa única forma, o que é, em termos definidos, — a união de duas qualidades de matéria numa única forma; ao passo que em órgãos simples, assim denominados, qualidades separadas são incorporadas num único órgão.

O sol central, o coração da formação, por assim dizer, estava ligado a cada conjunto de órgãos da formação por correntes; tal como o coração do homem está ligado a cada conjunto de órgãos do seu corpo. Estas correntes eram positivas para os órgãos positivos, negativas para os negativos; positivas e negativas para aqueles órgãos que combinavam dois num só. Polos magnéticos e elétricos, assim denominados, cada sol possuía; estes eram os pontos opostos no corpo onde as correntes opostas entravam. Todos os órgãos que possuíam estes, fossem positivos ou negativos, todos eram recetáculos de fluido positivo e negativo.

As formas positivas, afinizando-se mais com a corrente positiva, extraíam um excesso desta; as negativas, afinizando-se mais com a negativa, extraíam um excesso desta; enquanto os órgãos positivos e negativos, afinizando-se igualmente com ambos, extraíam de cada um em igual proporção. Isto constitui a diferença dos sóis, tal como a dos órgãos correspondentes em formas separadas, e dos órgãos correspondentes na mesma forma.

O sol central, após a impregnação simultânea dos seis centros, como descrito, completou a primeira formação pela impregnação de um único átomo, a evolução de uma única forma de cada vez, da natureza descrita.

A delineação de princípios, a descrição de formas, de formações, não dá ao leitor uma conceção de uma formação. A inadequação da linguagem humana para expressar dimensões, extensão, no que se refere à esfera universal, ao sol central, aos sóis que este evoluiu, às esferas destes e das suas formações, torna a tarefa de instruir a mente quanto a estas difícil ao extremo. A mente, na sua primeira condição, pode compreender formas pequenas, espaços infinitesimais, por assim dizer; pode medir formas e espaços por milhas; contudo, nada pode compreender da infinitude.

Para além das formas intrinsecamente minúsculas do sistema solar, ela nada mede. Mede a vastidão, os espaços, por comparações; estas transmitem melhor à mente, na sua baixa condição, a realidade da vastidão, da extensão. A mente mediu o diâmetro das órbitas dos planetas exteriores do sistema solar — dos planetas exteriores descobertos. Estas medem-se por milhares de milhões de milhas. Tomando em consideração a verdade de que existem ainda planetas exteriores não descobertos deste sistema; também que o sol — o órgão central, é uma formação do estrato exterior do sistema, estrato esse em que nenhum planeta revolve e que excede em profundidade, de longe, qualquer outro estrato do sistema, a mente pode conceber algo da vastidão deste minúsculo sistema. Esta esfera é a evolução de um sol de segunda ordem; ou de um sol evoluído por um sol evoluído diretamente pelo sol central.

É um sol de terceira ordem, o descendente de um progenitor cujas evoluções — descendência, se contam por milhares; cada uma das quais é uma esfera comparando-se com a sua esfera como as esferas dos planetas do sistema solar se comparam entre si, na ordem das suas formações; algumas vastamente maiores do que a esfera do sol, algumas muito menores; mas cada formação consistindo em muitos sóis de tamanho comparativamente igual. A esfera que contém todos estes é irmã de centenas de milhares de esferas comparando-se umas com as outras como as da formação interior descrita. Estas são as esferas — sóis, evoluídas por um sol de uma formação do sol central; destas existem milhões numa formação, de tamanho relativamente igual, excetuando as seis primeiras formas, que são imensamente maiores do que as outras da formação.

Das formações, onze é o número a ser evoluído pelo sol central, cada uma composta por milhões de sóis. O estrato exterior do universo é de extensão muito mais vasta do que qualquer estrato que evolua formações dentro dele; contudo, não contém formas. Interiormente à décima primeira formação, existe espaço suficiente para o desenvolvimento destas fora da esfera individual de força repulsiva do sol central. Uma medida do universo! A mente detém-se antes de deixar o sistema solar, cuja extensão falhou em medir! O que se segue a isto não são mais do que palavras — linguagem expressiva da verdade, contudo incompreensível para a mente na sua baixa condição. Deixe a mente estudar esta linguagem, estas verdades; pois chegará o dia em que medirá a sua morada, o universo, mais prontamente do que agora mede a sua morada, a Terra.

Se a mente falha em compreender a dimensão — extensão de espaço; também falha em compreender o tempo — extensão de períodos. Mede o tempo por momentos, por anos; mede a eternidade pela comparação de períodos infinitesimais com períodos infinitesimais; prescreve limites à eternidade de acordo com a sua capacidade de a medir. Mais uma vez, que o leitor compare; compare períodos compreendidos com períodos incompreensíveis; tal como comparou espaços compreendidos com espaços incompreensíveis. O homem mede o período histórico por milhares de anos; o período fabuloso ele confunde-o com este.

Que meça o período fabuloso por milhares de anos; o período não registado da história primitiva do homem por milhares de anos. Períodos geológicos ele não mede; que meça todo o período desde o desenvolvimento da Terra até à condição planetária até ao período do aparecimento do homem, por centenas de milhares de anos; do período do seu desenvolvimento até à condição de lava até à planetária, por milhares de milhões de anos; do período do seu desenvolvimento até à condição mercurial até à de lava, que meça quadruplicando o último; do período do seu desenvolvimento até à condição de vapor denso até à mercurial,

multiplicando o último período por dez; e do período da sua evolução a partir do sol até à condição de vapor denso, multiplicando o último período por setenta.

O período que medeia entre a evolução do sol e a da Terra, que o meça tomando todo o período de existência da Terra desde o período da sua evolução até à instituição da condição planetária. Aqui, que ele faça uma pausa; esforço vão! Períodos incompreensíveis! Eternidade infinita! Um único dia da vida infinita de Deus!

A ação formativa não cessou com a evolução da primeira formação do universo. Enquanto estavam a ser evoluídos os últimos sóis dessa formação, a ação procriadora impregnou outros átomos do mesmo estrato dentro do sol central que tinha evoluído os átomos centrais da formação exterior. Estes centros desenvolvidos atraíram átomos do estrato interior àquele que evoluíra a matéria da primeira formação — aquele onde o plano das órbitas dos sóis desta formação estava situado. Esta era a única matéria evoluída no universo afinizada com estes centros; ao mesmo tempo que era a única matéria do universo preparada para ser retida por centros; portanto, esta matéria foi atraída para estes centros.

Seis centros, tal como no caso da primeira formação, foram simultaneamente impregnados; seis sóis simultaneamente formados e evoluídos a partir do sol central; sendo os órgãos ou formas equilibradoras que inauguraram a segunda formação do universo. Seguindo-se à evolução destes, tal como no caso da primeira formação, deu-se a evolução de formas individuais, até que milhões foram evoluídas, completando esta formação. Estas, todas, eram mais vastas do que as formas correspondentes da primeira. Operando leis iguais na formação, na evolução, no desenvolvimento progressivo de todas as formações, operaram leis iguais no desenvolvimento do movimento orbital, na determinação das posições, relativas umas às outras, dos sóis desta formação; a posição desta formação relativa à primeira, tal como operaram na regulação dos movimentos e posições dos sóis da primeira formação, e a posição da própria formação relativa aos estratos e às forças perturbadoras contíguas.

A posição da segunda formação, tal como a da primeira, foi no estrato que evoluiu a matéria das suas formas, como já foi afirmado. Repelindo-os a força repulsiva parental a partir do sol central, a sua posição foi onde esta ação repulsiva cessou; ou, dentro do estrato que a desenvolveu; ou tudo, exceto aquilo que repeliu o último ou estrato interior de sóis da formação. Estes foram repelidos pela força repulsiva desenvolvida pela matéria evoluinte do estrato interior seguinte.

Da lei da formação e evolução dos sóis, e da estratificação das esferas, o leitor ganhará uma compreensão mais perfeita pelo que se segue. O estrato que evolui a matéria de uma formação é o estrato que conterá a formação.

A ação repulsiva desenvolvida pela matéria de qualquer estrato repelirá os sóis para esse estrato, exceto o seu substrato interior, e o substrato interior de sóis do estrato exterior seguinte, como acima afirmado. A lei que determinou que a matéria exterior deveria ser primeiro evoluída determinou a evolução dos estratos exteriores até que todos os estratos do universo tivessem, sucessivamente, evoluído formações. Todos os estratos do universo significam as grandes subdivisões deste, assim denominadas. Cada estrato está subdividido, de acordo com as qualidades da matéria de que é composto; estas qualidades, contudo, afinizam-se mais estreitamente no estrato que compõem do que com as qualidades correspondentes dos estratos contíguos.

As seis formas de cada grande formação, primeira e simultaneamente evoluídas, são de uma qualidade de matéria de um estrato — a qualidade central; ocupam posições centrais no estrato, como formas equilibradoras da formação.

As qualidades de matéria de um estrato são três; qualidades essas que se dividem em graus; sendo cada qualidade de quatro graus. Esta subdivisão de um estrato constitui doze estratos menores em cada grande estrato. Estas três qualidades são as três qualidades de condição elétrica, assim denominadas, em que a matéria está dividida — a positiva e negativa, positiva, negativa. Todos os graus de matéria, desde o grande grau que constitui toda a matéria evoluída do universo até à subdivisão mais minuciosa deste grau; todos os corpos, desde o sol central até ao átomo minúsculo, são constituídos por estas três qualidades de matéria.

O método da natureza é divisão e subdivisão; Mais uma vez divisão e subdivisão; contudo, prevalece uma ordem perfeita quanto ao método de assim dividir e subdividir a matéria das formas e dos estratos. A esfera universal — a grande forma, é de três qualidades de matéria; sendo a qualidade central, ou mais elevada, de matéria positiva e negativa — a qualidade mais elevada; a matéria exterior, ou mais não desenvolvida, sendo negativa — a qualidade mais baixa; a intermédia, sendo positiva — a qualidade intermédia. Este arranjo das três qualidades de matéria do universo é um arranjo; havendo outros arranjos destas qualidades para se adequarem às condições da matéria relativas à posição e qualidade elétrica; adequando-se o primeiro arranjo à condição desta matéria relativa à densidade ou qualidade inerente. A matéria interior, sendo mais densa, é mais desenvolvida; e portanto, num sentido, é matéria positiva e negativa; enquanto a matéria exterior, sendo mais rara, é, no mesmo sentido, mais não

desenvolvida — no mesmo sentido, matéria negativa; enquanto a intermédia é, no mesmo sentido, matéria positiva.

Mais uma vez: A matéria exterior, possuindo a vantagem da posição de toda a outra matéria do universo, é a primeira a ser evoluída; neste sentido, é matéria positiva e negativa; no mesmo sentido relativo, a matéria intermédia é positiva e a interior negativa. Mais uma vez: A matéria central — denominada central de uma esfera, comparando as divisões de uma esfera com as de um estrato — o que significa que situada centralmente em relação ao interior e à circunferência da esfera, é matéria positiva e negativa; de qualidade elétrica mais elevada, ou no sentido de que a sua função é equilibrar a circulação dos fluidos elétricos por toda a esfera.

Embora os estratos das esferas, por circunstâncias de posição e

qualidade inerente da matéria, sejam assim arranjados relativamente quanto às suas qualidades de matéria, existe apenas um arranjo destas qualidades em estratos ou subdivisões de estratos, que é o terceiro arranjo acima mencionado. Positivo e negativo, usados como termos relativos, são assim usados por falta de termos na linguagem para expressar os métodos da natureza, os princípios de ação; são termos absolutos aplicados aos princípios vitais inerentes da natureza — as forças elétricas.

Positivo é positivo, sempre; significando uma qualidade do fluido elétrico; enquanto negativo é negativo, sempre; significando uma qualidade do fluido elétrico; enquanto a união perfeita destas duas qualidades deste fluido é a garantia do desenvolvimento — o progresso. Relativamente usados, estes termos significam graus comparativos de qualificação de forças, ou matéria, e posição relativa; como de corpos ou estratos.

Deus é Positivo e Negativo — Masculino e Feminino. Como dois princípios, o Fluido Elétrico que constitui a Essência Divina atua; — como efeito da operação de dois princípios, toda a ação é exibida através da matéria. Os princípios masculino e feminino, operantes na eliminação de toda a forma, atuam como forças iguais no ato de impregnar átomos centrais ou germes — atuam como forças atrativas e repulsivas; portanto, é uma verdade estabelecida que o fluido elétrico é dois princípios pela natureza do método de ação das suas duas partes componentes; sendo um princípio, no sentido de que nenhuma ação resulta senão da cooperação das duas partes componentes.

Este método de ação é o método do Ser de Deus. Deus é Toda a Matéria, Todo o Espírito — Toda a Matéria Baixa, Toda a Alta. O Seu método de Ser é que os graus atuem uns sobre os outros; — que a substância física atue com a substância espiritual para perpetuar a ação — o ser, em toda a natureza. É a ação

mais elevada possível, gerada pelos dois graus, denominados alto e baixo, ou espiritual e físico, que constitui a Mente de Deus — a Mente Inteligente do universo. A ação do físico com o espiritual é a ação da força dual; — é o intercâmbio dos princípios positivo e negativo que constituem os elementos componentes da força dual, intercâmbio esse que institui toda a ação — toda a formação.

Correspondendo a todos os graus de substância física, existem graus de espiritual; e é a ação igual da força de graus correspondentes destes uns sobre os outros que é a força impregnadora. O espiritual atua através do físico; isto significa que as essências espirituais opostas ao físico são postas em contacto com o físico através de formas físicas — formas espiritualizadas ao maior grau possível do grau a que pertencem. Assim: A forma feminina representa a essência espiritual cooperante com a física, que é exibida através da forma masculina no homem e em todas as ordens da criação animal; enquanto nas ordens inferiores, esta essência é exibida através da matéria sob o mesmo princípio, — através de formas espiritualizadas ao maior grau possível, do grau a que pertencem.

Pode ocorrer confusão quanto à aplicação relativa dos termos positivo e negativo, a menos que o leitor seja particularmente instruído no uso destes termos e na sua aplicação relativa às forças espirituais e físicas, em planos espirituais e físicos, assim denominados. As qualidades elétricas da matéria derivadas da posição em esferas estratificadas ou formas físicas superiores são qualidades estritamente relativas, no sentido de que positivo e negativo são aplicados como denominações da qualidade da força física exercida pela matéria nestas diferentes posições.

A significação relativa destes termos no plano físico determina sempre o positivo como a força física mais forte, o negativo como a mais fraca. O físico atua sobre o físico para a instituição de toda a forma, no sentido em que o espiritual atua através do físico, como acima explicado; portanto, toda a ação na natureza física é ação relativa positiva e negativa, ou do mais forte com o mais fraco. É a desigualdade aparente destas duas forças que origina toda a ação, toda a formação na natureza; pois a força espiritual só pode atuar através de formas de matéria qualificadas como formas espiritualizadas. Estas formas são necessariamente um grau inferior de forma física, no sentido de serem mais fracas — menos capazes de exercer força física; portanto, por necessidade, são as formas ou forças físicas positivas e negativas não equilibradas. Isto aparecerá à medida que forem dadas ilustrações da ação das duas forças na natureza física.

Positivo e negativo, a partir da significação intrínseca dos termos, são aplicados a qualidades de ação de matéria de estratos de esferas nas suas posições e funções relativas na esfera; também às qualidades de ação ou força exercidas pelos corpos — todas as formas físicas, uns sobre os outros. O corpo ou força mais forte é o positivo, o mais fraco o negativo, de acordo com a significação intrínseca dos termos.

Tal como é a significação intrínseca destes termos no plano físico, assim o é no espiritual; o mais forte é o positivo, o mais fraco a força negativa. Como toda a ação na matéria é, num sentido, ação espiritual, ou como a matéria bruta só é movida pelo poder das forças vitais espirituais ou internas, o espiritual é, na realidade, a força positiva. A significação absoluta destes termos é, portanto, a sua significação no plano espiritual; e nesse sentido serão usados na exposição seguinte.

Deus é Positivo e Negativo. Desde a eternidade, Deus atuou como Positivo e Negativo; — desde a eternidade, toda a ação na matéria foi induzida pela ação da Força Elétrica Positiva e Negativa.

O movimento atómico, desde a eternidade, foi induzido pela ação igual do princípio elétrico positivo e negativo, que permeava a matéria como o Princípio da Alma Deífica; movimento esse que instituiu toda a ação na matéria. O movimento atómico, como aqui denotado, significa todo o movimento, toda a ação da matéria.

O princípio elétrico da natureza, ou força elétrica, significa eletricidade — todos os graus desta substância, desde o alto Positivo e Negativo que constitui a Essência de Deus até à forma mais baixa que constitui a matéria primeva não evoluída. Os graus de força elétrica são tão infinitos em número como os graus de matéria. Isto significa que cada grau de matéria elimina um grau de fluido, denominado elétrico, de natureza relativa mais elevada do que a chamada matéria em si; a qual é, ela própria, um grau do fluido.

A última proposição parece incompreensível para a mente; contudo, perante a análise do método da natureza de evoluir a matéria, prova-se que é apenas a acumulação de átomos de fluido inapreciável que constitui a substância física; e também perante a análise do método de condensação da matéria cometária, o método de evolução de matéria superior a partir da inferior, prova-se que todos os graus de matéria resultam da acumulação de átomos de fluido elétrico — um fluido ou substância eliminada pela ação atómica de graus inferiores.

Toda a ação é atómica; todo o movimento resulta da ação atómica. Deus instituiu o movimento na abertura do presente ciclo composto de ação, como foi afirmado, por meio da Força Elétrica Deífica; meio esse que atuou sobre as

forças vitais da natureza para instituir esta ação. Diferentes denominações são dadas aos dois grandes graus de força elétrica, pela natureza da ação destes graus, e para manter diante da mente a correspondência da ação dos dois graus com os processos conhecidos da natureza, aqueles que o homem observa na sua vida diária — no seu próprio método de existência.

Tendo resultado a decomposição de todas as formas e a reabsorção dos elementos primordiais no final de um ciclo composto de repouso, a ação desperta na matéria, por assim dizer; a noite eterna da morte terminou; o movimento, que estava latente na matéria, é retomado. De onde vem esta ação — esta renovação do movimento?

Aparentemente, um vasto abismo — um oceano imensurável e insondável, separava o universo da matéria não desenvolvida daquele da desenvolvida; — separava Deus — o espírito residente, do exterior da natureza. Por que princípio deveria este abismo insondável ser transposto; qual era o elo que ligava Deus à Sua Organização Física?

O movimento é eterno durante aquele período incompreensível e eterno de períodos eternos de repouso; o movimento não tinha cessado. A ação atómica do grau mais baixo da Força Elétrica Deífica com a elétrica física, como a força inferior é denominada, tinha continuado; e foi a partir do efeito deste movimento que as forças da natureza física foram equilibradas ao grau de que a ação formativa pudesse começar na matéria.

De eternidade em eternidade, Deus era, é, e será. Eternamente, o Seu modo de existência é o mesmo; e aquele que sondar o Ser de Deus determinará quando, e como, a Força Elétrica Deífica se originou pela primeira vez; e quando, e como, a força elétrica física se originou pela primeira vez; uma é coexistente com a outra, e ambas coexistentes com Deus. O método de existência de Deus, como a mente desenvolvida compreende ao estudar os processos da natureza, é pelo intercâmbio de princípios positivos e negativos, ou espirituais e físicos.

Ele existe como o Princípio Inteligente do universo — uma Mente Organizada, por virtude da Sua ligação com o exterior da natureza — o físico; tal como o homem existe como uma inteligência organizada, ou mente, por virtude da sua ligação com uma organização física, ou um exterior. Deus é uma Trindade; os princípios que constituem esta Trindade sendo a Mente Deífica, ou a Inteligência Organizada do universo; o Princípio da Alma Deífica, ou as Forças Vitais da Natureza; de outro modo termo força elétrica física; e o Corpo Deífico, ou matéria bruta, através do qual as forças superiores atuam. Em exata correspondência com a Divina Trindade está a humana; o homem é uma trindade; os princípios que a constituem são o seu princípio inteligente, ou mente;

termo o seu espírito; o seu princípio da alma, ou as essências espirituais que permeiam a sua forma física, o que a constitui como uma forma viva; e o seu corpo, ou organização física.

Tal como o homem não é homem se faltar qualquer princípio desta trindade, assim Deus não é Deus se faltar qualquer princípio da Divina Trindade; e tal como o homem não pode existir sem o intercâmbio perpétuo de positivo e negativo — espiritual e físico, através do meio da sua organização — os três princípios que o constituem como uma trindade; assim Deus não pode existir sem este intercâmbio efetuado através do meio da Sua Organização — os três princípios que O constituem como uma Trindade.

Deus é autoexistente, enquanto o homem está dependente da natureza fora da sua própria organização para a existência. Este facto não destrói a analogia existente entre o método de existência de Deus e do homem inferior; antes reforça esta analogia. O homem extrai da natureza física elementos para sustentar a sua forma física, para cooperar com o elemento positivo para a manufatura da substância física que constitui essa forma.

Ele extrai da sua forma física elementos pelos quais sustenta o seu princípio da alma — elementos para combinar com um positivo superior para a manufatura da substância espiritual que compõe o seu princípio da alma. Ele extrai do seu princípio da alma elementos para sustentar o seu princípio espiritual ou mente — elementos para combinar com um positivo ainda mais elevado para a manufatura do seu princípio espiritual.

A essência espiritual germinal do homem, assim denominada, é o positivo mais elevado abaixo daquele que entra na constituição da Essência Deífica; são átomos de espírito positivo emanando da Essência Divina como um grau de substância inferior repelida de uma superior, grau esse que é graduado; existindo um número infinito de graus deste, como existe um número infinito de graus de substância formando as esferas de força de corpos ou átomos. Esta essência germinal, combinando-se com o negativo mais elevado eliminado pela organização física do homem através do meio do seu princípio da alma, constitui a mente organizada.

O negativo que se combina com este positivo é essencialmente físico, caso contrário a combinação não poderia ocorrer — a organização não poderia existir; contudo, a combinação deste alto negativo com este alto positivo constitui uma substância essencialmente positiva; e um alto positivo. É a união de elementos químicos, elementos esses que perdem a sua individualidade ao combinarem-se; tal como o negativo é alterado na sua natureza, assim o é o positivo, e o composto resultante da sua combinação afiniza-se com um plano intermédio

entre aquele que afiniza com o positivo e aquele que afiniza com o negativo. Este negativo é um fluido elétrico eliminado do magnetismo animal, e é o negativo mais elevado na natureza, exceto aquele que entra na organização da Mente Deífica; tal como a essência espiritual germinal é o positivo mais elevado, exceto aquele que entra na constituição da Mente Deífica.

O positivo que se combina com o negativo para a formação do princípio da alma é um alto positivo; contudo, infinitamente inferior àquele grau que entra na composição da mente. É uma emanação de um grau semelhante de matéria, ou de substância da alma numa alta esfera espiritual; tal como o positivo superior que entra na constituição da mente é uma emanação de um grau semelhante de substância — da substância da mente.

O negativo que se combina com este positivo é também essencialmente físico, e físico inferior àquele que entra na constituição da mente; este negativo é o magnetismo animal. O resultado da combinação deste grau de positivo e negativo é um composto de um grau intermédio — é essencialmente uma substância positiva. O positivo que entra na constituição da organização física do homem é um elemento eliminado de um grau semelhante de substância, ou o exterior do homem na primeira esfera espiritual; o negativo é substância bruta; como alimento, elementos atmosféricos, etc. O composto é de um grau intermédio entre o positivo e o negativo, e é substância física.

Diz-se que um positivo e um negativo que se combinam pela ação perfeita da lei são do mesmo grau, conforme os termos são usados; embora o negativo esteja separado do positivo por muitos graus reais de substância. Positivo e negativo de diferentes graus irão, contudo, combinar-se para a instituição da forma pela ação não desenvolvida da lei, como aparecerá; resultando tal combinação sempre em formas imperfeitas.

O homem morre; a decomposição do seu físico resulta da cessação da manufatura do magnetismo animal — o negativo que entra na constituição do princípio da alma; negativo esse que é o elo que liga o seu físico à sua estrutura da alma, e através de cuja agência a inteligência e o movimento são exibidos. Cessando o fornecimento de magnetismo animal, a rutura é imediatamente efetuada entre a estrutura física e a da alma. Isto é a morte.

A morte não é a separação do princípio da alma do espírito; não é a desorganização da estrutura da alma; embora o fornecimento de magnetismo animal tenha cessado pela separação da estrutura física da alma. No momento em que esta separação ocorre, a estrutura da alma, no seu esforço para extrair o seu fornecimento habitual deste elemento, extrai do elemento positivo que entra na constituição da substância física do grau que forma o alimento do homem, e

sobre isto, ela doravante existe; tal como o corpo tinha existido sobre o alimento — os elementos físicos.

Chegado a um plano espiritual, a manufatura do fluido magnético, que é o negativo — o elo que liga o princípio da alma ao espírito, continua a ser fornecida por ação correspondente àquela que fornecia o negativo inferior, ou o magnetismo animal, no plano físico.

A alma é agora constituída como o exterior deste ser espiritual, e o espírito como a alma; enquanto um germe espiritual de grau mais elevado, constituindo o princípio inteligente interior deste homem espiritual, é organizado pela ação da mesma lei pela qual o espírito do homem é primeiro organizado. É de um do número infinito de graus que formam o grau de positivo que entra na constituição da mente do homem, que é fornecida a essência espiritual germinal que entra na constituição do espírito do homem à medida que este passa pelos infinitos graus do ser. Este ramo do assunto não será particularmente tratado neste volume; estas poucas explicações são consideradas necessárias para uma compreensão do assunto particularmente sob consideração.

Deus formou o homem "à Sua própria imagem", enfaticamente; na medida em que este existe pelo mesmo método pelo qual Deus existe — é autoexistente no sentido de que a natureza da sua organização é tal que é indestrutível; — que a reorganização do espiritual interior sucede à decomposição do exterior através de todos os graus ou esferas pelos quais o homem passa na sua jornada progressiva através da eternidade. O intercâmbio é o método da sua existência; intercâmbio de positivo com negativo, espiritual com físico. Deus existe pelo intercâmbio de positivo e negativo — espiritual e físico. A Mente Organizada do Universo — o Positivo Mais Elevado, é constituída por positivo de grau inferior em combinação com negativo de grau inferior, em proporções perfeitas.

A natureza de um composto, como de alta ou baixa qualidade, depende da qualidade das proporções que entram nesse composto; ou, o que significa o mesmo, da natureza dos elementos que entram na sua constituição. Os elementos são termo de baixo grau quando as suas partes componentes estão imperfeitamente combinadas pela falta de proporções devidas de alguns elementos que entram na constituição destes; ou por falta de elementos, em qualquer proporção, na sua constituição. Proporções perfeitas de positivo e negativo, neste caso, significam proporções perfeitas de todos os elementos da natureza — tais proporções destes que, quando combinadas, resultam numa união perfeita. Proporções de agentes químicos unem-se apenas quando são proporções adequadas; proporções adequadas nem sempre são proporções perfeitas, portanto, nem todas as formas são formas perfeitas. Um composto

químico, o que toda a forma propriamente é, decompõe-se quando alguma força atrativa de um elemento não contido nele, ou de uma proporção de um elemento não contido nele, lhe é aplicada; assim: o ar atmosférico é composto apenas por certas proporções dos elementos; combinações de diferentes proporções dos mesmos elementos podem atrair proporções deste composto, causando a sua decomposição.

Mais uma vez: um composto de grau inferior que não só carece de proporções de elementos, mas carece de elementos, ao entrar em contacto com a força atrativa de um elemento superior, a decomposição resulta da falta da proporção, ou de um elemento na sua constituição.

O ciclo eterno da Vida Deífica resulta do método dessa Vida — a natureza da Organização Deífica, que significa a estrutura do universo. O universo é uma organização perfeita; portanto, eternamente existente. Sendo a natureza de Deus perfeita — por outras palavras: sendo Ele um composto perfeito, a decomposição da Sua forma, como do físico, princípio da alma ou espírito, não pode resultar. A ação, portanto, das forças da Organização Deífica umas sobre as outras é eternamente inevitável.

Uma forma perfeita; — o que significa isto? Autoexistente, autossustentada; — o que significa isto? Significa uma forma autofornecedora; de modo que, enquanto todas as formas inferiores estão dependentes para fornecimento de toda a natureza suficiente, a forma perfeita é ela própria a fonte do seu fornecimento. Este enigma oferecerá a sua própria solução à medida que o assunto da Ação Elétrica Deífica for elucidado.

O estudo, pelo homem, do seu próprio organismo, do seu método de ação elétrica, dar-lhe-á o conhecimento de como Deus é autoexistente; como a eternidade sucede à eternidade em ciclos eternos.

A ação estava latente na matéria; ação essa que era induzida pela influência atrativa e repulsiva da Força Elétrica Deífica sobre ela, Força essa que a permeava, tal como as forças magnéticas da forma física do homem permeiam essa forma. Era o elo, como foi antes afirmado, que ligava a Mente Deífica ao princípio da alma Deífica, tal como o fluido magnético superior da forma do homem é o elo que liga a sua mente — o seu princípio inteligente, ao seu princípio da alma. “Deus é tudo, e está em tudo.” A matéria está em toda a parte; em toda a parte a ação induz a formação na matéria; em toda a parte a inteligência é exibida no método desta formação; — no plano evidente que a instituiu e a leva por diante até à obtenção do fim em vista.

O homem raciocina analogicamente, inevitavelmente; ele observa, tira conclusões da observação. Ao descobrir uma máquina intrincadamente

construída, uma máquina perfeita em tudo o que lhe pertence, ele não hesita em acreditar que a inteligência guiou a mão que a construiu, tendo-a planeado primeiro. A sua própria inteligência impele-o a esta crença. Ao contemplar a ação da natureza, ao estudar as suas leis e métodos de desenvolvimento — processos, desde a primeira instituição de formas até ao presente, e ao observar que o método era o plano, que o movimento era o método, que a ação era a construção.

Que o plano, o método e a ação induziram o desenvolvimento da matéria mais bruta até ao homem espiritual; que o intercâmbio mútuo do espiritual e físico, físico e espiritual, desde o princípio, induziu a espiritualização de toda a matéria, de todas as formas; deu forma física ao espírito, de modo que, num sentido, todas as formas estão "à imagem de Deus", sendo espirituais e físicas; que o homem — a primeira forma desenvolvida que incorpora inteligência, está acima de todas as outras formas desenvolvidas, sendo tão constituído que a desorganização do seu espiritual germinal é impossível, que ele é, portanto, constituído como o elo magnético que liga a matéria a Deus — o Fluido Elétrico, propriamente termo, que liga a natureza física ao Princípio Divino, correspondendo às duas qualidades de fluido magnético geradas na organização do homem, denominadas magnetismo animal de grau superior e inferior, que liga o seu físico à sua estrutura da alma, esta ao seu espírito; e ao observar ele que, pelos processos de desenvolvimento instituídos, eternamente o homem deve resultar destes processos, é levado à conclusão irresistível de que a sabedoria Omnisciente planeou o que o poder Omnipotente pôde executar. Ele saberá que Deus é autoexistente, sem princípio de dias nem fim de vida; que Ele é Deus, bendito para todo o sempre.

As forças atrativas e repulsivas da Força Elétrica Deífica sobre a matéria, como observado, induziram o desenvolvimento. A ação atómica esteve latente durante a maior parte do ciclo composto de repouso que precedeu o de ação, desde a eternidade. Tendo-se seguido a decomposição total dos elementos desenvolvidos a partir da ação da natureza determinando a decomposição, todo o movimento na matéria ficou doravante latente; ou até que esta ação, assim chamada, latente, tivesse equilibrado as forças elétricas latentes na matéria; — até que o positivo e o negativo fossem Mais uma vez forças iguais na matéria universal.

A evolução do espírito — a mente inteligente, termo espírito positivo, necessitara a perda para o universo físico de uma quantidade de força positiva (como aparecerá em futura conexão); isto garantira a desorganização, e era prerrogativa de natureza-Deus suprir esta perda para a natureza física por este método de ação prescrito.

O intercâmbio de elementos atómicos do espiritual e físico, durante as eternidades do ciclo composto que sucedeu à total desorganização dos elementos, garantiu a restauração do equilíbrio que tinha sido assim perdido. O desenvolvimento físico foi garantido pela restauração deste equilíbrio. Para ilustrar: — A correspondência é o método da natureza; os períodos mais longos de repouso da natureza correspondem aos seus períodos mais curtos; os períodos e a condição de repouso do homem correspondem aos períodos e à condição de repouso da natureza. Um solo torna-se exausto pela produção de sucessivas colheitas; chega-se a uma condição desse solo, por cultivo imprudente do mesmo, em que ele nada produzirá de valor. Excluindo os métodos melhorados de renovar esse solo, deixe que o método primitivo da natureza — o do repouso, ilustre o assunto.

Anos decorrerão antes que esse solo seja regenerado pelas forças exercidas sobre ele pela natureza sem auxílio; ele deve primeiro decompor o seu remanescente de elementos; os seus elementos e forças exaustos devem ser supridos pela natureza circundante, onde há abundância para este suprimento; e embora o tempo seja requisito para induzir a reorganização de elementos de solo perfeitos a partir destes remanescentes imperfeitos de elementos e das proporções que são supridas pela natureza sem auxílio, contudo o tempo é certo para regenerar esse solo; os elementos desenvolvidos da natureza ser-lhe-ão atraídos, por mais degenerado que ele possa estar.

Tal como no caso do universo de matéria desorganizado, ele extrairá da fonte de suprimento que nunca falha o elemento ou elementos necessários para induzir a restauração perfeita à condição média do solo na sua localidade; sendo o período necessário para a realização disto de acordo com as circunstâncias; como a profundidade da degradação do solo, a condição elétrica dos elementos durante o período da sua regeneração. Pela ação atómica dos fluidos elétricos da natureza circundante com o fluido elétrico do solo, um novo elemento ou proporção é incorporado na constituição deste solo, e ele atua Mais uma vez como um solo qualificado.

Mais uma vez: o homem dorme; a ação induziu o cansaço, necessitou o repouso; a exaustão do fluido elétrico físico pelo exercício do cérebro e do músculo, neste caso, necessita o repouso da matéria. O sono é irmão da morte; a natureza exausta, sem recorrer à decomposição, obtém da natureza a quantidade necessária de força física para restaurar o equilíbrio cortando uma porção do fornecimento, por assim dizer, do fluido que liga o princípio da alma ao espírito.

A interrupção parcial deste fornecimento induz a cessação do pensamento e, consequentemente, da ação; ou cessação suficiente destes para causar a cessação

da ação muscular, e consequente cessação de posterior exaustão da força física. Isto é necessário antes que a estimulação da força física possa resultar — antes que o elemento necessário, ou proporção desta força, perdido da forma, possa ser restaurado a ela. A ação atómica das forças magnéticas físicas e espirituais na organização durante o período de inconsciência restaura a proporção perdida ao físico; proporção essa que é organizada a partir do positivo e negativo, e é uma força física ou ponderável.

Uma interrupção parcial deste fornecimento do fluido magnético superior é induzida pela cessação da ação da mente no esforço de induzir o sono; cessando a força atrativa de ser exercida, mutuamente, pelo cérebro espiritual e pelo da alma. A inconsciência é apenas parcial no caso do sono mais profundo, dado que este fornecimento não cessa, não pode cessar inteiramente, sem a decomposição do cérebro da alma; a ação parcial continua entre estes dois cérebros mesmo durante o processo chamado morte; — enquanto a separação completa está a ser efetuada entre o cérebro físico e o da alma pela decomposição do físico.

A correspondência é perfeita, no sentido mais pleno, entre este caso citado e aquele sob consideração. O elemento espiritual na natureza do homem durante o sono atua sobre o físico precisamente como a Mente Deífica atua sobre o Corpo Deífico, através do meio da Força Elétrica Deífica sobre o fluido elétrico bruto latente na matéria; precisamente o mesmo resultado é efetuado por esta ação — a restauração do equilíbrio das forças da mente, da alma e do físico.

Se o corpo se cansa, a mente cansa-se; se há uma perda de equilíbrio no universo físico, há também no espiritual; se esta perda é suprida ao universo físico, é-o também ao espiritual; e pelo mesmo processo que a supre ao físico. O intercâmbio é o método; o físico do homem extrai a força positiva física, do espírito — a mente — de que necessita; (força essa que é positiva no plano físico), enquanto o seu espírito extrai do positivo espiritual a partir do físico para suprir a sua perda; (força essa que é negativa no plano físico).

O corpo esgota-se mais cedo; assim, a energia de um sistema desgastá-lo-á, como se diz; o corpo decai enquanto a alma vive; não sendo o equilíbrio perfeito das suas forças elétricas — o seu positivo e negativo brutos — perfeitamente restaurado pelo repouso após a maturidade — após o homem se tornar um ser que age e pensa.

A velhice chega prematuramente ao homem pensante cujo físico é imperfeitamente constituído; enquanto o que não pensa, sendo fisicamente bem constituído, sendo todas as outras circunstâncias favoráveis, viverá até uma idade sem precedentes; e, como a natureza planeou, o homem pensante fisicamente bem constituído vive os seus "setenta anos".

A maturidade marca o período no homem que medeia entre a juventude e a velhice; o único período na sua existência física em que se pode dizer propriamente que o positivo e o negativo estão em equilíbrio. Durante o período da juventude, há um excesso do positivo (físico) manufaturado e consumido pelo sistema; durante a velhice, um excesso do negativo (físico) manufaturado e consumido pelo sistema; durante o período da virilidade, o homem perfeito, ao preservar o equilíbrio do pensamento e da ação física, preserva o equilíbrio destas duas forças inerentes da sua natureza. O magnetismo animal do grau inferior é este positivo — o positivo mais elevado da organização humana; o negativo do sistema correspondente a este é o magnetismo do pensamento.

A justiça dos arranjos da natureza é exibida no seu método de desenvolver o homem. A manufatura de um excesso do elemento positivo impossibilita o pensamento ou a preocupação pela mente juvenil; o que, se fosse induzido por qualquer método nessa mente, causaria decadência e morte prematuras.

Durante o período da virilidade, as necessidades da família, as relações sociais, exigem que o homem seja um ser que age e que pensa; ao passo que ele é constituído como tal pela ação natural do seu sistema — a ação igual das duas grandes forças da natureza. A Natureza destina o homem a morrer; destina-o a um estado de existência superior; e, pelo seu método, induz a decadência, a desorganização final do sistema físico para este fim, pela destruição do equilíbrio destas forças.

A organização do homem deriva o seu suprimento da natureza circundante; sendo ela parte da Grande Organização Perfeita. Como parte, é dependente de outras partes; tal como um órgão do corpo do homem é dependente de outros órgãos. Como um todo, a organização do homem corresponde à Deífica nisto: que é autofornecedora na matéria da essência germinal da mente, a qual, por si só, constitui o homem — o ser imortal. É autofornecedora neste elemento; assim: —

O germe do homem significa o homem perfeito, ainda não desenvolvido, ainda por desdobrar; significa a essência do homem — os elementos, não proporcionados. O esforço da natureza, desde a primeira instituição da forma física do homem, é o de proporcionar devidamente estes elementos. Como é método de Deus agir através de um organismo, Ele fez com que fosse método do homem agir assim; como é método de Deus agir através de um organismo, não há outro método pelo qual agir; portanto, o homem age através de um organismo, exibe inteligência através de um organismo; contudo, através de um organismo ele não extrai aquilo que inerentemente possui — os elementos que o constituem

como homem; tal como Deus não extrai através de um organismo aquilo que Ele inerentemente possui — o que O constitui como Deus.

Pela ação induzida pela inteligência é ele apenas constituído como homem, no sentido verdadeiro; um idiota, embora possuindo a forma física, não é homem, porque não possui a qualidade inerente do homem — a inteligência. Pela ação induzida pela inteligência através de um organismo, Deus é constituído como Deus, no mesmo sentido. O homem não é Deus, porque os elementos do seu ser estão desproporcionados; — porque ele é um ser desenvolvido.

Diz-se que a mente deriva inteligência da natureza; isto significa, simplesmente, que a ação induzida da mente germinal pelo esforço do pensamento proporciona as qualidades — os elementos dessa mente. Assim: Através dos sentidos físicos o cérebro percebe; isto significa que o magnetismo de um objeto, como um objeto físico, ou o magnetismo do pensamento do cérebro de outro, entra através das vias do organismo e atua como matéria sobre o cérebro físico e, através deste, sobre o cérebro da alma; e através deste, sobre o cérebro espiritual, aqui termo espiritual germinal. Isto excita a ação desse cérebro, ação essa que gera o pensamento, a inteligência; sendo o próprio cérebro espiritual germinal a inteligência.

É pela ação desta mente — desta inteligência, sobre a esfera da mente do universo, que ela se desenvolve — torna-se devidamente proporcionada. A força atrativa exercida pelo espiritual germinal, ou mente, do homem sobre a esfera positiva da Mente Divina — aquela que supre a essência germinal, como antes descrito, extrai átomos desta essência daquela esfera para proporcionar a mente, ou para a reorganizar, à medida que passa de uma esfera de sabedoria para outra. Este ramo do assunto não será totalmente tratado nesta conexão, pois a sua consideração pertence propriamente a outro lugar.

No sentido verdadeiro, a mente não se pode desorganizar; ela adiciona gradualmente às suas proporções, até que se possa dizer que está reorganizada, no sentido de ser constituída por proporções inteiramente diferentes dos mesmos elementos; tal como a atmosfera adiciona gradualmente às suas proporções — sendo uma atmosfera planetária — até que seja constituída por proporções perfeitas, assim denominadas — até que seja tão diversa de uma atmosfera planetária não desenvolvida que seja termo uma organização diferente.

A mente nada extrai do homem mais bruto, exceto a ação; tal como Deus extrai ação do Seu Físico; portanto, ela é autoexistente; — não no sentido em que Deus é autoexistente; autossustentada — contudo não no sentido em que Deus é autossustentado.

Mas de onde vem o suprimento da essência de Deus de material para a raça do homem através da eternidade; e de onde vem o suprimento do físico a partir do qual a forma será eternamente desenvolvida?

O intercâmbio é perpetuamente o método do Organismo Deífico, pelo qual este se sustenta — produz e reproduz. O movimento atómico, instituído pela ação da Força Deífica sobre a matéria, após eternidades e ciclos de eternidades, consumou o propósito para o qual foi ordenado — a restituição do equilíbrio do positivo e negativo na matéria. Simultaneamente com a restauração deste equilíbrio, ocorreu a estimulação do movimento da matéria. Todos os centros, toda a matéria pertencente a todos os centros, foram estimulados pela restauração da proporção de positivo perdida para a natureza física.

As forças atrativas e repulsivas tornaram-se Mais uma vez iguais, portanto, a procriação pôde resultar da ação na matéria. Procriação — a estimulação do movimento de um átomo induzindo a formação, é a ação igual das forças atrativa e repulsiva sobre o átomo. A ação igual destas duas forças sobre um átomo, embora não induza mudança de posição do átomo como um todo, induz mudança de posição dos seus átomos; os átomos positivos são atraídos pela força atrativa ou positiva, os negativos pela repulsiva ou negativa; enquanto cada um é repelido pela força oposta; assim, o movimento atómico do átomo é avivado, enquanto nenhuma mudança de posição do átomo como um todo é possível, como é evidente; — operando forças iguais sobre um corpo a partir de direções opostas, nenhum movimento desse corpo é possível.

O positivo atrai, o negativo repele; esta é a natureza da ação das duas forças, ou dos dois membros da força única. Isto ocorre apenas como um efeito de uma dissimilaridade dos átomos que compõem as duas correntes do fluido que entram em contacto. Enquanto ocorre o intercâmbio real de átomos das duas correntes, a grande massa das duas correntes opostas repele-se mutuamente, sendo matéria dissimilar. É apenas quando a matéria é afinizada que se pode associar — apenas quando corpos ou átomos são afinizados que se podem associar; a grande lei da afinidade determinando que a matéria semelhante seja atraída, enquanto a dessemelhante seja repelida.

O princípio negativo da força dual, sendo uma força espiritualizada, atua como uma força mais fraca em contacto com um físico mais forte, ou uma corrente preponderante do físico, físico esse que é termo o positivo, sendo, nesse caso, o mais forte. A ação desigual do positivo e negativo, como assim ilustrada, causa o movimento — a estimulação do movimento dos átomos, movimentos de átomos e corpos para os centros, a partir dos centros, e em torno dos centros; enquanto o intercâmbio real efetuado pela cooperação das correntes, embora

desigual, determina a ação atómica que institui a forma nos átomos ou corpos assim atuados por esta ação desigual.

A ação positiva, ação negativa, como de corpos sobre outros corpos, átomos sobre outros átomos, como foi afirmado, é ação relativa mais forte e mais fraca. Um corpo atrai outro, sendo de matéria semelhante e fisicamente mais forte. Isto significa que o positivo preponderante, ou físico, do corpo positivo supera o espiritual mais fraco do corpo negativo e, em consequência, o corpo negativo é atraído para o positivo.

Neste caso, ocorre o intercâmbio real de positivo e negativo — físico e espiritual; contudo, sendo as forças forças não equilibradas, ou de diferentes graus, a grande massa do corpo negativo é atraída para o positivo. Corpos atraem corpos de graus diversos; correntes físicas atraem espirituais de graus diversos, caso contrário isto não poderia ser; dado que é a ação do físico sobre o espiritual, e do espiritual sobre o físico, que origina a força atrativa — todo o movimento.

Um corpo repele outro, sendo atuado por um negativo preponderante; — isto significa que a forma através da qual este negativo atua, sendo uma forma negativa, ou de grau inferior àquela através da qual o positivo oposto atua, mas sendo de um grau afinizável com aquela, uma corrente preponderante de espiritual — negativo, pode atuar através desta forma, e assim repelir o positivo. É assim que os sóis são repelidos dos centros; o negativo neste caso atua através de uma forma inferior

[Página 103] de matéria, contudo suficientemente afinizada com a forma positiva para atuar com ela; e atuando através de uma quantidade preponderante de matéria, é a força mais forte; o positivo é repelido.

A matéria, sendo dissimilar, repele; — isto apenas significa que o espiritual repele o físico, sendo dissimilar dele; e apenas repele tal parte deste que seja mais dissimilar, ou de um grau demasiado abaixo do seu próprio para se afinizar em qualquer grau com ele.

Toda a matéria está carregada com fluido elétrico, tanto físico como espiritual, e estes fluidos são de graus correspondentes em cada grau de matéria; portanto, à medida que os corpos são, pelas circunstâncias, trazidos sob a influência uns dos outros, eles atraem ou repelem de acordo com a quantidade e qualidade das correntes elétricas físicas e espirituais que permeiam os corpos.

Quando uma forma é instituída pela primeira vez num universo de matéria primeva, a força repulsiva — a negativa ou espiritual, atuando com a atrativa — a positiva ou física, para a instituição dessa forma, é a esfera atómica da mente individualizada que permeia a matéria. Tão desprovida de afinidade é esta esfera

com o físico baixo que ela permeia, que uma eternidade, ou ciclos de eternidades, apenas bastam para fazer com que se afinizem suficientemente para atuarem reciprocamente sobre um átomo para a sua impregnação.

Isto é realizado pelo efeito da ação atómica ao elicitar os átomos mais elevados possíveis do físico e os mais baixos possíveis do espiritual; estes atuam em conjunto para a estimulação do átomo central da esfera, sendo forças equilibradas. A ação continuada na matéria elicitando formas superiores do espiritual, uma segunda estimulação é efetuada num espaço de tempo mais curto do que o necessário para efetuar a primeira.

Assim, cada estimulação sucessiva é efetuada num período de tempo mais curto do que a anterior, até que a matéria chegue àquele estágio de desenvolvimento em que evolui o espírito; quando todo o movimento — todo o desenvolvimento, é avivado — estimulado pela ação de graus de espírito sobre graus afinizados de matéria, em períodos correspondentes aos períodos ocupados na evolução destes graus de espírito. Estimulações de movimento instituindo sóis das várias ordens, aquelas que introduzem eras, eras menores, — todas as eras de qualquer grau resultam da ação recíproca do positivo e negativo, o físico com o espiritual, de qualquer grau que esse espiritual seja, de acordo com a exposição acima. Todos os graus de espiritual são incessantemente operantes no universo do físico, de acordo com o seu poder sobre este físico; e assim, grau auxilia grau na estimulação da matéria, ao apressar os processos de desenvolvimento.

A estimulação periódica do movimento da matéria resulta das necessidades da natureza, causadas pela contínua perda parcial do equilíbrio das forças pelos graus em processo de desenvolvimento em ordem ascendente; assim: — O primeiro grau desenvolvido de matéria em desenvolvimento experiencia primeiro a perda de equilíbrio das suas forças inerentes; o seguinte desenvolvido, subsequente a este; e assim os vários graus na sua ordem de desenvolvimento. Como existem graus de graus — subdivisões de graus, estas estimulações devem suceder-se perpetuamente, para que as necessidades de todos os graus de matéria possam ser satisfeitas.

A ação é perpétua entre o físico e o espiritual na organização do homem; correspondentemente, é perpétua entre os princípios correspondentes da Organização Deífica. Contudo, a organização do homem tem as suas estações periódicas de repouso — a sua noite de sono; em perfeita correspondência, a Organização Deífica tem as suas estações periódicas de repouso — a sua noite de sono. Esta noite é o período em que a matéria se está a desorganizar, e aquele que sucede à sua desorganização — no qual não há ação, exceto a da Força Elétrica Deífica sobre a matéria desorganizada.

O que significa Força Elétrica Deífica? De acordo com a exposição acima, esta força é o homem espiritual organizado; ou a esfera atómica da mente que permeia o universo físico; e a ação induzida sobre a matéria bruta desde a eternidade, por todas as sucessivas estimulações de movimento instituindo ciclos compostos de ação, períodos de ação, etc., é induzida pela agência da Essência Deífica organizada existente no universo de Deus desde a eternidade, essência essa que são átomos do Fluido Elétrico que liga o Espírito de Deus ao Seu Corpo Físico.

Desta esfera atómica da mente — esta Essência Deífica organizada através da qual a Mente Deífica atua sobre a natureza física, como a mente no homem atua sobre, e através, do corpo do homem, é bom afirmar nesta conexão que uma compreensão do método desta ação, ou da sua natureza exata, não pode ser transmitida à mente sem primeiro retratar o método da existência espiritual; sem primeiro descrever a natureza das esferas sobre as quais habitam os seres espirituais dos vários graus, como segundo, terceiro, quarto, etc., e a natureza das transformações que ocorrem na matéria e na mente, assim denominadas, nas esferas. A consideração destes assuntos não pertence propriamente a este volume; portanto, nenhuma outra explicação da natureza ou método de ação da força acima nomeada será aqui dada.

Objetar-se-á a esta teoria que da matéria foi o homem desenvolvido — através da agência da matéria; portanto, o homem não poderia ter existido desde a eternidade; a existência da matéria bruta deve ter precedido a existência do homem; surge a pergunta: Como existiu a Organização Deífica sem o elo que liga as partes? Sendo a matéria bruta necessária ao desenvolvimento do homem, na economia da natureza, o homem é tão necessário ao desenvolvimento da matéria bruta. De onde vem o suprimento de matéria a partir da qual as formas são instituídas à medida que a eternidade sucede à eternidade, o ciclo sucede ao ciclo, o ciclo composto sucede ao ciclo composto num círculo perpétuo?

Responde-se Mais uma vez: o intercâmbio perpétuo na forma perfeita da Divindade supre perpetuamente todas as necessidades dessa forma — intercâmbio de positivo por negativo, negativo por positivo, conforme estas forças são exaustas pela ação no universo espiritual ou físico. Uma proporção perdida de espírito — positivo absoluto, é suprida por uma proporção de negativo; negativo esse que, ao combinar-se com o positivo, perde a sua natureza física — torna-se espiritual; sob o princípio, como antes explicado, de que os elementos perdem a sua individualidade ao combinarem-se para formar novos elementos. Uma proporção perdida de físico — negativo absoluto, é suprida por uma proporção de positivo, proporção essa que perde a sua natureza espiritual ao combinar-se com o físico, de acordo com o

princípio acima nomeado. É sob o princípio de que os elementos perdem a sua individualidade ao combinarem-se, que a ponderabilidade é desenvolvida à medida que o físico progride da sua forma vaporosa baixa para a planetária alta; e a imponderabilidade, à medida que o físico progride para o plano espiritual.

O positivo é perpetuamente suprido pelas perpétuas transformações de formas no universo espiritual, tal como o negativo o é pelas perpétuas transformações de formas no físico. Este intercâmbio — o método do intercâmbio, só pode ser totalmente ilustrado pela discussão completa do assunto do desenvolvimento universal — desenvolvimento nos planos físico e espiritual; portanto, o leitor colherá a verdade sobre este assunto — as evidências deste intercâmbio — à medida que o assunto for prosseguido neste e nos volumes seguintes.

O assunto da Existência Deífica e da imortalidade do homem será mais plenamente tratado no volume dedicado à análise do universo espiritual, por ser mais propriamente um dos assuntos ali a serem discutidos. Que o leitor se acautele de conclusões apressadas ao estudar estes assuntos, caso contrário poderá repetidamente ser compelido a reformar as suas opiniões — a estabelecer uma nova base. São assuntos sobre os quais os mais sábios tropeçam, e que os anos eternos da vida do homem apenas bastarão para assentar para a sua completa satisfação, como é evidente pela sua natureza.

Quando a lei tiver desenvolvido o homem do plano terreno para planos superiores de pensamento e razão, ele compreenderá o que está agora muito além do seu pensamento ou imaginação. Que ele examine pacientemente os amplos campos da ciência e da investigação, e colha verdades por este processo, as quais o auxiliarão a alcançar aquele plano onde poderá ter uma visão mais ampla do universo e do seu Divino Arquiteto do que é possível no seu plano atual.

Toda a ação na natureza é ação semelhante. Os graus do fluido elétrico atuam uns sobre os outros num sentido relativo positivo e negativo, de acordo com o grau, qualidade ou quantidade, em correspondência com a ação relativa do positivo e negativo, como explicado nas páginas anteriores. A eletricidade é de um número infinito de graus, cada grau superior atuando sobre cada um imediatamente inferior, e cada inferior sobre cada um imediatamente superior, para o seu desenvolvimento; sendo a reciprocidade o método; tal como o positivo sobre o negativo, e vice-versa; toda a ação de cada grau sendo o resultado da estimulação atómica efetuada pela ação recíproca do positivo e negativo.

A vegetação é desenvolvida pelo solo; o solo é enriquecido pela vegetação decomposta. Isto significa que a eletricidade bruta — ou elementos vitais do solo — se combina com outros elementos — eletricidade superior — para

desenvolver a vegetação; que a eletricidade superior — ou elementos vitais da vegetação — se combina com outros elementos — eletricidade mais bruta — para desenvolver o solo, e pela agência descrita do positivo e negativo.

Os adubos enriquecem os solos; o agricultor cuidadoso preserva todas as colheitas dos seus currais, redis e estábulos, sabendo que estas enriquecerão as pastagens, prados e terras de cultivo; ele compreende, se for observador dos efeitos de vários adubos sobre os solos, que tais adubos são mais ricos do que a vegetação decomposta — melhores regeneradores de solos.

O elemento elétrico gerado a partir destes adubos, se devidamente preservado, é o verdadeiro regenerador dos solos onde se produzem as ervas, os grãos — aquelas substâncias que alimentam o homem e aqueles animais de que ele subsiste, sendo de um grau mais elevado do que o eliminado pela vegetação decomposta, possuindo um elemento da natureza animal na sua constituição. Este elemento elétrico é o agente que estimula o solo pela agência do positivo e negativo. Este solo, entremeado pelos processos da natureza com o solo inferior, regenera este último. O elemento elétrico gerado por este solo superior estimula o inferior pela mesma agência, ao misturar-se com ele. O grau mais baixo do homem estimula o grau mais elevado da matéria abaixo do homem pelo elemento magnetismo animal, cuja ação sobre o grau seguinte inferior do fluido elétrico é precisamente a de um grau mais bruto sobre um abaixo dele.

Assim, graus de matéria estimulam graus de matéria; cada grau atuando sobre o seu próximo inferior. O método da Natureza é precisamente aquele seguido pelo sábio agricultor. Pelos seus processos, ela mistura substâncias superiores com inferiores — elementos superiores com solos, para que os graus adequados possam atuar uns sobre os outros, e assim auxiliem no desenvolvimento mútuo — o superior estimula o inferior, e o inferior auxilia a estimulação do superior.

As estimulações elétricas, como acima descritas, são apropriadamente termo estimulações físicas, ou estimulações pelo positivo físico, pois trata-se de uma mistura de elementos físicos superiores com inferiores, induzindo a evolução de elementos novos ou superiores a partir dos inferiores. Este é o princípio — o método pelo qual os átomos são evoluídos para a forma física apreciável; a mistura de um grau superior do fluido elétrico com um inferior, fluido superior esse que estimula o inferior a um maior grau de ação, o que induz a evolução.

O elemento elétrico superior misturando-se com o inferior, no caso da evolução do átomo central do universo, era um grau superior de átomos inapreciáveis de substância primeva; estes, atuando sobre os inferiores, estimularam-nos a uma maior ação e, consequentemente, à evolução de átomos

apreciáveis. Este princípio é o de um princípio positivo ou masculino de grau ou espécie superior atuando sobre um princípio negativo ou feminino de grau ou espécie inferior, efetuando a impregnação.

Um positivo físico de grau superior opera sobre um negativo físico de grau inferior para a instituição da forma, apenas através de dois graus; (não se significa aqui um negativo correspondente; mas um negativo correspondente a um positivo inferior). A operação desta lei pode ser observada nos efeitos da cópula de animais de espécies superior e inferior; como o macho superior com a fêmea inferior.

Um positivo físico de grau inferior atua sobre um negativo físico de grau superior através de muitos graus. Assim: as estimulações que efetuam a renovação da ação num universo no início de um período longo ou curto de ação, as sucessivas estimulações de matéria de diferentes graus que precedem a segunda estimulação, termo evolução para a forma física apreciável, são estimulações; ou, como se denomina, impregnações, resultantes da ação do positivo físico de grau inferior sobre o negativo de grau superior. Esta é a ação do físico inferior sobre o físico superior, sendo o inferior a força preponderante ou positiva.

Assim, todos os graus inferiores de substância física que constituem a matéria primeva atuam sobre o grau mais elevado, como sobre um negativo, para a primeira estimulação do movimento no universo da matéria primeva; o espiritual atuando através deste grau mais elevado, o qual, juntamente com o facto de ser a força física mais fraca, constitui, como o leitor compreende, este o negativo físico. Neste caso, existem absolutamente muitos graus intervenientes entre este positivo inferior e o negativo superior; dado que o físico atua através dos graus de matéria primeva que estão por evoluir — não estimulados pelos efeitos desta ação, enquanto o negativo atua através do grau mais elevado do grau evoluído, que é constituído por um número infinito de graus.

A ação desta lei é adicionalmente ilustrada pelas estimulações de ação que introduzem eras de todos os graus, como eras cometárias e planetárias, etc.; estimulações essas que resultam para as várias ordens de sóis a partir da influência parental — a influência do inferior sobre o superior. A operação deste princípio é observável, num grau, nos efeitos da cópula de animais de espécie inferior e superior; como o macho inferior com a fêmea superior. Poderá não ser tão distintamente provado pela observação das espécies animais como pela natureza inanimada, devido ao método de formação das diferentes espécies; sendo os indivíduos do macho e da fêmea das espécies inferior e superior construídos de tal modo que a cópula é impossível, ou efetuada com a maior

dificuldade. Esta é a provisão da natureza para a prevenção de deformidades ou monstruosidades entre as espécies animais.

Este último grau de estimulação, termo a primeira estimulação, ocorre sucessivamente de graus, do inferior para o superior; e a primeira, aquele termo a segunda estimulação, sucessivamente do superior para o inferior; e por estes dois métodos são efetuados os processos de formação do desenvolvimento universal.

Para exemplificar: Um grau de matéria é estimulado pela primeira estimulação; isto significa que, pela ação recíproca do positivo inferior e do negativo superior, a ação é estimulada. Esta estimulação efetua a introdução da segunda; assim: a ação dos graus superiores dessa substância sobre os inferiores é estimulada, ação essa que, ao continuar por um tempo suficiente, induzirá a evolução de um átomo ou átomos para a forma física apreciável. Assim, a primeira estimulação, neste caso, efetua a segunda, e assim a natureza atua em todos os casos; cabe ao homem estudar e detetar esta ação na constituição das várias formas de matéria.

As esferas são estratificadas em conformidade com a lei do positivo e negativo, possuem os seus órgãos positivos e negativos, e órgãos que são termo positivos e negativos; também estão divididas em hemisférios positivos e negativos, assim denominados, em correspondência com os hemisférios positivos e negativos dos corpos solidificados; hemisférios esses que — sendo uma esfera matéria cometária — são os graus positivo e negativo entremeados de acordo com as necessidades da esfera.

Os corpos solidificados possuem órgãos positivos e negativos, e órgãos que são positivos e negativos; também hemisférios positivos e negativos; hemisférios esses que ocupam, cada um, metade da forma do corpo, e opõem-se um ao outro como hemisférios norte e sul. A ação de forças, que não serão aqui enunciadas, fixa a localização da matéria positiva e negativa de um sol quando esse sol está num estágio cometário inicial; contudo, antes do período da fixação dos dois graus, o positivo e o negativo misturam-se; sendo a matéria do corpo de qualidade tão rara — tão próxima do grau da matéria esferal, que não está sujeita às forças que regulam a matéria das formas — fixam a posição dos hemisférios positivo e negativo, polos, etc.

Na natureza, a função de todas as formas é atuar como propagadores de formas, através da agência de órgãos positivos e negativos, ou masculinos e femininos; e como propagadores de força para outras formas. As formas atuam como agentes para a manufatura e transmissão do positivo e negativo; ou como formas positivas e negativas; e como recetáculos destes fluidos; ou como formas positivas e negativas correspondentes.

A matéria de todas as formas é matéria atómica positiva e negativa, em proporção igual; ao passo que cada forma individual tem a sua função como positiva e negativa, positiva ou negativa, de acordo com a sua constituição, posição relativa e função relativa, numa esfera ou sistema de formas.

Numa esfera estratificada, como uma esfera de matéria primeva não evoluída, os estratos estão dispostos em posição perfeita de acordo com a grande lei da matéria que determina que os órgãos centrais gerem fluidos para o uso dos sistemas; que os órgãos positivos e os seus correspondentes negativos estejam situados cada um em justaposição com o positivo e o negativo; de outro modo termo órgãos centrais; ou relativamente assim situados.

A função de um órgão central é atrair da natureza o positivo e o negativo correspondentes a si mesmo, e manufaturar a partir destes em combinação fluidos superiores da mesma natureza, os quais deve dispensar aos correspondentes órgãos positivos e negativos do sistema. Assim, o órgão central positivo e negativo de uma forma é termo o mais elevado da forma.

Cada forma tem os seus centros espiritual e físico, assim denominados, e o seu correspondente positivo e negativo espiritual e físico. Na organização humana, o coração é o centro físico, ou órgão físico positivo e negativo; enquanto os outros órgãos vitais são o positivo, e os órgãos externos o negativo. O cérebro é o centro espiritual desta organização, ou o órgão positivo e negativo no plano espiritual; e os nervos os órgãos positivos, e os vasos sanguíneos os correspondentes negativos.

Através da agência do coração, ou centro físico, as forças vitais físicas do sistema são geradas; enquanto pela agência do cérebro, ou centro espiritual, as correspondentes forças vitais espirituais são geradas. Numa esfera de matéria não evoluída, o centro físico é a segunda divisão, termo a central; esta divisão cumprindo a função de um órgão central, sendo termo a divisão positiva e negativa; enquanto a central — aquela que compõe a terceira divisão ou divisão interior, sendo a matéria mais condensada da esfera, é o positivo e negativo espiritual, ou centro.

O método de estratificação das esferas, tal como será discutido nas páginas seguintes, juntamente com as explicações acima, dará uma compreensão adequada da ordem de arranjo da matéria pela natureza antes da evolução das formas — a instituição de órgãos centrais qualificados ou formas progenitoras, e formas positivas e negativas qualificadas.

Num sistema de sóis, o centro físico é o corpo central — o gerador das forças do sistema, e os correspondentes órgãos positivos e negativos são as formações do sistema evoluídas por esta formação central; sendo o negativo aquelas que

ocupam a secção externa da esfera, o positivo aquelas intermédias entre estas e o corpo central. Num tal sistema, o centro espiritual é a matéria mais condensada do sistema — a qualidade mais elevada de substância desenvolvida, enquanto os correspondentes órgãos positivos e negativos são os dois graus, positivo e negativo entre si a partir da sua qualidade inerente ou grau de condensação. A discussão posterior do assunto do desenvolvimento universal ilustrará as proposições acima.

A natureza providencia formas diversas, como masculina e feminina, nas suas ordens superiores, através das quais o positivo e o negativo podem atuar para a propagação de formas; e apenas através destas formas podem os princípios masculino e feminino atuar para este propósito.

O positivo físico é personificado na forma do homem, e no macho das várias espécies de animais e algumas espécies de plantas; o negativo físico, na forma da mulher, e nas fêmeas das várias espécies de animais e plantas. Em todas as ordens inferiores de formas, o positivo e negativo, masculino e feminino, atuam através da mesma forma para a propagação de formas; assim: um sol combina os órgãos masculino e feminino na sua constituição, e produz formas pela ação legítima destes princípios.

Os sóis são positivos e negativos entre si num sentido relativo, mas não num sentido absoluto; todas as formas são positivas e negativas entre si, relativamente. Isto significa que a ação atómica de um sol, ou outra forma, sobre outra, é ação relativa ou positiva ou negativa; ação atómica essa que é a ação do fluido magnético gerado por uma forma sobre aquele gerado pela outra; ação que propaga o crescimento de formas — auxilia no desenvolvimento de formas e superfícies.

Um sol é positivo para outro sol quando é de matéria mais altamente qualificada, ou de uma massa de matéria preponderante, e atuará como um positivo para aquele para a estimulação do movimento atómico ou crescimento de ambas as formas; atuando os dois como um positivo e um negativo, e manufaturando juntos uma força superior para alimentar as duas formas.

Uma fêmea é positiva para um macho quando a dela é uma organização mais altamente desenvolvida do que a dele, quer física quer mentalmente; e como positiva, esta organização feminina atuará sobre um correspondente negativo para a estimulação do movimento atómico da matéria ou da mente, tal como o sol positivo atua sobre o negativo; resultando desta ação a estimulação da ação atómica de ambas as formas, quer física quer mental. Os fluidos elétricos mais fortes atuando através da forma positiva, seja essa forma masculina ou feminina, operam sobre os fluidos elétricos mais fracos da forma negativa, seja essa forma

masculina ou feminina, como o positivo sempre atua sobre o negativo para a estimulação — estimulação da ação atómica das formas individuais.

A qualidade intrínseca da forma masculina constitui-a como uma forma positiva no sentido de ser um propagador da espécie; e a qualidade intrínseca da forma feminina constitui-a como uma forma negativa, no mesmo sentido. Quando os homens tiverem aprendido a reconhecer o espiritual como permeando o físico — que o físico é tanto espiritual como físico, então reconhecerão a verdade da proposição de que o fluido elétrico vitalizado é de duas naturezas — atua como uma força dual; e que qualquer um dos elementos da força dual não é força alguma sem o seu elemento correspondente.

A força elétrica é de dois graus, cada grau subdividido num número infinito de graus. O grau mais elevado é termo Força Elétrica Deífica, pela sua natureza; sendo força propagada da Mente Divina. O inferior é termo força elétrica física pela sua natureza; sendo propagada do físico. Apenas aquela é termo Força Elétrica Deífica que institui a formação no início de um período de ação, como explicado; pois apenas então se pode dizer que opera sozinha para a instituição da forma; dado que, subsequentemente à instituição da primeira forma, forças originadas pela matéria cooperam com esta força para a reestimulação da matéria — a instituição da forma. O espiritual atuando com o físico, à medida que atua através do físico, é termo físico; portanto, todas as forças exercidas sobre a matéria, exceto esta única força nesta única instância, são termo força elétrica física.

As subdivisões de um estrato são doze, correspondendo às subdivisões de uma esfera. Um estrato é primeiro dividido, como já afirmado, em três qualidades, qualidades essas que são divididas em quatro graus cada. Cada subdivisão de um estrato do universo, e das primeiras duas ordens de sóis, evoluem formações separadamente; formações essas que são as subdivisões de uma grande formação. Ao contrário dos doze estratos de uma esfera, estas subdivisões de um estrato não evoluem as suas formações do exterior para o interior sucessivamente; elas evoluem-nas de acordo com a qualidade elétrica da matéria e a posição combinadas. A divisão central, composta por quatro subdivisões, evolui primeiro as suas formações. Esta divisão compreende a matéria positiva e negativa do estrato, enquanto esta matéria está estratificada em conformidade com toda a matéria da esfera; a mais densa ocupando uma posição interior.

A subdivisão central desta divisão evolui primeiro as suas formas; esta é a terceira em ordem a partir da exterior, sendo esta, pela qualidade inerente e elétrica combinadas, a mais elevada das subdivisões. Contudo, esta subdivisão

não evolui todas as suas formas antes da evolução de qualquer outra formação da divisão; na esfera universal, seis são primeiro evoluídas por esta subdivisão, compreendendo a matéria mais elevada da subdivisão; seguindo-se a isto a evolução da sua formação inteira pela subdivisão exterior seguinte.

Esta exterior seguinte, sendo de qualidade de matéria comparativamente elevada, e possuindo vantagem de posição sobre a interior seguinte — mais densa, evolui primeiro a sua formação. A subdivisão central completa a seguir a evolução da sua formação; seguindo-se a isto, a interior seguinte evolui a sua formação; seguindo-se a isto, a exterior seguinte que ainda não tinha evoluído a sua formação; assim, as restantes das doze subdivisões da divisão evoluem consecutivamente as suas formações.

A formação equilibradora de um estrato, assim denominada, compreende as formas maiores da grande formação que ocupa o estrato; elas são as formas equilibradoras da formação. O estrato central da segunda ou divisão central do universo — de qualquer esfera, evolui as formas maiores, a formação mais maciça de qualquer esfera, exceto a exterior; a qual, como já afirmado, evolui a formação mais maciça da esfera; neste sentido, a subdivisão central de um estrato corresponde à subdivisão central de uma esfera. A terceira das quatro subdivisões da segunda divisão de uma esfera é o sétimo estrato da esfera, assim denominado; a sétima subdivisão. Este estrato evolui a sexta formação, que, em cada esfera, é a formação equilibradora; termo tal pela sua função na esfera — o tamanho preponderante das suas formas.

As seis primeiras formas evoluídas de cada formação do universo são as maiores dessa formação; ao passo que todas as formas da subdivisão menor que evolui estas são maiores do que as outras formas da formação. Em correspondência com isto, a sexta formação de cada esfera compreende as formas maiores evoluídas por qualquer uma das subdivisões da esfera. Assim, o leitor perceberá a correspondência entre as subdivisões de uma esfera e as subdivisões de um estrato; as divisões de uma esfera e as divisões de um estrato; também de formações e formações menores. Através de um estudo cuidadoso da exposição acima, ele será capaz de compreender o método da ação da natureza na evolução dos sóis, e as razões para este método.

De acordo com o arranjo do universo, ou de qualquer sistema do universo, o número do estrato não pode ser o número da formação que o ocupa. O primeiro, ou estrato exterior, evolui a matéria do corpo central, que é propriamente a décima segunda formação, sendo interior às onze exteriores; enquanto o segundo estrato evolui a matéria da formação exterior, que é propriamente a primeira. Este arranjo, inevitavelmente, causa confusão devido à diversidade do número de um

estrato em relação ao da formação que o ocupa. O leitor atento evitará qualquer mal-entendido sobre o que é dito relativamente a formações e estratos mantendo o verdadeiro arranjo perante a mente, e a necessidade deste arranjo.

O período em que estão a ser evoluídas as doze formações de uma esfera é dividido em dois ciclos; ciclos esses que são subdivididos em períodos de ação e repouso, de acordo com a subdivisão de ciclos de eternidades; cada período de ação compreendendo aquele período em que está a ser evoluída uma grande formação, e o seguinte de repouso; um período correspondente àquele em que é evoluída uma formação de um estrato, ou um duodécimo do período em que uma grande formação é evoluída. Este período corresponde ao período de repouso que intervém entre os ciclos, período esse que é um sétimo da duração do ciclo; e tal como esse é contado num ciclo como parte desse período, assim este é contado no período da evolução de uma formação.

A correspondência é o método da natureza. Os ciclos têm os seus representantes — correspondências — nos períodos da evolução das formações em cada ordem de sóis, das quais existem doze em cada ordem. Os sete ciclos de um ciclo composto têm as suas correspondências nos períodos do desenvolvimento das ordens de sóis — sete graus de matéria. Sucedendo à evolução das seis ordens, período esse que é uma eternidade de ação, dá-se o correspondente período de repouso; a noite eterna.

Esta corresponde ao ciclo composto de repouso, que sucede ao de ação. Estes períodos de repouso são os sabáticos da natureza. Correspondendo a estes, existem períodos menores; manifestações cada vez mais elevadas da lei através de todo o desenvolvimento; eras, eras menores e subdivisões destas; eras ainda mais menores e subdivisões destas.

A Natureza, fiel às suas leis, organiza todas as coisas em subserviência a elas. O homem descobre este arranjo na mudança periódica das estações; na sucessão do dia e da noite, e na constituição do seu próprio sistema. Ele tem apenas de traçar o plano da natureza nestes, para descobrir as suas correspondências dentro dos limites da sua própria observação, a fim de o impelir à crença de que estes estão estabelecidos desde a eternidade, e até à eternidade permanecerão estabelecidos.

Esta obra é uma exposição dos princípios da natureza; ela diz ao homem verdades até agora não ditas; declara princípios até agora não declarados; contudo, não aponta para nenhuma verdade, nem explica nenhum princípio que a observação do homem, auxiliada pela sua razão, não possa endossar.

O sabático, termo por alguns como uma instituição do homem, o homem tem-no observado desde períodos não registados do passado; a lei escrita na sua

natureza exigia o repouso do período — o sabático que Deus ordenou, não o homem. O homem observa as mudanças das estações, a sucessão do tempo de semeadura e da colheita, o verão e o inverno, o dia e a noite; Deus ordenou-os desde o período da primeira existência da Terra; a experiência ensina-lhe que estes devem suceder-se uns aos outros, ou a ordem da natureza será destruída. A partir destas observações, ele pode aceitar as afirmações feitas nesta obra relativas às eras, períodos, eternidades, ciclos, ciclos compostos e períodos completos do passado.

Durante este período de repouso, o movimento continua em toda a matéria, contudo é um movimento insuficiente para inaugurar a forma — para induzir a ação procriadora. Revigorada por este curto período de repouso, a matéria desperta para uma atividade renovada; o movimento é estimulado pelo repouso, até àquele grau em que a ação procriadora Mais uma vez impregna os centros.

A evolução da segunda formação foi seguida pela da terceira, a terceira pela da quarta, esta pela quinta; a sexta está agora em processo de evolução. Os primeiros seis sóis da formação central desta já foram evoluídos; também uma porção da formação que sucede a esta na ordem de evolução. Estas formas, como observado sobre todas as formas de formações equilibradoras, são mais vastas do que as de qualquer outra formação já evoluída, ou por evoluir. Sendo de matéria mais densa do que as formações exteriores, são ainda assim mais vastas; os seus diâmetros medindo muito mais do que os dos sóis mais raros, raríssimos.

Os estratos estreitam em profundidade em direção ao centro da esfera; sendo necessário mais espaço para conter uma certa massa de matéria, sendo ela rara, do que para uma massa igual ou maior de matéria densa, de acordo com a qualidade de densidade ou raridade. Os estratos exteriores da esfera universal, embora de longe mais capacitados do que os estratos centrais, contêm muito menos matéria do que estes; as formas das suas formações estão muito mais esparsamente espalhadas pelos estratos e são muito menores. A matéria rara desenvolve-se em formas raras, a matéria densa em formas densas, apropriadamente termo.

Um sol não condensado de uma formação exterior é de tamanho muito maior do que um de igual massividade de uma formação central, e ainda maior do que um de igual massividade de uma formação interior. Ao ter em mente esta massividade relativa — extensão de estratos, o leitor será capaz de compreender a massividade relativa da formação central, a massividade e o tamanho relativos das formas dessa formação da esfera universal, ou de qualquer esfera menor.

As formas da formação equilibradora, aquela situada, como o leitor compreende, no sétimo estrato e divisão central de uma esfera, embora de

densidade muito maior, são, de longe, maiores do que as de qualquer formação fora dela, desde o período da sua primeira evolução até ao da sua perfeita condensação. Embora revolvam num estrato menos capacitado do que o estrato exterior contíguo, são ainda assim de tamanho muito maior do que as formas deste estrato. A lei do tamanho e da distância das formações em relação ao centro e entre si — a lei do decréscimo da profundidade dos estratos em direção ao centro, será elucidada numa secção futura.

Formas equilibradoras; isto significa corpos ponderáveis cuja massa unida é suficiente para equilibrar a massa das formações em qualquer um dos seus lados — todas as formações em qualquer um dos seus lados sujeitas às forças que o corpo central, e cada uma, e todas estas formações exercem sobre cada uma e sobre todas estas; — formas cuja força atrativa é uma força de contrapeso a estas forças. A evolução simultânea de seis formas, as suas posições assumidas em localidades opostas do universo, preservou o seu equilíbrio desde o período da evolução das seis primeiras; a evolução da formação equilibradora preserva o equilíbrio atualmente, tal como a das formações precedentes o fez. A evolução das formações interiores necessitará desta como uma equilibradora.

O sol central, matéria interior aperfeiçoada — formas, constituiriam juntos uma força que desequilibraria a força exercida pelos corpos uns sobre os outros, e as forças exteriores; causaria a desorganização do universo, à medida que as formas e formações interiores se aperfeiçoassem, sem a existência de uma formação equilibradora — uma formação tão situada que fosse assim constituída. Estas formas — todas as formas da formação equilibradora do universo, sendo de tamanho vasto comparadas com outras formas — todas as outras formas de todas as formações, exercerão uma poderosa força atrativa sobre estas durante o seu período de desenvolvimento, visto que a irregularidade do movimento orbital faz com que elas atravessem os espaços destinados ao seu desenvolvimento, sendo cometárias; exercerão uma poderosa força atrativa sobre elas após o seu movimento orbital ter sido regulado — aperfeiçoado; pois elas, tal como o corpo central, propagam a sua força de acordo com a qualidade e quantidade da matéria.

A qualidade do movimento rotativo dos sóis é determinada pela qualidade do movimento dos átomos centrais — pela qualidade da matéria dos átomos centrais. Sendo um átomo de matéria positiva e negativa, assim termo — combinando as duas qualidades elétricas — possui movimento, qualificado de acordo com o grau a que pertence. Sendo um átomo de matéria positiva, ou de qualidade elétrica positiva, possui uma qualidade positiva de movimento, de acordo com o grau a que pertence; e sendo um átomo de matéria negativa, ou de

qualidade elétrica negativa, possui uma qualidade negativa de movimento, de acordo com o grau a que pertence.

Um átomo negativo, sendo de grau elevado, pode possuir uma qualidade de movimento mais elevada do que um átomo positivo e negativo de grau baixo; assim acontece com um átomo positivo. As gradações da matéria são infinitas; as gradações do movimento de átomos e formas são infinitas; e suscetíveis a todas as variações possíveis na ordem de arranjo; tal como de positivo e negativo, positivo, negativo.

A qualidade do movimento rotativo das formas é determinada pela qualidade inerente da matéria dos estratos de onde os seus átomos centrais derivam, qualificada pela qualidade elétrica de tal matéria. Sendo os átomos centrais de todas as formas de uma esfera derivados dos três estratos interiores da esfera — todos estratos positivos e negativos quanto à qualidade inerente da matéria, será fácil determinar a qualidade relativa do movimento dos átomos derivados de cada estrato.

Sendo estes estratos divididos e subdivididos de acordo com a qualidade elétrica, várias circunstâncias devem ser tomadas em consideração ao decidir a qualidade dos movimentos dos átomos de um estrato como um todo; primeiro, o número do estrato; segundo, a divisão do estrato; e terceiro, a subdivisão.

A qualidade elétrica da matéria de um estrato afeta a qualidade do movimento atómico da matéria de um estrato à medida que esta é evoluída, portanto, a qualidade inerente da matéria de um estrato determina relativamente a qualidade do movimento dos átomos centrais dele derivados. Não existe uma determinação absoluta da qualidade dos átomos centrais a partir da circunstância da qualidade, ou ordem, dos estratos que os evoluem. Os três estratos interiores de uma esfera, de matéria mais condensada de uma esfera, têm a qualidade do movimento rotativo dos seus átomos de tal modo qualificada pela condição elétrica no período da evolução destes átomos, que o exterior dos três estratos desenvolve átomos centrais de um grau de movimento rotativo mais elevado do que o interior.

O décimo estrato evolui átomos centrais para as quatro formações exteriores, cuja qualidade de movimento rotativo, decidida pela dos seus átomos centrais, é a mais elevada de qualquer uma da esfera. O décimo primeiro evolui o átomo central das quatro seguintes, cuja qualidade de movimento rotativo é do grau seguinte inferior ao das quatro exteriores, mas superior à das três formações interiores, cujos átomos centrais derivam do décimo segundo estrato.

A posição do décimo estrato mais próximo da divisão positiva e negativa da esfera determina que a qualidade do movimento rotativo dos átomos deste estrato

seja mais qualificada pela condição elétrica, e qualificada ao grau de ser de um grau superior ao de qualquer um derivado dos estratos mais condensados. A matéria positiva e negativa da qualidade positiva está disposta junto à divisão positiva e negativa, sendo a mais assimilada a essa em condição elétrica; enquanto a positiva é intermédia entre esta e a negativa. Este é o arranjo das divisões de uma esfera, divisões de um estrato e divisões de uma subdivisão de um estrato; sendo a matéria mais altamente qualificada, eletricamente, de um estrato sempre a matéria central, como antes explicado.

A qualidade relativa do movimento rotativo das formações exteriores de uma esfera, tal como de todas as outras da esfera, difere de acordo com a subdivisão do estrato de onde os seus átomos centrais derivam. Assim: O movimento rotativo das quatro formações exteriores, ou das formas dessas formações, será um movimento diverso pelo facto de os seus átomos centrais derivarem de diferentes subdivisões do estrato; — das diferentes qualidades de matéria do estrato; tal como de matéria positiva e negativa, positiva, negativa; assim também o movimento rotativo das quatro formações seguintes será diverso, embora os seus átomos centrais derivem do mesmo estrato; derivando de diferentes subdivisões do estrato, ou diferentes qualidades de matéria do estrato; e assim também com as três formações interiores.

Os três estratos exteriores das esferas, embora de qualidade de matéria inerente e eletricamente negativa, contudo, possuindo o movimento orbital mais desenvolvido, ou movimento determinado pela rotação da esfera, são termo estratos positivos e negativos; os três seguintes, pela sua qualidade relativa deste movimento, são termo estratos positivos; os três seguintes, negativos. Isto causa uma correspondência entre a qualidade elétrica dos átomos centrais das formas de uma formação e a qualidade de movimento da outra matéria da forma, em todo o sistema. Assim, o décimo estrato é de matéria positiva e negativa, na sua maioria, da qualidade elétrica positiva, enquanto fornece centros à matéria de dois estratos de positivo e negativo, dois de matéria positiva, em relação à qualidade de movimento — o segundo e terceiro, quarto e quinto estratos exteriores; o décimo primeiro estrato é de matéria positiva da qualidade positiva, enquanto fornece centros à matéria de um estrato positivo e três negativos, em relação à qualidade de movimento; três dos quais são da sua subdivisão negativa; enquanto o décimo segundo estrato, sendo matéria negativa da qualidade positiva, fornece centros à matéria dos três estratos interiores a partir das suas três qualidades correspondentes às três qualidades relativas dos três estratos, e um centro ao corpo central a partir da matéria da sua qualidade positiva e negativa.

Este átomo central era um átomo negativo da qualidade positiva, conforme as qualidades são divididas; era também um átomo positivo e negativo desta qualidade negativa, conforme as qualidades são subdivididas. Isto determina que o átomo central do sol central — como o dos corpos centrais de todas as esferas — foi derivado da divisão positiva e negativa do décimo segundo estrato da sua esfera. Isto determinou uma correspondência, como observado, entre a qualidade elétrica do átomo central do corpo central e a qualidade relativa da sua outra matéria.

Os chamados centros de universos e de esferas menores não estão situados centralmente em relação à circunferência da esfera, ou forma, derivando os seus átomos centrais, como derivam por esta lei, da segunda divisão do estrato interior. Os centros de gravidade de sistemas e sóis não estão, portanto, localizados nos centros locais destas formas, mas nos seus hemisférios positivos.

O décimo segundo estrato de uma esfera, por uma lei tão estranha, tão maravilhosa, quanto evidente e necessária, ocupa um espaço comparativo maior do que qualquer estrato da esfera — maior em comparação com a densidade da sua matéria. À primeira vista, esta proposição parece incrível e contrária à lei ou ao precedente; contudo, após investigação, descobre-se ser lei e precedente.

A qualidade mais elevada de matéria de uma esfera; — isto significa matéria desenvolvida ao grau de que átomos separados eliminam esferas de força repulsiva — repulsiva para átomos semelhantes; esferas essas que, pela multidão inumerável destes átomos, ocupam um vasto espaço na esfera. Esta é a provisão da natureza, sem a qual nenhuma esfera poderia desenvolver as suas formas; — sem a qual nenhum corpo central poderia existir e, no entanto, todas as outras formações da esfera serem devidamente desenvolvidas.

Este espaço é suficientemente extenso em todas as esferas para permitir o desenvolvimento da décima primeira formação — aquela evoluída pelo décimo segundo estrato, fora da esfera repulsiva do corpo central. Sendo a décima primeira formação evoluída da matéria exterior do décimo segundo estrato, ocupa a secção exterior desse estrato; uma secção onde a matéria não está suficientemente condensada para eliminar esferas de força repulsiva como as dos átomos de matéria mais interior do estrato. Sendo a matéria das duas qualidades, naturalmente, formas de cada qualidade, e das duas qualidades combinadas, foram desenvolvidas a partir dela.

Formas positivas e negativas, positivas e negativas individuais, foram desenvolvidas a partir de qualidades correspondentes de matéria da esfera universal. O arranjo relativo das três qualidades de formas, e as suas utilidades numa esfera, foram afirmados; portanto, apenas é necessário afirmar que as

várias qualidades relativas de matéria que constituem as formas das diversas formações de uma esfera não são tomadas em consideração ao decidir a qualidade das formas; mas apenas a sua qualidade absoluta como formas físicas.

O equilíbrio de força na matéria universal é o método da natureza para induzir a ação; para induzir a formação — todos os processos, todos os movimentos. O equilíbrio de positivo e negativo era o equilíbrio de atrativo e repulsivo — aquele equilíbrio que resultou na estimulação do movimento atómico dos átomos. Isto significa que o movimento atómico dos átomos não estava equilibrado quando o movimento rotativo dos átomos, como tais, foi estimulado.

Os átomos são de infinitos graus de tamanhos, como as formas; átomos de átomos é o método, até ao infinito. O grau de tamanho dos átomos da substância primeva não pode ser ilustrado à mente na forma, visto que são, pelo seu tamanho, inapreciáveis ao sentido físico; portanto, basta dizer que as forças inerentes dos átomos que compõem o átomo central e outros átomos não estão equilibradas; portanto, eles movem-se entre si quando o positivo e negativo — atrativo e repulsivo — iguais atuam sobre as formas atómicas que estes átomos compõem.

Este é o método da natureza para levar a cabo os seus processos de desenvolvimento. Estivessem o positivo e o negativo em equilíbrio em toda a matéria, nenhuma ação poderia resultar; mas estando equilibrados nos graus superiores de tamanhos de átomos, como acima afirmado, a estimulação do movimento destes é a instituição da formação em graus abaixo.

O próprio ato de estimulação do movimento da matéria universal destruiu o equilíbrio das forças da matéria relativamente, portanto, a formação pôde resultar; (visto que o positivo e o negativo não poderiam de outro modo ser usados como termos relativos; não poderiam assim ser usados, a menos que a sua ação, quando assim usados, correspondesse à sua ação quando usados como termos absolutos). O movimento do átomo central, ao ser estimulado, era um movimento de tal modo desenvolvido, em comparação com o de outros átomos do universo quando estimulados, que o equilíbrio foi perdido; por outras palavras, que a formação pôde advir da diversidade assim instituída.

O sol central, desenvolvido onde forças iguais atuavam perpetuamente sobre ele, reteve o seu lugar no centro de gravidade da forma universal. As formas instituídas dentro do sol central retiveram lugares ali apenas enquanto forças iguais atuavam sobre elas; assim é evidente que a destruição do equilíbrio das forças atrativa e repulsiva desenvolve o movimento exterior dos sóis; enquanto a restauração do equilíbrio desenvolve o movimento orbital aperfeiçoado dos sóis.

A menos que os sóis tivessem sido repelidos do sol central, nenhum desenvolvimento posterior da matéria universal poderia ter-se seguido; a menos que a irregularidade do movimento orbital tivesse sucedido à evolução, nenhum desenvolvimento de sóis poderia ter sucedido à sua evolução; e a menos que o movimento orbital aperfeiçoado dos sóis seja alcançado — o equilíbrio das forças atrativa e repulsiva — os processos perfeitos de formação e de desenvolvimento não podem ocorrer.

A lei universal é o equilíbrio e o não-equilíbrio; — forças maiores em equilíbrio, e menores em não-equilíbrio; as forças mais altamente desenvolvidas dos graus sob desenvolvimento em equilíbrio; as inferiores em não-equilíbrio. Para ilustrar mais claramente esta proposição: O sistema humano, sendo um tipo de todos os sistemas inferiores, é o mais apropriado para ilustrar esta proposição. Primeiro: a formação nunca é instituída neste sistema sem a ação igual de forças positivas e negativas; a impregnação advém desta ação pela precisamente mesma lei que induz a primeira estimulação do movimento na matéria universal; é uma exibição superior dessa lei.

Uma vez efetuada a impregnação, a formação sucede por causa da estimulação da circulação dos fluidos maiores — o sangue, o fluido nervoso; o movimento atómico dos átomos destes fluidos foi estimulado; por outras palavras, as forças menores não estão em equilíbrio. Esta proposição é provada pela clarividência, além de ser evidente por analogia.

Mais uma vez: Os vários órgãos do corpo humano são estimulados por vários processos; o estômago pelo alimento, o cérebro pelo repouso, o sistema muscular por ambos; em cada um destes casos a ação é precisamente aquela induzida pela estimulação que induz a impregnação — procriação. A ação atómica do sistema apropria o alimento, a atmosfera, o fluido magnético, para o uso do sistema após a estimulação dos vários órgãos. É apenas quando ocorre a exaustão do sistema por falta de algum elemento que a reestimulação é necessária; o estômago estando, por assim dizer, em comunicação telegráfica com todas as partes do sistema, anseia por alimento quando o sistema dele necessita; o cérebro anseia assim por repouso quando o sistema dele necessita; o sangue, por atmosfera; a superfície, por magnetismo.

Alcançado o equilíbrio das forças menores, perde-se o das forças maiores; a ação cessa no sistema — a morte sobrevém.

O sistema universal desorganiza-se quando a perda de ponderabilidade de um dos seus sistemas menores — como um sistema equilibrador de outro sistema menor — induz a desordem dentro dele; a desordem universal resulta desta perda de equilíbrio dos sistemas menores. Pela lei do desenvolvimento dos universos,

isto não ocorre até que o equilíbrio das forças menores do universo seja alcançado. Isto significa que o desenvolvimento das ordens superiores de sóis atingiu tal grau de perfeição que a força positiva absoluta — espírito — é desenvolvida por eles em quantidade suficiente para equilibrar a força negativa absoluta — o físico.

Esta distinção metafísica de forças é uma distinção real; conforme provado pela analogia através da ação das mesmas forças em todas as formas. O corpo humano desorganiza-se quando o sistema deixa de recorrer aos seus órgãos vitais para suprimento; esta cessação apenas ocorre quando as forças estão em equilíbrio, atuando atrativa e repulsiva igualmente. Não havendo solicitação sobre estes órgãos, eles não têm poder para recorrer aos elementos para um suprimento pelo qual induzir uma reestimulação de si mesmos; portanto, o fluido elétrico que é manufaturado pelo sistema (que é o magnetismo animal) a partir destes fluidos menores, estando em não-equilíbrio, deixa de ser manufaturado; a separação do físico do princípio da alma ocorre em consequência; a desorganização do físico ocorrendo em consequência da incapacidade do sistema para manufaturar os seus elementos vitais.

O progresso é a lei universal da natureza. Toda a matéria está a progredir em graus infinitos de rapidez comparativa. A matéria evoluída progride em graus apreciáveis à compreensão humana; a matéria não evoluída de todos os graus, em graus inapreciáveis à compreensão humana. O desenvolvimento da matéria não evoluída através dos períodos de um ciclo composto, através de um ciclo completo, é apenas o desenvolvimento de graus sucessivos, um único grau mais elevado durante cada período sucessivo do ciclo através de um ciclo composto de ação, e um grau através de um ciclo composto de repouso; grau esse que é inteiramente inapreciável ao intelecto humano não instruído quanto à natureza da matéria primeva e quanto aos graus de movimento.

O progresso progride. A evolução da matéria resulta do progresso no grau de estimulação no movimento da matéria atómica. Estimulações sucessivas, cada uma induzindo um grau de movimento superior proporcional ao grau existente, resultam na derradeira evolução da matéria. Subsequentemente à evolução, por esta lei, o desenvolvimento progride mais rapidamente, e ainda mais rapidamente, até que o universo tenha evoluído todas as suas formas; ou até que a sua desorganização ocorra. O esforço da natureza, desde o princípio, é a evolução do espírito e a sua individualização.

O desenvolvimento sucessivo de graus a partir da matéria evoluída é mais apropriadamente termo progresso do que os graus inapreciáveis de desenvolvimento do movimento dos graus existentes de matéria primeva. A lei

progressiva que determina a evolução do espírito assim, pelo desenvolvimento de graus a partir da matéria evoluída, determina a retrogressão da matéria; — uma retrogressão que determinará um progresso posterior.

A evolução do espírito a partir da matéria exaure as suas energias; extrai, por assim dizer, as suas forças vitais; portanto, quando se evoluiu o suficiente disto para desequilibrar o seu negativo — os elementos físicos da natureza, a desorganização da matéria deve ocorrer. A degradação da matéria, resultante da evolução do espírito individualizado, resulta sempre na desorganização do universo; a retrogressão de toda a matéria física dele de volta à condição primeva. Um único período de ação — um dia, assim termo — é sempre sucedido pela desorganização do universo, quer durante esse período o espírito individualizado tenha sido desenvolvido ou não. Isto resulta, no caso de períodos em que tal espírito não foi evoluído, do desenvolvimento parcial da matéria; o equilíbrio do físico perde-se — o equilíbrio dos sistemas — pela incapacidade das formações centrais de evoluírem formas para manter o equilíbrio.

Em períodos em que este espírito é evoluído, a desorganização resulta da incapacidade da matéria de desenvolver ponderabilidade após uma certa condição dela ser alcançada — após ser desenvolvida até ao grau mais elevado; por outras palavras, após cessar de desenvolver ponderabilidade para equilibrar a perda dela experienciada pela individualização do espírito. Em ambos os casos, a desorganização resulta da mesma causa — a exaustão da força vital — da qualidade desenvolvida da força vital.

A degradação universal — a decomposição total, contudo, nunca resulta senão após o grau desenvolvido único, aquele estimulado na instituição de um ciclo composto de ação, ter exaurido todas as suas forças vitais — até que o seu positivo inerente se tenha exaurido. Isto resulta da ação de um ciclo composto de ação.

Os chamados elementos primordiais entram na constituição de todos os graus da matéria. Estes elementos são em número de quarenta e dois; cada período de ação de um ciclo composto faz evoluir um. Estes elementos não são conhecidos pela ciência do homem na primeira esfera; por conseguinte, não serão aqui nomeados; todavia, têm os seus elementos correspondentes naqueles que são conhecidos por essa ciência.

São evoluídos, sucessivamente, pela combinação uns com os outros após a evolução do primeiro. O segundo é evoluído pelo primeiro, pela sua ação atómica e pela matéria não estimulada que com ele se mistura. O primeiro é toda a matéria do grau estimulado; a ação desta matéria com a não estimulada que com ela se mistura, durante o primeiro período de ação do período composto,

evolui o segundo elemento; assim como a ação unida de dois elementos conhecidos gera um terceiro. A evolução do segundo elemento durante o primeiro período esgota a natureza; segue-se um período de repouso. A decomposição que ocorre durante este período de repouso é a desintegração daquilo que, em forma, foi instituído durante o período precedente de ação pela combinação dos átomos dos dois elementos; não uma reabsorção do segundo elemento pelo primeiro, como ocorreria se se desse decomposição completa.

A ação do primeiro e do segundo elementos primordiais durante o segundo período evolui o terceiro. Um elemento primordial, uma vez evoluído, combina-se com outros durante o período seguinte de ação para a evolução do seguinte e para a evolução da forma; e é a desintegração, a decomposição destas formas evoluídas que constitui a desorganização que ocorre durante cada sucessivo curto período de repouso, e não a reabsorção dos elementos que compõem essas formas.

O espírito individualizado é evoluído antes da evolução de todos estes elementos; portanto, é evidente que nem todos são necessários à evolução daquele, no verdadeiro sentido; todavia, desenvolvem-se 88 ciclos,—como a ação é progressiva durante os ciclos, é evidente que a evolução daquele se processa mais rapidamente à medida que mais destes elementos são evoluídos. Como elementos, entram na constituição de todas as formas, de toda a matéria evoluída; contudo, todas as formas progridem mais rapidamente quanto mais destes são evoluídos. É assim que a ação durante os últimos ciclos, os últimos períodos dos ciclos, é ação desenvolvida, comparada com a dos primeiros.

A evolução do último elemento primordial a partir da matéria é o sinal de que a sua força vital inerente está esgotada; nada mais possui de onde extrair para prosseguir os processos de desenvolvimento. Resta apenas desorganizar e reinstituir o processo de evolução dos elementos primordiais, quando a restauração do equilíbrio do positivo e do negativo for restabelecida, mediante um influxo proveniente da Fonte da Força Positiva da natureza.

A ação não pode ocorrer na natureza após a evolução do último dos elementos primordiais, pois é o esforço da natureza para induzir a evolução deste que promove a ação na matéria; é o influxo exercido pelos elementos primordiais combinados sobre a natureza para obter algo que atue com eles para a evolução da forma. Quando esse algo não está na natureza, não há influxo para ele; quando não há elemento a ser atraído, nenhum átomo da esfera atrativa de força ou influência sobre o qual agir, não pode haver ação; consequentemente, por necessidade, a ação cessa na natureza, e cessa por exaustão.

A fricção de todos os átomos da natureza é esta ação descrita; o movimento, denominado ação química, resultante da fricção, induz a formação; portanto, a formação resulta desta ação. E estes elementos estão de tal modo combinados nas formas instituídas de todos os graus na natureza, que o homem ainda não os descobriu, nem teve a mais remota ideia da sua existência; portanto, terá de ficar reservado para uma era futura do seu desenvolvimento revelar-lhe a natureza destes elementos, que estão diferentemente combinados, intercombinados e proporcionados para formar os próprios elementos que ele analisou, e por cuja análise se aproxima da condição de ciência em que poderá apreciar a existência destes e analisá-los. A experiência passada ensinar-lhe-á que, embora a sua ciência não reconheça tais elementos no presente, não deve, por isso, rejeitar a teoria da sua existência.

Os elementos primordiais constituem a base de todos os elementos conhecidos — a base de toda a substância física; são os elementos mais baixos da natureza, na medida em que a reabsorção destes uns nos outros é a condição mais baixa a que a natureza física retrograda, a condição onde, por assim dizer, o desenvolvimento começa. Destes elementos, todos possuem inerentemente na sua constituição todos os elementos superiores, mas em proporções diferentes; portanto, a forma podia desenvolver-se antes de todos serem evoluídos, ou após a evolução do primeiro. Assim, correspondem aos elementos conhecidos, eletricidade e oxigénio.

Toda a ação na natureza é ação dual: ação com o propósito da evolução dos elementos primordiais e ação para a evolução da forma; cuja ação dual corresponde à força dual, sendo positiva e negativa. A ação superior é a positiva — a que evolui a forma; a inferior, negativa — a que evolui os elementos primordiais.

A retrogressão da matéria das formas constituídas de volta à matéria primordial mais baixa é progressão, na medida em que o progresso ulterior da matéria é impossível após o elemento vital, como acima explicado, estar esgotado; por outras palavras, após ser atingido o equilíbrio das forças menores. A ressuscitação da matéria só pode ocorrer pela destruição desse equilíbrio. Na forma perfeita da Deidade, essa destruição é possível, pois não ocorre separação do princípio da alma do físico, como na forma humana; o fornecimento de força positiva ao físico em quantidades suficientes para impedir tal separação constitui esse corpo um corpo autossustentável.

Por meio da força atrativa, a cadeia do ser é mantida completa dentro da Organização Deífica. A esfera de influência atrativa do espírito é coextensiva com a organização; portanto, a ação é perpétua dentro dessa organização —

atração e repulsão, e quantidade suficiente destas para assegurar o desenvolvimento no período apropriado, como foi ilustrado.

A restauração do equilíbrio das forças maiores pela receção do positivo por elas destrói o equilíbrio das forças menores. A superior ou positiva destas forças menores atrai suficiente do seu semelhante das forças maiores então em equilíbrio para destruir o equilíbrio das forças menores. Esta é precisamente a ação das forças do sistema humano durante o sono, como já foi explicado.

Sendo este equilíbrio destruído, a ação progride, pois a organização física do universo está perpetuamente a telegrafar por um fornecimento do positivo necessário a partir do espiritual, assim como o espiritual o está por um fornecimento de negativo a partir do físico. Intercâmbio é fornecimento. O positivo, fornecido ao físico pelo espiritual, torna-se negativo ou físico pela combinação com o negativo em proporções diferentes daquelas que o constituíam alto positivo; enquanto o negativo, fornecido ao espiritual, se torna positivo ao combinar-se com o positivo em proporções diferentes daquelas que o constituíam negativo. Para ilustrar: o homem come; o alimento fornece força positiva ao seu cérebro — magnetismo do pensamento — enquanto o cérebro fornece energia ao sistema — força física — pela qual recebe e digere o alimento. Uma análise rigorosa desta proposição provará o que acima foi exposto.

O sistema necessita de elementos externos para fornecer o seu magnetismo físico e de pensamento com que provocar a ação da sua essência espiritual germinal; sendo apenas um átomo da Grande Organização, cuja circulação das correntes de vida fornece cada átomo dela; enquanto a Grande Organização se fornece a si mesma pelo intercâmbio constante dos dois elementos, positivo e negativo, que constituem esse Ser. A desproporção dos elementos constitui imperfeição — não desenvolvimento; enquanto a proporção perfeita destes constitui perfeição — desenvolvimento.

A mente, como a matéria grosseira, é constituída de elementos; é constituída dos mesmos elementos que constituem a matéria grosseira; é mente apenas porque estes elementos estão diferentemente proporcionados. A Mente Deífica, como a do homem, é constituída de elementos, e dos mesmos elementos que constituem a mente do homem. Estes elementos, na Mente Deífica, estão perfeitamente proporcionados, o que constitui essa Mente Deífica.

A combinação perfeita de todas as qualidades da mente em proporções perfeitas é a ação perfeita do positivo e do negativo — a ação igual, que constitui a mente do universo, Mente Deífica — que constitui Deus, Deus. Perpetuamente em equilíbrio, estas forças mais elevadas da natureza constituem ação perpétua

no universo; constituem o Deus Omnisciente, Omnipotente, Omnipresente; o Espírito cuja sabedoria rege tudo, cujo conhecimento compreende tudo, cujo poder realiza todos os processos da natureza — o Espírito que, como Inteligência Organizada, permeia o universo infinito, como o espírito mais interior do homem permeia o seu corpo; mas cuja morada é o Átrio Interior do Templo — "O Santo dos Santos" — o Cérebro, por assim dizer, da Organização Universal.

Universo espiritual, universo físico, universo de matéria primordial não evoluída; um em todos, e todos em um; o universo de matéria primordial contendo o físico, como o físico contém o espiritual. Infinitos graus de desenvolvimento da matéria primordial dentro do universo de matéria primordial; infinitos graus de desenvolvimento da matéria física dentro do universo da matéria física; infinitos graus de desenvolvimento da matéria espiritual dentro do universo da matéria espiritual. Esta é a ordem da natureza.

A retrogressão da matéria significa, portanto, a determinação de toda a matéria de todas as formas físicas de volta à sua condição elementar; condição essa que deve ser atingida antes que possa resultar progresso ulterior da matéria.

A desorganização do universo ocorre pela perda do positivo, assim como a desorganização da organização física do homem ocorre por essa causa. O esgotamento do positivo do universo físico resulta na perda do seu equilíbrio, pela perda de matéria ponderável, como já foi afirmado. Este positivo é o físico que entra na constituição das essências espirituais organizadas que gravitam para o plano espiritual a partir do físico. O físico é perdido pelo desenvolvimento deste princípio.

Este positivo é evoluído por diferentes formas do universo de diferentes períodos e por formas equilibrantes no mesmo período, segundo a lei que determina o equilíbrio do universo. O esforço da natureza é manter o equilíbrio do universo mantendo o equilíbrio das formas equilibrantes; cada sol tem o seu sol correspondente, que é um sol desenvolvido por um sistema correspondente no mesmo período que ele, do mesmo tamanho e correspondente na qualidade dos seus movimentos, assim como o positivo e o negativo do mesmo grau correspondem; o qual sol, segundo a ordem natural, se desenvolve com ele.

A contingência é a causa ordenada da desorganização dos universos,— o acaso, resultando na desorganização de uma forma. Tais contingências culminam no atraso do desenvolvimento do princípio positivo pela forma desagregada para um período para lá daquele em que é desenvolvido pela sua forma equilibrante, sendo esta uma forma de desenvolvimento regular. A natureza determina a desorganização dos universos; portanto, provê meios para a assegurar; meios esses que, embora os resultados deles decorrentes sejam denominados

contingências, acasos, fenómenos, são leis; mas de ação tão rara quanto essas contingências são raras na ocorrência; lei desenvolvida, como outras leis, pela ação da lei.

A evolução das ordens mais tardias de sóis determina a possível ocorrência de contingências, e determina também a certeza da sua ocorrência. Sendo as formações, nestes casos, formas singulares, forças perturbadoras — em desenvolvimento, que se pode demonstrar ocorrerem em períodos determinados durante o período de evolução dessas ordens, induzem catástrofes — as contingências que resultam na desagregação das formas. Pode também demonstrar-se que estas contingências ocorrem em tal ordem, em tal número, que acabam por resultar na destruição do equilíbrio do universo.

Uma única contingência no universo, do caráter descrito, culminaria na sua desorganização; contudo, a ação da lei que as determina determina muitas no sistema universal antes daquela que determina o resultado ordenado. Os acasos equilibram-se uns aos outros; portanto, pode decorrer muito tempo depois do primeiro antes que ocorra o último; antes que a desordem seja instituída no sistema universal.

Sendo este espírito positivo imponderável, a sua evolução por uma de duas formas equilibrantes é perda de equilíbrio dessas formas; é perda efetiva de matéria ponderável para o universo físico; portanto, se ocorrer apenas um acaso, a desordem universal terá finalmente de resultar, pois a lei determina que o desenvolvimento da ponderabilidade e a perda de ponderabilidade das formas do universo físico se equilibrem durante a existência desse universo; ou até que a catástrofe ordenada que resulta na sua desorganização tenha determinado a perda desse equilíbrio. A ação desta lei será demonstrada numa secção futura.

É evidente que esta é a lei do desenvolvimento universal; pois, de outro modo, não poderia existir no universo qualquer equilíbrio de formas, de sistemas, a partir do período da primeira evolução do espírito positivo por ele.

Os sistemas equilibram-se uns aos outros, como os sóis se equilibram uns aos outros; um sistema desenvolve ponderabilidade, perde ponderabilidade, em correspondência com o seu sistema correspondente, assim como cada sol desenvolve, perde, ponderabilidade em correspondência com o seu sol correspondente. O sistema correspondente de outro sistema, cujas formas são formas correspondentes, encontra-se em hemisférios opostos do universo, apropriadamente assim denominados,— e revolve em torno do corpo central do universo como sistemas positivo e negativo — sistemas desenvolvidos a partir da matéria positiva e negativa do universo.

Estes sistemas estão tão apropriadamente dispostos para manter o equilíbrio das formas ponderáveis no universo de sistemas em revolução como o estão os hemisférios correspondentes de uma forma solidificada — um planeta; ou os órgãos da forma física do homem; e não mais pode a perda de ponderabilidade de um destes sistemas deixar de ser notada pela forma universal, ou deixar de resultar na sua desorganização, do que pode a perda de matéria ponderável de um órgão da forma física do homem, sem um ressuprimento a partir da natureza. O homem supre, a partir da natureza, a força perdida, enquanto o universo não tem de onde suprir a força perdida que foi absorvida pelo universo espiritual.

O espírito é de um número infinito de graus; um número correspondente ao número de graus de substância física. Todas as formas estáveis de matéria evoluem essências espirituais, que correspondem às essências espirituais superiores. O termo espírito aplica-se a essas essências que são de uma natureza suficientemente aperfeiçoada para ascender da esfera da substância física para a espiritual; do plano físico para o espiritual. O plano físico significa esfera de matéria física. Toda a matéria física ocupa essa esfera; quer se trate de formas da superfície planetária, de planetas, ou de sóis de um sistema, é substância física, ocupando a esfera física.

O plano espiritual significa a posição ocupada por substância demasiado aperfeiçoada para ser atraída pela esfera física; para ser retida por essa esfera;— substância cuja diversidade relativamente à mais grosseira, denominada física, faz com que seja repelida por esta. Esta posição é aquela para a qual gravita o primeiro espírito evoluído de um universo, pela lei da força atrativa.

A matéria planetária, no seu primeiro desenvolvimento, é organizada em formas; as quais, como as formas mais baixas dessa matéria — formas instáveis — evoluem essências negativas relativamente àquelas essências superiores que gravitam para o plano espiritual;— essências que gravitam para formas mais elevadas na mesma superfície planetária, e entram em combinação com a matéria para a constituição dessas formas, essências essas que são essências físicas.

Tais formas — as formas planetárias mais primitivas, como rocha cristalina imperfeita, forma baixa de água, formas vegetais e animais instáveis — são constituídas por proporções tão imperfeitas de positivo — por proporções tão ligeiras de espiritual — que se desorganizam facilmente e são, em consequência, denominadas formas instáveis. Não evoluem quaisquer essências espirituais, quaisquer fluidos elétricos, imponderáveis no plano físico.

As primeiras formas suficientemente aperfeiçoadas para evoluir essência espiritual são as rochas cristalinas estáveis mais baixas. Estas formas, baixas embora sejam, combinam os elementos da natureza em tais proporções que,

como formas, são mais permanentes do que as até então existentes; são menos prontamente desorganizadas pelas forças atrativas dos elementos circundantes. Em consequência, quando sobrevém a desorganização do físico — a desintegração dos elementos físicos dessas formas, eliminando os elementos interiores, os mais elevados, denominados espirituais —, sendo esses elementos organizados em proporções tais que constituem formas sem afinidade com a grande massa de matéria planetária que constitui o corpo que as desenvolve, e sendo organizações de um grau de permanência, como se observou, são repelidas da superfície planetária como formas.

Contudo, não é como formas que gravitam para o plano espiritual; não sendo de um grau de permanência, enquanto organizações, que lhes permita resistir às influências atrativas de formas semelhantes e umas das outras — as diversas classes de formas deste grau que são constantemente repelidas da superfície planetária e que gravitam juntas em estratos superiores da atmosfera.

Coextensiva com o universo é a esfera de influência atrativa da sua esfera espiritual, como foi observado; coextensiva com a esfera de substância espiritual, ou física, que a evolui, é a esfera de influência atrativa de cada esfera espiritual do universo. Estas esferas são tão numerosas quanto as ordens de sóis no universo físico, e correspondem, na sua evolução, a essas. Para qualificar:— O universo espiritual é graduado; as suas esferas são graduadas.

As seis gradações destas esferas, correspondentes às seis ordens de sóis, sendo a primeira gradação ou esfera, assim denominada, correspondente ao primeiro grau ou sol central, são designadas uma gradação do número infinito que constitui o universo espiritual. É apenas a esta gradação — a primeira — que se faz referência nesta exposição. As gradações das esferas espirituais, propriamente ditas, sendo seis, cada esfera é constituída por esferas ou sóis separados, em número, conforme a ordem ou grau da esfera.

A esfera para a qual gravita a substância espiritual proveniente das esferas físicas denomina-se a segunda esfera; sendo a física a primeira. Cada sol da primeira ordem — o que significa o seu sistema inteiro — evolui uma esfera espiritual, ou sol; e essa esfera espiritual é a segunda esfera para todos os corpos desse sistema;— a esfera, ou plano, para o qual gravita toda a substância espiritual de todos os corpos desse sistema. Em conformidade com uma lei que será enunciada mais adiante, a esfera de influência atrativa da esfera espiritual positiva do universo fixa a localização desta esfera espiritual.

Pela força atrativa propagada e pela influência do plano espiritual, estas formas de substância espiritual são transportadas para esse plano; não em formas, como se notou, mas em correntes de substância elementar; as quais, atingido o

plano, sendo removida a forte força atrativa que reunia esses elementos, desorganizando as formas que esses elementos compunham, ficam livres para entrar Mais uma vez em organização, em obediência à lei suprema da matéria, que determina que proporções afinizadas se unam.

Tão naturalmente se recombinam estes elementos ao chegar ao plano espiritual como se combinam quando evoluídos para formar o princípio vital das formas físicas no plano físico; e segundo o mesmo princípio. Assim combinando, tão naturalmente se dispõem em posições apropriadas, segundo qualidade, afinidade; formando assim um plano em exata correspondência com o plano físico pelo qual foram evoluídos,— em exata correspondência relativamente à distribuição apropriada dos planos planetários, à natureza apropriada de cada plano planetário como um todo.

Apropriadamente distribuídos sobre a esfera espiritual, em posições que correspondem perfeitamente às posições dos planetas nos sistemas físicos, encontram-se planos de substância espiritual, denominados planos planetários espirituais, sendo os planos para os quais gravita a substância espiritual a partir dos planos físicos ou planetas correspondentes. Faz-se apenas uma ligeira referência à constituição das esferas espirituais; sendo isto suficiente para a explicação do princípio em consideração — o arranjo, a distribuição, da substância espiritual sobre planos espirituais; a natureza dessa substância, os seus graus, o seu ofício, o seu destino no universo.

As formas mais baixas de substância espiritual que gravitam para o seu plano espiritual correspondente, entrando ali em forma, como acima descrito, não são formas mais permanentes do que as suas correspondentes formas físicas.

A decadência é a ordem da natureza física; a mudança correspondente, a ordem da natureza espiritual. O processo de refinamento da matéria progride incessantemente na esfera espiritual, como na física; e, tal como na esfera física, elementos superiores são evoluídos a partir das formas na sua decomposição e ocupam lugares mais elevados na natureza, e elementos inferiores são evoluídos a partir dessas formas, ocupando lugares mais baixos na natureza, assim também na esfera espiritual.

À medida que as formas se decompõem nesta esfera, elementos superiores ocupam posições mais elevadas na esfera, entrando em novas combinações, constituindo assim formas superiores; enquanto elementos inferiores, procurando posições mais baixas na esfera — procurando entrar em combinação com elementos afinizados — encontram posições na esfera, se afinizam com esse plano — o espiritual; se se afinizam com o plano físico, sendo ponderáveis nesse plano, gravitam de volta a esse plano, onde encontram as suas posições;—

elementos afinizados com os quais podem combinar-se para a instituição de formas físicas que supram os lugares das que se decompõem, cujos elementos estão a gravitar para o plano espiritual, ou para planos físicos mais elevados.

Assim, há uma constante permuta de substância entre os planos físico e espiritual; permuta essa que é coextensiva com a existência de um planeta — a esfera física. À medida que as formas progridem num plano, progridem no outro; à medida que os elementos se decompõem num plano, decompõem-se no outro; providenciando assim posição para todos os elementos assim permutados pelos dois planos.

Este princípio é ilustrado pela permuta de elementos das formas físicas nos planos físicos. A decomposição de elementos necessários à constituição de um planeta é o método da natureza para preservar a individualidade desses elementos; para determinar que entrem sempre na constituição desse planeta. A rocha granítica decompõe-se — tem-se decomposto desde a primeira instituição dessa forma; e, no entanto, a rocha granítica continua a existir em quantidades suficientes para os propósitos da natureza. A decomposição dos granitos mais antigos, em vez de privar o planeta do seu sistema ósseo, por assim dizer, apenas forneceu material para a formação de novo granito.

Os elementos essenciais do granito, aquando da decomposição desta forma, gravitam sempre para posições mais baixas na natureza antes de voltarem a entrar em combinação para formar granito; enquanto os elementos superiores procuram posições mais elevadas na natureza, entram em combinações mais elevadas com elementos mais elevados do que aqueles que entram na constituição do granito, passando a fazer parte de formas superiores; ao passo que um tipo mais elevado de granito é fornecido ao planeta, para ocupar o lugar do que se decompôs, a partir de elementos preparados — preparados nos planos físico e espiritual, como acima descrito.

Estes processos da natureza num planeta bastam para fornecer a esse planeta todas as formas necessárias; e, ainda assim, não há qualquer cisão da ligação entre o plano físico e o plano espiritual; um planeta não pode existir como físico sem o espiritual, tal como o espiritual não pode existir sem o físico; tal como qualquer forma não pode existir sem o seu princípio vital. A rocha granítica não pode refazer-se sem o elemento que gravita para o seu plano a partir do plano espiritual, que é o seu princípio vital; a água não pode refazer-se — a verdadeira forma de água — sem o elemento que gravita para o seu plano a partir do espiritual. A ação perfeita desta lei combina, indissoluvelmente, num só, os universos físico e espiritual; une, por uma cadeia adamantina, a Deidade a toda a

matéria do universo, desde o espírito mais elevado até ao mais baixo átomo de matéria não evoluída.

A evolução do princípio positivo é a instituição de uma nova força na natureza física; uma força que culmina na desorganização do universo. Imponderável, este espírito é, e contudo é o princípio positivo da natureza;— o princípio para o qual toda a natureza inferior gravita, em virtude dos princípios elucidado nas páginas anteriores.

Imponderabilidade e ponderabilidade são termos relativos; um corpo é ponderável num plano segundo a força com que é atraído para esse plano; e imponderável segundo a força com que é repelido desse plano. Por exemplo: o granito é atraído para o plano físico com força suficiente para vencer todos os obstáculos à sua retenção por esse plano; os fluidos magnéticos superiores são repelidos do plano físico com força suficiente para vencer todos os obstáculos à sua saída desse plano. Todo o espírito é imponderável no plano físico, caso contrário não poderia abandonar esse plano.

A evolução de substância imponderável em quantidades desiguais por formas equilibrantes é a instituição de uma nova força na natureza; uma força destrutiva da forma física.

A desagregação de uma única forma, como a de um sol, de um planeta, de um sistema, por si só, comparada com o sistema universal, é como a desagregação de uma única forma dentre o número infinito que compõe uma espécie nas ordens da natureza. A desagregação de uma única forma de um único sistema, enquanto matéria ponderável, não é a desorganização, a desagregação, do sistema; é simplesmente a causa de atraso da evolução deste princípio positivo por essa forma. Forças desenvolventes acabariam por restaurar a organização da forma desagregada; acabariam por desenvolver este princípio por essa forma; todavia, como se observou, estando isto atrasado, o seu cumprimento final é de contingência duvidosa; impossível é, se o equilíbrio universal for perdido por esta catástrofe.

A desagregação de um sol, ocorrendo, em todos os casos, antes da sua condensação, ou da do seu corpo perturbador, não destrói quaisquer formas de vida; não é prolífica em resultados desastrosos, enquanto desagregação, para quaisquer outras formas do mesmo sistema; mas apenas em perturbação das forças desenvolventes e reguladoras do sistema, e atraso do desenvolvimento de sóis contíguos. Se uma catástrofe desta natureza for equilibrada em qualquer outra parte do universo, não é desastre, propriamente dito. Se não for equilibrada, não resulta desorganização instantânea do universo. Chega o período em que a forma desagregada deveria ter evoluído espírito, caso tal catástrofe não tivesse

ocorrido — o período em que a sua forma equilibrante evolui isto. A evolução disto numa, e não na outra, não é, em caso algum, a instituição imediata da desorganização universal. O atraso do desenvolvimento de um sol — a sua desagregação — é atraso da condensação dos vários fragmentos; a condição cometária é mantida por longos períodos por todos; mais longamente pelas porções mais raras, mais não desenvolvidas, do que por outras; como pelo núcleo e pelas partes da forma que o circundam.

A matéria cometária é menos ponderável do que a planetária. O desenvolvimento regular do sol correspondente, instituído no período da sua primeira formação, o progresso não perturbado da forma através da condição cometária até à planetária, não assegura um desenvolvimento mais precoce da ponderabilidade da sua massa inteira do que aquele que é assegurado à massa inteira do sol desagregado pelas forças desenvolventes irregulares a que este fica sujeito.

As leis da natureza são justas; universos, sistemas, foram instituídos para o desenvolvimento de planetas aperfeiçoados,— condições apropriadas à produção e sustentação do homem. Se contingências do caráter descrito instituíssem desorganização imediata dos sistemas — o que teria de ocorrer, a menos que a ponderabilidade se desenvolvesse igualmente em ambas as formas equilibrantes — o grande objetivo seria frustrado; a desorganização universal seguir-se-ia antes de todos os processos da natureza para o desenvolvimento universal estarem instituídos.

Portanto, o desenvolvimento da ponderabilidade de todos os fragmentos de uma forma desagregada, no conjunto, acompanha, por lei, o da forma correspondente em desenvolvimento regular.

Um sol é desmembrado; o seu núcleo, sendo a porção mais condensada, conserva a sua forma, é separado da matéria circundante pela força disruptiva. A matéria adjacente, menos condensada do que esta, mas mais do que a matéria exterior, separada por essa força do núcleo e da matéria exterior mais rara, revolve em fragmentos, ou, congregando-se como matéria afinizada, revolve como uma forma.

Assim, estratos de matéria menos, e ainda menos, condensada do sol são reconstituídos no que se pode denominar sóis, pelo poder da força atrativa de átomos afinizados, e revolvem em órbitas de grande irregularidade; todos, porém, correspondendo à órbita do sol original; pois as forças atrativas de cada um sobre todos, e de todos sobre cada um, fazem-nos associar-se, exceto nos casos em que as formas mais raras são atrasadas e retidas pelas forças atrativas de membros

contíguos do sistema. Atuam como agências desenvolventes umas para as outras; sendo asteroides, as suas órbitas cruzam-se em todos os ângulos.

Os fragmentos mais condensados, como o núcleo e fragmentos de secções correspondentes, desenvolvem-se rapidamente sob as influências perturbadoras mútuas, sob as dos outros fragmentos e sob as de sóis contíguos; mais rapidamente do que a forma original se teria desenvolvido se a desagregação não tivesse ocorrido, sendo matéria comparativamente aperfeiçoada e sujeita a forças desenvolventes superiores.

Enquanto os fragmentos mais condensados assim se desenvolvem mais rapidamente do que se a desagregação da forma original não tivesse ocorrido, os fragmentos mais raros, mais não desenvolvidos, estando separados do núcleo — as forças reguladoras e condensadoras da forma —, são atrasados no seu progresso; não ocorrendo o desenvolvimento de ponderabilidade por eles senão muito mais tarde, por vastos períodos de tempo, do que ocorreria na forma, se tivesse mantido a sua condição original.

Massas cometárias — fragmentos — flutuam, por assim dizer, no sistema, sujeitas a toda a força perturbadora; reguladas por nenhuma força auto-desenvolvente — nenhum núcleo condensado — durante períodos de eras; sendo apenas contingências a determinar o seu desenvolvimento; pois, não possuindo por si mesmas qualquer poder desenvolvente, têm de se ligar a algum fragmento irmão que possua força auto-desenvolvente suficiente para condensar, para desenvolver, essa matéria cometária.

Tais fragmentos, no decurso das suas revoluções, são suscetíveis de entrar em contacto com fragmentos mais desenvolvidos; caso em que, sendo matéria semelhante — da mesma forma —, invariavelmente a eles se ligam; assegurando a si próprios benefício permanente e aos outros desastre permanente. Contingências como esta atrasam o desenvolvimento do elemento positivo pelos asteroides. Este é o método estabelecido pela natureza para instituir a desorganização dos universos.

Formas fragmentárias, desenvolvendo-se rapidamente pela influência perturbadora recíproca, desenvolvem condições planetárias nas mais avançadas entre elas e, consequentemente, ponderabilidade suficiente para equilibrar a da forma correspondente, como se observou. As forças desenvolventes destas formas fragmentárias são também as forças destrutivas para elas; as mesmas forças que determinam o seu rápido desenvolvimento determinam também a sua constante suscetibilidade ao desastre.

Cruzando-se as suas órbitas em todos os ângulos, segue-se o contacto frequente de fragmentos; este contacto é contacto de planetas, de cometas, de

cometas com planetas; em qualquer dos casos, é destruição das condições desenvolvidas de ambas as formas, ou de uma delas. Resulta confusão completa; a mistura de matéria diversa, embora afinizada — diversa por ser desenvolvida e não desenvolvida, planetária e cometária, afinizada por pertencer à mesma forma original —, a concussão consequente ao contacto institui desorganização, por então, em ambas as formas.

As duas constituem uma nova forma; portanto, novas forças são por ela desenvolvidas, como movimento rotatório e orbital. Daí resulta perturbação consequente para fragmentos contíguos; para todo o sistema de fragmentos. Em todos os casos, ocorrerá num sistema de asteroides um número suficiente de tais contactos para atrasar o desenvolvimento do elemento positivo para além do período do seu desenvolvimento pelo seu sol correspondente; enquanto, em todos os casos, esse sistema desenvolverá ponderabilidade para equilibrar a do sol correspondente.

Esta é a ordem da natureza; ordem instituída pela lei. A evolução prévia do elemento positivo pela forma equilibrante não é a instituição imediata da desorganização de um universo, como antes se afirmou. O elemento positivo evoluído por uma forma, a consequente perda de substância ponderável para essa forma, é equilibrada por uma perda correspondente pelo sistema asteroidal, resultante da evolução de matéria esférica espiritual, assim denominada; (aquela que constitui as formações fundacionais de um plano planetário espiritual,) e de outra substância espiritual por esse sistema.

Sendo o sistema menos desenvolvido do que a forma equilibrante, embora desenvolva menos substância espiritual do que ela, desenvolve uma forma mais grosseira dela; o que implica uma maior perda de ponderabilidade para um sistema do que a evolução dos graus mais elevados. Assim, esta perda de substância espiritual baixa por este sistema, não desenvolvido quanto aos graus superiores, as formas mais numerosas que evoluem substância espiritual, equilibra a perda pela outra forma de todas as formas superiores, mais numerosas, de matéria espiritual, até que contingências, desastres, neste sistema causem tal desorganização, tal desarranjo das forças desenvolvidas do sistema, que não seja desenvolvida por ele substância espiritual suficiente para manter, como até então, o equilíbrio das duas formas. Verificando-se esta condição, a desorganização é imediatamente instituída.

Sendo instituído, o primeiro efeito é a perturbação das condições elétricas do universo; ligeira ao início, aumentando à medida que o equilíbrio estremece, preparando-se para o derrube final. Seguem-se, primeiro, a estagnação atmosférica, a decadência da raça humana, das espécies animais e da vegetação.

O processo é, ao início, tão gradual que se interpõem séculos entre a primeira instituição da desorganização e a destruição final dos sistemas; um período que parece o silêncio do crepúsculo após o dia atarefado terminar; um período em que a natureza parece afundar-se gradualmente no repouso; acalmando-se para uma noite de sono.

O Homem desaparece; as forças reprodutivas morrem; a esfera espiritual recebe os últimos remanescentes da raça. As formas inferiores da natureza, como a animal e a vegetal, seguem o rasto do homem. À medida que as mais baixas destas desaparecem gradualmente, ocorre a catástrofe; o equilíbrio trémulo oscilou de um lado para o outro até que o átomo final é extraído do corpo perturbador do universo, momento em que o peso cai.

O resultado é a destruição instantânea de todas as formas universais; sóis, planetas, cometas, giram promiscuamente pelo espaço; governados por nenhuma lei regulada, nenhuma força central protetora. É, enfaticamente, "o naufrágio da matéria e o colapso dos mundos"; enfaticamente, fogo, chama, "um derreter dos elementos com calor fervente". A matéria retrocede, determina-se de volta à sua condição primeva, sendo dissolvida — decomposta pela retirada das forças atrativas reguladas; pela extinção da lei, da ordem no universo, por assim dizer.

Para os leigos nos mistérios da natureza, é a retirada da mão de Deus que sustenta, desenvolve e protege; enquanto para o sábio estudante da natureza, é essa mão ainda estendida em amor e misericórdia. A rutura é método, a desorganização, lei; a confusão universal, a ordem perfeita da natureza, o método estabelecido de Deus para continuar os processos de desenvolvimento, de revigoramento da matéria.

O presente universo, tendo desenvolvido as seis ordens de sóis, os sete graus de matéria e a raça humana, embora esteja agora a desenvolver a sua sexta formação, encontra-se ainda à beira da decadência. Ocorreu a contingência que determinará a sua desorganização. Contudo, eras, conforme o homem conta o tempo, poderão passar antes que a desorganização comece; antes que se perca o átomo que determinará isto; o período está dependente de contingências ainda pendentes; como desastres no sistema asteroidário, agora uma forma de equilíbrio para o seu sol correspondente.

A lei do desenvolvimento dos universos é: as doze formações, as seis ordens de sóis, os sete graus de matéria e o desenvolvimento do homem por todas estas doze formações. No entanto, as forças de desenvolvimento progridem; cada estimulação sucessiva de movimento é a instituição de um grau mais elevado de movimento; cada sucessivo despertar de ação na matéria universal pela agência da Força Elétrica Deífica é o despertar de uma ação mais desenvolvida.

Na instituição de um ciclo composto de ação, o despertar da ação é o redespertar, o restabelecimento, de uma ação menos desenvolvida do que a instituída no início do último período do ciclo de ação anterior. Ainda assim, é progressão; sendo uma ação mais desenvolvida do que a instituída no início do ciclo composto anterior. A matéria universal progrediu através de vários graus desde a instituição do ciclo composto anterior e, consequentemente, a ação desenvolveu-se proporcionalmente.

Não sendo a decomposição da matéria apenas através de um período de um ciclo a sua decomposição total, o efeito é que o redespertar em cada manhã sucessiva de um ciclo é como o redespertar da matéria para uma ação renovada após uma noite de descanso; o simples revigoramento adquirido pelo repouso; enquanto o seu redespertar após um ciclo composto de inação — a sua decomposição perfeita — é como o redespertar da matéria após um inverno de descanso; o restabelecimento da atividade na primavera, quando a morte é sucedida pela vida, a decadência pelo crescimento.

Tal como uma manhã de verão testemunha a continuação do crescimento que foi parcialmente suspenso durante a noite — um crescimento da vegetação mais rápido do que o testemunhado pela primeira manhã de primavera, quando as correntes gélidas do inverno mal se quebraram e as brisas suaves da primavera mal começaram a soprar — assim é um restabelecimento da ação após um curto período de repouso: o restabelecimento de uma ação mais desenvolvida do que aquela no início do ciclo composto, quando o inverno mal passou, a primavera mal foi introduzida.

Contudo, tal como cada introdução sucessiva da primavera na Terra testemunha uma condição do solo ligeiramente melhorada, incidente sobre o progresso de toda a matéria no planeta — estando o planeta ainda imaturo — assim a introdução sucessiva de cada ciclo composto subsequente testemunha uma condição elétrica ligeiramente melhorada da matéria universal.

Os ciclos progridem; mais é realizado durante cada ciclo sucessivo do que durante o último. Os ciclos encurtam; a mesma quantidade de trabalho é realizada por forças desenvolvidas num período mais curto. Os períodos, ou dias de um ciclo — eternidades, assim chamadas — progridem; os períodos correspondentes de cada ciclo sucessivo testemunham um universo mais desenvolvido do que o precedente. Assim, à medida que os ciclos avançam e as eternidades se sucedem, o universo progredirá; o período será alcançado quando um universo aperfeiçoado será desenvolvido por um período de um ciclo.

O universo desenvolveu os sete graus de matéria, as seis ordens de sóis e o homem; está a desenvolver a sua sexta formação. Como o leitor já compreende,

as ordens desenvolvidas mais tarde são as mais elevadas; os graus desenvolvidos mais tarde, os mais elevados. A primeira ordem de sóis da primeira formação é, a seguir ao sol central, da matéria mais rara do universo. Estes sóis, embora progenitores de planetas aperfeiçoados, são ainda cometares; tão rara é a sua substância que a condensação ainda não efetuou a solidificação da sua superfície.

Voláteis, possuem a consistência de mercúrio aquecido. A décima segunda formação, ou central, sendo da matéria mais rara do universo, está tão próxima do mesmo estado de condensação que se pode dizer ser da mesma consistência. A primeira ordem da segunda formação, de matéria mais condensada do que a mesma ordem da primeira, encontra-se ainda quase no mesmo estado de condensação, tendo sido subsequentemente evoluída; esta ordem da terceira, quarta e quinta formações é menos condensada, sendo formações subsequentes; a sua consistência é a do mercúrio a ferver — ligeiramente mais condensada do que o vapor condensado; enquanto os da mesma ordem da sexta são vaporosos.

A prioridade do tempo de evolução determina a presente condição mais avançada das ordens superiores da primeira formação do que das formações posteriores. A condição planetária foi atingida por cinco ordens da primeira, segunda, terceira e quarta formações; e em quatro da quinta. A sexta formação não desenvolveu planetas; as formas dessa formação são ainda cometares.

O tema do desenvolvimento universal, as leis e princípios que instituem e governam este desenvolvimento, foram discutidos. O tratamento posterior do assunto necessitará da introdução de formas especificadas; uma descrição particular do método de desenvolvimento de formas especificadas. A lei do desenvolvimento é uma só; o desenvolvimento do sistema universal é um tipo do desenvolvimento de todos os sistemas; contudo, uma compreensão mais correta desta lei, da sua ação em todos os casos, é transmitida à mente pela sua aplicação ao desenvolvimento de um sistema especificado.

Desenvolvimento universal significa todo o desenvolvimento; a lei do desenvolvimento significa a lei de todo o desenvolvimento. A lei do desenvolvimento de um sol, de um sistema, é a da mente; o método de desenvolvimento da matéria — universos físicos — é o do espírito — de universos espirituais. No entanto, como a lei se exibe como lei cada vez mais elevada; como o método progride, por assim dizer, torna-se uma necessidade definir a lei conforme exibida pelos vários métodos instituídos.

Não apenas definir a lei do desenvolvimento da matéria primeva, dos sóis — as formas mais brutas — mas também a das formas superiores do universo físico; e a lei exibida pelo método desenvolvido, a do desenvolvimento do espírito; as formas inferiores e superiores do espírito. A variedade é o método da natureza,

tal como a mente compreende; e é pelo estudo desta variedade que ela primeiro aprende a compreender a universalidade da lei única; e a sabedoria do plano que instituiu a variedade na unidade, e a unidade na variedade.

CAPÍTULO III

O SISTEMA SOLAR

A discussão da lei e do método de desenvolvimento do sistema solar será uma exposição mais completa e explícita da lei do desenvolvimento universal, conforme enunciada nas páginas anteriores. Uma descrição do desenvolvimento de um sistema é uma descrição do desenvolvimento de todos os sistemas; portanto, quando o minúsculo sistema solar é selecionado como a forma especificada cujo desenvolvimento deve ser particularmente tratado, será perfeitamente entendido que as leis e métodos demonstrados, como sendo deste sistema, se aplicam ao sistema universal, a todos os vastos e minúsculos sistemas que compõem esse sistema; mas qualificados para se adequarem às circunstâncias desse sistema, como o tamanho, o grau das forças, etc.

O sistema solar pode ser examinado, as suas leis demonstradas pela observação; o homem pode estudar a sua construção, o método da Deidade no estabelecimento do seu centro, as suas várias formações e a distribuição das suas formas, tanto em relação à posição como ao tamanho; pode pesar os planetas, como numa balança, medir as distâncias proporcionais destes ao sol e entre si; pode demonstrar o poder da força atrativa de cada forma sobre todas as outras; e, ao demonstrar assim este sistema, pode demonstrar proporcionalmente todos os sistemas; o grande sistema universal, do qual este não passa de um grão de areia no leito do oceano.

O sistema solar — qual a sua origem? A que formação pertence, a que ordem e a que grau de matéria? Sol, que significa propriamente, nesta ligação, a esfera inteira que contém o corpo central e o sistema de planetas, é da quinta formação; é da terceira ordem e, consequentemente, do quarto grau de matéria. O sol que evoluiu este sol foi evoluído diretamente por um sol da quinta formação — um dos milhões dessa formação evoluídos diretamente pelo sol central.

Consequentemente, é o quarto a partir do central, o que determina o seu grau de matéria; o terceiro a partir do sol progenitor da quinta formação, o que determina a sua ordem. As evoluções diretas deste sol da quinta formação são centenas de milhares; as evoluções diretas destes, milhares; consequentemente, o sistema solar é irmão de milhares de sistemas que são evoluções diretas do seu

próprio sol progenitor; parente de centenas de milhares, evoluções diretas do seu avô; parente de muitos milhões de sóis e planetas, as evoluções destes.

A situação do sistema solar no espaço, conforme demonstrado pela observação, é na *via lactea*. Esta galáxia de sóis, visível a olho nu como matéria nebulosa, à visão telescópica como estrelas, é o sistema de sóis evoluído pelo progenitor e pelo avô do sistema solar. "Espalhados como pó sobre o chão do céu", em milhões incontáveis, eles apresentam à visão humana, à compreensão humana, todo o universo ocupado por estas evoluções. Um vasto universo em si mesmo, este espaço, e contudo que partícula minúscula no vasto oceano do infinito! Que porção minúscula do vasto universo do qual é apenas uma secção de um sistema!

A visão telescópica atravessa cavidades, por assim dizer, neste sistema, e observa *via lacteas* mais além; nebulosas, tanto resolvíveis como irresolvíveis, são visíveis em várias partes dos céus, desligadas da *via lactea*. Este segundo estrato de sóis, visível através dos espaços escuros não ocupados da via láctea, e como nebulosas em várias outras partes dos céus, são secções do vasto sistema envolvente — a quinta formação. A ciência operou prodígios no aperfeiçoamento de instrumentos telescópicos até ao grau em que os sóis da primeira ordem podem ser apresentados à visão humana. Distâncias tão vastas que não podem ser compreendidas pelo entendimento humano são aniquiladas pelo poder desse entendimento! Formas tão vastas que não podem ser compreendidas pelo entendimento humano são apresentadas a esse entendimento como monumentos da Energia e do Poder Formativos Deíficos.

O método de evolução dos sóis foi totalmente descrito; portanto, será desnecessário repeti-lo ao enunciar as particularidades da instituição do sistema solar; contudo, será repetido o suficiente para transmitir à mente uma conceção clara da constituição desse sistema — o método de evolução do seu corpo central e de outras formações. O sistema solar é uma forma — uma esfera, cujas dimensões são proporcionais à esfera da sua força atrativa; cuja esfera de influência atrativa é proporcional ao espaço que lhe é permitido no sistema a que pertence, pelas esferas interpostas desse sistema, de acordo com a lei que regula a extensão das esferas de força atrativa e de influência atrativa.

A esfera de força atrativa, como foi explicado anteriormente, é uma esfera de matéria propagada; tal como o é a esfera de influência atrativa. A esfera de força atrativa do sistema solar é para o corpo central desse sistema, num sentido, como uma atmosfera que rodeia um corpo planetário; é do corpo, num sentido, tal como uma atmosfera o é; portanto, essa esfera é denominada o sol, ou progenitor do sistema. A esfera de influência atrativa do sistema corresponde àquele estrato

rarefeito de elementos atmosféricos emanados da atmosfera propriamente dita, que a rodeia.

A esfera de força atrativa, ou esfera, como será designada — o corpo real do sistema — é um corpo real; uma forma de matéria tão real como a forma do corpo central ou de qualquer outro corpo do sistema, embora de caráter ou grau de matéria diferente; tão real agora que a sua matéria evoluível foi extraída, como antes dessa extração. Esta forma evoluiu da matéria primeva do terceiro grau, sendo composta, no período da sua evolução, pela sua matéria atual e pela de todos os corpos dentro dela, sendo matéria primeva; de acordo com a lei da evolução previamente enunciada. Segundo essa lei, após a sua evolução deste grau, ela passou ao quarto grau de matéria primeva. O seu tamanho no período da sua evolução era o seu tamanho atual; nenhuma condensação de matéria primeva de qualquer grau advindo da força atrativa. A sua forma, cometária na sua primeira evolução, continua cometária, uma vez que a forma cometária é sempre o resultado da volatilidade da matéria. A evolução da matéria do seu corpo central foi efetuada de acordo com a lei da esfera universal já enunciada.

A consistência desta matéria da forma, evoluída pela primeira vez, era, antes da sua condensação pela força atrativa, a da matéria vaporosa apreciável mais rara; matéria essa que foi espalhada por todo o sistema na busca do centro; consequentemente, o sistema era apreciável como uma vasta forma da matéria vaporosa mais rara. Esta condição aparente, ou consistência da forma, foi mantida por eras, enquanto gradualmente o estrato exterior evoluía o corpo central e enquanto a força atrativa atraía gradualmente esta matéria para o centro.

Sendo a matéria mais rara da forma, a sua evolução foi mais gradual do que a de qualquer outra matéria da forma, bem como a sua condensação pela força central. Gradualmente, porém, a consistência aparente da porção central da forma alterou-se; apareceu uma substância vaporosa mais densa; a condensação estava a resultar. Por fim, o estrato tinha evoluído a sua matéria evoluível; o corpo central estava concluído quanto à sua massa. A forma do sistema pareceu então ter-se contraído.

Eras incontáveis decorreram enquanto este corpo central se condensava e aperfeiçoava até ao grau necessário para a formação e retenção de sóis no seu seio. Cometário, orbitou durante estas eras, aparentemente uma coisa inútil; sem forma ou movimento regular, sujeito à influência perturbadora de cada sistema com que entrava em contacto. O período finalmente chegou em que os átomos centrais de novas formações foram evoluídos no seu interior; — a sua função procriadora foi desenvolvida.

Entretanto, a evolução da matéria da forma continuava; o movimento rotativo dela tinha determinado a evolução da matéria a partir do segundo estrato. A evolução da matéria deste estrato tinha prosseguido desde muito antes da conclusão da massa do corpo central — a evolução da última matéria do estrato exterior; contudo, foi gradual, e as eras que mediaram entre a instituição da evolução a partir deste estrato e o desenvolvimento da função procriadora do corpo central apenas bastaram para preparar a matéria para se tornar sujeita ao poder central da nova formação e ao poder de retenção da forma central.

A lei da evolução das formações varia à medida que as ordens se desenvolvem. As formações evoluídas pelo corpo central da esfera universal consistiam em milhões de formas; a primeira ordem evolui formações consistindo em centenas de milhares; a segunda ordem, de milhares; a terceira ordem, de uma; esta é a gradação. Esta lei de variação será enunciada numa ligação subsequente.

Apenas um átomo central foi impregnado pelo poder procriador do corpo central. Este centro atraiu toda a matéria evoluída do estrato em evolução para formar um sol que, quando concluído, deveria ser evoluído do corpo central pela lei da evolução dos sóis, para ocupar aquele estrato da forma — o segundo estrato. O átomo central da nova formação era um átomo positiva e negativamente elétrico — matéria semelhante à do estrato que evoluía a matéria da formação, de acordo com a lei enunciada na secção anterior.

Antes da evolução deste sol a partir do corpo central, tal como no caso da forma progenitora, a condensação do seu corpo central tinha começado; portanto, quando a conclusão determinou a sua evolução, ele escapou do seu corpo progenitor como a substância vaporosa apreciável mais rara; ligeiramente mais condensada, porém, do que a da forma progenitora no período da sua evolução, por ser de um grau superior de matéria. A forma exterior do sistema assumiu o seu lugar como um sol independente — um sistema; como um corpo em rotação, sujeito às forças do sistema progenitor, às forças opostas que deveriam desenvolver o seu movimento orbital. Era um tipo da forma progenitora em todos os sentidos; tal como esta era o tipo da forma progenitora — a forma universal; contudo, um tipo superior — uma forma mais altamente qualificada.

Entretanto, com o desenvolvimento das forças condensadoras no corpo central, este ia assumindo uma forma definida; contudo, era ainda uma forma vagamente definida. Estas forças tinham-no condensado de tal modo no período da evolução da primeira forma que ele era, então, uma forma vagamente definida. A conclusão da segunda forma testemunhou-o como um corpo claramente definido, com a aparência de uma chama rara e de cor clara; um

cometa cuja vasta cauda no periélio teria abrangido duas vezes os céus visíveis da Terra de horizonte a horizonte, se visto à distância da Terra.

Para um habitante de um planeta dentro do sistema, naquele período, o Sol teria aparecido como um cometa fixo de dimensões espantosas, exibindo fenómenos estranhos e inexplicáveis, considerando ser um corpo fixo. Para um observador habituado e instruído, dentro ou fora do sistema, ele teria aparecido no seu verdadeiro caráter, como um corpo em rotação, possuindo movimento orbital, sujeito às leis que governam a matéria cometária dessa rara qualidade.

O sistema possuiu movimento rotativo desde o período da sua primeira instituição, de acordo com a lei que estabelece o movimento rotativo das formas. O movimento rotativo do sistema era o do corpo central, de acordo com esta lei. O período de uma revolução do sistema — do corpo central — é de mais de vinte e cinco dias. A revolução orbital do sistema — o corpo central — realiza-se em pouco mais de dezoito mil anos.

O Sol, ou mais apropriadamente, o sistema solar, uma forma comparativamente minúscula do universo, gira em torno do seu sol progenitor num período proporcionado ao seu tamanho, à sua qualidade de movimento, à sua ordem e ao tamanho do sistema de que é membro. Sendo a qualidade do seu movimento orbital inferior à de uma ordem superior, como os membros do seu próprio sistema, ele realizará necessariamente a sua revolução em torno do seu centro num período que, comparado com o período da sua formação correspondente do seu próprio sistema, será proporcionado à diferença na qualidade dos movimentos, sujeito ao tamanho do sistema de que é membro, ou à distância que percorre ao realizar uma revolução. É membro da oitava formação do seu sistema; consequentemente, Marte é a sua forma correspondente dentro do seu próprio sistema.

Por mais vasto que o período da sua revolução orbital possa parecer em comparação com o de Marte, ele está em exata proporção à diferença na qualidade de movimento das duas formas, sujeito à distância que percorre em torno do seu centro. Recordar-se-á que ele é irmão de milhares de sóis que compõem a sua própria formação; e que é membro de um sistema que é o terceiro a partir do sol central, o segundo a partir de um dos assombrosos sóis da primeira ordem da quinta formação.

O seu corpo progenitor continha dentro da sua forma, em todas as fases de conclusão, os milhares de sistemas irmãos do sistema solar — da mesma formação — em simultâneo; além das formas germinais de algumas das formações interiores seguintes; sendo estes sistemas, dentro do corpo central quando completos, do mesmo tamanho que após a sua evolução desse corpo.

Os números mal conseguem computar sequer o diâmetro de tal sol; e, no entanto, o sistema solar gira em torno desse sol com apenas um grau, por assim dizer, de movimento menos desenvolvido do que o do planeta Marte em torno do seu corpo central. Este vasto período é curto em comparação com os períodos dos planetas exteriores do sistema progenitor do Sol.

As milhares de formas da mesma formação encontram-se todas na mesma relação com o sistema a que pertencem, tal como a primeira — tal como Marte está para o sistema solar. Isto significa que os seus períodos são aproximadamente iguais, que se aproximam em tamanho, que os seus movimentos, como formas de uma formação, são regulados precisamente pelas mesmas leis que os de Marte; sendo uma formação que consiste em apenas um sol. A Ordem é a lei do céu; cada forma tem a sua forma de contrapeso, de perturbação e de regulação; cada formação de um sistema tem o mesmo número de formas, de acordo com a lei perfeita de desenvolvimento dos sistemas.

O período de conclusão e evolução da terceira forma do sistema — aquela evoluída pelo quarto estrato, para ocupar esse estrato como a terceira formação do sistema — testemunhou o corpo central condensado até à consistência aparente de chama vermelha.

A consistência real da matéria do corpo era então vaporosa, — a consistência vaporosa semidensa da matéria cometária em condensação. Estes períodos em que se formavam, dentro deste corpo central, o sol, estas novas formas infantis, mencionadas como sucedendo-se umas às outras como eventos consecutivos, foram períodos demasiado imensos para a mente humana compreender.

O retratista das leis da natureza, da ação da natureza, o cronista dos eventos da criação, por assim dizer, deve trabalhar sob a dificuldade decorrente da incapacidade do intelecto humano, no seu estado atual de desenvolvimento, para compreender períodos curtos na sua relação real com outros períodos, contudo, infinitos para a compreensão humana; para compreender formas pequenas, relativamente a outras formas, mas infinitas em vastidão para o intelecto humano; métodos simples na realidade, contudo, complexos para o intelecto humano. Ele tem, no entanto, apenas de registar os eventos na sua devida ordem de sucessão, falar de formas relativamente, descrever métodos por termos aceites, deixando a mente compreender a natureza à medida que esta progride; para perceber a realidade conforme lhe for possível.

O Tempo — o que é? Uma era — o que é? Períodos de eras — o que significa? Tempo — a sucessão de eventos; uma era — um longo período relativo; períodos de eras — um longo período relativo. Ciclos, ciclos compostos de períodos de eras — períodos relativos. Como poderá o homem, um infante na

compreensão, não instruído na ciência da matemática do universo, medir o tempo?

Períodos, ciclos, ciclos compostos de períodos de eras decorreram enquanto uma forma era preparada para a evolução pelo Sol — enquanto este corpo raro se condensava de um grau, por assim dizer, para outro. A quarta era do desenvolvimento cometário do Sol foi alcançada antes da fecundação do átomo central da primeira formação. O período ocupado na condensação do Sol até esta fase, embora uma eternidade para a compreensão humana, foi apenas momentâneo, comparado com o ocupado pelo sol central para atingir esta fase, ou com o ocupado pelo seu progenitor da quinta formação para atingir esta fase.

Os períodos ou eras encurtam. Isto significa, num primeiro sentido, que uma era de um sol de qualquer ordem é um ciclo de eras da ordem superior seguinte, ou uma fração de uma era de uma ordem inferior. As eras encurtam num segundo sentido, pois cada era sucessiva é mais curta do que a anterior, numa razão crescente, sujeita às circunstâncias do número da era e da ordem da fase; no entanto, a razão média é de uma e meia para uma, a uma e duas terças para uma.

A primeira era de uma eternidade de ação compreende aquele período em que uma certa quantidade de ação é realizada para a conclusão do sistema universal; quantidade esta que depende do número do período, como do número total de um ciclo composto de ação. O segundo é um período mais curto em, aproximadamente, um terço; enquanto o sexto tem, aproximadamente, metade do comprimento do quinto.

Esta é a razão de diminuição do comprimento das eras de ciclos, ciclos, ciclos compostos de eras, no segundo sentido. No primeiro sentido, elas encurtam numa proporção de sete vezes das ordens inferiores para as superiores, como nos sóis; dos graus inferiores para os superiores, como na matéria. Assim, uma era do desenvolvimento cometário do sol central compreende sete eras do desenvolvimento cometário de um sol da primeira ordem; não, porém, eras correspondentes no sentido perfeito, mas correspondentes num sentido secundário, como aparecerá na consideração posterior deste assunto noutra ligação. Uma era de desenvolvimento cometário da primeira ordem compreende sete da segunda neste sentido secundário; e assim sucessivamente através da sucessão de ordens. Assim sucede com as eras planetárias dos sóis destas ordens; e assim com as eras de desenvolvimento das ordens superiores da matéria planetária, como será enunciado na discussão do tema do desenvolvimento planetário.

A quinta era foi alcançada quase simultaneamente com a evolução da segunda formação do sistema. A conclusão desta era, como foi observado,

testemunhou este corpo como um corpo claramente definido, com aparência de chama vermelha. Os períodos, denominados períodos de evolução das formações, encurtam. Cada estrato interior sucessivo, de matéria mais desenvolvida do que o estrato exterior contíguo, evolui a sua matéria mais rapidamente; também a condição mais condensada do corpo central determina-o como uma forma de desenvolvimento mais rápido para as formas infantis em processo de formação dentro da sua estrutura; sendo os seus átomos capazes de exercer uma influência maior sobre os átomos da nova forma.

A evolução da terceira formação do sol, a da quarta e da quinta, ocorreu antes da consumação da quinta e da obtenção da sua sexta era cometária; a evolução desta última formação foi quase simultânea com o início desta era. A consistência deste corpo era, nesta fase, mercurial. A condensação tinha desenvolvido a sua substância da condição vaporosa para a condição mercurial rara — aquela em que a sua volatilidade corresponde à do mercúrio a ferver.

O calor desta matéria tinha-se desenvolvido gradualmente até que, nesta fase, era matéria aquecida; não intensamente aquecida, porém. Para um observador, neste período, o Sol teria exibido a aparência de uma massa ígnea com um estrato ligeiramente rarefeito de matéria ígnea rodeando a sua porção mais condensada; este estrato ligeiramente rarefeito era a sua atmosfera. De uma consistência apenas ligeiramente mais rarefeita do que o corpo condensado, era ainda vaporosa; aparecia como chama gasosa e sulfurosa. A aparência de chama do corpo condensado era induzida pela condição gasosa da sua substância, substância essa que era matéria gasosa, sulfurosa, cor de chama e grosseira; que é a condição da matéria de todos os sóis nessa fase.

Enquanto a nona formação estava em processo de desenvolvimento dentro da sua forma — após a evolução da sexta, sétima e oitava formações — o sol atingiu a sétima era cometária. A consistência da sua substância era então como mercúrio aquecido — a sua volatilidade correspondia à do mercúrio aquecido. O calor desta matéria tinha-se desenvolvido até à intensidade; era ígneo em todos os sentidos. Gradualmente, a sua volatilidade diminuía, enquanto o seu calor aumentava; desenvolveu o seu maior calor como matéria durante a consumação desta, a sétima era.

A oitava era testemunhou esta matéria ainda como mercurial, embora menos volátil do que na fase anterior. A condição de calor mais intenso tinha passado ao entrar nesta fase; a condensação tinha-a desenvolvido ao ponto de o frio do espaço poder operar ligeiramente sobre ela; a sua atmosfera era um agente ligeiramente condutor deste frio para a superfície do corpo. Uma fase importantíssima foi alcançada; as forças de desenvolvimento podiam doravante

realizar mais no período atribuído para a consumação de uma era do que até então; o desenvolvimento podia progredir mais rapidamente. Doravante, estes períodos desenvolveram-se mais rapidamente do que até aqui.

A época da introdução da oitava era é uma época importantíssima no desenvolvimento dos sóis. A matéria tornou-se suficientemente condensada para que o frio opere sobre ela. Daqui em diante, o frio realiza mais para a condensação e desenvolvimento da matéria dos sóis do que todas as outras forças combinadas. Daqui em diante, o frio realizará mais para a condensação e desenvolvimento da matéria deste corpo do que todas as outras forças combinadas; consequentemente, o desenvolvimento deve doravante progredir com uma velocidade mais do que duplicada.

Antes do início da oitava era, o Sol tinha evoluído a sua última formação. A evolução da sua décima primeira — última formação — precedeu a obtenção da oitava era por longos períodos.

O Sol desenvolveu a nona, a décima, a décima primeira, a décima segunda eras cometárias e atingiu a quinta era planetária. Estas eras serão descritas particularmente nos capítulos que tratam do desenvolvimento da Terra.

A condensação do corpo central do sistema solar até às suas dimensões atuais partiu de um corpo que ocupava quase os dois estratos interiores do sistema. Isto significa que, no período da conclusão deste corpo, ele preenchia o sistema até uma distância comparativamente curta da órbita da Terra. A obtenção da décima segunda era cometária testemunhou a sua condensação até quase às suas dimensões atuais.

Sendo um planeta como a Terra, possui uma superfície diversificada de terra e água, planície e montanha. Ainda não desenvolvido, em comparação com a Terra, é contudo como a Terra a este respeito, tal como outros planetas que ele evoluiu. Sendo o progenitor do sistema planetário, é a fonte de suprimento para estes dos elementos de vida necessários à sua subsistência. De natureza semelhante à deles, afim a eles como nenhum outro corpo do universo é, as forças atrativas destes sobre ele extraem dele elementos elétricos suficientes para suprir a fonte de luz e calor para cada corpo do sistema; enquanto ele próprio é o recetor, pelo poder da mesma força, dos elementos elétricos mais desenvolvidos dos corpos planetários do sistema, num grau proporcional ao tamanho de cada um e à massa de todos.

É o coração do sistema — o centro da circulação dos fluidos elétricos deste; do qual fluem vastas correntes do elemento elétrico para uso do sistema, separando-se em correntes menores conforme operadas pelas forças atrativas dos diferentes planetas; e para o qual fluem as correntes unidas de todos os corpos do

sistema. O grande coração do sistema, no sentido de ser o gerador deste elemento vivificador; o gerador, no sentido de que atrai um elemento semelhante do seu sol progenitor, o qual, operando sobre a sua vasta massa, gera um elemento elétrico superior, que é aquele que tem afinidade com os planetas do sistema e está adaptado ao suprimento das suas necessidades desenvolvidas.

É o órgão positivo e negativo do sistema, por ser o gerador das forças equilibradas positivas e negativas do sistema, sem as quais o equilíbrio do sistema não poderia, por um momento, ser mantido. É o progenitor dos planetas do sistema, porquanto a sua própria força procriadora os desenvolveu; — ele carregou-os durante o período de gestação até ao do nascimento; deu-lhes o nascimento e enviou-os para a sua esfera como formas independentes, sujeitas ao seu próprio cuidado parental.

O primeiro desenvolvimento da lei parental dentro do sistema solar foi a fecundação do centro da primeira forma dentro da forma do Sol, a conclusão da forma infantil, a sua evolução para o seu próprio plano de revolução orbital dentro do sistema, — a instituição da primeira formação do sistema. O regulador das forças do sistema — o coração, o progenitor, é contudo uma forma do sistema — uma formação desenvolvida pela lei parental. A décima segunda formação; ele próprio — de acordo com a exposição anterior da lei das formações — ocupando uma posição central no sistema, está sujeito às forças do sistema; dependente da força planetária para manter a sua posição como corpo central regulador do sistema e para auxílio no seu desenvolvimento.

Este corpo central do sistema solar, esta força reguladora do mesmo, é uma vasta massa de matéria ponderável, desenvolvida a partir do estrato mais raro do sistema. É a matéria mais rara do sistema, propriamente denominada. A sua densidade, comparada com a da formação exterior, que é a segunda em raridade das formas do sistema, é de cinco para sete; esta proporção mantém-se em todo o sistema; a densidade dos estratos e, consequentemente, das formas, aumenta, nesta razão, em direção ao centro.

A densidade, como de uma formação, determina, em certo grau, a qualidade da força atrativa exercida por essa formação sobre todas as outras do sistema. Formas afins; isto significa, em frase aplicável a sistemas planetários, matéria semelhante, quanto à densidade, raridade e condição elétrica. Um sistema evolui como uma forma a partir do seu sol progenitor como matéria semelhante; semelhante na qualidade da densidade e condição elétrica. De acordo com a lei do desenvolvimento dos sistemas, este sistema desenvolve as suas formas.

Tão infinitas são as gradações da matéria deste sistema como as do sistema universal; as do universo infinito; um sistema, a evolução de um sistema

progenitor, sendo um tipo daquele em todos os sentidos; todos os sistemas evoluídos pelo sistema universal são tipos daquele em todos os sentidos. Um sol da sexta ordem, comparativamente um átomo no espaço, é um tipo perfeito do sol central do universo, uma forma infinita em vastidão para a compreensão humana; sendo o primeiro simplesmente o desenvolvimento superior dos diversos graus do último.

Este princípio é o princípio do desenvolvimento. A matéria é evoluída do oceano da matéria primeva no redespertar da ação no universo, para o desenvolvimento; cada grau do número infinito que é evoluído avança um grau durante um período de ação. Cada grau de matéria evoluída de um universo está representado em todas as seis ordens, em todas as formas de cada ordem; em todos os sete graus, assim chamados, do universo.

Cada estrato do universo é composto de matéria de cada grau; sendo a matéria universal dividida em estratos pela dissimilitude da matéria de um grau; havendo, propriamente falando, uma variedade infinita de condições de matéria de cada grau; como de densidade, raridade e condição elétrica. Cada estrato que evolui uma formação, consequentemente, evolui matéria de cada grau. Cada formação sendo, como o sistema universal, um sistema estratificado, pelo mesmo princípio, evolui formações de cada grau a partir de cada estrato. Pelos sete graus de matéria do universo, significa-se o mesmo que a sucessão de ordens — o desenvolvimento do movimento da matéria de um grau para outro, por estimulações sucessivas; são designados os sete graus a partir da ordem de evolução da matéria da sua primeira condição primeva.

As diversas ordens, os sete graus, num período desenvolvido de ação, desenvolverão a forma mais elevada e perfeita; a forma onde estão representados todos os graus infinitos de matéria evoluída de um universo — o homem. O fim do esforço da natureza — da ação formativa — é a produção desta forma; uma forma que combinará, numa organização indestrutível, estes graus.

O Sol, o corpo central do sistema solar, o mais raro do sistema, exerce força atrativa sobre os corpos do sistema em proporção à distância, qualificada pela densidade e condição elétrica. Esta proposição é verdadeira para cada formação do sistema. Os planetas exteriores, sendo mais afins ao sol quanto à densidade e condição elétrica, estão mais sujeitos à sua força atrativa em proporção à distância do que os interiores, que são menos afins nestas. Este princípio determina a estabilidade dos sistemas planetários.

Os planetas exteriores, sendo mais afins ao Sol do que os interiores, são, por este princípio, retidos nas suas órbitas a distâncias tão imensas dele; e gozam de uma proporção maior de luz e calor, em proporção à sua distância dele, do que os

planetas interiores. Esta é uma sábia provisão da natureza; pois se cada um recebesse, simplesmente em proporção à sua distância, o elemento produtor destes, haveria tal desproporção destes em relação às proporções realmente existentes e necessárias, nos vários planetas, que as condições necessárias para o sustento do homem estariam ausentes.

As condições elétricas das várias formações do sistema solar diferem de acordo com as circunstâncias da sua posição no sistema. A posição de uma formação, em relação a outras formações do sistema, qualifica a circunstância do grau de densidade na determinação do período necessário para o desenvolvimento dessa formação até à condição planetária. As formações são agentes de desenvolvimento umas para as outras. O Sol, a primeira formação evoluída do sistema, embora situado num estrato de sóis, agentes de desenvolvimento para ele, esteve, por longos períodos, sozinho como uma formação do sistema; e, consequentemente, durante este período, o seu progresso foi proporcionalmente lento.

A formação exterior do sistema, num sentido, esteve sozinha por longos períodos, não havendo formações irmãs a girar na sua vizinhança para servirem de auxílio; sendo o sol distante o seu único agente de desenvolvimento do sistema; o seu progresso foi extremamente lento em consequência. Além das circunstâncias de densidade e posição no sistema, existem outras causas operantes no desenvolvimento de uma formação, dependentes, contudo, de circunstâncias de posição.

Estas são o tamanho relativo, a distância das formações ao sol e a distância entre si das formações sucessivas até à central. O tamanho de uma formação e a sua distância de outra determinam o grau de intensidade da sua força, conforme exercida sobre essa outra, sujeito à qualidade da matéria de cada uma, como explicado acima; enquanto as mesmas circunstâncias determinam o efeito da outra sobre ela.

A distância do Sol aos planetas exteriores do sistema, parcialmente contrabalançada como é pela afinidade próxima destes corpos com o Sol, é contudo produtora de resultados que não advêm aos planetas interiores da sua proximidade próxima a ele. O movimento orbital é mais lento à medida que a distância do Sol aumenta; conforme as forças atrativas e repulsivas diminuem; sendo todas as circunstâncias, como a condição elétrica e a densidade, sujeitas à distância; a intensidade da luz e do calor destes planetas diminui, numa proporção dependente da intensidade da força atrativa, à medida que a distância do Sol aumenta. A lei das distâncias planetárias — as distâncias proporcionais

dos planetas ao Sol e entre si — a mesma em todos os sistemas, é regulada pela profundidade dos estratos — as necessidades do sistema.

Tão harmoniosamente arranjados estão os estratos e as formas de um sistema como o estão os órgãos do corpo humano. O equilíbrio perfeito do corpo humano é assegurado e mantido pelo ajuste perfeito dos órgãos desse corpo; o deslocamento de um assegura a desordem e destrói o equilíbrio do corpo. O desarranjo dos estratos de um sistema, o deslocamento das suas formas, asseguraria a desordem; desequilibraria o sistema. O tamanho das formas de um sistema é determinado pela quantidade de matéria evoluível dos estratos que desenvolvem as formas; isto também é regulado pelas necessidades do sistema.

O estrato exterior do sistema solar tem uma profundidade que ultrapassa a de qualquer outro estrato, como já explicado. Pela lei da necessidade do sistema, este estrato continha mais matéria evoluível do que qualquer outro estrato do sistema. A matéria primeva, subsequente à desorganização das formas e à decomposição da matéria, organiza-se em estratos; estratos estes que assumem posição de acordo com a densidade relativa da matéria que os compõe.

Isto determina, exceto no caso do corpo central, que no espaço onde girava uma formação de um sistema, aí a matéria decomposta se organizará como um estrato de matéria primeva; de acordo com a lei perfeita de força atrativa e de organização de universos de matéria primeva. O corpo central, ao decompor-se, obediente a esta lei, retoma o seu lugar como matéria primeva no estrato exterior de um sistema, por ser a matéria mais rara do sistema e repelida do centro pela força repulsiva de matéria mais densa.

Meios adaptados a fins; — esta é a lei da ação universal. Universos de matéria primeva não evoluída, como formas, devem equilibrar-se uns aos outros. Esta necessidade é suprida pela profundidade dos estratos exteriores destes. Matéria semelhante de tão vasta quantidade estende a sua esfera de influência atrativa de forma coextensiva com o seu próprio universo, e aproximadamente coextensiva com os universos contíguos; unindo assim num só o universo infinito. Se os estratos exteriores fossem estreitos e de matéria rara, sendo de matéria diversa, as suas esferas de influência atrativa agiriam umas sobre as outras de tal modo que seriam circunscritas; sendo uma lei da matéria que as forças são absorvidas pela ação de forças diversas sobre elas. Sendo estratos densos, a ação repulsiva desenvolver-se-ia para contrabalançar a atrativa, e assim o equilíbrio universal perder-se-ia.

Um universo cuja matéria está evoluída e em evolução, cujas formas estão em desenvolvimento, estenderá a sua esfera de influência atrativa suficientemente longe para responder a este propósito — a retenção de formas

contíguas em posição, quando a sua porção mais ponderável é a central. A formação de equilíbrio de um universo é desenvolvida conforme as forças de aperfeiçoamento, ou seja, a evolução da grande massa de matéria evoluível, operam sobre os universos contíguos para enfraquecer as suas esferas de influência atrativa. Ao desenvolver-se isto no momento apropriado, a esfera qualificada de influência atrativa de um universo é mantida estendida até aos seus limites apropriados.

A força atrativa é o regulador da matéria para o fim em vista; é o meio pelo qual se alcança o fim — a preservação da ordem do universo infinito. A força atrativa da matéria afim, e a força repulsiva da não-afim, ao determinar o retorno da matéria dos corpos centrais para os estratos exteriores dos sistemas, após a decomposição ter ocorrido, é o meio pelo qual o fim é alcançado; — o meio pelo qual o equilíbrio do universo é retido através de períodos de repouso da matéria, e as condições corretas mantidas através destes períodos, para que a ação formativa possa resultar do redespertar da ação.

Nenhum universo do universo infinito é um corpo isolado durante esses vastos períodos de repouso, compreendidos dentro de uma única noite, ou ciclo composto de repouso. Correntes elétricas, transmitidas por esferas de influência atrativa, passam e repassam de uma para outra destas formas; induzindo assim o grandioso resultado — o revigoramento da matéria pela melhoria gradual das condições elétricas; o restabelecimento final do equilíbrio das forças positivas e negativas, que resulta na estimulação do movimento.

A lei da desorganização de universos de formas organizadas, e da estratificação da matéria primeva de universos, é a lei da desorganização de sistemas menores de formas organizadas e da estratificação da matéria primeva de sistemas. A lei da desorganização é que os sóis se desorganizam, com a sua matéria a retroceder à sua condição primeva como substância primeva estratificada — a sua condição anterior à evolução das formas do sistema. Como explicado acima, ao decompor-se cada formação, a sua matéria assume o seu lugar apropriado no sistema.

A decomposição adicional desta matéria causa o seu retorno ao sistema progenitor onde, pela lei da afinidade, assume o seu lugar apropriado como substância estratificada no estrato a que pertencia originalmente. Assim, toda a matéria de todos os sóis retorna ao sistema universal, onde assume o seu lugar apropriado, obediente à lei da afinidade — das forças atrativas e repulsivas de matéria afim e não-afim. A justaposição de formas afins do universo, a justaposição de átomos de matéria afim do universo, seja em forma ou em matéria primeva estratificada; esta é a lei.

O período necessário para o retorno da matéria à matéria primeva estratificada universal, o seu arranjo perfeito em estratos do sistema universal, está de acordo com a duração do período de repouso sobreveniente; noutras palavras: de acordo com a qualidade, por assim dizer, da decomposição a ocorrer durante esse período. Se for para ser uma decomposição completa — a reabsorção de elementos primordiais — o período necessário é, aproximadamente, metade de um ciclo composto; se for apenas uma decomposição parcial, é apenas, aproximadamente, metade de um período curto. O que resta de repouso, seja um período longo ou curto, é consumido no equilíbrio das forças da natureza exausta.

Portanto, como observado, o estrato exterior do sistema solar, por necessidade, continha mais matéria evoluível do que qualquer outro estrato do sistema. Existia outra necessidade para a existência de mais matéria evoluível neste estrato do que em qualquer outro — do que em todos os outros do sistema juntos. O Sol deve ser uma forma preponderante; — o corpo central de um sistema deve conter mais matéria do que a contida em todas as outras formas do sistema combinadas. Sendo a forma reguladora do sistema, aquela que deve reter dentro da sua esfera todas as outras formas do sistema em virtude da qualidade das suas forças, ele deve possuir a quantidade preponderante de matéria do sistema.

A ponderabilidade do Sol — a massividade real — excede a de todas as outras formas do sistema combinadas, embora seja composto de matéria atómica mais rara do que qualquer uma dessas formas; consequentemente, possui menos massividade em proporção ao tamanho do que qualquer uma delas. Contudo, não sendo a força atrativa proporcional apenas à ponderabilidade, mas também à afinidade — não proporcional à quantidade real de matéria do corpo central, comparada com a das formas dentro da sua esfera, mas também à qualidade dessa matéria — o Sol exerce força atrativa sobre toda a matéria de todas as formas, sobre cada forma separada, de acordo com a sua semelhança com essa matéria, com essas formas.

A ponderabilidade e a afinidade, portanto, constituem o Sol como o corpo governante do sistema. Sendo toda a matéria do sistema solar matéria semelhante — sendo o Sol afim a todas as formas menores do sistema, e sendo o corpo preponderante — a sua ponderabilidade constitui-o como a forma governante do sistema. Mais afim a algumas formas do que a outras do sistema, a afinidade constitui-o como a forma governante do sistema no sentido de que formações remotas do sistema são, por esta lei da afinidade — a sua maior afinidade com o Sol do que as formações mais próximas — tornadas, se não igualmente sujeitas à

sua influência governante, suficientemente sujeitas a ela para tornar a sua condição favorável para todos os propósitos da natureza nessas formações.

Esta lei da afinidade, ao determinar a condição própria das formações remotas, também determina a das próximas. Estas, sendo não-afins ao Sol num certo grau, são menos afetadas pela sua proximidade do que seriam se fossem matéria semelhante, como as formações exteriores; proximidade essa que, nesse caso, seria destrutiva, não apenas para as condições próprias nessas formações, mas para as próprias formações. É a influência repulsiva exercida pela matéria do Sol sobre estas formações que qualifica a força atrativa, a lei da afinidade, que as constitui como descendência do Sol; a qual preserva o equilíbrio dos seus movimentos orbitais e previne a catástrofe pelo seu retorno ao centro devido à força das circunstâncias acima mencionadas.

A distância, ao enfraquecer o poder da força atrativa de toda a substância, seja ela de afinidade próxima ou remota, enfraquece a influência governante do Sol sobre as formações do sistema na proporção do seu aumento, nas formações afins e não-afins na proporção da afinidade. Não sendo a raridade e a densidade de uma formação a sua única qualidade de afinidade com o Sol, sendo que a condição elétrica também constitui uma importante qualidade de afinidade, e não sendo a afinidade elétrica das formações com a do Sol em proporção exata à da raridade, a distância afeta a força atrativa exercida pelo Sol sobre as formações de acordo com a sua condição elétrica.

A formação exterior do sistema, de afinidade mais próxima do Sol no que respeita à raridade da sua matéria, também o é na condição elétrica dessa matéria. A segunda, a seguinte em afinidade na qualidade da raridade, é menos na qualidade da condição elétrica do que a primeira; e a próxima interior, que é ainda menos afim na qualidade da raridade, é ainda menos na condição elétrica do que esta. A condição elétrica, como da matéria de uma formação, significa a qualidade da matéria determinada pela qualidade da força elétrica preponderante nessa matéria; como positiva ou negativa.

As formas de um sistema, como foi dito, são positivas e negativas na proporção justa para as constituir como formas de equilíbrio umas para as outras, de modo a que o equilíbrio do sistema seja mantido.

O Sol, sendo uma forma negativa no sentido da qualidade elétrica da sua matéria, é mais afim às formações negativas do sistema, sujeito à qualidade da densidade; também sujeito à qualidade da forma negativa. Sendo a matéria exterior da esfera inerentemente negativa, o Sol e as formações exteriores do sistema são negativos no sentido de serem compostos de matéria negativa; enquanto a lei de arranjo das formações numa esfera desenvolvida constitui o Sol

como uma forma positiva e negativa; as cinco formações exteriores negativas, as seis interiores a estas, positivas.

O equilíbrio do sistema é perfeitamente preservado por este arranjo de qualidades de matéria e qualidades de formas. O Sol é uma forma positiva e negativa inerentemente, em virtude da sua posição e do seu ofício no sistema. A sua qualidade negativa de matéria afeta a sua qualidade de força elétrica dispensada ao sistema, e constitui-o como um melhor regulador para o sistema do que seria se fosse de qualquer uma das outras duas qualidades. Sendo a qualidade preponderante das suas formações mais próximas de qualidade diversa, ele exerce menos influência sobre a sua matéria condensada do que exerceria se fosse da qualidade delas. Este é necessariamente o arranjo de todos os sistemas, e necessariamente um arranjo sábio.

Órgãos positivos e correspondentes negativos equilibram-se em cada forma; embora a exibição superior da lei de desenvolvimento das formações determine que a matéria das três qualidades elétricas dos estratos seja desenvolvida numa só forma; forma essa que, pela natureza dual da matéria que a compõe, é denominada forma dual. O sistema solar, um tipo do sistema universal, sendo uma forma de ordem elevada, exibe a manifestação superior desta lei.

Seguindo a lei universal dos sistemas, a forma central do sistema é uma forma positiva e negativa; tal como o coração no sistema humano, é o órgão gerador das forças positivas e negativas para o uso do sistema. No mesmo sentido, todas as formas de sistemas são formas positivas e negativas; sendo todas centros naturais de sistemas. Possuindo, por si mesmas, o poder de gerar correntes positivas e negativas em proporção igual, para o suprimento dos seus próprios sistemas individuais — o fluido necessário para distribuição a cada forma deles — nesse sentido, todas as formas são formas positivas e negativas; contudo, estas são positivas ou negativas de acordo com a lei que regula todos os sistemas, sendo esta a distribuição adequada de ambas as qualidades de formas para o propósito de reter o equilíbrio dos sistemas.

Esta regulação, sem interferir com as três qualidades de formas, como descrito acima, ou o seu arranjo, apenas as classifica de forma diferente; fazendo duas classes das três, de acordo com a qualidade. Como órgãos laterais, assim chamados, de um sistema, as formações são positivas e negativas, correspondendo aos órgãos laterais do corpo humano; como os membros, que são positivos e negativos um para o outro; também os olhos, ouvidos e órgãos nasais. Como órgãos vitais, estas formações são positivas e negativas, positivas, negativas; correspondendo aos órgãos vitais do corpo humano — o cérebro,

coração, pulmões, fígado e baço, que são órgãos positivos e negativos, positivos, negativos, precisamente no sentido em que as formações do sistema solar o são.

Que o leitor estude cuidadosamente a exposição acima, compare os factos da ciência, os fenómenos observados do sistema humano, com os fenómenos observados do sistema solar; trace a influência de cada órgão do sistema humano sobre esse sistema e sobre outros órgãos do sistema; trace a influência de cada planeta sobre todo o sistema e sobre cada órgão do sistema; e verifique assim a força relativa de cada órgão de ambos os sistemas; descobrirá assim a verdade de que a força real das formações do sistema solar varia, não apenas em proporção ao tamanho, à densidade, à distância, mas também em proporção a alguma outra influência até aqui não observada.

Ao comparar o sistema solar com o humano, classificando as forças desse sistema como positivas e negativas, tal como classificará prontamente as do humano, não poderá senão perceber a verdade de que a condição elétrica das formações determina, num certo grau, o seu poder de força atrativa.

Todos os órgãos do sistema solar são duais. O sistema universal desenvolve seis órgãos únicos como órgãos de equilíbrio de uma formação na sua primeira instituição. Sistemas da primeira ordem, como o sistema universal, desenvolvem órgãos únicos como órgãos de equilíbrio na primeira instituição das suas formações; dois é o número desenvolvido por estes; sistemas da segunda ordem, e os das ordens superiores, não desenvolvem órgãos únicos na instituição das suas formações.

A necessidade destes cessa com o desenvolvimento da segunda ordem, havendo então uma distribuição tão universal de sistemas pelo espaço para agirem como agências de equilíbrio e desenvolvimento para os sistemas em desenvolvimento. O Sol, um órgão dual do seu sistema progenitor, é um órgão positivo desse sistema.

O tamanho das formações, determinado pela matéria evoluível de um estrato, é também determinado pelas necessidades do sistema. Pela lei já estabelecida, as formações exteriores devem ser pequenas; por esta lei, também, devem aumentar de tamanho em direção à formação de equilíbrio. A esfera de influência atrativa do sistema seria demasiado expansiva se as formações exteriores fossem grandes; enquanto, se as contíguas à formação de equilíbrio fossem pequenas, resultaria a desordem — a desorganização destas pela força atrativa superior dessa formação preponderante. A necessidade exige, porém, que a quarta formação seja menor do que as suas contíguas — a terceira e a quinta.

Esta necessidade existe em consequência da influência avassaladora que seria exercida pela formação de equilíbrio sobre as exteriores, mais pequenas, se

esta fosse de um tamanho que atraísse estas, em grande medida, para dentro da influência dessa formação; não havendo força exterior de contrapeso para isto. As formações exteriores perderiam as suas posições, se não houvesse uma quebra, por assim dizer, na forte esfera atrativa desta formação — um travão ao seu poder de desequilíbrio.

Esta pequena formação — a quarta — ocupa uma posição peculiar no sistema. Sujeita à força poderosa exercida sobre ela pela interior seguinte e pela formação de equilíbrio, de um lado, e à das três formações exteriores, do outro, ela é perpetuamente oscilada de um lado para o outro por estas forças contendoras enquanto na sua condição cometária — oscilada do seu afélio para o seu periélio, do seu periélio para o seu afélio, em linhas de ziguezague, conforme as várias forças operam sobre ela de qualquer dos lados. A sua posição é extremamente favorável ao desenvolvimento.

Devido à largura do estrato que a desenvolve, e daquele que desenvolve as formações contíguas interior e exterior, ela está mais próxima da interior do que da exterior; retém a sua posição, apesar da força superior das duas formações interiores contíguas, em virtude da condição elétrica da sua matéria, que é mais afim à da massa das exteriores do que à das interiores; embora pertença à mesma divisão da esfera que as últimas.

É mais negativa, comparada com a massa total dos dois estratos interiores seguintes, do que positiva e negativa, compreendendo as duas interiores a ela a massa preponderante da matéria positiva e negativa do sistema; enquanto as três exteriores contêm apenas uma porção muito pequena, comparativamente, da matéria negativa do sistema, e essa da qualidade mais elevada — aquela com afinidade mais próxima ao estrato ou forma exterior da divisão positiva e negativa. As influências exteriores exercidas sobre esta formação são, portanto, superiores às interiores, em proporção ao tamanho das formações.

A quinta formação, sendo da forma negativa da matéria positiva e negativa, corresponde mais de perto à quarta do que a sexta — a formação de equilíbrio; é o elo que une esta formação, e com ela as três exteriores, à formação de equilíbrio; que é, ela própria, o elo que une as duas secções do sistema — as secções exterior e interior; que une a exterior à influência do corpo central. A razão de aumento de tamanho das formações da primeira à sexta inclusive, se a quarta não fosse uma exceção à lei geral, é uma razão crescente. A sétima formação quase equilibra a quinta em tamanho, contudo é menor. Da sexta à décima primeira inclusive, a razão de diminuição do tamanho das formações, se a oitava formação não fosse uma exceção, é uma razão irregular; — uma razão

crescente, decrescente e Mais uma vez crescente. A oitava formação corresponde à quarta, sendo menor do que a interior seguinte.

Serve o mesmo propósito no sistema que a quarta, — como um travão à poderosa influência da formação de equilíbrio. Situada como está entre a forte influência atrativa de cada um dos seus lados, ela encontra-se, tal como a quarta formação, na posição mais favorável para o desenvolvimento. É retida na sua posição pelas forças de contrapeso de cada um dos seus lados, tal como a quarta; operando a condição elétrica das formações interiores e exteriores, no seu caso, como no da quarta.

A décima primeira formação, a evolução do estrato interior do sistema, é a menor formação do sistema; contendo esse estrato a menor quantidade de matéria evoluível de qualquer um no sistema. A necessidade do sistema exige que assim seja. Esta pequena formação atua como um travão ao poder de desequilíbrio do Sol, tal como a quarta e a oitava o fazem ao da formação de equilíbrio.

A razão de distância das formações ao corpo central e entre si está de acordo com o número do estrato em que a formação está situada, e conforme o seu tamanho comparado entre si. As formações do sistema solar, formas únicas, estão dispostas quanto ao tamanho, distância e arranjo de formações, tal como estão as formações do sistema universal, de todos os sistemas.

Forma dual, formas únicas, como formações são equilibradas pela qualidade da condição elétrica da sua matéria em relação à do Sol, de cada uma das outras, e das formações contíguas de sistemas vizinhos, que atuam como forças de equilíbrio para as formações exteriores do sistema. A condição elétrica como agente de equilíbrio das formações, dos sistemas — como agente assistente — é tão eficaz na regulação dos movimentos das formações, no estabelecimento dos fenómenos de um sistema, como o são a distância, o tamanho e a densidade, proporcionalmente. Inteiramente ignorada pelos filósofos na enunciação das leis que governam o sistema solar, a sua influência é atribuída à qualidade da densidade das formações, estabelecendo assim o erro ensinado pela ciência astronómica da época de que as formações exteriores são de qualidade de matéria mais rara do que o Sol; que a posição não determina a raridade ou a densidade de uma formação.

Este erro é o originador de outros tão fatais como este para uma justa apreciação das leis que governam o sistema, que governam todas as formas, toda a matéria. A investigação adequada da lei da condição elétrica, e da ordem de estratificação dos sistemas no que respeita a esta condição da matéria, a lei do arranjo das formações em correspondência com isto, por mais intrincada que a lei

seja, levará a uma compreensão perfeita dos fenómenos do sistema até agora mal compreendidos e misteriosos.

Conforme sugerido acima, as formações do sistema universal, sistemas da primeira e segunda ordem, devem consistir em muitas formas, para que o equilíbrio perfeito de uma formação, de um sistema, seja mantido; enquanto sistemas das ordens superiores podem evoluir formações consistindo em formas únicas, e ainda assim o equilíbrio de uma formação, de um sistema, ser mantido. Sistemas da terceira ordem são os mais baixos em ordem que evoluem formas únicas como formações; sendo estas equilibradas por formas únicas, em virtude da distribuição universal de sistemas pelo espaço; também pelo arranjo perfeito das formas de todos os sistemas de acordo com a qualidade da condição elétrica.

Sendo uma forma a ordem das formações em sistemas da terceira ordem, a matéria de uma subdivisão é apenas suficiente para uma forma de um tamanho que responda aos propósitos do sistema. O sistema solar, das suas doze grandes subdivisões, evoluiu doze formas — o corpo central e as onze formações.

A ação, estimulada para a geração da primeira formação, foi, de acordo com a lei de geração já enunciada, da mesma qualidade na geração de cada formação; — o grau de movimento necessário para a instituição da primeira formação bastou para o de todas as formações do sistema. O movimento rotativo do Sol — do sistema solar — sendo um movimento propagado, propagado pelo átomo central do Sol, sendo o movimento revolucionário de átomos em torno do átomo central, não determina, como já explicado, o movimento rotativo dos átomos do sistema.

O movimento rotativo dos átomos do sistema, independente do seu movimento revolucionário em torno do centro do sistema, determina o movimento rotativo das formas desenvolvidas pelo sistema, sujeito à qualidade do movimento estimulado, à qualidade da condição elétrica do átomo central de cada forma. O movimento rotativo do Sol foi determinado pela qualidade da condição elétrica da sua matéria, sujeita à qualidade do átomo central do sistema e à qualidade do movimento estimulado que instituiu o sistema.

O estrato interior do sistema era de qualidade elétrica positiva — de qualidade inferior — à da divisão exterior seguinte; contudo, sendo em qualidade de densidade a matéria mais elevada do sistema, a sua qualidade de condição elétrica era qualificada ao grau de ser, no período da instituição do sistema, a matéria de mais elevada qualidade do mesmo.

O movimento atómico de todos os átomos que compõem o sistema solar, no período da instituição do sistema — o período da sua determinação a este — era excessivamente pouco desenvolvido. O dos átomos mais densos era o mais

desenvolvido; no entanto, era da mesma qualidade que o de todos os átomos do sistema, no sentido de que a qualidade elétrica do átomo central e a qualidade de movimento de todos os outros átomos da forma eram semelhantes.

A estimulação do movimento que instituiu o sistema foi a estimulação do movimento rotativo do átomo central e de todos os outros átomos do sistema; assimilando-se todos estes na qualidade da condição elétrica. O estrato exterior ao evoluir a sua matéria, embora de qualidade mais rara, quase contemporaneamente com a evolução do átomo central, tem mais afinidade com este do que com qualquer outro átomo da esfera, por ser matéria evoluída; ao passo que toda a outra é não-evoluída. Esta evolução contemporânea de um átomo central a partir de um estrato interior de uma esfera, e de matéria de qualidade de movimento correspondente de um estrato exterior, é denominada a evolução de um grau, em consequência da afinidade mais próxima existente entre átomos de matéria evoluída, embora de diferentes graus de densidade, do que entre átomos de matéria evoluída e não-evoluída; apesar de assimilarem em grau de densidade.

Sendo todas as formas de todos os sistemas evoluídas pela mesma lei e da mesma maneira, o leitor perceberá a correspondência entre o método de evolução de um corpo central, ou de um sistema, e as diversas formas desse sistema. A qualidade do movimento rotativo de átomos de uma forma fora do átomo central apenas qualifica a da forma no sentido de que, sendo matéria evoluída, a sua condição elétrica, ou qualidade de circulação dos seus fluidos elétricos, a qualifica para se acumular em torno de um átomo evoluído, e assim constituir esse átomo como o centro de uma forma.

O grau de desenvolvimento do movimento que instituiu o sistema era baixo, comparado com o instituído pela estimulação posterior do movimento de átomos do sistema já constituído. O movimento rotativo do Sol, portanto, é menos desenvolvido do que o de qualquer uma das formações do sistema. O movimento é um agente de desenvolvimento; este é o princípio fundamental da verdadeira teoria do desenvolvimento.

O movimento do sistema — o seu movimento revolucionário, pela lei da revolução das formas — induziu um desenvolvimento mais rápido do movimento atómico dos átomos dos estratos exteriores do que dos interiores; — o movimento mais rápido das secções exteriores do sistema induziu primeiro a evolução da matéria desta secção, embora da qualidade mais rara do sistema; eras imensas antes de este movimento ter afetado assim a matéria dos estratos interiores. A superioridade no grau de movimento dos estratos exteriores, comparada com a dos interiores, induzida pelo movimento mais rápido das

secções exteriores da esfera enquanto esta girava, determinou que os planetas exteriores fossem os primeiros evoluídos; determinou a evolução dos átomos centrais destes a partir de estratos interiores — interiores a estes, mas exteriores ao estrato interior mais condensado.

Como foi afirmado, o átomo central da primeira formação de um sistema — um átomo suficientemente aperfeiçoado na qualidade da densidade para se tornar um átomo central — é evoluído por um estrato situado dentro do corpo central (então) não-condensado, onde as forças de retenção desse corpo estão suficientemente desenvolvidas para o reter como um átomo central, ou para reter uma formação. Este estrato é o estrato interior correspondente em qualidade relativa de condição elétrica à formação exterior; é o décimo estrato. Este estrato evolui os átomos centrais das quatro formações exteriores.

Os átomos centrais das quatro formações exteriores do sistema, sendo átomos qualificados em relação à densidade — possuindo uma elevada qualidade de movimento rotativo no período da instituição do sistema — quando evoluídos, possuíam uma qualidade de movimento rotativo mais elevada do que o átomo central do sistema, devido à qualidade da estimulação que o induziu e à condição elétrica; também uma qualidade mais elevada do que os átomos evoluídos de estratos mais interiores, cuja condição elétrica determinava que o seu movimento fosse mais lento.

De qualidade superior de condição elétrica, mas mais raros do que a matéria de estratos mais interiores, possuíam, em virtude desta qualidade de condição elétrica, um movimento rotativo mais desenvolvido do que os evoluídos por estratos mais interiores. Assim, a condição elétrica contrabalança a densidade, num certo grau.

Sendo a matéria de um estrato de qualquer qualidade das três qualidades, os átomos centrais evoluídos por um estrato não são, necessariamente, das três qualidades. Os estratos evoluem átomos centrais de acordo com a posição das qualidades; o movimento revolucionário afetando a evolução mais precoce de átomos de subdivisões mais afastadas do centro, sujeito à qualidade elétrica e à qualidade de densidade. Assim: o décimo estrato evoluiu primeiro átomos centrais da sua divisão positiva e negativa, que está situada interiormente à sua positiva, da qual evoluiu por último átomos centrais; enquanto não evoluiu nenhuns átomos da sua divisão negativa que servissem como átomos centrais. O décimo primeiro evoluiu um da sua divisão positiva, ou exterior, nenhum da sua positiva e negativa, e três da sua negativa; enquanto o décimo segundo evoluiu sucessivamente da sua positiva e negativa, da sua positiva e da sua negativa.

A qualidade do movimento rotativo das quatro formações exteriores do sistema solar é diversa, tal como os átomos de qualidade aproximadamente igual eram diversos — possuíam diversidade de movimento rotativo. O leitor compreende, pela discussão anterior deste assunto, que os átomos de uma qualidade são graduados, são átomos diversos; portanto, é desnecessária uma explicação adicional.

Possuindo os átomos centrais das quatro formações intermédias também diversidade de movimento rotativo, as formas possuem diversidade deste movimento. Existe uma maior diversidade de movimento rotativo nestas quatro formações do que nas quatro exteriores, ou nas três interiores, excluindo o corpo central. Isto resulta do facto de o átomo central da oitava formação ter sido derivado de uma qualidade inferior de matéria do que os das outras três; sendo esta qualidade a qualidade negativa da qualidade negativa. O movimento rotativo das três formações interiores do sistema é apenas ligeiramente diverso, pelo facto de que, embora derivados de diferentes qualidades, estas qualidades assimilavam-se tão de perto que os átomos centrais evoluídos a partir delas eram átomos quase idênticos.

A formação exterior do sistema solar, sendo da matéria mais rara das formações do sistema, salvo a central, manteve a condição cometária por longos períodos, enquanto se desenvolviam as formações interiores, mais densas. Pequena em tamanho, comparada com as seis formações interiores seguintes, desenvolveu, a partir dos onze estratos da sua esfera, uma formação.

A lei da evolução das formações é que os sistemas evoluem formações de acordo com o tamanho, a ordem e a posição. Embora a lei seja: seis ordens, sete graus de matéria, a lei é também que os justos desejos do universo sejam supridos; as necessidades dos sistemas sejam respondidas. Todas as formas das diversas formações do sistema universal, o que significa formas da primeira ordem desse sistema, sendo formas vastas, evoluem as suas onze formações; também as da segunda e terceira ordens, sendo grandes, evoluem as onze formações; enquanto das formas da quarta, algumas evoluem as onze formações, ao passo que outras não.

Aquelas de grande tamanho, evoluções dos sóis mais vastos da terceira ordem, evoluem todas as onze formações; enquanto as de pequeno tamanho, comparativamente, as situadas em estratos comparativamente estreitos, evoluem um número menor; as mais pequenas, nenhumas. Este arranjo responde perfeitamente às necessidades de um sistema e do universo. Desde o início, a ordem foi: arranjo justo, distribuição adequada das formas em relação ao tamanho, distância e condição elétrica, para que o equilíbrio perfeito do todo

fosse mantido; toda a lei foi tornada subserviente a esta ordem. Uma forma pequena, a partir dos seus onze estratos, evolui uma única formação; tal como um único estrato evolui uma forma única a partir das suas doze subdivisões menores; tal como um único estrato evolui formas separadas de cada subdivisão menor.

É a operação da mesma lei, a matéria a evoluir na mesma ordem; mas sendo matéria superior, em menor espaço, pode acumular-se para a construção de uma forma tão prontamente como a matéria de um estrato do sistema universal se pode acumular para a construção dos seus milhões de formas; tal como a matéria dos onze estratos desse sistema se pode acumular para a construção dos seus milhões acumulados de formas. Um sistema da quarta ordem de tamanho para desenvolver apenas uma forma é apenas como um estrato estreito de um sistema grande, uma subdivisão minúscula de um estrato de um ainda maior; portanto, será facilmente compreendido que a lei da distância e da estratificação determina a evolução de apenas uma forma por tal sistema.

A profundidade dos estratos e a posição no sistema determinam o número de formações das formas maiores das ordens superiores. Determinando a necessidade de um sistema o número e a posição das formações, a lei determina que a profundidade real de um estrato no qual uma forma está situada determinará o número das suas formações. A lei da densidade, das forças atrativas e repulsivas, é a lei operante. A profundidade dos estratos determina a quantidade de força de desenvolvimento aplicada a um sistema — a quantidade de força atrativa e repulsiva exercida sobre ele por sistemas contíguos; enquanto o grau de densidade determina a suscetibilidade da matéria evoluível de um sistema a estas forças.

Os estratos interiores, como o de equilíbrio e os contíguos, de sistemas de ordens elevadas, sendo estreitos e de matéria densa, as forças atrativas e repulsivas de sistemas contíguos atuam sobre a matéria evoluível de uma formação de tal estrato para a desenvolver em formas, de acordo com a largura do estrato e o tamanho da forma. Formações de tais estratos evoluindo as onze, ou um número menor de formações, evoluem-nas desafiando a lei regular de evolução de formações. As forças, em tais estratos, são tão condensadas que a matéria de sistemas dos estratos não pode evoluir na ordem regular de estratos como em sistemas maiores. Nenhum sistema do tamanho do solar evolui as suas secundárias pela lei perfeita de evolução de formações; as forças em tais sistemas são demasiado condensadas.

Aqueles sistemas da quinta ordem que são as evoluções de grandes sóis evoluem as onze formações de acordo com a ordem regular. A lei do arranjo — da distribuição adequada das formas, da diminuição do tamanho à medida que as

ordens se desenvolvem — determina a sexta como a ordem mais elevada do universo. Apenas as formas maiores da quinta ordem evoluem a sexta, como as formações de equilíbrio e vizinhas dos maiores sistemas dessa ordem; ao passo que a grande maioria dos sóis dessa ordem, e muitos da quarta, não a evoluem. O sistema solar, sendo uma evolução de um sol comparativamente pequeno, não evoluiu a sexta ordem; algumas das suas formações não evoluíram a quinta.

A lei da geração é que todas as formas evoluam todas as formações a serem evoluídas por elas antes da oitava era cometária — a era em que o frio opera sobre a matéria das formas para a condensar. Um sol ao evoluir uma única forma, evolui-a num período intermédio entre o período do desenvolvimento perfeito da sua força procriadora e aquele que encerra o seu período de gestação. Isto situa-se entre a quinta e a sexta eras.

As forças de condensação, operantes sobre a primeira formação durante as eras enquanto as formações interiores eram evoluídas, qualificaram-na ao grau de que, quando a décima primeira formação foi evoluída, ela tinha atingido a fase de lava — a décima primeira era cometária.

As eras encurtam numa razão de sete vezes. Esta proposição necessita, nesta ligação, de uma explicação mais particular, a fim de permitir ao leitor compreender corretamente o comprimento relativo dos períodos em que os corpos do sistema solar se desenvolviam através das suas diversas fases até à condição planetária. Uma era do desenvolvimento cometário do Sol correspondente a sete de uma das suas formações é um período indefinido, evidentemente; pois não há duas formações que se desenvolvam através de uma única era no mesmo período.

O Sol evoluiu a sua primeira formação durante a sua quarta era, durante uma certa subdivisão dessa era; evoluiu a sua última formação durante a sua sétima; uma certa subdivisão dessa era. Durante o período que mediou entre a evolução da primeira formação e a da última, a primeira tinha atingido a fase de lava, ou a décima primeira era; portanto, é evidente que uma era do Sol, como aqui denotada (as subdivisões da fase cometária consideradas mais marcantes e, portanto, mais convenientes para elucidar o processo de desenvolvimento de um corpo através desta condição), não é sete vezes o comprimento de uma era correspondente da sua primeira formação; mas é sete vezes o comprimento de uma era dessa formação correspondente a esta num sentido secundário. As estimulações apreciáveis pelo Sol subdividem-se em graus, sendo cada grau apreciável de forma mais ou menos distinta pelas suas diversas formações, de acordo com o seu grau de densidade.

Uma era cometária da primeira formação era um sétimo do comprimento de uma subdivisão de uma era cometária do Sol; embora não um sétimo do comprimento de uma era correspondente, como explicado acima. Assim, as eras cometárias de todas as outras formações correspondem às subdivisões das eras cometárias do Sol na mesma razão; de acordo com o princípio de que graus mais elevados de estimulação são apreciáveis por graus mais elevados de matéria; e vice-versa.

Sete é o número da natureza. Um grau de matéria ao evoluir um grau superior estimula esse grau superior pela lei da estimulação parental, apreciavelmente, sete vezes mais vezes do que ele próprio é estimulado, apenas no sentido de que, sendo o grau de estimulação superior, ele é mais apreciável por um grau superior de matéria. Toda a ação elétrica é apreciável por toda a matéria, num certo grau; mas por graus de matéria, em graus correspondentes à afinidade existente entre a matéria e o fluido elétrico operante sobre ela para produzir estimulação.

Cada sétima estimulação do mesmo grau de matéria é mais distintamente apreciável por esse grau do que as intermédias, devido ao método da ação da natureza — a sua subdivisão de períodos em períodos de ação e repouso. Cada sétima estimulação, por este método, é uma estimulação correspondente; e conforme as eras são arranjadas, a estimulação que inaugura uma era sucedendo a um período inativo é mais distintamente apreciável do que as que ocorrem durante um período ativo; embora estas possam ser do mesmo grau, assim chamado.

Sendo o grau de condensação das formas interiores superior ao das exteriores, esta razão é uma razão mais complicada, no seu sentido mais verdadeiro; no entanto, continua a ser uma razão de sete vezes; pois as subdivisões menores das eras destes corpos mais condensados correspondem às subdivisões maiores dos mais raros; portanto, é apropriado denominar a razão uma razão de sete vezes entre o Sol e todas as suas formações. Fenómenos que caracterizam as épocas de uma era do Sol caracterizam as épocas correspondentes que marcam as sete eras da formação; sendo uma época, assim chamada, numa era do Sol, o inaugurar ou o encerrar de uma era das formações.

A correspondência entre uma era do Sol, como aqui denotada, e uma era correspondente das suas várias formações varia à medida que as formações são mais ou menos condensadas. Constituindo a maior densidade da matéria de uma formação uma qualidade superior desde a sua primeira instituição, as suas eras são mais curtas do que as eras correspondentes de formações mais raras. Existe uma razão exata de aumento e diminuição do comprimento das eras das

formações do sistema solar, que não será aqui declarada, por não ser necessária para os propósitos desta exposição.

O processo de desenvolvimento desta formação foi lento, comparativamente; por ser uma formação exterior e possuir menos agências de desenvolvimento do que as mais interiores. Foi ultrapassada pelas quatro formações interiores seguintes. Encontra-se agora na sua sétima era planetária. A sua única formação encontra-se ainda num estado não-desenvolvido; a lei que determina isto será declarada doravante.

A segunda formação tinha atingido a primeira era planetária antes da evolução da décima primeira formação do sistema. As eras planetárias são doze, correspondendo às doze eras cometárias. A primeira é o período em que a matéria da superfície, acabada de solidificar, se prepara para desenvolver formas. Esta era também é denominada fase vulcânica. As superfícies planetárias, durante esta fase, estão perpetuamente em convulsão, derretendo-se pela força do calor interno; arrefecendo pela força do frio externo e Mais uma vez derretendo pela força do calor interno; é uma luta de elementos. Durante esta era, a ação vulcânica combinada com a influência de elementos externos desenvolve a espécie mais baixa de rocha cristalina. As eras desta era apenas bastam para o desenvolvimento desta espécie de rocha. As outras eras planetárias não serão aqui definidas.

A segunda formação, maior do que a primeira, evoluiu seis formações. Esta formação chegou a uma fase superior à da primeira; atingiu a nona era planetária.

A terceira formação — Neptuno, no período da evolução da décima primeira, tinha atingido a segunda era planetária; encontra-se, portanto, num estado de desenvolvimento superior ao da segunda; está a aproximar-se da décima primeira era planetária. Evoluiu nove formações que, devido às circunstâncias do tamanho do sistema solar — profundidade do estrato que desenvolve a formação — foram desenvolvidas irregularmente. A desproporção no número de formações entre esta e a segunda é a desproporção no tamanho das formações; sendo o estrato em que cada uma está situada de uma largura que justifica o número de formações da última — existindo espaço suficiente para o seu desenvolvimento irregular em virtude da largura destes estratos. A condição existente das formações desta e da segunda formação é baixa.

A quarta formação — Urano, no período da evolução da décima primeira, tinha atingido a primeira era planetária. Situada favoravelmente, a prioridade do período de evolução da segunda e terceira determinou que estivessem mais avançadas neste período do que a quarta, o que foi contrabalançado pela vantagem de posição e superioridade de densidade desta.

Ultrapassou-as — encontra-se na sua décima segunda era planetária. Pode ser denominado um planeta aperfeiçoado. As suas formações são seis; as quais, pela circunstância da posição da formação, exibem fenómenos desconhecidos em sistemas de maior tamanho. As suas órbitas são perpendiculares ao plano de movimento do corpo progenitor; enquanto o seu movimento nestas órbitas, embora não seja retrógrado, é em tal direção relativamente ao plano de movimento do corpo progenitor que é, num sentido, um movimento retrógrado. O impulso original — aquele que impeliu as formas a partir das formas progenitoras — decidiu a sua direção de movimento até que uma força exterior — a força atrativa de alguma forma de desequilíbrio — alterasse esta direção original de movimento.

No período da evolução da primeira formação de Urano, a posição de Neptuno, relativa a Urano, era tal que a órbita da formação infantil foi fixada num plano perpendicular ao plano de movimento do seu progenitor. Em sistemas grandes, ou em estratos mais interiores de sistemas do mesmo tamanho que o solar, tais contingências não podem ocorrer; pois, onde é dado espaço para o devido desenvolvimento de uma formação, o impulso original será obedecido — a direção do movimento será para leste, ou no plano, ou perto do plano de movimento do planeta; e, em estratos interiores de sistemas pequenos, onde as forças de contrapeso são abundantes, o impulso original provavelmente será obedecido. No entanto, são comuns casos no universo onde os satélites de formações correspondentes a Saturno, Júpiter e às formações mais interiores giram em órbitas correspondentes às do satélite de Urano.

O movimento retrógrado, como o de um sol, significa propriamente um movimento para oeste, conferido como um impulso no período da evolução ou nascimento do sol, em vez de um movimento para leste. A Natureza não possui movimentos retrógrados neste sentido; contudo, na prática, ela possui movimentos que são retrógrados no sentido de serem movimentos para oeste; como os casos acima enumerados, onde o movimento orbital de corpos é fixado como movimento para oeste por circunstâncias de posição das formações circundantes.

A proximidade das órbitas de Urano e Neptuno determinou que, nas épocas das suas conjunções quando eram formas cometárias, eles devessem unir esferas por um longo período; esta foi a circunstância que determinou a situação da órbita da primeira formação de Urano e, com a primeira, a de todas as outras. Sendo esta formação atraída para uma posição na esfera do seu progenitor pela poderosa influência da formação vizinha, foi retida nessa posição relativa — a sua órbita tornou-se fixa nessa posição relativa pelo retorno periódico de Neptuno à vizinhança imediata do sistema progenitor, durante as eras em que as

outras formações de Urano estavam a ser evoluídas e a assumir posições apropriadas, relativas à posição da primeira e entre si.

A sua matéria esferal, tendo afinidade com a matéria esferal do sistema progenitor, atraiu para o plano da sua órbita um plano de matéria esferal afim, que atuou para a reter na sua órbita habitual quando a formação vizinha se desengajou do sistema progenitor — quando a força poderosa que até então a segurava naquela posição foi removida; para a reter até que essa força fosse restaurada.

A tendência constante da formação era procurar o seu caminho próprio, quando livre da força atrativa de Neptuno; contudo, o retorno periódico desta formação a quase a mesma posição que ocupava aquando da evolução da formação, durante as eras em que este corpo evoluía as suas outras formações, fixou irrevogavelmente o caminho da formação. A força atrativa desta formação decidiu as órbitas daquelas subsequentemente evoluídas, tal como a de Neptuno decidira a desta.

É apropriado acrescentar, nesta ligação, que a matéria esferal de um sistema progenitor atua sempre em auxílio das forças atrativas e repulsivas na fixação da situação das órbitas das formações; na determinação da direção do seu movimento orbital aperfeiçoado. Como força, contudo, está sujeita às forças atrativas e repulsivas.

É por esta lei que todas as formações de um sistema de tamanho apropriado giram quase no mesmo plano — o plano do equador do corpo progenitor. A qualidade mais elevada das correntes de matéria esferal roda nesse plano; portanto, a tendência de cada formação do sistema é rodar nesse plano; esta qualidade de matéria esferal tem uma afinidade mais próxima com a matéria esferal das formações do sistema do que a de outras secções da esfera. É apenas quando forças invulgares são aplicadas a uma formação que esta deixa esse plano; e é apenas quando circunstâncias como as acima mencionadas, que rodearam a formação exterior de Urano na sua infância, rodeiam uma formação, que o plano do seu movimento pode ser fixado perpendicularmente ao do progenitor; ou que o seu movimento orbital pode ser retrógrado, assim chamado.

A quinta formação — Saturno, no período da evolução da décima primeira, tinha atingido a décima era cometária, ou fase do enxofre aquecido. Situado em proximidade com a formação de equilíbrio de um lado, sendo a terceira e a quarta agentes perturbadores próximos do outro, encontrava-se na situação mais favorável para o desenvolvimento. Embora evoluído num período tão remoto da evolução da primeira formação, neste período tinha quase alcançado a primeira; ultrapassou-a de longe.

Está na sua décima segunda era planetária — a mais elevada; a era durante a qual se completa o aperfeiçoamento da superfície planetária. A condição da sua superfície está qualificada ao grau de que os oceanos desapareceram, assumindo os mares o seu lugar; cordilheiras montanhosas escarpadas desapareceram ao grau de que apenas cristas rochosas, propriamente denominadas, existem como leitos minerais para o suprimento das substâncias minerais necessárias, como elementos atmosféricos, que as cordilheiras fornecem.

Desertos, estepes e pampas quase desapareceram do planeta. As espécies animais e vegetais, e o homem, atingiram um estágio de desenvolvimento não alcançado em nenhum outro planeta do sistema solar. Tendo ultrapassado os seus competidores na corrida progressiva; situando-se como se situa à cabeça das formações do sistema no que respeita às condições, ergue-se como um monumento da sabedoria infalível do Método Divino; da ação infalível das leis da natureza. O desenvolvimento perfeito das superfícies planetárias, o desenvolvimento perfeito aproximado das espécies animais e vegetais e do homem, significa o que o homem na Terra ainda não compreende. Vivendo numa era comparativamente precoce, com condições e circunstâncias desfavoráveis a rodearem-no perpetuamente, ele não concebe a ideia do desenvolvimento perfeito da raça humana; a sua é a condição mais elevada que consegue compreender. Que estude cuidadosamente as leis que determinam o aperfeiçoamento gradual de uma formação, desde a rara condição cometária até à primeira era planetária; desta até àquela já alcançada pela Terra; a partir daí, pela mesma lei, poderá traçá-la até à condição aperfeiçoada — aquela que determina que um planeta seja habitável em todas as latitudes e sobre uma grande proporção da sua superfície; e todas as suas produções, como animais, vegetais e minerais, sejam favoráveis à existência de uma raça perfeita de homens.

Tal como Saturno é, as outras formações devem ser; caso o universo de formas instituído exista tempo suficiente. Tal como os planetas das ordens superiores, desenvolvidos pelas primeiras formações do sistema universal, são em grau de desenvolvimento, assim Saturno deve ser; assim todas as formações devem ser, caso este universo exista tempo suficiente. A lei que determina o desenvolvimento planetário é uma só lei, o fim é um só.

A quinta formação evoluiu as onze formações. Oito são esferoides, enquanto três são estratos condensados de substância evoluída.

O método de evolução da matéria deste sistema menor — o tamanho comparativo das suas formações sucessivas a partir da exterior, a estratificação da matéria evoluída nos estratos que a evoluem, por mais anómalas que estas circunstâncias pareçam, exibem a ação imperfeita da lei já delineada — a lei que

determina que estratos interiores e estreitos sejam favoráveis à evolução de poucas formas pela formação situada no seu interior, e que estas poucas sejam desenvolvidas irregularmente.

Em frase simples, Saturno tentou mais do que podia realizar; procurou rivalizar com formações mais antigas e maiores no número das suas próprias. Ao evoluir as suas oito formações exteriores, evoluiu-as desafiando a lei regular de evolução de formações, como uma necessidade da sua posição. A sua segunda formação exterior é a maior — a sua formação de equilíbrio. Nenhuma das suas oito formações possui o tamanho apropriado em relação à posição.

Esta irregularidade ocorre em consequência da evolução prematura da matéria de todos os estratos do sistema saturniano. As formas exteriores são demasiado grandes e as interiores demasiado pequenas, pelo facto de que a matéria pertencente propriamente às formas interiores — evoluída de estratos interiores — se determinou para as formas exteriores antes que os átomos centrais das formas interiores fossem evoluídos. A estratificação da matéria dos estratos interiores ocorreu como consequência das forças de condensação rápida do sistema; a condensação desta matéria começando nos estratos que a evoluíam antes de os átomos centrais serem evoluídos aos quais ela se pudesse determinar; antes mesmo de poder obedecer à força atrativa de centros já existentes — de formas em processo de conclusão no corpo progenitor.

Uma vez iniciada a condensação, nenhum poder exercido por um átomo central de um estrato distante poderia afetar esta matéria no mais ínfimo grau para a fazer determinar-se em direção a um centro. Ela determinou-se para a corrente equatorial da esfera, ou estrato que a evoluía, e assim condensou-se em anéis que circundam o corpo central paralelamente ao seu equador. A condensação e estratificação do primeiro estrato desta matéria evoluída — a primeira secção do estrato — determinou a condensação e estratificação de toda a matéria a ser evoluída no futuro a partir de estratos mais interiores.

Os estratos interiores do sistema eram estreitos, trazendo a matéria evoluída dos diferentes estratos para uma proximidade estreita; as forças de condensação exercidas pelo primeiro estrato de substância condensada causaram a condensação da substância tão depressa quanto esta era evoluída de secções interiores. O anel estratificado exterior, assim denominado, condensou-se em três anéis concêntricos, correspondendo às três qualidades de matéria do estrato. O anel visível interior é, na realidade, dois anéis estratificados, assim denominados, e é composto pela matéria do décimo e décimo primeiro estratos, condensada em seis anéis concêntricos, correspondendo às três qualidades de matéria dos dois estratos.

Estas novas formações obedeceram instintivamente às leis do sistema. A força repulsiva do corpo progenitor desenvolveu o seu movimento orbital — o movimento rotativo dos anéis. Destituídos de um átomo central para propagar um movimento rotativo distinto do do sistema, os átomos destes giravam como átomos independentes, sujeitos à influência de correntes de matéria afim e não-afim, até que, fixando-se pela solidificação, cessaram, como átomos, de possuir movimento rotativo independente. Tornando-se esta matéria fixa em anéis estratificados em torno do corpo central, a influência do movimento propagado desse corpo foi desenvolver um movimento rotativo destes, correspondente ao do corpo central.

Contudo, a força repulsiva desenvolvida por esse corpo, conforme a condensação dessa matéria evoluída continuava, juntamente com as influências exteriores que qualificavam esta força, qualificaram este movimento rotativo — o movimento rotativo propagado do corpo central, que de outro modo teria sido puramente rotativo — num movimento orbital. Uma influência qualificou outra, neste caso; o movimento rotativo dos anéis de Saturno é um exemplo de movimento rotativo e orbital combinados.

Tal como as outras formações, estes anéis estão sujeitos às forças perturbadoras do sistema a que pertencem. Perturbações existentes no sistema saturniano perturbam o equilíbrio dos seus movimentos. A estabilidade do sistema de anéis depende das forças atrativas e repulsivas do sistema, e da situação do seu plano. O corpo central repele, enquanto as oito formações atraem; o corpo central atrai, enquanto as oito formações repelem; enquanto, ao mesmo tempo, a matéria esferal do sistema no seu plano é uma força de retenção para eles. Assim, pela lei perfeita que governa os sistemas planetários, a estabilidade do sistema saturniano é assegurada.

Para os habitantes de Saturno, o sistema de anéis apresenta um espetáculo dos mais maravilhosos e sublimes. Nove anéis concêntricos, situados de tal modo em relação ao planeta que são todos visíveis da sua superfície, luminosos — brilhando com o esplendor das oito luas que embelezam as noites de Saturno — apresentam um espetáculo tão maravilhoso quanto raro; tão sublime quanto maravilhoso.

A sexta formação — Júpiter, no período da evolução da décima primeira, tinha atingido quase a nona era, ou fase do enxofre fervente. Sendo a formação de equilíbrio do sistema, de tamanho superior ao de qualquer outra do sistema, possuía naturalmente vantagens para o desenvolvimento iguais às de qualquer outra formação do sistema. Contudo, ocorreram circunstâncias a serem enunciadas que tornaram a sua situação menos favorável do que a da quinta.

Atingiu a décima era planetária. Evoluiu quatro formações. Estas, tal como as da quinta, encontram-se num estado não-desenvolvido.

A sétima formação é um exemplo do poder de desequilíbrio exercido pela formação de equilíbrio de um sistema, sob circunstâncias peculiares; um exemplo da força disruptiva exercida por esta sobre formações menores, sob circunstâncias favoráveis; — um exemplo das contingências que ocorrem no universo, obedientes à lei que determina que as contingências devem ocorrer e resultarão na destruição final do universo de formas e na desorganização da matéria.

Esta formação possuía um tamanho que correspondia quase ao da quinta; no entanto, era menor. No período da sua evolução, a formação de equilíbrio — Júpiter — tinha atingido a quarta era cometária; o seu poder sobre a nova formação era imenso, sendo de tamanho e massa tão preponderantes. A primeira revolução da nova formação determinou a sua destruição. Ao procurar a sua órbita, aproximou-se da esfera de Júpiter enquanto essa formação se aproximava do seu afélio.

A poderosa influência exercida por esta esfera desviou-a da sua órbita própria — o caminho que teria seguido se Júpiter estivesse em qualquer outra parte da sua órbita; ficou presa à esfera de Júpiter, misturando a sua matéria com a esfera de influência atrativa dessa formação. Enquanto Júpiter seguia o seu caminho em direção ao seu periélio, esta formação esforçava-se por atingir a sua órbita independente. As influências atrativas de outras formações, do Sol e a sua própria força central, foram todas exercidas para arrancar esta formação, por assim dizer, do abraço do monstro que ameaçava a sua destruição. Foram vãos os esforços, porém, exercidos por estas forças combinadas para preservar a individualidade da formação; como um todo, não pôde ser destacada da esfera atrativa de Júpiter.

Porções destacadas dela recusaram-se a obedecer à força atrativa dessa formação, sendo demasiado pouco desenvolvidas para se moverem com a sua velocidade invulgar; estas permaneceram como massas cometárias naquela região do sistema, então o afélio de Júpiter, enquanto outras, mais desenvolvidas do que estas, obedecendo às influências atrativas de outras formações, se destacaram da influência de Júpiter em secções do sistema onde forças mais condensadas podiam atuar sobre elas; outras porções permaneceram presas à esfera de Júpiter até que este se aproximou do seu periélio, momento em que a força atrativa mais poderosa da esfera do Sol destacou os últimos restos desta matéria do seu rasto.

Assim foi esta formação fragmentada; assim foi o que fora uma forma perfeita despedaçado em fragmentos que foram espalhados, sendo massas de matéria rara e vaporosa, por todo o estrato que desenvolvia a formação, o estrato interior seguinte (aquele em que Júpiter girava) e o estrato exterior seguinte. Estes fragmentos eram numerosos; massas sendo destacadas em períodos durante toda a jornada de Júpiter do seu afélio para o seu periélio, conforme as forças atrativas das diferentes formações do sistema operavam sobre os diferentes graus de matéria da forma.

Porções destacadas da sua matéria mais rara foram deixadas para trás pela velocidade invulgar com que o núcleo viajava, obediente à força atrativa de Júpiter, que estava constante e furtivamente a assumir o domínio sobre a força central da formação. Estes fragmentos raros seguiram no rasto da forma de que foram destacados, obedientes à sua força atrativa, até que, pela velocidade superior com que foram forçados a viajar, foram deixados para trás — destacados da esfera de influência atrativa da forma progenitora. Estes fragmentos permaneceram no rasto de Júpiter — asteroides, girando no estrato em que essa formação gira, ou no seguinte exterior, e alguns deles permanecem lá ainda.

Sendo de matéria cometária raríssima, durante as eras imensas desde essa catástrofe, têm girado como cometas raros; não possuindo afinidade suficiente com os fragmentos mais condensados da forma para fazer com que sejam atraídos para estes; permaneceram perdidos noutros estratos do sistema que não aquele a que pertenciam, ou nas periferias deste, obedientes às influências estrangeiras exercidas sobre eles a partir desses estratos.

Os fragmentos mais condensados, destacados enquanto dentro do sétimo estrato, atingiram a posição dentro do oitavo, em virtude das forças de afinidade exercidas sobre eles por esse estrato. Alguns destes são ainda cometários, enquanto muitos deles chegaram à condição planetária. Asteroides, denominam-se estes fragmentos — planetas menores.

Se a natureza institui uma forma, ela desenvolve agências para a proteção dessa forma; para a retenção da sua organização. Se o acidente — a contingência — determina a sua rutura, estas agências continuam a operar para a restauração das condições perdidas — para a cura das feridas, por assim dizer, que por acidente lhe foram infligidas. A força central — força atrativa de matéria condensada e afim — e o movimento orbital são as agências para a restauração de uma forma fragmentada à sua condição original; para a união dos seus fragmentos espalhados, de modo a fazer deles um todo, uma organização perfeita, de acordo com o design original; as necessidades do sistema a que pertence.

Se um membro sofre, todo o corpo sofre; isto é enfaticamente verdade num sistema. Nem um membro do sistema solar deixou de sofrer com a rutura da sétima formação; alguns sofreram num grau muito superior a outros. A formação de equilíbrio sofreu muito; a quinta muito, embora menos que essa; a oitava sofreu mais do que qualquer outra formação do sistema; a nona muito; as outras em proporção às suas posições no sistema.

Estando esta fragmentada, Júpiter careceu de uma força perturbadora adequada no seu interior; careceu disto, embora subsequentemente as formações interiores tenham sido evoluídas como agências perturbadoras para ele. Em consequência, o seu progresso foi retardado. Saturno careceu de uma agência perturbadora adequada no seu interior durante uma porção da sua revolução, tal como os outros planetas exteriores. A oitava formação careceu de um agente perturbador exterior adequado, o agente mais importante para o seu desenvolvimento. Separada da formação de equilíbrio por tal espaço — um estrato vago num sentido, vago de um agente perturbador adequado — girou sozinha, por assim dizer, durante as eras que precederam a evolução da nossa nona formação.

Por mais poderosa que a influência da formação de equilíbrio ou de qualquer outra formação possa ser, ela é uma influência propagada. Tal como um estrato propaga a força atrativa do interior para o exterior a ele, e vice-versa, assim uma formação propaga a força atrativa daquela que lhe é interior para a exterior, e vice-versa. Tal como cada estrato de um sistema, e cada estrato de qualquer forma, é necessário para a propagação perfeita das forças do sistema — da forma — assim é cada formação necessária para a propagação perfeita das forças do sistema; sendo um espaço vago destrutivo no sentido em que, com tal espaço, as forças do sistema não podem ser transmitidas de uma extremidade deste para a outra.

A formação fragmentada, embora não tenha, na sua condição de fragmentos, servido perfeitamente os propósitos do sistema, serviu como agente para a transmissão das forças do sistema; embora não tenha servido os propósitos perfeitos do seu próprio desenvolvimento e o de formações distantes, contudo, exibiu forças individuais independentes exercidas para o seu próprio progresso e para os propósitos do sistema. Os asteroides espalhados por todo o oitavo estrato propagaram a influência de Júpiter para a nona — a oitava formação — a tal grau que esta ficou suficientemente qualificada para agir como um agente de desenvolvimento para a nona formação após a sua evolução. No entanto, neste período, era tão rara que a sua influência sobre a nova formação era ligeira — insuficiente para responder aos propósitos da formação, para assegurar o seu

rápido progresso. Em consequência, a Terra sofreu muito por falta de um agente perturbador exterior adequado.

O sistema asteroidário, possuindo as vantagens de uma posição próxima da formação de equilíbrio, tendo a quinta, a oitava e a nona como as suas formações vizinhas, progrediu rapidamente, considerando as circunstâncias da sua existência. Os fragmentos mais condensados, como o núcleo e as partes que lhe são adjacentes, desenvolveram a condição planetária na ordem apropriada da formação, aproximadamente; e mais cedo do que a formação teria feito caso não tivesse sido fragmentada.

Separados das porções mais raras do corpo, atuados pelas agências de desenvolvimento tão numerosas no sistema asteroidário, e sendo também de matéria densa, comparativamente, desenvolveram-se rapidamente; ultrapassando uma formação não-dissociada que ocupasse o oitavo estrato de um sistema correspondente ao solar. Mais de metade dos asteroides desenvolveram a condição planetária; enquanto mais de metade do restante atingiu uma fase cometária densa; alguns deles estão agora a solidificar as suas superfícies. Os restantes encontram-se em todas as diferentes fases cometárias, desde a vaporosa densa até à fase de lava.

Atingindo a condição planetária — várias fases desta condição — nenhum destes produziu jamais o homem, ou o estágio necessário para a sua produção. O desastre é produtor de desastre; a infelicidade de infelicidade; isto tem sido enfaticamente verdadeiro na catástrofe da sétima formação. Esta determinou catástrofe após catástrofe para o sistema asteroidário; infelicidade após infelicidade para as formas individuais desse sistema. O esforço para restaurar a organização destruída pela catástrofe causou colisões repetidas de fragmentos, desastre repetido à condição desenvolvida de fragmentos individuais. Planetas ultra-zodiacais, assim são denominados estes asteroides, devido à posição que as suas órbitas ocupam no sistema; não estando eles confinados aos limites do Zodíaco.

Pela posição que Júpiter ocupava no período da fragmentação da forma, como foi dito, alguns fragmentos permaneceram no seu rasto, encontrando as suas órbitas no sétimo e sexto estratos, enquanto outros, sendo destacados em diferentes períodos, em diferentes partes do sétimo e oitavo estratos, encontraram as suas órbitas no oitavo, em virtude da sua superioridade de força individual e posição, quando destacados.

Encontrando órbitas no oitavo estrato, onde influências perturbadoras de toda a família de asteroides podiam atuar sobre eles individualmente, estas órbitas eram extremamente excêntricas. A irregularidade marcou o movimento orbital

dos asteroides desde o início. Sendo matéria afim, estes fragmentos tenderam irresistível e incessantemente uns para os outros desde o período da primeira instituição do sistema asteroidário. O núcleo ou o fragmento que o contém — todos os fragmentos mais condensados — giram presentemente em órbitas grandemente diversas daquelas em que primeiro giraram; enquanto todos mudaram percetivelmente a sua direção de movimento desde a instituição do seu movimento orbital. Três vezes a colisão perturbou as condições de desenvolvimento do núcleo.

Cinco vezes influências perturbadoras, entrando em contacto próximo com a sua esfera individual, perturbaram as condições de desenvolvimento desse fragmento ao grau de serem necessários séculos para o restaurar à sua condição perdida. Três vezes colisões perturbaram as condições de desenvolvimento de seis dos fragmentos mais condensados, a seguir ao núcleo, e outras tantas vezes influências perturbadoras, entrando em contacto próximo com as suas esferas individuais, perturbaram as suas condições de desenvolvimento ao grau de serem necessários séculos para uma restauração das suas condições perdidas; enquanto a muitos outros fragmentos, catástrofes únicas, como colisões e as outras acima mencionadas, ocorreram para perturbar condições desenvolvidas ao mesmo grau.

As circunstâncias determinaram que o fragmento do qual o núcleo fazia parte devesse ser um fragmento preponderante para os outros fragmentos aproximadamente qualificados; portanto, a tendência tem sido para este fragmento. Ocorreram mais catástrofes a este do que a qualquer um dos outros. Tivessem as circunstâncias determinado que qualquer outro dos fragmentos mais condensados fosse o preponderante, em virtude da superioridade de força individual desenvolvida pelo tamanho, ele ter-se-ia tornado o núcleo — o fragmento para o qual tenderiam os outros fragmentos; neste caso, as consequências para o sistema teriam sido as mesmas que as agora existentes.

O núcleo não era o maior fragmento; muitos outros ultrapassavam-no de longe em tamanho; a sua superioridade de força individual constituiu-o como o fragmento preponderante, sendo de tamanho suficiente para desenvolver esta força de desequilíbrio a partir da sua quantidade de matéria condensada. Em cada colisão com o núcleo, um fragmento anexou-se a este, aumentando o seu tamanho, força individual e influência atrativa sobre todos os outros fragmentos; em cada colisão com outros fragmentos, um fragmento anexou-se ao mais maciço, aumentando assim o seu tamanho, força individual e influência atrativa sobre outros fragmentos.

Aumentando-se a influência atrativa do núcleo, ou de outros fragmentos qualificados, e ficando as órbitas vagas pela absorção de fragmentos no núcleo,

resultou desordem para todo o sistema asteroidário; todas as órbitas do sistema mudaram. A desordem resultante na mudança das órbitas — mudança de direção de movimento dos fragmentos — foi desordem nas suas condições de superfície estabelecidas; a ordem das estações mudou e, em consequência, todas as condições de superfície. Por mais desastrosas que estas consequências tenham sido para as condições de desenvolvimento daqueles fragmentos apenas assim afetados por estas catástrofes, foram ligeiras comparadas com as que ocorreram aos corpos colidentes.

Na discussão do tema da desorganização de universos, afirmou-se que a ponderabilidade era desenvolvida por um sistema asteroidário para equilibrar a das suas formações de equilíbrio. Sendo o sistema asteroidário do sistema solar um exemplo perfeito de todos os sistemas asteroidários, a elucidação do tema das colisões e perturbações neste sistema exemplificará a teoria ali estabelecida.

No período da primeira colisão de um fragmento com o núcleo, esse fragmento tinha atingido a condição planetária. Imensos períodos de eras ocorreram após a fragmentação da forma original, antes que a força atrativa dos vários fragmentos se tivesse tornado suficientemente desenvolvida para causar uma tendência para o núcleo dos fragmentos mais condensados, e destes uns para os outros, suficiente para produzir colisão. Durante estas eras, a tendência incessante destes fragmentos tinha sido para o núcleo do sistema — o estrato onde se situavam os fragmentos mais condensados; e durante este período estes fragmentos tinham progredido até que o núcleo, e os outros seis fragmentos mais condensados, tivessem atingido a condição planetária.

A primeira colisão ocorreu quando o núcleo estava na quarta era planetária; existiam superfícies de água e terra, assim como espécies animais e vegetais. Desde a parte final da primeira era planetária — o período em que a rocha cristalina foi produzida pela primeira vez — emanações dela tinham tendido para a esfera espiritual; contudo, estas eram comparativamente poucas; nenhuma organização animal ou vegetal, e apenas poucas minerais, se tendo tornado, até essa altura, suficientemente qualificadas para eliminar uma substância espiritual de um grau que ascendesse à esfera espiritual.

A ponderabilidade, durante a quarta era, é desenvolvida até ao quinto grau; havendo sete graus de ponderabilidade, assim chamados, desenvolvidos pelas formas. Neste período, os outros seis fragmentos tinham atingido a segunda era planetária — a aquosa. Emanações espirituais ascendiam de todos estes, embora emanações excessivamente raras; enquanto o terceiro grau de ponderabilidade era desenvolvido. Outros fragmentos tinham atingido a décima primeira era cometária, a fase de lava, que é a fase que completa o primeiro grau de

ponderabilidade de uma formação. Diz-se que todas as formações, até à décima segunda era cometária ou estágio planetário, como a última era cometária é denominada, são do primeiro grau de ponderabilidade. Desenvolvendo a ponderabilidade através de onze eras cometárias, elas desenvolvem-na ainda apenas na proporção do seu desenvolvimento através de um grau.

A formação correspondente neste período tinha atingido a primeira era planetária — o segundo grau de ponderabilidade. Era um sistema de equilíbrio para o asteroidário. Desenvolvendo toda a sua matéria em conjunto, sendo uma organização perfeita, a sua ponderabilidade equilibrava a de todos os fragmentos do sistema asteroidário tomados em conjunto. Os graus de ponderabilidade desenvolvidos pelo núcleo, e pelos outros seis tipos mais condensados, com o desenvolvido por aqueles na fase de lava, e o grau parcial pelos outros, era o segundo grau para toda a organização fragmentada, o que a determinou como sendo, enquanto sistema, um sistema de contrapeso para o seu sistema correspondente.

Uma contingência estava iminente neste período no sistema universal. Aproximando-se o núcleo do sexto grau de ponderabilidade, quando o desenvolvimento desta é tão rápido, o sistema asteroidário teria desequilibrado o correspondente se as circunstâncias não tivessem determinado uma colisão no sistema asteroidário. Uma colisão ocorreu como preservadora do equilíbrio dos dois sistemas. O fragmento que colidiu com o núcleo era um dos seis fragmentos condensados.

A sua órbita tinha-se aproximado gradualmente da do núcleo até que uma colisão foi inevitável, ocorrendo uma conjunção dos dois fragmentos naquela parte das suas órbitas em maior coincidência uma com a outra. Após a colisão ser inevitável, realizaram muitas revoluções antes que uma conjunção a determinasse. Esferas de força atrativa encontram-se, mas nunca se misturam; esta é uma lei geral; contudo, sendo os sistemas asteroidários exceções à lei geral dos sistemas, esta lei não é tão estritamente aplicável no seu caso como em casos de outros sistemas. Sendo matéria afim — partes da mesma forma — a tendência das formas de tal sistema é umas para as outras; as suas esferas, desenvolvidas como esferas individuais de formas apenas parcialmente diversas, misturam-se mais naturalmente do que as esferas de formas irmãs, assim chamadas, sendo partes da mesma esfera. Atuam como agências perturbadoras umas para as outras, tal como as formas de qualquer outro sistema atuam; desenvolvendo esferas atrativas e repulsivas como outras formas; contudo, as suas esferas repulsivas não são, como as de outras formas, fortes para resistir às suas esferas atrativas mais fortes; em consequência, colidem; ao passo que, num sistema

regularmente organizado, a colisão é impossível — a mistura real de esferas de força atrativa, a colisão real de corpos condensados de formações.

A catástrofe que resultou na fragmentação da sétima formação não foi uma colisão, propriamente denominada. Apenas a esfera de influência atrativa de Júpiter se misturou com a matéria não desenvolvida da formação fragmentada; matéria essa que ficou presa à esfera atrativa de Júpiter; nem um átomo desta formação se misturou com o sistema de Júpiter — termo este designado como a esfera de força atrativa de Júpiter. Sendo não-afim, foi repelida pela força repulsiva atómica dos átomos exteriores deste sistema.

A colisão de dois corpos planetários, a mistura de dois sistemas num só, é uma catástrofe cujos efeitos não podem ser apreciados pelo homem não instruído na ciência dos fenómenos universais. O desarranjo total dos estratos de ambos os sistemas, a mistura de diversos átomos de matéria primeva, a re-estratificação desta matéria para formar um novo sistema; a mistura de diversos átomos atmosféricos dos dois corpos condensados, a re-estratificação destes átomos para formar uma nova atmosfera; a concussão incidente na colisão de dois corpos solidificados, a mistura da matéria diversa destes; — todas estas circunstâncias combinam-se para a tornar uma catástrofe inimaginável; uma circunstância cuja contemplação produz na mente emoções de pavor e desânimo. Horror sobre horror para as infelizes formas colidentes; catástrofe após catástrofe! Eras rolam, e ainda assim é horror, catástrofe!

A re-estratificação de elementos primevos é necessária antes que estes se tornem um meio perfeito para a transmissão de correntes elétricas para a massa perturbada que forma o corpo central do sistema recém-formado. Esta é a principal causa do atraso na restauração das condições desenvolvidas da matéria deste corpo. Sendo de substância comparativamente qualificada, estas formas misturariam a sua substância e as suas atmosferas num período comparativamente curto se as correntes elétricas do corpo central do sistema progenitor fossem perfeitamente transmitidas a elas; contudo, sendo privadas da quantidade necessária do fluido elétrico, a escuridão e o frio são a condição na superfície do corpo durante as eras em que a matéria primeva dos dois sistemas se está a re-estratificar.

Sendo o movimento da matéria primeva de todos os graus um movimento de grau excessivamente baixo, eras decorrem antes que esta re-estratificação esteja concluída — antes que uma combinação perfeita dos diversos elementos dos dois sistemas seja consumada.

Durante estas eras, as condições na superfície da nova organização, como pode ser denominada, estão a mudar. A desintegração da matéria exterior da

forma menos condensada, ocorrendo rapidamente pela força da ação química de um grau de elementos comparativamente elevado sobre estes inferiores, faz com que a superfície deste se desmorone gradualmente e em massas. Montanhas inteiras da forma inferior de rocha desta formação, em certos períodos, quebram-se dos seus alicerces e desmoronam-se, sendo os detritos espalhados por toda a parte.

Fissuras vulcânicas ficam a descoberto, de onde emitem em vastas massas os elementos condensados que lutam por escapar. Uma secção inteira de um planeta a arder em fogos vulcânicos! Uma secção inteira inundada por lava líquida e ígnea! Chega um período em que a desintegração expõe o interior do planeta mais descondensado; então parece que o auge da desolação foi alcançado; o clímax das baixas condições foi atingido. Os elementos internos misturando-se com a atmosfera induzem uma condição semelhante à que prevalece nas eras cometárias de um planeta. Gasoso, ígneo, sulfuroso, por algum tempo parece que as condições primevas estão a ser restauradas; que a retrogradação, e não o progresso, é a lei. A ação química de elementos atmosféricos e outros sobre estes elementos grosseiros, mesmo no estado desordenado de todos os elementos na superfície, condensa rapidamente esta matéria líquida — restaura condições comparativamente desenvolvidas; — tão rapidamente quanto as circunstâncias da condição da atmosfera e dos elementos esferais permitirem.

O frio solidifica rapidamente a matéria que inunda as superfícies até profundidades imensas; enquanto matéria líquida e ígnea emite da vasta cratera cuja profundidade é quase o diâmetro de um planeta e cuja largura mede centenas de milhas. Longos períodos, porém, decorrem após esta condição ser alcançada antes que os fogos vulcânicos cessem de explodir da secção descoberta. A desintegração da matéria solidificante é tão rápida, em consequência da ação química exercida sobre ela, que a cratera é mantida aberta.

A matéria solidificante — espécies inferiores de rocha vulcânica — pelas agências aplicadas a ela, elimina rapidamente os elementos superiores, que se libertam como elementos atmosféricos para serem depositados como substância sobre a porção mais desenvolvida do corpo; enquanto os elementos mais grosseiros retornam para a massa de matéria ígnea abaixo. Assim é o planeta mais pouco desenvolvido, ou porção do corpo, combinado com o mais desenvolvido; assim, por longos períodos, as condições de superfície deste corpo são baixas, aproximando-se da cometária.

Pela catástrofe, a ponderabilidade de ambas as formas é, num grau, diminuída; contudo, durante todo o período da condição mais baixa da nova forma, ela é do terceiro grau. As condições elevadas superam as baixas; a

destrutibilidade de todas as condições avançadas da porção mais condensada não é possível.

A concussão produzida pelo encontro das duas formas desarranja instantaneamente todas as condições de superfície estabelecidas de ambas as formas. Um planeta na segunda era do seu desenvolvimento tem a sua superfície coberta, parcial ou inteiramente, com água; durante a primeira parte da era, é vulcânico.

À medida que as esferas dos dois corpos se misturam, antes da colisão inevitável que se aproxima, o corpo mais condensado, sendo o mais fortemente atrativo, é inundado com água, fogo e detritos de todas as substâncias imagináveis existentes sobre ou formando a superfície de um planeta num estágio inicial. Não muito tempo, porém, continua isto antes da colisão; sendo as forças atrativas dos dois corpos que se aproximam tão poderosas que apenas um curto espaço medeia entre a mistura das esferas e o contacto real dos corpos solidificados. Fosse este período longo, a forma menos condensada que se aproxima cairia realmente em pedaços; o seu advento na superfície da outra seria o de um planeta fragmentado. Este não é o método da natureza.

Demasiado destrutiva das condições desenvolvidas seria tal inundação de matéria ígnea como a que sobrecarregaria ambos os planetas a partir da porção central deste. A colisão nunca é produtora de fragmentação. O contacto de dois planetas desenvolvidos até à condição do núcleo e da forma colidente no período da primeira colisão, ou desenvolvidos até à condição alcançada por quaisquer dois corpos de um sistema asteroidário quando uma colisão é possível, é o contacto de duas esferas fortemente repulsivas. As forças individuais de cada planeta, qualificadas até ao grau de que a solidificação ocorreu, são qualificadas a tal grau que resistem fortemente às influências atrativas que atraem os corpos um para o outro.

A propensão de um para o outro não é a de um corpo sólido, uma porção da crosta de um planeta, para este; esta última, deixada cair de uma altura, tende para a superfície com velocidade sempre crescente, por ser do planeta e não ter força individual — nenhuma esfera desenvolvida ou atmosfera independente do planeta. Encontrando-se as esferas repulsivas dos dois corpos, a velocidade é diminuída; encontrando-se as atmosferas, a velocidade é Mais uma vez diminuída; encontrando-se os estratos mais densos das atmosferas, a velocidade continua a diminuir. A força atrativa, contudo, mais forte do que a repulsiva, supera todos estes obstáculos. A concussão, que é qualificada pelas forças repulsivas mencionadas, é indescritível; ambas as formas tremem do centro à

circunferência; a devastação sobre toda a superfície de cada uma é a consequência.

A linguagem é inadequada para dar uma ideia perfeita das condições inauguradas por tal catástrofe. Com as condições de superfície inteiramente mudadas, ambos os corpos mantêm a sua forma original. Jazem no abraço um do outro como formas individuais até que a desintegração — os processos acima descritos — tenha misturado os seus elementos. O período necessário para a restauração no núcleo, ou forma mais condensada, da condição perdida, é um período que ascende em duração, em cada caso da descrição acima, a milhões de anos — períodos de eras.

A segunda colisão que ocorreu no sistema asteroidário foi a de um fragmento na primeira era planetária com um na terceira.

A terceira catástrofe neste sistema foi o contacto próximo de esferas do núcleo e de um fragmento condensado. Isto foi produtor de grande desordem no sistema, grande perturbação das condições de ambos os fragmentos. O que de desastre ocorreu às condições das duas formas que quase colidiram ocorreu em consequência da mistura parcial de esferas. Tal contingência ocorreu quando as órbitas de dois asteroides tenderam tão perto uma da outra que forçaram uma mistura de esferas, caso ocorresse uma conjunção naquela secção das órbitas.

A colisão real em tal caso foi evitada pela força de desequilíbrio exercida sobre as formas separadas a partir da direção oposta ao corpo quase colidente.

O Atraso no Desenvolvimento ocorreu em consequência desta perturbação dos elementos esferais dos dois sistemas. A perturbação das condições elétricas dos dois corpos foi o primeiro resultado desta perturbação da matéria esferal, resultando em consequências desastrosas para as condições de superfície em virtude de inundações, convulsões, etc., causadas por tal perturbação. Sucedendo ao estabelecimento desta condição, interveio uma noite de eras — um período em que os efeitos vivificantes das correntes elétricas do Sol não puderam ser sentidos por eles; a luz e o calor necessários a um planeta não puderam operar sobre a sua matéria de superfície para impelir o progresso dessas superfícies planetárias.

Tal como no caso de uma colisão real, a re-estratificação dos elementos esferais deve ocorrer antes que as condições naturais possam existir Mais uma vez sobre a superfície dos asteroides perturbados. O período necessário para esta re-estratificação foi mais longo ou mais curto, de acordo com a extensão da perturbação destes elementos dos dois sistemas. Eras — milhares de anos e, em alguns casos, dezenas de milhares de anos — foram necessárias em casos de tais

catástrofes no sistema asteroidário para restaurar as condições naturais sobre as superfícies dos corpos perturbados.

A quarta catástrofe no sistema asteroidário foi uma colisão de dois fragmentos condensados. A quinta, uma colisão de um fragmento condensado com o núcleo. Assim continuaram até que o número acima enumerado tivesse ocorrido para perturbar o sistema; para atrasar o desenvolvimento do elemento positivo por ele.

O sistema asteroidário existe no sistema solar como um monumento à sabedoria do plano do Originador do universo; à capacidade da Mente Divina para prover para todas as emergências que possam ocorrer num universo; para originar leis que sirvam todos os propósitos — todas as necessidades reais de um universo. Que outra coisa senão a sabedoria infinita poderia ter originado um plano que servisse tão perfeitamente o propósito pretendido — a preservação do equilíbrio do universo? Ou, que outra coisa senão a sabedoria infinita poderia ter instituído tal plano para a realização da desorganização do universo, como a fragmentação de uma formação, a instituição de um sistema asteroidário com o propósito de destruir o equilíbrio do universo quando chegasse o momento apropriado? Admirada, dominada pela sua emoção, a mente pausa na contemplação de um assunto tão sublime, tão Divino!

O sistema asteroidário, como observado, serviu parcialmente os propósitos do sistema progenitor. Como sistema, serviu estes propósitos, não obstante as colisões que ocorreram, a determinação de corpos uns para os outros, a diminuição do número de corpos do sistema. O desarranjo que ocorreu às formações contíguas devido às perturbações dentro deste sistema foi demasiado ligeiro para ser notado por elas. A perturbação ao sistema progenitor pela perda de corpos deste sistema, as mudanças no movimento orbital dos seus corpos em consequência da determinação de corpos em conjunto, foi demasiado ligeira para ser notada por ele.

A oitava formação — Marte, tinha atingido a quarta era cometária no período da evolução da décima primeira. O seu progresso fora sem precedentes lento devido à circunstância da sua posição próxima da formação fragmentada. Encontra-se agora na sua sexta era planetária. A sua condição é menos avançada do que a da nona — a formação seguinte. Devido ao seu tamanho e à sua posição no sistema, não evoluiu nenhuma formação.

A nona formação — a Terra, estava na quarta era cometária no período da evolução da décima primeira. Tinha alcançado e estava a ultrapassar a oitava, devido à circunstância da sua posição mais favorável. A Terra encontra-se na sua oitava era planetária. Devido às circunstâncias do seu tamanho e da sua posição

no sistema, evoluiu uma formação. Esta encontra-se numa condição baixa, como todas as formações secundárias do sistema solar.

A décima formação — Vénus, tinha atingido a terceira era cometária no período da evolução da décima primeira. Atingiu a sétima era planetária. Devido ao seu tamanho e posição, não evoluiu nenhuma formação.

A décima primeira formação — Mercúrio, encontra-se na sexta era planetária. Não evoluiu nenhuma formação.

As formações secundárias do sistema solar, as de todos os sistemas do tamanho do solar; rodeadas desde o período da sua evolução por circunstâncias desfavoráveis, desenvolvem condições planetárias diferentes das desenvolvidas pelas suas primárias — condições inferiores. Sendo a elucidação das leis que governam uma secundária do sistema uma elucidação das que governam todas, a Lua será tomada como o exemplar destas leis no sistema.

A qualidade da matéria de um sistema determina, em certa medida, a probabilidade da sua evolução nas onze formações, ou num número menor, durante o período de gestação do corpo central. O tamanho das formações e a posição no sistema, contudo, superam todas as outras circunstâncias. Sendo uma formação de tamanho pequeno, como a formação exterior do sistema solar e a Terra, exercem necessariamente tal influência sobre toda a matéria evoluível dos seus sistemas que a evoluem numa só forma, seja ela de alta ou baixa qualidade.

Formações maiores, tendo sistemas correspondentemente grandes, exercem a sua influência sobre a matéria evoluível dos seus sistemas para a evoluir mais de acordo com a lei das grandes formações — a lei que determina a evolução das onze — sujeita, porém, à posição. Apenas por formas de tamanho intermédio é que a influência da qualidade da matéria é exercida na determinação do número de formações. No sistema solar, Saturno possui a qualidade de matéria correta, sendo as outras circunstâncias favoráveis, para a evolução das onze formações pelo seu sistema.

Sendo de uma qualidade para ser prontamente suscetível às influências de desenvolvimento exercidas sobre ele pelo corpo central e pela matéria do estrato em que estava situado, e sendo-lhe permitido espaço suficiente, a matéria dos vários estratos do sistema de Saturno evoluiu em formas, ou anéis, como descrito anteriormente. Júpiter era de uma qualidade de matéria demasiado elevada, considerando a circunstância da posição no sistema — a profundidade do estrato em que estava situado — para evoluir mais do que as suas quatro formações. Sendo alta a qualidade da matéria evoluível do seu sistema, tornou-o altamente suscetível à influência exercida sobre ele pelo corpo central, que, pelas

circunstâncias, era uma influência poderosa — poderosa para efetuar a sua rápida evolução.

Num sistema do tamanho do solar, onde as influências atrativas são tão intensas, a evolução e a condensação da matéria das secundárias ocorrem prematuramente. Sendo do grau e tamanho apropriados para evoluir e condensar as suas formações corretamente, é de tamanho demasiado pequeno considerando o seu grau; as suas forças são demasiado condensadas para condensar adequadamente as formações secundárias; para lhes permitir o tempo apropriado para a condensação.

Sendo de um grau elevado de matéria, uma ordem elevada de formação, elas progrediriam rapidamente sob circunstâncias favoráveis; atingiriam a condição planetária, naturalmente desenvolvida, longos períodos antes das suas formas progenitoras; contudo, desenvolvendo-se de forma não natural — condensando-se, solidificando-se cedo demais — a sua condição planetária, quando alcançada, não é de um grau denominado elevado; a solidificação prematura das suas superfícies não é a produção das condições iniciadoras adequadas ao progresso natural de um planeta. A confusão de condições, por assim dizer, sobre estes corpos solidificados atrasa a instituição de condições planetárias elevadas; destrói a possibilidade da sua instituição por tais formas.

A condensação prematura de matéria cometária significa a fixação de elementos pela aplicação demasiado rápida de calor; — a exaustão de elementos pela eliminação demasiado rápida do fluido elétrico, o elemento mais elevado da matéria, pela aplicação de calor.

A evolução da matéria significa a combinação de átomos do fluido elétrico mais grosseiro, combinação essa que extrai — forma — o elemento luz; um elemento cuja acumulação de átomos afeta suficientemente o nervo do olho físico para o tornar visível, assim chamado, a esse olho; o que significa, apreciável pelo nervo sensacional da visão. A acumulação de átomos é substância; portanto, toda a substância apreciável pela visão humana, ou qualquer sentido físico, é uma acumulação de átomos de elemento ou fluido elétrico grosseiro.

A matéria atómica não acumulada é matéria primeva não evoluída, inapreciável por qualquer sentido físico. A acumulação resulta do movimento — ação elemental induzida pela força atrativa de um elemento elétrico que permeia a matéria. A proximidade de átomos deste elemento elétrico mais grosseiro, proximidade essa que resulta da combinação, induz uma força atrativa mais forte entre esses átomos; força essa que extrai as qualidades inerentes desses átomos — os elementos-vida.

Os elementos-vida são também elementos elétricos atómicos que, acumulando-se e combinando-se pela mesma lei, formam substâncias superiores na natureza; — formam, conforme são extraídos dos graus de substância na natureza, todos os graus de substância, de formas da natureza física e também da espiritual.

O elemento não acumulado que permeia a natureza, denominado eletricidade, é o elemento elétrico atómico extraído pela ação da matéria; de todos os graus de matéria que se misturam para formar um planeta e as formas desse planeta. Extraído perpetuamente pela ação perpétua da matéria, acumula-se perpetuamente para formar substância dos graus superiores, como explicado acima; enquanto os fenómenos que acompanham a acumulação desta matéria atómica constituem todos os fenómenos da natureza; — constituem a instituição de formas de vida mineral, vegetal e animal, e o crescimento destas formas; a instituição da atmosfera, da água, dos gases, do fluido magnético; a organização do homem — corpo, alma e espírito; e a instituição do universo espiritual. Como foi ensinado no capítulo anterior, esta formação — esta acumulação — é efetuada pelo intercâmbio de positivo e negativo.

Os elementos primais, como já afirmado, significam quarenta e dois elementos diferentes, formados por outros tantos métodos diferentes de combinação do fluido elétrico mais grosseiro; cada combinação formando a base da matéria para o período de ação que sucede à sua evolução; e cada combinação sucessiva, ou elemento original, sendo de um grau superior ao precedente. É assim que todas as formas podem ser extraídas de cada elemento original; contudo, em períodos mais curtos durante os períodos de ação posteriores de um ciclo composto; é assim que a recombinação sucede à recombinação através da sucessão de eternidades de ação de um ciclo composto, à medida que um elemento original após outro é evoluído pelo universo de matéria. É assim que a ação da matéria primeva com o elemento original evoluído durante o primeiro período de ação extrai o segundo.

A base da matéria significa a forma mais baixa de matéria capaz de entrar em forma; noutras palavras, a substância mais baixa; termo esse, substância, que significa propriamente matéria evoluída — evoluída para a forma física apreciável; ou matéria estimulada ao grau de ser suscetível de evolução em matéria física apreciável; ou em graus superiores de matéria primeva. Noutras palavras: substância é toda a matéria, seja física ou espiritual, suscetível de desenvolvimento em forma superior; o que não pode ser dito propriamente da matéria primeva não estimulada, por ser insuscetível de desenvolvimento em forma por uma eternidade ou eternidades, de acordo com o seu grau.

A base da matéria durante o primeiro período de ação é o grau estimulado de matéria primeva; aquele grau que entra em forma durante o período. O elemento extraído pela ação da matéria primeva sobre a forma mais baixa de substância durante o primeiro período de ação de um ciclo composto é um elemento apenas ligeiramente superior ao primeiro elemento original; no entanto, é um elemento superior; e resultando, simplesmente, da ação da matéria primeva sobre a substância, como observado.

Esta é a base da matéria durante o segundo período de ação — o segundo elemento original. Durante o período de repouso que sucede a um período de ação, não ocorre a decomposição total; apenas a decomposição da forma; portanto, na instituição do segundo período de ação, o primeiro elemento original e o segundo encontram-se em organização; existem na forma de eletricidade grosseira que permeia o espaço universal, inapreciável, na medida em que não está acumulada num grau para ser apreciável; contudo, está acumulada num certo grau. Estes dois graus operando em conjunto durante o segundo período de ação, um terceiro elemento é extraído — resulta uma terceira recombinação do elemento elétrico grosseiro, uma combinação superior à precedente. Esta é a base da matéria durante o terceiro período de ação — o terceiro elemento original.

Assim, os elementos primais agem uns sobre os outros para a sua evolução até ao quadragésimo segundo; assim o quadragésimo segundo é evoluído durante o quadragésimo primeiro período de ação pelo quadragésimo primeiro com todos os outros quarenta, que ainda estão em combinação; uma porção de cada elemento permanecendo não utilizada — não aplicada para os propósitos da natureza durante todo o período em que constituiu a base da matéria, e desde esse período; existindo como elemento elétrico grosseiro no espaço universal, na forma de graus de matéria primeva; demasiado grosseiro para ser atuado para a evolução pelas forças da natureza; contudo pertencente ao grau estimulado, e aos sete graus deste grau estimulado; e matéria essa que é a matéria primeva que forma as esferas de força atrativa da esfera universal, e as seis ordens de esferas, ou sóis.

A evolução de um elemento original pela cooperação daqueles até então evoluídos significa a ação de graus do fluido elétrico uns sobre os outros; ação essa que não pode ocorrer sem a existência, na natureza, de graus baixos para agirem com os altos — graus que, embora baixos, são suficientemente afins aos altos para agirem com eles. Matéria não estimulada significa aquela não afetada, na introdução de um período de ação, pelo grau de estimulação que introduz o período.

Os vários graus de matéria não estimulada que se misturam para formar as esferas de força atrativa e de influência das várias ordens de sóis, como acima observado, agem uns sobre os outros, e através uns dos outros sobre o elemento original evoluído mais recentemente para a evolução de outro, apenas enquanto permanece um fundo, por assim dizer, de força elétrica de onde extrair para estimular esta ação. Este fundo é constituído pelo positivo físico real, inerente a todos os graus que assim agem em conjunto, até se esgotar pela tiragem contínua sobre ele durante um ciclo composto de ação. A decomposição da matéria resultante após um único período de ação resulta apenas da perda parcial de equilíbrio de positivo e negativo, propriamente falando, perda parcial essa que é induzida pela exaustão do positivo físico apenas do universo físico; ou o universo da matéria evoluída.

Um único período de repouso basta para restaurar a proporção perdida a este grau mais elevado de matéria. A ação contínua através da sucessão de períodos de um ciclo composto basta para exaurir cada grau do grau estimulado — aquele estimulado na introdução do ciclo composto, ao grau de que a ação de graus uns sobre os outros não possa resultar numa recombinação da matéria para a formação de outro elemento original; ou de uma nova base de matéria para outro período de ação.

Este positivo físico, como é denominado, assim exaurido dos vários graus de matéria primeva, pode ser designado como o poder que um grau possui para agir com outro grau; o que também significa a perda real, pelos graus sucessivos, da sua matéria atómica mais elevada, ou força-vida, pela ação elétrica contínua exercida sobre eles a partir de graus superiores através deste longo período.

Assim, o quadragésimo segundo período de ação é um período de inação, comparativamente; é um período em que o elemento básico extraído para seu uso durante o último período não é atuado pelos outros elementos primais para a evolução da forma, não sendo possível nenhuma recombinação para a instituição de outro elemento original. É um período de ação apenas no sentido de que a decomposição — a reabsorção de elementos primais — não ocorre durante o período; pois a ação atómica do elemento original evoluído mais recentemente e dos outros é suficientemente intensa para evitar isto.

O elemento original que constitui a base da matéria durante um período de ação entra em forma em virtude da ação atómica do mesmo induzida pelos dois graus de força elétrica. A forma age sobre a forma, como já delineado, para a evolução de forma superior; sendo a força elétrica perpetuamente o agente pelo qual a forma é induzida. Correntes elétricas, foi afirmado, passam e repassam de

órgãos do mesmo corpo, dos diferentes corpos do universo, e dos diferentes universos uns para os outros.

Como as de um elemento organizado, elas assim passam e repassam — organizadas como qualquer outro agente químico é organizado pela acumulação de elementos inferiores; elemento organizado esse que entra em forma, combinando-se com um elemento semelhante sobre a forma para a qual passa. Assim, a formação é auxiliada num sol ou planeta pela corrente elétrica de outro; assim, todos os corpos no universo se auxiliam uns aos outros, estão indissoluvelmente ligados pelas correntes-vida que passam e repassam dos vários órgãos uns para os outros. Assim, as correntes-vida ligam os inumeráveis centros do universo infinito, os inumeráveis sóis do universo infinito. Assim o universo infinito é um só; a corrente elétrica constituindo o seu centro, — a força de que dependem os centros físicos.

Um grau do elemento elétrico gera um grau superior, tal como uma ordem de sóis gera uma ordem superior. Um grau superior do elemento elétrico é evoluído precisamente como um elemento original é evoluído — pela ação de um inferior sobre todos os outros ainda inferiores da mesma qualidade inerente. Assim, o Sol gera um elemento para o uso dos corpos do seu sistema, pela ação de correntes elétricas do seu sol progenitor, combinadas com as das ordens inferiores e do sol central, agindo sobre aquele gerado pela sua própria matéria.

A Terra gera um fluido para o uso do corpo do seu sistema, superior àquele que é gerado pela simples ação elemental da sua própria matéria, pela ação de correntes do Sol, das ordens inferiores e do sol central, sobre este elemento gerado por si mesma. Ordens superiores de formas são assim sustentadas por um fluido elétrico de formas progenitoras, adaptado ao seu uso, de uma qualidade para ser apreciado pela sua ordem superior de matéria — o elemento que elas próprias geram.

Eletricidade — a aplicação comum do termo — é uma designação vaga do elemento-vida da natureza. Tentar enumerar os graus, as variedades deste elemento — esta forma de matéria — seria tentar enumerar os graus, as variedades de forma da matéria em desenvolvimento. Nenhuma substância deixa de eliminar o seu fluido elétrico; nenhuma forma deixa de POSSUIR um princípio-vida, que é este fluido.

A luz, como observado, é a acumulação de átomos de fluido elétrico; é a primeira condição da matéria apreciável — substância física. Um corpo cometário raro, como um sol emanando do ventre do seu sol progenitor, ou nos seus primeiros estágios de desenvolvimento cometário, é, portanto, luz grosseira. O termo luz é aplicado a esta matéria como sendo o único apropriado devido à

natureza da matéria; sendo substância totalmente sem calor, ou qualquer forma evoluída do fluido elétrico, salvo o facto de ser ela própria a forma mais grosseira desse fluido.

Tão grosseira é a composição desta matéria que eras decorrem e continua a ser simplesmente uma acumulação de átomos do elemento elétrico mais grosseiro, sendo a ação dos seus átomos de um grau tão baixo que extrai o elemento elétrico superior e o calor em graus inapreciáveis.

Esta forma de luz é tão diversa da luz gerada na atmosfera da Terra como o é o vapor de água. O elevado grau de luz gerado na atmosfera da Terra é inapreciável, salvo nos seus efeitos; tão elevada é a sua qualidade que a ação química desta sobre a matéria de superfície extrai uma luz mais grosseira dessa matéria; uma luz que é apreciável ao sentido físico; isto torna os objetos visíveis. Esta primeira forma de matéria assemelha-se ao vapor; é luz vaporosa fria até que a ação química dos seus átomos se torne suficientemente intensa para produzir calor como um efeito dessa ação.

O calor que acompanha a luz é a segunda condição da substância física. O calor é o efeito da evolução de elementos a partir da matéria. A sua existência num corpo cometário é evidência de que um fluido elétrico mais fino está a ser gerado pela ação atómica da matéria que compõe o corpo. A ação gera ação; um grau de calor gera um grau mais forte; assim, conforme as eras avançam — a infância de um sol — a condição vaporosa rara é seguida pela vaporosa densa, esta pela mercurial rara, e esta pela mercurial densa; estágios em que são gerados, sucessivamente, os graus de calor requisitados para extrair o suficiente de um fluido elétrico superior para operar sobre o mais grosseiro, para a evolução de um ainda superior.

Estes estágios são necessariamente longos em sóis de todas as ordens; necessariamente mais longos nos de ordens inferiores do que nos de ordens superiores; porquanto, a menos que seja dado o tempo apropriado para a evolução de todos os graus dos elementos elétricos superiores a partir de todos os graus dos inferiores, o progresso da matéria não pode ocorrer. Nenhum grau pode ser dispensado do número infinito que compõe um sistema de matéria em desenvolvimento; pois é a ação combinada de todos os elementos que induz a condição apropriada da matéria para a evolução de formas elevadas; e é a combinação de todos os elementos que induz a forma perfeita.

Quanto mais baixa a ordem — mais rara a matéria de uma forma — mais longo será o período necessário para a condensação desta matéria; pois tal matéria elimina os seus elementos inerentes menos rapidamente do que a matéria mais densa. A ordem superior de sóis, de matéria mais densa, condensa-se em

períodos mais curtos; contudo, o tempo suficiente para a ação adequada de todos os graus de matéria destes é tão necessário como no caso das ordens inferiores; e é a evolução prematura do elemento elétrico pelos graus superiores de uma forma que degrada essa forma; como no caso das secundárias do sistema solar.

A evolução demasiado rápida do elemento elétrico pela matéria destas formas em processo de condensação, a sua exaustão, significa que os graus superiores desta matéria evoluíram o elemento elétrico superior antes dos graus inferiores; que estes elementos evoluídos entraram em forma prematuramente, ou sem a adição necessária dos elementos dos graus inferiores; adição essa que era requisição para constituir a perfeição da forma de qualquer grau. Esta combinação prematura destes elementos fixou-os; por outras palavras, tornou-os incapazes de agir em auxílio da evolução dos outros elementos necessários a partir da matéria dessas formas.

Sendo elevado o grau do sistema solar, e sendo este de pequeno tamanho, as suas formações secundárias não puderam condensar-se devidamente. A matéria condensada de estratos estreitos, as formações condensadas destes estratos, atuando sobre a matéria cometária destas secundárias, condensou-a antes que esta fosse capaz de eliminar o elemento elétrico superior dos seus graus inferiores de matéria; por outras palavras, a forma foi instituída prematuramente pelos elementos superiores, evoluídos primeiro, destas formações. Em consequência, toda a matéria destas formas tornou-se, por assim dizer, enervada — exausta da sua força inerente.

A solidificação da superfície da maioria destas ocorreu no período em que deveriam ter atingido apenas o quarto estágio cometário; uma rapidez de solidificação que determina que elas nunca poderão atingir condições planetárias elevadas; nunca desenvolverão as suas superfícies até à condição em que a vida vegetal ou animal possa florescer sobre elas. As secundárias, as evoluções das formações exteriores — a primeira e a segunda — estando situadas em estratos mais raros e amplos, são as mais avançadas de qualquer uma do sistema; contudo, estas nunca desenvolverão vida animal ou vegetal elevada. O homem nunca poderá ser produzido por qualquer formação secundária do sistema solar.

A Terra estava na sua quinta era cometária quando a Lua foi evoluída; um estágio demasiado precoce para uma formação evoluir toda a sua matéria evoluível, e para que essa matéria fosse de alta qualidade, inerentemente. As forças condensadas do sistema progenitor evoluíram prematuramente a matéria do sistema, auxiliaram na evolução prematura de um átomo central para o qual esta matéria enervada, de desenvolvimento prematuro, se pudesse determinar. O átomo central era de matéria da secção interior do décimo primeiro estrato — um

átomo qualificado, na medida em que era de matéria densa; mas um não qualificado, na medida em que o seu movimento atómico era, até então, de grau muito baixo — demasiado baixo para permitir a sua evolução pelo método natural naquele estrato denso.

Sendo prematuramente evoluído deste estrato, não pelo método natural — ação atómica induzida pela revolução da esfera — mas pela ação da matéria evoluída do progenitor que o rodeava, ligeiramente auxiliada pela ação da matéria primeva estratificada, o seu movimento rotativo, como átomo, foi determinado pelas forças atrativas e repulsivas do sistema; as mesmas que determinaram o movimento orbital da forma quando esta assumiu a sua posição como um corpo independente no sistema.

Um estrato interior de uma pequena esfera cujo movimento rotativo é rápido comparado com o de esferas maiores, roda com um grau de movimento menos rápido, na proporção em que o corpo é menor. Por exemplo: o décimo primeiro estrato, e a secção exterior do estrato interior do sistema individual da Terra, rodam com um movimento muito menos rápido do que as secções correspondentes da esfera do Sol, embora o movimento rotativo da Terra seja de grau muito mais elevado do que o do Sol.

Átomos centrais não podem ser evoluídos por tais esferas, pelo processo natural, a tempo de servirem como átomos centrais para a matéria evoluída do sistema, como já foi explicado; contudo, as mesmas forças que efetuam a rápida evolução da matéria exterior do sistema em tais casos, efetuam a evolução de átomos centrais para o uso desta matéria. Sendo as forças atrativas e repulsivas parentais desenvolvidas precocemente em tais sistemas, e atuando sobre matéria altamente suscetível à sua influência, agem com a rotação da esfera na evolução da matéria exterior do sistema; efetuando assim a evolução prematura desta matéria. Estas forças, atuando sobre um átomo para a sua evolução, ou sobre um cujo movimento rotativo é de grau baixo, decidem o seu movimento rotativo.

As forças invulgares de sistemas deste caráter determinam o estabelecimento de novas leis por eles; ou antes, a ação invulgar das leis estabelecidas. O movimento rotativo de uma secundária de tal sistema — do átomo central da secundária — que, pela circunstância da evolução prematura do átomo, é de grau baixo, é qualificado após a sua evolução da forma progenitora; — qualificado pelas forças atrativas e repulsivas do sistema aplicadas sobre ele à medida que este procura a sua órbita. Em nenhum outro caso o movimento rotativo de um átomo central de uma forma é assim qualificado.

No caso de átomos centrais de formas evoluídas pela classe maior de sistemas, as forças do sistema não são suficientemente condensadas para agir na

qualificação do movimento de um átomo central após este ser decidido pela evolução; o ato de evolução torna-o demasiado diverso da matéria evoluída do sistema para fazer com que este aprecie a ação de tal matéria o suficiente para afetar o seu movimento atómico. Estas forças agem para repelir uma forma da forma progenitora, atuando sobre uma massa quase afim à massa que evolui as forças; de outro modo, nunca poderiam agir para repelir uma forma para a sua órbita.

Estas forças, tão poderosas num sistema de tal grau, continuam a qualificar o movimento do átomo central, e de todos os átomos da forma, após a condensação os ter fixado; elas decidem a qualidade do movimento rotativo da massa. Mudando a qualidade destas forças aplicadas sobre um átomo à medida que este recua do centro, o movimento rotativo do átomo muda.

Atingindo a posição onde o corpo encontra naturalmente a sua órbita, o seu movimento rotativo é menos rápido do que quando o átomo foi evoluído pela primeira vez; sendo estas forças menos poderosas à medida que a distância do centro aumenta. A coincidência perfeita dos movimentos rotativo e orbital é a peculiaridade das secundárias do sistema solar, e de todos os sistemas do tamanho do solar, devido a esta causa. O movimento atómico dos átomos centrais assim evoluídos é estimulado pelas forças atrativas e repulsivas da matéria evoluída que o rodeia; eles são estimulados para a evolução por isto, em vez de serem evoluídos da maneira natural, pela ação constante e prolongada de matéria semelhante sobre eles.

Sendo um átomo assim estimulado ao grau ao qual é suscetível de estimulação, o seu movimento rotativo é decidido pela sua qualidade; — a qualidade da matéria sobre a qual se atuou, em vez da qualidade destas forças do sistema. Estas são as forças que desenvolvem o movimento orbital do corpo, ou corpos, do sistema; sendo o átomo central de cada corpo, onde mais do que um é evoluído, derivado da secção que desenvolve as forças que decidem o movimento orbital do corpo; como o leitor compreenderá pela explicação dada no capítulo anterior sobre a origem do movimento orbital.

A diferença na qualidade do movimento orbital das secundárias do sistema solar depende da posição no sistema, da profundidade dos estratos dentro dos quais estão situadas, da qualidade comparativa das forças que agem para o seu desenvolvimento; como a qualidade dos átomos centrais, etc. O grau de condensação das forças do sistema da primária determina o tamanho comparativo e a posição dentro do seu sistema das secundárias que ela evolui — (tamanho comparativo, se houver mais do que uma evoluída).

Assim: Saturno, evoluindo formas, por assim dizer, para cada estrato da sua esfera, estas formas não puderam assumir posição dentro desses estratos de acordo com a sua ordem; nem puderam estas formas ter o tamanho apropriado de acordo com a sua ordem de posição; as forças eram demasiado condensadas dentro do sistema saturniano. Júpiter evoluiu apenas quatro formações, cujo tamanho e posições no seu sistema foram todos determinados pela ação de forças condensadas.

Por referência a tratados astronómicos sobre o assunto, o leitor descobrirá a diferença nas distâncias médias e o tamanho comparativo por ordem de posição das secundárias dos vários planetas descobertos; diferença essa que é desproporcional à diferença de tamanho das formações; e tamanho esse que é contrário à ordem estabelecida de tamanho de formações sucessivas. Esta desproporção é a desproporção na condensação das forças dos sistemas das primárias.

O grau de condensação das forças que determina o tamanho comparativo e a posição das secundárias dentro dos sistemas, determina-o pela evolução prematura da matéria das formas. A evolução prematura da matéria das formas, e a evolução prematura das formas, determinam que estas formas sejam menos suscetíveis às forças exercidas sobre elas para as repelir do corpo central; consequentemente, assumem posições mais próximas desse corpo; e, consequentemente, o seu movimento orbital é de grau inferior; sujeito, porém, ao tamanho da primária e da secundária, e à distância da primária.

O movimento orbital da Lua corresponde à sua qualidade de matéria e ao grau de condensação das forças do seu sistema progenitor; não à qualidade real das forças desse sistema; as quais, operantes no desenvolvimento do movimento rotativo do corpo, como afirmado anteriormente, desenvolvem a mesma qualidade de movimento rotativo do átomo central que o movimento orbital da forma.

A condensação da matéria da Lua começou imediatamente após a sua evolução da forma progenitora. Se não se tivesse acumulado rapidamente em torno do seu átomo central — tendo a forma sido terminada com rapidez — a condensação teria começado enquanto ela estava no ventre do progenitor; tão poderosas eram as forças aplicadas sobre ela dentro deste estrato estreito de matéria condensada.

A solidificação da sua superfície ocorrera antes de a Terra ter atingido o seu oitavo estágio cometário. A solidificação prematura da matéria da superfície da Lua resultou da evolução prematura desta matéria do sistema progenitor; e os seus efeitos sobre o desenvolvimento planetário da formação foram igualmente

desastrosos com esta evolução prematura. Faltavam elementos-vida nessa matéria de superfície para a constituir capaz de evoluir elementos atmosféricos em quantidades suficientes, ou em devidas proporções, para constituir uma forma perfeita de atmosfera; consequentemente, nenhum desenvolvimento permanente de superfície pôde advir dos efeitos da ação atmosférica; pois esta ação, embora não inteiramente ausente, foi uma ação imperfeita em todos os períodos.

A combinação imperfeita de elementos produz organizações imperfeitas; proporções imperfeitas de elementos causam combinações imperfeitas; e a falta de elementos necessários em qualquer proporção causa combinações imperfeitas. Desde que a Lua existe como formação, não possuiu nenhuma forma estável de atmosfera; uma vez que elementos, e proporções de elementos, sempre faltaram quando, por períodos durante os seus estágios cometário e planetário, organizou uma atmosfera parcial a partir da massa confusa de elementos que a sua imperfeita matéria de superfície está continuamente a evoluir, em quantidades maiores ou menores, conforme a era é de ação ou de repouso.

Periodicamente, desde que a Lua existe, tentou organizar, estabelecer uma atmosfera estável. Estes períodos têm sido os períodos energéticos da Terra — períodos em que a ação elétrica tem sido mais intensa no seu sistema. Durante estes períodos, os elementos atmosféricos são extraídos da matéria de superfície da Lua em quantidades maiores do que durante os períodos mais inativos; proporções suficientes são assim fornecidas para a formação de uma forma imperfeita de atmosfera; atmosfera essa que, pela sua natureza, é desorganizada e parcialmente reabsorvida pela matéria de superfície, quando a ação que a evolui e combina subscreve parcialmente. Esta subsidência parcial da ação ocorre periodicamente; sendo todas as eras de ação, ou repouso, do sistema, divididas e subdivididas. Uma era, como aqui usada, significa uma cujo comprimento é determinado pela idade da formação, mas que é, em qualquer caso, de eras de comprimento; enquanto as subdivisões de uma era são de comprimento indefinido, como sendo divisões maiores ou menores.

Durante todos os períodos da existência planetária da Terra, esta teve intervalos de repouso, dividindo e subdividindo os seus, assim chamados, períodos ou eras ativos; e intervalos correspondentes — intervalos de repouso mais profundo — dividindo os seus, assim chamados, períodos ou eras de repouso. As pequenas subdivisões destas eras têm apenas poucos anos de comprimento nesta fase do desenvolvimento do planeta, e são separadas por intervalos correspondentes ao seu comprimento; enquanto as maiores têm séculos de comprimento, e são também separadas por intervalos correspondentes. Estes intervalos mais curtos correspondem às eras de repouso que separam as de ação; aos longos intervalos de inação que subdividem o período de vida do planeta.

Em cada intervalo de repouso, seja menor ou grande, há uma subsidência na ação elétrica do sistema da Terra; subsidência essa que resulta na desorganização parcial ou total — de acordo com a duração do intervalo — da atmosfera da Lua. Há eras que a Lua não possui uma atmosfera organizada — uma devidamente organizada para a indução de formação sobre a sua superfície; como a Terra possui. A Terra tem passado por um período de repouso de muitos séculos de duração, um período correspondente ao que foi um período de repouso para ela, enfaticamente, quando estava na condição cometária; mas período esse que exibiu ação correspondente ao grau de desenvolvimento do planeta.

Passado o período de repouso do sistema progenitor, a Lua está agora a organizar uma atmosfera, que será mais verdadeiramente uma atmosfera do que qualquer uma que tenha organizado anteriormente; pelo facto de estar a evoluir os elementos atmosféricos em maiores quantidades, e em melhores proporções, do que nunca durante os seus períodos mais ativos; e muito mais verdadeiramente uma atmosfera do que a que possuiu durante as eras do período de repouso acabado de passar. Periodicamente, durante a presente era ativa, ocorrem a desorganização parcial e a reabsorção de elementos atmosféricos, em consequência da subsidência periódica da ação elétrica, como durante a última; contudo, os efeitos disto são menos marcados durante esta do que durante a última; pois a ação é mais intensa durante os intervalos de repouso desta era ativa do que durante os da última.

O efeito da, assim chamada, subsidência total da ação elétrica na superfície da Lua, subsidência essa que resultava quando um período de repouso intervinha "quando a Terra era jovem" — nas eras cometária e planetária precoce, era tornar a Lua invisível a partir de qualquer formação no sistema solar. Não possuindo atmosfera apreciável, não eliminando quantidade apreciável dos fluidos elétricos superiores, não havia meio pelo qual pudesse tornar-se um objeto visível no sistema. O fluido elétrico eliminado por ela durante essas eras era suficiente para a tornar um corpo apreciativo às forças do sistema exercidas sobre ela, e nada mais. Assim, por eras ela girou no seu sistema progenitor, um corpo escuro, e eras Mais uma vez, um corpo vagamente definido, depois de ter solidificado a sua matéria de superfície.

A desorganização parcial e a reabsorção da atmosfera da Lua ocorrem em intervalos de sete anos; Mais uma vez em intervalos de quarenta e nove anos; e Mais uma vez em intervalos de sete vezes quarenta e nove anos; sendo a razão de aumento de comprimento das eras uma razão de sete vezes. O comprimento dos intervalos sendo um sétimo do comprimento das subdivisões, as divisões, etc. O que de desarranjo atmosférico é realizado durante os intervalos entre as subdivisões menores de uma era é menos do que o realizado durante os intervalos

entre as grandes subdivisões; não de acordo com a duração dos intervalos, mas de acordo com a qualidade da ação elétrica no sistema durante o intervalo. Como, durante estes intervalos curtos, há apenas uma ligeira subsidência da energia da ação elétrica comparado com o que ocorre durante os intervalos longos, assim há apenas uma ligeira oportunidade para o desarranjo atmosférico; o suficiente, contudo, de desarranjo e reabsorção ocorre nestes intervalos curtos para desarranjar de algum modo as condições parcialmente desenvolvidas da superfície. A atmosfera, embora apenas se desorganize parcialmente, cessa por um curto intervalo de ser um suporte de vida para todas as formas, animais e vegetais, que a superfície produz; a água, que é imperfeitamente organizada, como a atmosfera, desorganiza-se parcialmente e torna-se um não-suporte de vida para algumas das formas dependentes dela; circunstâncias essas que, ocorrendo periodicamente em intervalos tão curtos, embora operem para deter um pouco o desenvolvimento, afetam apenas ligeiramente as condições gerais da superfície desenvolvida, pois a maioria das formas animais até agora produzidas por essa superfície são de tal natureza que sobrevivem à ausência de atmosfera por intervalos comparativamente longos; estando dormentes durante os intervalos.

A inação parcial é a condição sobre toda a superfície do planeta; contudo, a rápida retoma da ação energética no sistema induz o rápido rearranjo dos elementos atmosféricos e aquáticos e, consequentemente, a rápida retoma do crescimento e desenvolvimento das formas.

Na ocorrência de um intervalo mais longo — de uma subsidência mais completa da ação elétrica no sistema, tal como ocorre nos intervalos mais longos, a desorganização mais completa da atmosfera e da água do planeta inaugura uma condição mais desastrosa; mais morte, perda de formas, do que pode ocorrer durante um intervalo curto. Na ocorrência de um longo intervalo de repouso — o mais longo —, toda a vida animal no planeta torna-se extinta; nenhuma forma, por qualquer possibilidade, sobrevive à estagnação de eras.

As formas organizadas, tanto animais como vegetais, produzidas sobre a superfície da Lua durante os seus vários períodos ativos, em vez de se decomporem pela ação atmosférica, como formas semelhantes fazem sobre a superfície da Terra, permanecem formas íntegras, ou apenas parcialmente decompostas, e espalhadas sobre a superfície que as desenvolveu. — A superfície da Lua é um sepulcro aberto!

Os elementos atmosféricos operantes sobre planetas de grau elevado para a decomposição de tais formas não podem aqui atuar assim, devido ao facto da imperfeição das organizações, tanto da atmosfera como das formas. A tendência

constante de todos os elementos, sejam atmosféricos, vegetais ou animais, é para os leitos minerais que originalmente os evoluíram; os quais, sendo formas mais perfeitamente organizadas do que quaisquer outras do planeta, exercem a força atrativa mais forte de qualquer uma do planeta, em virtude da lei que ordena que, quanto mais perfeita a organização, ou combinação de elementos, mais poderosa a força exercida por tal organização sobre todos os elementos do seu grau.

Se a atmosfera da Lua fosse tão bem organizada como os seus minerais, ela exerceria a força preponderante, sendo uma forma superior; nesse caso, a decomposição ocorreria no planeta pela sua ação. Se uma forma morre, seja animal ou vegetal, a rápida absorção dos seus elementos mais elevados pelos elementos de superfície torna-a insuscetível à agência atmosférica — tal agência atmosférica que possa ser aplicada sobre ela; e ela, consequentemente, permanece uma forma íntegra, no sentido em que a sua estrutura fibrosa permanece inteira; apenas os seus fluidos superiores foram exauridos. Assim, nenhumas formas jamais produzidas sobre esta superfície foram perdidas, num sentido; pois a Lua, como um sepulcro fechado, preserva as formas dos seus mortos da desintegração.

O caráter das formas, animais e vegetais, até agora desenvolvidas pelo planeta, tem sido o caráter da atmosfera, da água e da superfície; elas foram, enfaticamente, constituídas por elementos do grau mais baixo que possivelmente se podem combinar para formar organizações animais ou vegetais. As espécies de animais até agora produzidas pela Lua são baixas; — o que se pode denominar, por falta de nomes mais apropriados, os saúrios, moluscos, testáceos, crustáceos; de vegetais, as espécies mais baixas de plantas marinhas, com algumas espécies encontradas apenas nas margens de poços estagnados, ou em distritos pantanosos.

Estas formas, animais e vegetais, não têm tipos na Terra, ou em qualquer outro planeta de grau elevado; elas são peculiares a planetas do caráter da Lua; — do grau baixo. Tão hediondas como são as formas das espécies saurianas, alguns dos moluscos e crustáceos da Terra, ainda mais hediondas são as da Lua; formas sem configuração, monstruosidades organizadas, são estes répteis, vermes e outras formas assim imperfeitamente organizadas. Nenhumas formas de qualquer espécie atingiram, em qualquer era, os tamanhos monstruosos que as formas destas espécies da Terra atingiram em eras precoces, por falta dos elementos necessários para as constituir como tal.

O primeiro período que desenvolveu formas animais e vegetais sobre esta superfície é tão remoto como a décima segunda era cometária da Terra; periodicamente, desde essa era, as mesmas espécies e as correspondentes têm

sido produzidas pelas mesmas secções do planeta. Estas secções apresentam um espetáculo tal como só se encontra em secundárias do mesmo grau. É como se a morte tivesse celebrado ali um carnaval durante eras; a sua insígnia está gravada em tudo; até a vacuidade, a estagnação, em acentos inequívocos, sussurram — morte.

Espalhados sobre estas secções de superfície, nalguns casos até à profundidade de muitos pés, encontram-se os restos ressequidos de tais formas de vida animal e vegetal como a Lua alguma vez produziu; — os mais hediondos répteis, vermes monstruosos, testáceos disformes, jazem promiscuamente, misturados sobre leitos de vegetação não decomposta das ordens mais baixas; leitos que serviram de sepulcro para os restos das formas de cada era, conforme foram depositados sobre eles pela ação aquática, ou de outra forma.

Condições mais elevadas estão iminentes sobre a superfície da Lua; e a era está inaugurada em que estas condições prevalecerão; contudo, estas condições só podem diferir das passadas nos particulares da existência periódica de uma atmosfera superior, da reprodução periódica de formações vegetais e animais e, porventura, da produção de algumas formas ligeiramente superiores destas, pelas mesmas secções de superfície, resultado de uma ação elétrica mais energética no sistema progenitor do que a que alguma vez existiu.

O grau de matéria do planeta só é suscetível da produção de, aproximadamente, os graus de formas acima mencionados, e de um grau de atmosfera e água que devem desorganizar-se em cada período de subsidência da ação elétrica; portanto, por mais energética que seja a ação instituída na superfície, ela não pode resultar em condições elevadas.

A matéria de superfície da Lua é composta pelas formas mais baixas de matéria vulcânica. Durante a segunda era planetária da formação, a sua estrutura de superfície foi moldada, os seus elementos de solo depositados. A fina crosta que se formara durante a primeira era foi rompida pela força de elementos internos; e a superfície do planeta inundada com matéria vulcânica. Superfície de lava era toda a superfície do planeta nesse período, propriamente; contudo, havia secções onde os detritos vulcânicos abundavam, onde estes detritos estavam misturados com a lava numa extensão suficiente para que a ação pudesse resultar entre as diferentes classes de rochas para a formação de solo.

Estas secções são as únicas secções que alguma vez produziram vida vegetal ou animal, ou água; as únicas secções onde se pode dizer que existe solo no planeta. Elas são esparsas, comparadas com as secções de lava, as quais ocupam quatro quintos da superfície do planeta.

A estrutura da superfície é peculiar. Esta peculiaridade é o resultado da falta de ação vulcânica desde o único período que a exibiu, e do baixo caráter desta ação durante esse período. Tão enervados, tão sem vida estavam os elementos internos nesse período, que apenas crateras únicas foram formadas no irromper dos fogos vulcânicos, em vez de abismos amplos estendendo-se por centenas ou milhares de milhas, como é a regra nos planetas de grau elevado, na instituição das suas eras precoces de ação. Estas crateras eram largas, e a ação eruptiva continuando, a intervalos, através de uma maior porção da era, vastas massas de matéria vulcânica foram emitidas por elas; matéria essa que se espalhou por vastas secções, formando planícies elevadas, cones, cristas em forma de onda, que apresentam a mesma aparência neste período remoto como quando acabadas de arrefecer. As crateras, parcialmente preenchidas, apresentam aparências estranhas; aparências tais como as apresentadas por crateras recentemente arrefecidas na superfície da Terra, apenas numa escala mais grandiosa. Muitas delas têm milhas de circunferência e milhas de profundidade; com cones nos seus interiores, com milhas de altura, e cavidades cuja profundidade parece imensurável.

Apresentam-se em todas as formas e exibem todo o tipo de aparências, como cones, cristas, fendas ou cavidades sem fundo. Nenhuma ação convulsiva despedaçou estas crateras elevadas em forma de concha, cones ou cristas, no mais ínfimo grau; nenhumas chuvas diluvianas, torrentes impetuosas, ventos poderosos ou ondas revoltosas atuaram sobre elas para a sua desintegração. Elas permanecem como monumentos poderosos de condições baixas.

A desintegração desta matéria ejetada só ocorreu onde, como referido antes, detritos vulcânicos, como fragmentos das poucas espécies de rocha cristalina desenvolvidas durante a primeira era, estavam misturados com a lava; outras secções apresentam, neste período, precisamente a aparência que apresentavam no período em que a ação vulcânica cessou e os elementos expelidos arrefeceram.

Montanhas de lava, planícies de lava, lagos e mares de lava, por assim dizer, é a ordem. Que influência benigna será alguma vez exercida para converter estas planícies de lava em solo preparado; estas montanhas de lava em leitos minerais? A resposta é — Nenhuma! Nenhuma! A Lua está para sempre amaldiçoada, no sentido em que pertence ao grau baixo de planetas; a sua matéria não pode progredir, não havendo elementos-vida perfeitamente organizados a circular na organização do planeta. A ação vulcânica tem faltado para criar condições de superfície adequadas, devido à falta de energia dos elementos externos e internos. A ação externa era necessária para produzir a interna, e a interna para produzir a

externa; faltando ambas, nenhuma ação poderia ocorrer; — a estagnação deve necessariamente ser a ordem com o planeta enquanto ele existir.

As secções escuras da superfície da Lua visíveis da Terra são as secções de lava — as maiores. Estas secções são totalmente escuras, e só são visíveis da Terra através da agência da luz e atmosfera eliminadas por outras secções — as secções desenvolvidas da superfície. Elementos elétricos eliminados apenas da superfície de lava não podem formar atmosfera; portanto, onde tais secções são grandes, a atmosfera sobre elas deve ser excessivamente rara durante os períodos mais ativos, pois deve ser suprida pelas secções desenvolvidas esparsamente espalhadas, com o auxílio das quais as secções de lava menores são visíveis como superfície iluminada.

As regiões equatoriais e adjacentes exibem as condições mais elevadas que se encontram no planeta; enquanto as polares, e as adjacentes a estas, apresentam as mais baixas; sendo a matéria equatorial do grau mais elevado, de todos os planetas, e a polar, a mais baixa, pela situação das correntes de alto e baixo grau de matéria, como o leitor já compreende.

A ação elétrica da matéria da Lua, durante todas as eras, seja de repouso ou de ação, é suficiente para a tornar sujeita às forças atrativas do sistema solar. As correntes elétricas mais grosseiras que são eliminadas da sua superfície de lava encontram os seus elementos de afinidade nas correntes elétricas de todas as formações do sistema com que entram em contacto; colocando assim o planeta em igual sujeição às leis do sistema como qualquer outro planeta. A sua esfera de influência atrativa ligando-o a formações contíguas do sistema solar, as suas correntes elétricas são transmitidas a estas formações, como as destas formações o são para ele.

As esferas de força atrativa e influência servem os propósitos de um sistema cujos corpos estão condensados ao grau de que o fluido elétrico mais fino pode ser eliminado deles, agindo como o meio para a transmissão deste elemento superior de corpo para corpo, por todo o sistema; elemento este que é o único elo pelo qual os corpos do sistema tão condensados estão ligados. A matéria esferal é como o metal bruto do fio que transmite um fluido elétrico mais fino através dele por meio do seu próprio elemento elétrico, latente no interior.

Corpos condensados, como sóis nos estágios cometários tardios e planetas, só estão ligados, como corpos de um sistema ou do universo, como referido acima, por meio de correntes de substância afins através do meio da matéria esferal; as forças atrativas de tais corpos são propagadas através destas correntes, tal como as forças atrativas de corpos cometários raros são propagadas através da

matéria esferal sem o auxílio de fluido elétrico evoluído; ou mais propriamente, o fluido elétrico mais fino.

A qualidade do fluido elétrico acima mencionado não é aquela qualidade que elimina a luz atmosférica, ou torna um sol ou planeta distante visível; nem é aquela qualidade que institui condições elevadas em superfícies planetárias. É de um grau afim tanto à matéria planetária como à esferal; o que o constitui como um grau inferior a qualquer um dos acima mencionados; contudo, atua como um auxílio às correntes superiores, tanto para a sua eliminação como na sua ação para a produção de solo e formas superiores dependentes do solo.

À medida que um corpo progride, as suas eras, tanto de repouso como de ação, são eras mais atividades. A ação elétrica deve ser contínua num corpo planetário em todas as eras, pois a matéria planetária é de tal natureza que assegura a constante eliminação de fluido elétrico dela; e quanto mais elevada a qualidade da matéria — quanto mais avançada a superfície planetária, mais intensa será esta ação em todas as eras.

A subsidência desta ação, que institui eras de repouso, provém da enervação parcial da matéria planetária pela ação contínua da era passada — de uma falta do elemento positivo; condição essa que sendo a condição de todos os corpos do sistema individual, do sistema universal, contemporaneamente, o fluxo de correntes de planeta para planeta, de sol para planeta, é menos energético do que durante o período em que as forças estão em equilíbrio. Uma era de repouso, que no estágio cometário precoce da Terra significava tal inação absoluta que a mente do homem, não instruída na ciência do desenvolvimento universal, não consegue apreciar, significava no seu estágio planetário precoce uma era de ação comparativa — ação comparada com a daquelas primeiras eras cometárias; significa agora uma era de ação intensa, comparada com aquelas eras planetárias precoces. É, no entanto, subsidência da ação elétrica, como em eras anteriores, que, nesta fase, inaugura períodos de repouso, sejam eles períodos grandes ou menores; e como outrora, tal subsidência como pode ocorrer a partir da condição existente da matéria do corpo e de outros corpos do sistema.

A Lua, embora um corpo solidificado — um planeta —, está em tão baixa condição que os seus períodos de repouso são muito mais marcados do que os de um planeta de grau elevado, nesta fase; contudo, muito menos marcados do que durante fases anteriores. Existiu ação suficiente sobre a superfície da Lua durante a era de repouso acabada de passar para evitar a reabsorção total de elementos em qualquer período da era.

Ela possuiu o suficiente de atmosfera, ou de elementos atmosféricos eliminados em combinação parcial, e fluido elétrico superior, em todos os

períodos da era, para assegurar a eliminação de luz atmosférica em abundância suficiente para a tornar o corpo luminoso que tem parecido desde que é um corpo observado da Terra; ou desde o período histórico; contudo, não o suficiente para evitar a destruição total de toda a vida animal e vegetal; pois durante toda a era nenhumas formas de espécies animais ou vegetais foram organizadas.

Desde a inauguração da presente era, algo foi alcançado em direção à restauração de condições mais elevadas pela instituição de leitos de água, onde a água em pequenas quantidades existe para o sustento das formas mais baixas de vida vegetal e animal que a era pode desenvolver naquela superfície planetária.

Até agora, a quantidade de água formada é demasiado pequena para exibir quaisquer sinais da sua existência a observadores na superfície da Terra, pela formação de vapor na atmosfera da Lua, fosse essa atmosfera de uma qualidade para originar, para sustentar tal vapor. De atmosfera, há o suficiente para a existência da água — uma forma de água tal como só existe onde os elementos atmosféricos estão em semicombinação; uma forma tal como só existe na Lua quando os seus elementos atmosféricos sempre imperfeitos estão em semicombinação.

A promessa é de que, durante os anos, os séculos, as eras, por vir, da presente era, a Lua brilhará com luz sempre crescente; que, ao passo que agora derrama uma radiância ténue sobre a noite ao refletir a luz do Sol, e na ausência dessa luz é invisível, nas eras por vir, quando a sua atmosfera se tiver tornado tão perfeitamente organizada quanto possível, ela derramará uma radiância que, embora ténue comparada com a da "luz maior", será contudo suficiente para dissipar as trevas quando reflete a luz do Sol, e para se tornar visível quando não reflete essa luz. Ela iluminará, com radiância triplicada, as noites da sua primária, enquanto essa primária, com poder triplicado, retribuirá a sua luz em bênção.

A luz pálida da Lua é uma luz inconjacente a todas as classes superiores de formas atualmente existentes sobre a superfície da Terra — uma luz insalubre. É um elemento afim a condições mais baixas do que as que existiram na superfície da Terra desde as eras precoces do seu estágio planetário; quando todos os elementos de superfície eram baixos, e quando as ordens mais baixas das espécies animais e vegetais existiam.

O caráter da luz da Lua durante esses períodos precoces era o seu caráter atual; ou tão próximo disso que não existe diferença apreciável. Então, esta luz era um agente ligeiramente operante para o avanço das condições na superfície da Terra; desde esse período — desde a existência de condições mais elevadas — ela tem sido mais prejudicial do que outra coisa para todas as condições desta superfície.

Na qualidade rara desta luz, observa-se uma sábia provisão da natureza; pois, se fosse densa, devido ao seu baixo caráter, provaria ser um elemento destrutivo na atmosfera da Terra; — um elemento destrutivo para o crescimento das formas superiores de vida animal e vegetal, bem como para o homem; para quem seria um flagelo pestilencial — um miasma mortífero.

Na ordem da natureza, as primárias progridem para fora da influência das suas secundárias — progridem além do alcance das influências deletérias da sua luz e baixas correntes elétricas; no sentido em que estas se tornam desafinizadas àquelas eliminadas pelas primárias, a tal grau que têm mas pouco efeito na produção de doença e das outras irregularidades mais aparentes atribuíveis à influência das correntes elétricas em vez da luz. Contudo, o suficiente de reciprocidade por parte das primárias para determinar a maior quantidade de ação das secundárias possível é a ordem, em todas as eras; a matéria destas só sendo suscetível de um baixo grau de ação na era mais avançada.

As correntes elétricas da Lua operantes sobre a Terra em todas as eras desde a sua existência tiveram o efeito de perturbar condições estabelecidas; — de perturbar o equilíbrio atmosférico ao grau de as tempestades serem agravadas; também a ação elemental subterrânea, e as condições produtoras de doenças epidémicas entre os animais e o homem, desde que estes existem sobre a Terra. Tais efeitos têm sido mais aparentes nos períodos mais ativos; enquanto, durante os mais inativos, têm sido impercetíveis.

A era atual, sendo de ação, testemunha os efeitos das correntes elétricas da Lua mais aparentes na atmosfera da Terra do que em qualquer era precedente. Contudo, o progenitor está a superar a força do filho — está a progredir com um grau de velocidade tanto além da da descendência que não muitos períodos curtos decorrerão antes que a influência perturbadora da Lua seja menos percetivelmente marcada na atmosfera da Terra; e não muitos do próximo grau mais longo decorrerão antes que esta influência seja inapreciável nessa atmosfera, no seu efeito de destruir o equilíbrio atmosférico ao grau de resultarem tempestades, etc.

O que de perturbação continuar então a resultar na atmosfera da Terra a partir da ação destas correntes será produtor de efeitos aparentes benéficos, na medida em que operará para ajudar a depopular a Terra das formas de vida animal e vegetal das quais ela está a superar a necessidade.

A Terra, o sol da Lua num sentido apropriado, desempenha menos o papel de um sol para ela do que o faz o Sol; sendo esse corpo de tais vastas proporções comparado com a Terra, e a tal distância, que as suas correntes elétricas podem operar com maior força do que as da Terra; um sol de tão pequeno tamanho,

embora a uma distância comparativamente tão curta. O tamanho preponderante do Sol supera, de longe, a diversidade de distância da Terra e do Sol.

As correntes elétricas da Terra operantes sobre a Lua falham em eliminar luz suficiente para a tornar um objeto visível. Como afirmado anteriormente, no futuro da presente era, a Lua tornar-se-á mais uma reciprocadora de luz para a Terra do que durante qualquer era anterior; à medida que as correntes elétricas mais poderosas da Terra operam sobre ela para extrair, com o auxílio das correntes do Sol, tudo o que há de elementos elevados na sua atmosfera, no seu solo ou nos seus minerais.

Se o elemento luz sempre foi raro na rara atmosfera da Lua, o elemento calor tem sido raro num grau proporcionado à raridade da luz atmosférica; pois o calor atmosférico é um efeito da ação química dos átomos da luz atmosférica.

Todas as condições ajustadas entre si é a máxima da natureza. Tivesse a matéria de superfície da Lua sido tão fria como a sua atmosfera, nenhumas formas de vida animal ou vegetal poderiam ter sido produzidas por essa superfície. A lei foi invertida no caso da Lua — a lei que determina que, quanto mais elevado o grau, mais estável a organização. Esta lei ilustra-se assim: a atmosfera é uma forma superior à água, e uma forma mais estável; a água uma forma superior às formas minerais, e uma forma mais estável. Esta é a lei no grau superior de planetas, enquanto no grau inferior, o inverso é a lei; a atmosfera é mais imperfeitamente organizada e mais instável do que a água; e a água do que as formas minerais. Esta operação da lei permitiu a produção dos baixos graus de formas animais e vegetais enumerados, pela Lua.

A crosta da Lua é um condutor parcial de calor interno para a superfície, e sendo a sua atmosfera quase um não-condutor deste elemento, tendo-o sido em todas as eras, por ser de tão imperfeita organização, o calor existiu na superfície para a produção e manutenção das classes mais baixas de formas; classes tais como só as condições mais baixas, de calor e luz, bem como de outras condições, podem produzir e sustentar.

A atmosfera da Lua, quando melhor organizada, é fria, enfaticamente; deve sê-lo, quando organizada o melhor possível a partir do grau do planeta; e qualquer vida animal e vegetal que alguma vez seja produzida sobre ela deve ser produzida com o auxílio do calor de superfície. Esse calor raro é transportado para a superfície a partir da massa interna de substância ainda volátil, ainda aquecida, pela agência das formas imperfeitas de minerais que compõem a crosta.

Não fosse o facto de a atmosfera da Lua sempre ter sido um não-condutor de calor, a massa inteira da Lua já se teria, antes disto, solidificado; antes disto, o

planeta teria desmoronado, sendo a sua massa fria e suscetível a nenhuma agência senão aquela que deve desintegrar. Pela agência do calor são extraídos os elementos da matéria que contrabalançam os efeitos da ação atmosférica.

A matéria de superfície de todos os planetas de grau elevado desintegra-se pela força da ação atmosférica; contudo, a constante eliminação de elementos das formas minerais de tal planeta causa a reorganização de formas desintegradas — o estabelecimento de novos leitos minerais em lugar dos perdidos; cria novos solos em lugar dos perdidos; enquanto a ação constante de forças elétricas de agentes químicos proíbe a exaustão do calor interno por meio da agência atmosférica. A lava, com as classes inferiores de rochas cristalinas, constitui a substância que compõe a crosta da Lua; substância essa que é porosa e suscetível de ser a condutora para a superfície da forma baixa do fluido elétrico que é gerado pela massa interna; forma essa que, no grau mais elevado de planetas, escapa através de fissuras vulcânicas e de géiseres, ou fontes periodicamente eruptivas.

A ação convulsiva dos elementos internos da Lua é inexistente devido a este facto, combinado com a condição destes e dos elementos externos. A ação eruptiva resultou numa única era pelo facto de ter existido energia suficiente na massa de matéria volátil que compunha a massa após a crosta cristalina ter sido formada, para permitir o grau de ação vulcânica que resultou através de uma porção de uma era; ou até que uma certa classe de elementos tivesse sido descarregada.

Com a eliminação desta classe, cessou toda a ação energética da massa volátil interna; doravante, existiu como matéria volátil aquecida, apenas por sofrimento, por assim dizer; existiu como tal apenas pelo facto da sua isolação de qualquer força suficiente para extrair dela os remanescentes das suas forças-vida desenvolvidas.

Tivesse a Lua possuído uma atmosfera perfeitamente organizada, sendo do grau baixo de planetas, a sua desintegração, antes disto, teria instituído a destruição no seu sistema; antes, fosse possível que uma secundária de tal sistema pudesse possuir tal atmosfera, o sistema da Lua nunca poderia ter existido; a desorganização do universo teria resultado da desordem incidente em tal catástrofe como a desintegração de uma forma de tal caráter, antes do período do desenvolvimento da Lua.

Mais uma vez: tivesse a Lua sido um planeta de grau elevado, e ocupando a sua posição atual no sistema, igual desordem teria, antes disto, resultado para o seu sistema; e igual desordem teria resultado no sistema universal, antes da

existência do sistema da Lua, tivesse sido possível que qualquer secundária em posição correspondente à Lua pudesse ser um planeta de grau elevado.

Condições elétricas elevadas na superfície da Lua devem induzir a eliminação de uma atmosfera aperfeiçoada; uma suscetível de eliminar luz em quantidades proporcionadas à quantidade do fluido elétrico recebido nessa atmosfera a partir do Sol e da Terra; e calor em proporção à quantidade de luz. Fosse a Lua um recetor perfeito das correntes elétricas da Terra, a Terra seria um sol para ela, no sentido de que a sua luz atmosférica seria dez vezes mais do que atualmente, enquanto o seu calor estaria numa proporção inteiramente incomparável com a sua quantidade atual; sendo em proporção à quantidade de luz numa razão geométrica aproximada.

Fosse possível que a Lua pudesse ser um recetor perfeito das correntes elétricas da Terra, seria indispensável que fosse também um recetor perfeito das do Sol; e sendo tal, a quantidade da sua luz e calor, produto direto destas correntes, comparada com a quantidade atual, o produto destas, seria tão superior a ponto de produzir condições inteiramente incompatíveis com a existência do planeta.

A circunstância da correspondência do movimento orbital e rotativo do corpo, determinando que um hemisfério esteja perpetuamente voltado para a primária, faria com que esse hemisfério estivesse, durante as noites do planeta, exposto a um grau de calor suficiente para impedir o arrefecimento da superfície, o que poderia ocorrer se ambos os hemisférios fossem alternadamente expostos à primária.

Isto causaria a desintegração de toda a superfície solidificada desse hemisfério num curto período, fosse possível que a superfície pudesse solidificar permanentemente sob tais circunstâncias; o que não poderia ser de modo algum.

Especulações sobre o que teria sido sob outras circunstâncias que não as existentes só são proveitosas na medida em que levam ao reconhecimento da sabedoria do plano do Divino Arquiteto que, ao instituir sistemas, os instituiu de modo a que o bem mais elevado resultasse para os próprios sistemas, bem como para os corpos individuais do sistema; e para os corpos individuais como formas, bem como para todas as formas sobre as superfícies destes corpos. Na instituição deste plano, o desenvolvimento e aperfeiçoamento da raça humana era o fim em vista; e todas as circunstâncias foram de tal modo ordenadas para que o grande fim pudesse ser respondido.

As secundárias do sistema solar, tal como os corpos do sistema asteroidário, são aparentes abortos, na medida em que nunca progrediram além da condição de planetas de grau baixo — na medida em que falham na produção de condições de

superfície elevadas; formas vegetais e animais elevadas, e o homem. No entanto, isto é apenas aparente, pois elas, tal como o sistema asteroidário, servem perfeitamente os propósitos do sistema — os propósitos ordenados; propósitos esses que são tão importantes como os servidos pelo sistema asteroidário ou, de facto, por qualquer corpo planetário do sistema solar.

De necessidade planetas de grau baixo, elas servem os propósitos do sistema auxiliando, nessa capacidade, o desenvolvimento progressivo das primárias; sem o qual auxílio as primárias não poderiam aperfeiçoar os seus movimentos, ou formas, ou condições de superfície. A justiça recíproca é uma lei da natureza, claramente discernível no método da instituição dos sistemas de secundárias do sistema solar. Se a lei determinou que estas secundárias, como formas, sofreram com a evolução e condensação prematuras da sua matéria, as primárias sofreram em igual grau; se a lei determinou a sua preservação pelo próprio facto desta condição baixa da sua matéria, também determinou, pela mesma lei, a preservação das primárias.

É uma lei da natureza que o sofrimento é indutor de progresso, seja do homem elevado ou das formas mais baixas de matéria, como os sóis; e é fácil traçar a ação desta lei no desenvolvimento progressivo de sistemas da ordem e tamanho do solar, onde as contingências são iminentes e onde as secundárias se desenvolvem prematuramente.

O Sol, o corpo central do sistema solar, encontra-se na sua quinta era planetária. A sua superfície está desenvolvida ao grau de existirem continentes — a forma superior de continentes, denominada planaltos continentais; também as várias espécies de animais e vegetais peculiares a esta era e a esta forma de continentes. A era carbonífera está em progresso no planeta.

As suas cordilheiras montanhosas são cristas largas e elevadas, e vulcânicas; os seus planaltos são superfícies rochosas e escarpadas, onde um solo está a ser depositado e preparado para a produção de formas de vegetação mais elevadas do que as que existem atualmente no planeta; as suas terras baixas são gargantas ou pântanos onde está a ser depositado detrito ou sedimento para a manufatura de solos para uso futuro.

A sua atmosfera é húmida e vaporosa, profundamente carbonífera e betuminosa. As formas vegetais mais elevadas do Sol são a ordem superior de fetos, a ordem mais baixa de coníferas e as ordens superiores de plantas criptogâmicas. A espécie animal mais elevada é o sauriano.

A atmosfera do Sol é suficientemente transparente para exibir o corpo condensado através dela a observadores na superfície da Terra. Esta superfície, tal como a da Lua e de outros corpos, exibe ao observador manchas escuras.

Estas manchas, tal como as da Lua, são secções de superfície de lava. Nas regiões equatoriais e temperadas do Sol existem atualmente extensos tratos de superfície de lava — superfície de qualidade demasiado baixa para emitir luz pela agência química do fluido elétrico; assim, são visíveis através da atmosfera iluminada do Sol como manchas escuras.

Estas manchas são variáveis conforme vistas da superfície da Terra. Desaparecem e reaparecem; contraem-se e expandem-se; apresentando a aparência de nuvens na atmosfera luminosa, cujos contornos nítidos são delimitados por uma penumbra que, quando a mancha desapareceu inteiramente, permanece habitualmente para marcar a sua posição. Estas aparências resultam de fenómenos atmosféricos nas localidades da superfície de lava. Emitindo essa superfície elementos atmosféricos em quantidades insuficientes para formar uma atmosfera, existe um vácuo parcial sobre ela, para o qual tendem correntes atmosféricas, até que o equilíbrio da atmosfera seja restaurado. Sendo restaurado, um vácuo é Mais uma vez produzido pela absorção de elementos atmosféricos pela superfície — uma superfície que absorve mais do que emite, consome mais do que produz. Sendo o vácuo

Mais uma vez produzido, as manchas tornam-se Mais uma vez visíveis através dos estratos superiores raros da atmosfera do Sol; estratos superiores esses que não são afetados pelo processo abaixo, e que são demasiado raros para apresentar essa superfície como superfície luminosa; como seria o caso se uma atmosfera densa se estendesse sobre toda a superfície; como é o caso quando correntes de atmosfera densa pressionam para preencher o vácuo.

Sendo a matéria do Sol matéria planetária de grau elevado, as manchas na sua superfície não são permanentes como as da Lua. A superfície agora visível como manchas escuras é superfície em desenvolvimento; consequentemente, estas manchas devem desaparecer inteiramente da superfície do Sol. Outras sucederão noutras localidades desta superfície, de menor extensão e em menor número. A quinta era é aquela em que um planeta de grau elevado apresenta as maiores secções de baixa qualidade de superfície; e a era em que apresenta esta superfície nas regiões equatoriais e temperadas.

A ação vulcânica na superfície do Sol é visível a observadores na Terra através do meio da sua atmosfera. As forças vulcânicas estão excessivamente ativas atualmente no Sol; as suas cristas montanhosas são também muito elevadas. Existem crateras imensas, e estas em grande número, em perpétua erupção; cujos fogos resplandecentes e montanhas de fumo sulfuroso, misturados com substância gasosa, combinando-se, elevam-se a grandes alturas na

atmosfera; e são de tal caráter volumoso que se tornam visíveis por visão telescópica a observadores na Terra.

Em nenhum aspeto o Sol difere de qualquer outro planeta do sistema solar, salvo no facto de estar numa fase mais precoce do que qualquer outro deles; sendo de um grau inferior. A raridade da sua matéria não o constitui como um planeta diverso na aparência de superfície, nem o faz o seu caráter como Sol para o sistema. A qualidade da raridade apenas determina a maior duração das suas eras — determina que os corpos do seu sistema o ultrapassem grandemente na corrida progressiva.

Todas as aparências de superfície de planetas de qualquer grau de densidade são semelhantes, estando na mesma fase. A sua aparência luminosa, o seu caráter como dispensador de luz e calor para os corpos do sistema solar, provém do caráter volumoso das suas correntes elétricas. Sendo um corpo de tamanho tão imenso, e a uma distância tão apropriada dos corpos do sistema, dispensa uma quantidade suficiente do fluido elétrico a cada corpo do sistema para o constituir como um sol positivo para esses corpos.

Um corpo é tornado visível pelos átomos de luz que são transportados para o olho com as correntes elétricas que fluem desse corpo. Este facto origina a ideia errónea de que a luz flui do Sol em quantidades suficientes para suprir luz aos corpos do sistema solar. Há apenas o suficiente suprido desta maneira para tornar os seus contornos visíveis; insuficiente para servir os propósitos do sistema no mais ínfimo grau.

Estes átomos permeiam o fluido elétrico que se dispersa por todo o hemisfério iluminado, tornando assim o Sol um objeto visível em todo o hemisfério. As leis que governam a transmissão do fluido elétrico são precisamente aquelas que foram descobertas como governando a transmissão da luz através da atmosfera, ou de outros meios; sendo a luz a acompanhante, por assim dizer, do fluido elétrico.

Este fluido passando com tal velocidade inimaginável através da atmosfera da Terra — através de todos os meios — e atuando quimicamente para a evolução da luz a partir dos átomos desta atmosfera, é como se a própria luz fosse o fluido transmitido com velocidade elétrica através da atmosfera — através dos meios intervenientes entre o Sol e a Terra. A luz atmosférica é o resultado direto da ação química de átomos da atmosfera e do fluido elétrico do Sol, passando com velocidade elétrica para dentro e através da atmosfera. O atrito de átomos destas substâncias — tal atrito como é induzido pela velocidade elétrica — resulta na eliminação deste elemento do ar atmosférico; — um elemento de tal natureza que serve o propósito de um meio para a transmissão de

um grau inferior do mesmo elemento, ou caráter de substância, através da atmosfera.

Pelo método de construção dos órgãos de visão do homem e dos animais, estes órgãos são peculiarmente suscetíveis à ação do elemento luz, e são atuados por ele com maior poder do que qualquer outra parte do sistema. A peculiaridade da estrutura do olho consiste no caráter da matéria que o compõe. É composto de matéria de todos os graus de substância física da qualidade que elimina luz; e, portanto, pode tomar conhecimento de todos os graus de substância física quando elementos magnéticos destes graus entram em contacto com ele através do meio da luz atmosférica, estando estreitamente afinado com eles.

O olho humano está afinado com a qualidade mais elevada de todos os graus de matéria, portanto, aprecia luz desta qualidade de todos os graus. O olho pode olhar para um objeto demasiado repulsivo para a boca saborear, as narinas cheirarem ou as mãos tocarem; de facto, pode olhar para um objeto sem prejuízo, cujo próprio toque seria veneno para o sistema. Este facto prova que há um magnetismo no olho afinado com o magnetismo do objeto; enquanto o facto de o olho poder olhar para todos os objetos sem dano — para toda a matéria — prova que possui um magnetismo afinado com todos os graus de matéria. Animais de diferentes graus apreciam graus inferiores de luz, de acordo com o seu grau; sendo os seus órgãos de visão afinados com graus mais baixos de matéria do que aqueles apreciáveis à visão humana.

A luz de diferentes graus, como um elemento, é apreciável por outras substâncias para além das que formam o olho; e apreciável conforme os graus dela se afinam com os graus de outra substância. A luz extraída pelas correntes elétricas da Lua é uma luz deletéria; ao passo que aquela eliminada pelas correntes elétricas do Sol é uma luz saudável. Estes factos provam que existem graus desta qualidade do fluido magnético; graus esses que são eliminados de acordo com a qualidade do fluido elétrico que opera para a sua eliminação. Sendo as correntes elétricas do Sol de alta qualidade, um grau elevado deste fluido magnético é eliminado; sendo as da Lua de baixa qualidade, um grau baixo é eliminado. A luz eliminada por correntes de várias substâncias em combustão é de vários graus, de acordo com a qualidade da substância que a elimina.

Diferentes graus ou qualidades do elemento luz afetam de modo diferente os órgãos da visão; portanto é que se diz serem de cores diferentes. A luz atmosférica, de qualidade mais elevada de qualquer uma eliminada por um corpo, é uma luz mais branca do que qualquer outra; enquanto os vários graus de substância de superfície emitem uma cor de luz qualificada de acordo com o

grau. Sóis nos estágios planetários ou cometários emitem cores de luz qualificadas de acordo com o estágio. A luz atmosférica da Terra é branco-prateada; a do sol é branca, mas de qualidade inferior; ambas as qualidades são inapreciáveis.

A cor da luz de um sol transmitida ao olho é modificada pela cor da sua luz atmosférica; conforme a luz de superfície se mistura com a atmosférica e é transmitida com esta para a visão distante. O Sol encontra-se numa fase comparativamente elevada; a sua luz de superfície é modificada pela sua atmosférica em dourada. A Lua encontra-se numa fase baixa; de luz de superfície não tem o suficiente para modificar a sua atmosférica e a luz refletida do Sol em qualquer grau apreciável; a sua luz é de um matiz prateado.

Algumas estrelas visíveis na Terra em estágios aproximados com o Sol emitem a mesma luz colorida; algumas mais avançadas emitem uma luz prateada brilhante; outras menos avançadas, sendo planetas, emitem uma luz vermelha pela baixa qualidade da sua substância de superfície. Algumas, estando nos vários estágios cometários, emitem um azul, ou violeta, e outros tons. Assim, pelo caráter da luz de um sol, pode conhecer-se o estágio aproximado do seu desenvolvimento.

Circunstâncias de posição e relação do corpo observado com aquele onde o observador está situado modificam a cor da luz do corpo observado, num grau maior ou menor. Sendo o corpo observado um sol positivo, assim denominado, para o outro, a cor da sua luz é modificada pela cor da luz atmosférica desse outro, num grande grau. Sendo um negativo, assim denominado — uma estrela, ou um planeta distante do mesmo sistema —, ela é modificada num certo grau, embora num grau muito menor. A grande quantidade de átomos da luz atmosférica da Terra, ao misturarem-se com os do Sol transmitidos ao olho, faz com que essa luz pareça mais branca do que é — de um dourado claro. Quanto menor a quantidade destes átomos misturados com os transmitidos de corpos distantes, menos a cor da luz deles é modificada.

Os corpos cometários, ao eliminarem uma ordem baixa de luz, são invisíveis às imensas distâncias a que os corpos planetários são visíveis; pela lei que regula a transmissão de correntes elétricas de graus elevados e baixos para graus elevados e baixos de superfícies.

A luz é eliminada por atmosferas de cada grau e qualidade, correspondendo ao grau. A luz atmosférica de um corpo cometário é de tão baixo grau que chega a ser vaporosa; a luz eliminada pelas atmosferas opacas de corpos nos estágios planetários precoces é de uma qualidade baixa comparada com a eliminada em estágios posteriores, quando a atmosfera se tornou semitransparente ou

transparente. A luz atmosférica de todos os graus é, contudo, um meio para a transmissão da luz de superfície do seu próprio grau afim durante todas as eras cometárias e planetárias; e o fluido elétrico é um meio para a transmissão tanto da luz atmosférica como da de superfície de todos os graus de corpos para os mesmos graus, sejam as atmosferas de cada um opacas ou transparentes.

A luz de superfície de corpos cometários é modificada pela sua luz atmosférica, para os observadores, onde quer que estes corpos sejam visíveis; embora não no mesmo grau em que a luz de superfície de corpos planetários é assim modificada. A atmosfera do Sol é semitransparente durante a presente era; este facto não impede a transmissão perfeita da sua luz de superfície com a sua atmosférica para a Terra e todos os outros corpos dentro da sua influência, pelo meio do seu fluido elétrico. A qualidade da corrente elétrica procedente de um corpo qualifica a cor — a qualidade da sua luz.

A grande quantidade de luz eliminada numa atmosfera pelo fluido elétrico — os raios diretos deste fluido — é o que torna um sol positivo um objeto tão excessivamente luminoso; um objeto para o qual o olho humano é incapaz de olhar sem danos para a sua constituição. A quantidade indevida de luz entre o olho e o objeto, sendo essa luz atmosférica, torna a contemplação do objeto dolorosa; pois o olho só está constituído para receber uma certa quantidade de luz sem danos para si.

O Sol, "a grande fonte de calor" para os corpos do sistema solar, supre este elemento indiretamente, tal como faz com a luz; e isso também por meio das suas correntes elétricas. Num sentido, cada planeta do sistema — de todos os sistemas — é autossustentável em matéria de luz e calor; e, contudo, num sentido, dependente do corpo central. O calor é o produto da ação química de átomos de luz, e a luz, o produto de matéria pertencente ao planeta, seja matéria atmosférica ou de superfície; neste sentido é um planeta a fonte do seu próprio suprimento. As correntes elétricas do corpo progenitor operam sobre essa matéria planetária para a eliminação da luz, luz essa que elimina o calor; neste sentido são estes corpos dependentes do corpo progenitor para o suprimento destes elementos.

O calor atmosférico é o efeito do atrito de átomos de luz. A luz, como um elemento magnético, atravessa a atmosfera com velocidade mais do que elétrica; e na sua passagem, a ação química de átomos de raios ou feixes dela passando e repassando uns pelos outros em cada direção, conforme são atraídos para diferentes objetos em diferentes direções, tem o efeito de induzir calor; que é um efeito da rapidez de movimento de átomos misturados de todos os elementos que compõem a atmosfera: magnetismo, eletricidade e os elementos atmosféricos mais grosseiros. O calor é apropriadamente denominado um elemento. A

ausência de luz é ausência de calor; a raridade da luz é ainda maior raridade de calor.

A luz é a primeira forma de substância apreciável; por eras, corpos cometários giram como massas de luz grosseira; e a ação de átomos desta substância grosseira primeiro elimina o calor; elemento esse que auxilia na extração de outra substância — elementos elétricos superiores. Estas proposições, combinadas com a que afirma que a luz atmosférica é magnética — um grau elevado do fluido elétrico —, ilustra a proposição repetida muitas vezes de que a matéria de cada qualidade é graduada.

Também ilustra a proposição de que a combinação de átomos do fluido elétrico mais grosseiro formou substância — foi a evolução da matéria; afirma a proposição de que toda a substância é acumulação de átomos de fluido elétrico grosseiro de diferentes qualidades e graus. A luz foi a primeira forma de substância apreciável; sendo o grau mais elevado da matéria, primeiro acumulou-se e tornou-se apreciável. Foi positiva para o grau seguinte que acumulou, ou foi evoluído como substância após o calor ter sido desenvolvido na matéria pelo método descrito. A luz é positiva para toda a outra substância — é o elemento físico apreciável mais elevado; e o calor, o seu acompanhante certo, o originador de todos os elementos físicos negativos a este.

O sentido físico do homem não pode descobrir os processos da natureza na eliminação da substância — os elementos; portanto, o homem é propenso a confundir estes processos; a afirmar que são outros que não os que são. O Sol nasce no seu esplendor, dissipa a melancolia da noite e espalha luz e calor sobre a terra pelos seus raios benéficos; e o homem diz: "Eis que armazém de luz e calor é este nosso sol". Os filósofos maravilham-se com a origem deste armazém inesgotável, não descobrindo nenhum princípio possível pelo qual um corpo possa suprir o seu sistema com estes elementos — nenhuma lei possível para a existência de um corpo tão intensamente aquecido como o Sol deve estar para suprir calor ao seu sistema pelo seu método calculado. Sonhando vagamente com a agência atmosférica na produção de luz e calor, eles ainda não oferecem outra teoria senão a geralmente aceite de que estas são emanações diretas do Sol; sendo a atmosfera apenas o meio da sua transmissão para as superfícies planetárias.

Quando os filósofos falham, como decidirá o indouto? A clarividência é um dom concedido pela natureza a indivíduos de temperamentos e constituições particulares, por meio do qual eles podem estudar os segredos da natureza — podem descobrir a ação dos elementos invisíveis, as forças-vida da natureza; portanto, os homens não são deixados sem os meios de estudar os métodos mais intrincados da natureza. Se as descobertas do astrónomo, do químico, são de

valor para o homem; não o são menos as do clarividente. Se o telescópio e o microscópio são produtos da arte e da natureza combinadas; também o é a clarividência bem dirigida e cultivada; e se os homens prezam os primeiros, e se valem das descobertas feitas pelos seus meios, não menos deveriam prezar o outro, e valer-se das descobertas feitas pelos seus meios.

O homem não tem mais direito de negar as descobertas feitas através da clarividência do que as feitas através do telescópio ou microscópio; ela classifica-se com estes como um produto da lei natural e, portanto, as suas descobertas não são possíveis de serem postas de lado. Os homens não podem dizer com verdade: "Não temos meios de testar a verdade de princípios, de proposições, relativos à ação dos agentes invisíveis da natureza"; eles podem confiar nas revelações do clarividente tão bem como nas do telescópio; as quais, estas últimas, eles não pretendem negar por falta de observação pessoal.

O clarividente instruído pode contemplar nos raios do sol da manhã os graus do fluido elétrico e a sua ação uns sobre os outros; também o efeito dessa ação. Ele pode contemplar átomos atmosféricos a eliminar luz; e pode contemplar que o efeito da rapidez desta ação é o efeito do calor; portanto, ele chega inevitavelmente à conclusão de que a ação química de átomos de luz produz um efeito, que é calor. Assim, conforme observa — conforme aperfeiçoa a sua visão clarividente pela prática, pela arte — ele pode descobrir os processos mais intrincados da natureza; e chegar a conclusões justas concernentes aos métodos e aos resultados destes processos, pelo uso das suas faculdades de raciocínio.

A forma mais elevada de luz atmosférica é substância eliminada de átomos de luz atmosférica mais grosseira para agir como um meio para a transmissão de uma qualidade ou grau correspondente de luz de superfície. Assim agem todos os graus de luz atmosférica, havendo muitos, sobre o princípio das gradações da matéria — agem como meios para a transmissão de graus correspondentes de luz de superfície; tendo cada grau de matéria de superfície o seu atmosférico afim.

A luz dos vários graus, a acompanhante indispensável do calor, é a substância que elimina calor em todos os corpos. Que um objeto seja escuro não é equivalente à ausência de matéria de luz; embora seja ausência das qualidades superiores de luz; sendo a luz de todos os graus, de todas as cores; e a substância de superfície emitindo todas as cores da luz, desde o branco transparente ao preto; a atmosférica emitindo apenas o que são denominadas as sete cores primárias.

O olho contempla a paisagem vestida de verde; isto significa que o verde é a cor da luz transmitida ao olho através do meio da luz atmosférica; ele contempla as cores variadas do jardim de flores, o matiz sombrio do solo, o ferro, o negro de

fumo; isto significa que o olho capta átomos de luz de todas estas várias cores transmitidas dos objetos para ele.

O ferro aquecido não exibe nenhuma ação dos seus átomos ao olho físico; contudo, a ação dessa substância na eliminação do calor é a mesma que a ação da atmosfera para este fim. É o fluido elétrico inapreciável das várias qualidades a circular no ferro cuja ação elimina o calor, tal como é a ação destas na atmosfera que elimina este elemento. A ação do fogo sobre o ferro frio é a ação de fluido elétrico sobre fluido elétrico; o calor aplicado ao ferro excita a ação dos seus fluidos elétricos; ação essa que, conforme o ferro se torna cada vez mais aquecido, se está a assimilar à ação do elemento que o rodeia; que são os elementos evoluídos do carvão, madeira ou alguma outra substância inflamável em combustão. Assim o calor age sobre todas as substâncias para a eliminação do calor, como se pode dizer; mas, em termos apropriados, assim a luz age sobre todas as substâncias para a eliminação do calor, de acordo com a exposição acima.

O fluido elétrico é dispensado por todos os corpos para o uso de todos os outros dentro da sua influência, de acordo com o tamanho, distância e afinidade; e assim a luz dos sóis é transmitida uns aos outros; assim sóis a distâncias inconcebíveis de outros sóis são tornados visíveis; as correntes elétricas, como cordas de amor, estendendo-se de sol para sol, a distâncias inconcebíveis, e personificando o amor do Pai Divino ao ligar estes corpos indissoluvelmente; ligando num só o universo infinito.

É assim que os sóis são visíveis como estrelas minúsculas; a pequena quantidade do fluido elétrico que é recebida por um corpo a tão vasta distância de outro fazendo-o aparecer em tamanho de acordo com a minúscula quantidade de luz transmitida com a minúscula quantidade do fluido. Belamente ilustrativo da Divina Omnipresença do amor é o método da distribuição do fluido elétrico entre os corpos do universo.

A forma mais minúscula é a recetora de tanto deste fluido quanto é necessário para o seu uso, como o é a mais vasta; nenhum recanto do universo é tão remoto do corpo central que não seja o recetor direto da influência elétrica originada nesse corpo; direto, na medida em que a lei proíbe que qualquer um possa falhar em ser o recetor de correntes elétricas de corpos progenitores, pela lei estabelecida de sistemas organizados.

Um sol, no sentido apropriado, significa um dispensador do fluido elétrico; sentido no qual todos os corpos são sóis; sendo todos dispensadores deste fluido. Um sol que dispensa o suficiente do fluido elétrico para o uso de outro, como de um sistema, é um sol positivo para esse corpo ou sistema. Neste sentido é o Sol

um sol positivo para todos os corpos do sistema solar. Um sol que dispensa o insuficiente deste fluido para o uso de um corpo ou sistema é um sol negativo para esse corpo ou sistema. Neste sentido a Terra é um sol negativo para o seu satélite e para os outros corpos do sistema solar; e estes corpos, no mesmo sentido, são sóis negativos para ela e uns para os outros. Corpos de pequeno tamanho nunca são sóis positivos para os corpos dos seus sistemas individuais; sendo os corpos destes sistemas minúsculos dependentes de um suprimento suficiente do fluido elétrico do corpo central do sistema progenitor — o avô; como as formações secundárias do sistema solar e todos os sistemas do seu tamanho.

O ofício do Sol é suprir o fluido elétrico gerado por si mesmo com o auxílio do fluido elétrico parental, como descrito antes, em quantidades suficientes para cada corpo do sistema, para auxiliar na eliminação, por esse corpo, de luz e calor suficientes para suprir as necessidades do corpo. Sendo de tamanho suficiente, responde perfeitamente ao fim em vista.

A atmosfera do Sol é de uma profundidade correspondente ao tamanho do corpo condensado. Esta atmosfera é visível em torno do corpo condensado quando o Sol é eclipsado; contudo, os seus contornos são indistinguíveis, havendo outro meio que também é visível em torno do Sol quando este é eclipsado, causando maior densidade aparente da sua atmosfera real e a sua aparente extensão indefinida além da superfície do corpo.

Este meio é o estrato denso de matéria não evoluída dentro do qual o sol está situado; e que é mais aparente logo fora dos estratos mais densos da atmosfera do Sol. Este é suficientemente denso para ser realmente visível, no seguinte sentido: é um meio de tal densidade — tal qualidade de força atrativa — que retém os átomos mais imperfeitos do fluido elétrico, e com eles átomos de luz, conforme este fluido passa através dele no seu progresso para os vários corpos do sistema. Estes átomos só podem ser retidos por ele por um curto tempo, sendo atraídos e depois repelidos como sendo demasiado desafinizados com este baixo grau de matéria para entrarem em contacto próximo com ela. Tais quantidades vastas deste fluido estão continuamente a passar através deste meio, que a mínima retenção de qualquer um dos seus átomos com os seus átomos de luz acompanhantes fará aparecer uma esfera visível de luz onde esta matéria esferal é mais densa.

Dessa maneira este e o estrato exterior seguinte de matéria não evoluída tornam-se visíveis aos habitantes da Terra, em certas épocas, na forma de um cone de luz na atmosfera na vizinhança do Sol após o seu desaparecimento

abaixo do horizonte, e antes do seu aparecimento acima dele. Este fenómeno é denominado luz zodiacal pelos astrónomos e é um fenómeno não explicado.

A existência de um meio resistente, assim denominado, dentro do sistema solar, tem sido conjeturada por astrónomos a partir da existência de fenómenos como a luz zodiacal e movimentos de corpos cometários dentro do sistema. É mera conjetura, porém, para eles; não tendo sido alcançadas conclusões definitivas quanto à qualidade deste suposto meio, à sua origem ou ao seu propósito no sistema; e a existência de tal meio, considerada como imaterial para a existência do sistema, nos seus cálculos sobre as leis que governam o sistema — ligando-o e constituindo-o um todo, cuja cada forma exerce a sua força apropriada sobre cada outra forma dele, de acordo com a teoria Newtoniana de força atrativa.

A existência de um meio no sistema como o propagador das forças do sistema é tão necessária à estabilidade do sistema como as próprias forças; embora este facto pareça ter sido negligenciado na teoria Newtoniana da gravitação. O meio existente no sistema solar — o meio que propaga as forças do corpo central para os outros corpos do sistema, que liga o sistema a outros sistemas, constituindo-o uma forma da forma universal — como o leitor compreende, é a esfera de matéria não evoluída, constituindo a esfera de força atrativa e influência do Sol — o corpo do sistema solar.

A matéria que compõe este meio — esta esfera — não é evoluída, e não é evoluível por qualquer poder que possa ser aplicado sobre ela durante o presente período de ação; de acordo com a lei já enunciada que governa a evolução dos sistemas. É também matéria do Sol, no sentido em que roda com ele em torno do centro de gravidade do sistema. Como matéria, existe em forma estratificada dentro de todas as esferas e corpos individuais do sistema; estendendo-se desde os limites da esfera repulsiva do átomo central do sistema até às fronteiras dos sistemas que rodeiam o solar, sem referência à matéria evoluída, ou formas do sistema; matéria essa que é tão ligeiramente apreciável por ela, que permanece como matéria não deslocada dos doze estratos do sistema.

A matéria não evoluída é tão inteiramente inapreciável aos sentidos físicos do homem — a condição da matéria não evoluída — que é incompreensível para ele como esta matéria pode existir como matéria não deslocada no sistema, estando o sistema ocupado por outras esferas de matéria não evoluída e corpos solidificados. É pela lei de força atrativa e repulsiva que isto é possível. Substância é simplesmente uma acumulação de átomos de qualidade semelhante; e consequentemente, sendo estes átomos matéria semelhante, podem misturar-se com átomos de matéria evoluída em cada estágio — seja volátil ou solidificado.

Sendo os espaços atómicos inapreciáveis pelo sentido físico, é incompreensível para o homem como fluidos ou correntes de substância atómica podem circular através de formas solidificadas. Contudo, estes espaços existem, como o homem sabe pela existência de forças-vida dentro de todas as formas solidificadas. É pelo princípio de que átomos do fluido elétrico circulam através de formas físicas em virtude da lei da afinidade, e por meio de espaços atómicos, que esta matéria não evoluída permeia toda a substância física. A sua afinidade com a qualidade mais baixa de átomos de toda a substância física faz com que ela permeie esta substância — ocupe espaços atómicos não ocupados existentes em todas as formas de substância solidificada e não solidificada — tal como é a afinidade entre os átomos mais elevados desta substância física e o fluido elétrico que faz com que este fluido permeie a substância física — ocupando assim espaços atómicos não ocupados.

Esta matéria roda em torno do átomo central do sistema em virtude da força propagada desse átomo, pela mesma lei que fixa o movimento orbital de corpos do sistema. Os átomos são corpos infinitesimais e, como tal, estão sujeitos às leis que governam os corpos. A justaposição de esferas de todos os átomos que compõem esta esfera de qualquer sol faz com que eles rodem em tempo igual em torno do átomo central, de acordo com a exposição do movimento rotativo de corpos cometários no capítulo anterior.

Como a mente não pode apreciar infinitesimais, também não pode apreciar infinitos. Como não pode apreciar o Infinito, também não pode apreciar as forças da matéria que são derivadas do Infinito. A força atrativa propagada do átomo central do sistema solar — átomo esse que roda apenas uma vez em vinte e cinco dias — para o estrato exterior do sistema, faz com que este estrato rode com uma velocidade tão inconcebível para a compreensão finita como o é a extensão do universo, ou a qualidade do movimento de átomos exteriores dele em torno do seu átomo central. Os átomos obedecem a forças afinadas com eles; tais forças apenas podem eles apreciar; e apreciando-as, a sua obediência a elas é tão pronta, sejam átomos de grau mais baixo, como o é a de átomos de grau mais elevado às suas forças afinadas.

As correntes elétricas que se propagam por meio da matéria esferal através do sistema — os cordões que unem o sistema num todo — propagam-se com uma velocidade correspondente ao grau do fluido e da matéria esferal. A luz do Sol transmitida à superfície da Terra, por meio das suas correntes elétricas, atinge essa superfície, calcula-se, em oito minutos a partir do Sol; assim, as correntes elétricas do Sol ocupam esse intervalo de tempo para passar até à Terra.

O grau de um fluido eliminado por um corpo sendo afinizado à sua esfera, o grau de movimento do fluido propagado através da esfera é o grau de movimento elétrico da esfera, ou do corpo central da esfera, assim denominado; cujo grau é numerado de modo a corresponder ao número da esfera.

Assim: — sendo a esfera do Sol do quarto grau, o grau de movimento das correntes elétricas do Sol é o quarto. Sendo a esfera da Terra do quinto grau, o grau de movimento das correntes elétricas da Terra é o quinto. O grau de movimento elétrico é o mesmo para todas as onze formações do sistema solar, sendo elas do mesmo grau. O grau de movimento de um fluido que passa de uma esfera de um grau para outra altera-se em certa medida; mas não em grau suficiente para constituir, nessa esfera, o seu grau de movimento como sendo o da esfera; assim: — as correntes elétricas do Sol, ao passarem para a esfera da Terra, têm a sua qualidade de movimento modificada em certa medida; contudo, não em grau suficiente para constituir movimento do quinto grau.

As correntes elétricas da Terra, ao passarem para além da sua esfera individual, têm o seu grau de movimento modificado, mas não até ao quarto grau. Os graus do fluido que passa de sol para sol através de esferas de vários graus encontram elementos afinizantes em cada esfera; portanto, o seu grau de movimento, embora modificado, não se altera ao passar através dessas esferas.

A questão muito debatida quanto à realidade da existência de um meio resistente no sistema solar — um meio capaz de resistir aos movimentos dos cometas, etc. — e a qualidade — a natureza aproximada desse meio — poderia ser resolvida por aqueles que especulam sobre ela, se raciocinassem a partir dos dados que possuem — dos efeitos para as causas, das causas para os efeitos.

Os corpos cometários, como descobrem, são massas de matéria gasosa, vaporosa — matéria de qualidade extremamente baixa; e um meio que possa resistir ao movimento de tal matéria deve ser, de acordo com a lei da afinidade química, de qualidade quase semelhante, ou afinizado com ela em certo grau. Além disso, este meio deve ser um meio extremamente raro, sendo um meio que não perturba todos os corpos do sistema, exceto os corpos cometários, e mesmo a estes, exceto nas proximidades do centro do sistema. É admitido pelos filósofos que os meios propagadores são necessários para conduzir experiências na atmosfera, e que a atmosfera serve como propagador da luz proveniente dos corpos celestes até à superfície da Terra.

Isso equivale a admitir que, sem meios propagadores, as forças não podem ser transmitidas. Assim como, sem a atmosfera, ou um meio igualmente qualificado, a superfície seria não recetora da luz do Sol, assim também, sem um

meio que se estenda do Sol até à camada exterior da atmosfera da Terra, o Sol não pode ter poder para transmitir luz até essa camada.

De acordo com a definição já dada de força atrativa, ou gravidade, como é denominada, esta força é matéria, e é propagada por meio de matéria semelhante. Ela preenche todo o espaço, é a força — a matéria — que constitui o universo como um corpo, num verdadeiro sentido. Tal como as camadas de matéria de qualquer corpo solidificado, ela consiste em camadas de matéria ligadas — ligadas pela justaposição de esferas atómicas. Sendo graduada, atua de acordo com a lei antes enunciada, determinando que os graus de força atuem sobre graus semelhantes de matéria.

Assim como uma força — um meio ou elemento — sendo matéria, é propagada através da atmosfera por meio da própria atmosfera — sendo essa atmosfera matéria — assim também a gravidade, que é matéria, é propagada através de esferas, sendo elas matéria. O espaço pode não ser examinado pelo homem na sua condição física; contudo, a atmosfera pode sê-lo, e as leis que governam as forças conforme se propagam através da atmosfera — camadas densas e raras de atmosfera — podem ser calculadas com exatidão. Estas leis, nas suas modificações, nas suas aplicações a diferentes meios, são as leis que governam a propagação das forças através de todos os meios.

A distribuição universal da matéria — a inexistência do vazio — é o que constitui o Universo Infinito como um; é o que liga toda a matéria a Deus. É pela lei de posse — pela existência de meios de um número infinito de graus — que Deus é constituído o centro do Seu Universo Infinito; o poder controlador desse Universo, espiritual e físico; — assim como o Sol é constituído, por meio de um meio, o poder governante do sistema solar.

A forma do Sol é esferoidal; a sua órbita é elíptica. Ele oscila no espaço, como os planetas do seu sistema, obedecendo às influências perturbadoras do seu sistema parental. A obliquidade da sua eclíptica varia como a dos planetas do sistema solar varia; os seus nós recuam sobre o seu equinócio como os deles recuam; e ele gira com perturbações mais diminutas, como estes o fazem; sendo os seus períodos de vibração, etc., vastos em comparação com os dos corpos do sistema solar, alguns dos quais são demasiado vastos para serem compreendidos pelo homem no seu estado atual.

Estes movimentos — perturbações — serão descritos apenas de forma geral na descrição das perturbações da Terra; que será apresentada como tipo das de todos os sóis.

As perturbações, ou movimentos oscilatórios dos sóis no espaço, surgem da imperfeição da forma desses sóis — de todos os sóis de um sistema. É apropriado

aqui observar que sóis ou planetas de sistemas separados não atuam uns sobre os outros para causar perturbações; é a ação dos corpos do sistema parental sobre um corpo que causa os seus movimentos oscilatórios — a união das forças, denominadas forças perturbadoras, de todos os corpos do sistema parental, ou as forças individuais dos corpos separados, que causam os diversos movimentos, denominados vibrações, oscilações e girações, de um corpo isolado e de todos os corpos separados de um sistema.

O Sol é atuado pelas forças perturbadoras do seu sistema parental — pelas forças perturbadoras combinadas do seu sol parental e de todos os seus sóis irmãos; e pelas forças individuais de sóis irmãos vizinhos; as forças combinadas dos sóis irmãos mais próximos e do sol parental, que causam os seus movimentos oscilatórios distintos.

A Terra é atuada pelas forças perturbadoras do seu sistema parental — pelas forças perturbadoras combinadas do seu sol parental e de todos os seus planetas irmãos; e pela força individual do seu planeta vizinho, a Lua; pelas forças combinadas do Sol e da Lua, e pelas forças combinadas do Sol e dos planetas mais próximos, que causam os seus movimentos oscilatórios distintos.

Forças perturbadoras significam força atrativa exercida pela parte protuberante de um planeta, ou sol, sobre a parte protuberante de outro voltada para ele, distinta da força real exercida por esse corpo como um todo sobre o outro. Isto o leitor deverá manter claramente presente na mente, para que não confunda as forças atrativas reais do sistema, assim chamadas, com as forças perturbadoras, assim chamadas.

Assim como os movimentos reais dos corpos de um sistema determinados pelas forças atrativas de outros corpos diferem das perturbações dos corpos causadas pelas forças perturbadoras de outros corpos, assim também a força atrativa difere da força perturbadora. A primeira causa o movimento orbital dos sóis, enquanto a segunda causa os seus movimentos oscilatórios; sendo esta última tão necessária para o aperfeiçoamento de um sistema quanto a primeira; tão ordenada uma força como aquela; como se verá.

As regiões equatoriais de todos os planetas do sistema solar são protuberantes; nenhum planeta desse sistema sendo de forma perfeita. A forma esférica é a perfeita — é a forma da natureza para os planetas. Os esferóides são tais porque a matéria dos sóis é volátil no início — sujeita às leis do movimento cometário. Forças condensadoras atuando sobre um corpo que possui movimento rotatório e orbital determinam sempre que os sóis solidifiquem as suas superfícies sendo de forma esferoidal — esferóide oblato. Esta é uma lei geral operante sobre todos os sóis; não havendo exceções a ela.

As eras cometárias posteriores completam a condensação da matéria cometária até esse grau em que ela obedece à força central suficientemente para reter a forma determinada pelo movimento rotatório, não pelo orbital. A força centrífuga, assim denominada, determina que as regiões equatoriais de formas cuja matéria é volátil sejam protuberantes, de acordo com a lei de que todos os átomos de uma forma procuram revolver em torno do átomo central de oeste para leste, ou com a corrente oriental ou equatorial.

O movimento que determina que esta seja a forma do planeta em arrefecimento determina também a perda, por esse planeta, da verdadeira forma cometária. Condensado até ao estado de lava, as forças centrais atuando sobre ele de forma constante para a aquisição da forma verdadeira, o movimento rotatório fazendo com que cada secção das regiões equatoriais, ou aquelas apresentadas na direção do movimento, seja alternadamente apresentada nessa direção, na oposta e noutras direções relativas a esta, e continuando isto ao longo das eras enquanto a superfície arrefece, o movimento orbital deixa de afetar esta matéria assim condensada, assim atuada pelo movimento rotatório, de modo a causar a verdadeira forma cometária.

A força centrífuga aplicada à matéria atómica de formas em rotação significa força negativa — a força repulsiva exercida por átomo sobre átomo, massas iguais sobre massas iguais; a mesma força que repele mundos dos centros quando eles são desenvolvidos para serem repulsivos a uma massa superior de matéria. A força central de um corpo é poderosa para reter todos os átomos de substância volátil dentro da sua esfera de influência, assim como a força central de um sistema é poderosa para reter todos os corpos desse sistema dentro da sua esfera de influência.

Assim como o movimento orbital dos sóis é regulado pela força central auxiliada por outras forças, assim também o movimento orbital dos átomos é regulado pela força central auxiliada por outras forças. Um cometa, quando no seu estado raro e volátil, segue uma órbita excêntrica — uma órbita que é parabólica, quase hiperbólica — e esta órbita perde gradualmente a sua forma parabólica e transforma-se na elíptica à medida que a matéria do cometa se condensa — à medida que ele deixa de ser um cometa; assim também os átomos independentes deste cometa raro e volátil seguem órbitas excêntricas — órbitas que são parabólicas, quase hiperbólicas, mas que gradualmente se transformam em elípticas à medida que a matéria cometária se condensa — as esferas atómicas se contraem; e que, tal como as órbitas do Sol, perdem a forma elipsoidal alongada à medida que a matéria se condensa até à solidificação e assumem a verdadeira forma elíptica.

E assim como as órbitas dos sóis, pela ação perfeita das leis que governam um sistema, deixam de ser elípticas e se tornam circulares; assim também as órbitas dos átomos dos sóis, embora esses átomos estejam fixos pela solidificação, pela ação perfeita das leis que governam os sóis, deixarão de ser elípticas e tornar-se-ão circulares. A lei é uma só, determinando a forma das órbitas e dos Sóis ou planetas.

A matéria volátil em rotação como uma esfera tende sempre, em proporção excessiva, para as regiões equatoriais, criando a forma esferoidal; ao passo que a forma esférica seria a forma caso o corpo estivesse em repouso.

Isto resulta da natureza da matéria volátil, que, como aqui se indica, é matéria não desenvolvida até à solidificação. A matéria volátil é de duas naturezas: uma aqui mencionada, a outra desenvolvida acima da solidificação, propriamente falando; por exemplo: a lava é matéria volátil não desenvolvida até à solidificação; o magnetismo é matéria volátil desenvolvida acima da solidificação. A primeira não está qualificada para obedecer, perfeitamente, às leis das forças atrativas e repulsivas; a segunda está qualificada para obedecer, perfeitamente, a essas forças.

Uma esfera de matéria volátil, como lava ou água, em rotação, devido à condição não desenvolvida dessa matéria, será sempre de forma esferoidal oblata; enquanto uma esfera de magnetismo em rotação, devido à sua condição desenvolvida, será sempre de forma esférica.

O núcleo de um cometa é sempre observado como sendo quase esférico, enquanto a forma do cometa pode ser parabólica ou elíptica. Isto resulta da natureza da matéria do núcleo e da da matéria exterior da forma; a primeira estando qualificada para obedecer à força central, e a segunda não estando qualificada para obedecer a essa força. Todos os planetas aproximam-se da forma esférica; alguns mais do que outros; isto resulta do facto de que a força central atua incessantemente, juntamente com outras forças, sobre a matéria dos planetas, embora a matéria da sua superfície esteja solidificada, para aperfeiçoar as suas formas.

Esferóides oblatos em arrefecimento, solidificando as suas superfícies quando as suas formas são ainda muito imperfeitas, continuam a ter a força centrífuga modificada pelo desenvolvimento progressivo da matéria da forma, até que as regiões equatoriais protuberantes sejam modificadas — adequadamente arredondadas; e as regiões polares deprimidas também sejam modificadas — até que cesse como força capaz de desfigurar a forma do planeta.

As superfícies planetárias, após o desenvolvimento da rocha cristalina, sendo aquosas em maior ou menor grau ao longo de todas as eras durante as quais o

planeta aperfeiçoa a sua estrutura solidificada — até ao período em que tenha aperfeiçoado a sua superfície a tal ponto que a água exista apenas como subordinada à terra — a forma esferoidal oblata é mantida pelos planetas durante esse período; embora seja gradualmente modificada para a forma esférica à medida que os processos de desenvolvimento continuam — à medida que a ação convulsiva continua, e à medida que os oceanos desaparecem, e mares e terras assumem os seus lugares.

É uma lei da matéria bem compreendida pelos filósofos que massas de matéria cujos átomos são livres de se mover entre si assumem invariavelmente a forma esférica, sendo todas as circunstâncias favoráveis. Esta verdade observada — esta lei que governa a matéria volátil em repouso — constitui as premissas sobre as quais pode ser baseada a proposição: que toda a matéria, quer volátil quer solidificada, se organiza naturalmente dessa maneira — procura a forma esférica, estando em massas de qualquer dimensão, quer em repouso quer em movimento. Estabelecida esta proposição, resta estabelecer a sua proposição correlata: que toda a matéria em massas separadas, ou numa única massa, quer volátil quer solidificada, assim se organiza quando deixada livre para o fazer; que o movimento, o perturbador do equilíbrio da matéria — das massas de matéria imperfeita — apenas o perturba para o aperfeiçoar — tornando-a capaz de obedecer a esta lei da sua natureza em todas as circunstâncias, quer em repouso quer em movimento, volátil ou solidificada, apreciável ou inapreciável.

As perturbações planetárias, declaradas pelos astrónomos da época como necessariamente fixas e eternas, são os auxílios que a natureza fornece à força central — os movimentos regulares dos planetas — para aperfeiçoar as formas planetárias e as formas das órbitas — para estabelecer o verdadeiro equilíbrio dos sistemas. Pelo método da natureza, a doença é o remédio para a sua cura, por assim dizer; o efeito das regiões protuberantes nos planetas é o principal remédio para a modificação dessas protuberâncias — o principal agente para aperfeiçoar a forma planetária.

As formas dos corpos secundários de sistemas do tamanho do sistema solar desenvolvem-se muito mais lentamente do que as formas de sistemas maiores, devido à natureza desses corpos — à condição não qualificada da matéria que os compõe. A baixa condição elétricas da atmosfera e dos elementos internos desses corpos impede a ocorrência de ação convulsiva que ajude a aperfeiçoar as suas formas; isto é realizado pela lenta ação da desintegração da matéria da superfície sob influência atmosférica fraca; enquanto para outros — aqueles de grau mais elevado — é realizado pela ação combinada da desintegração sob forte influência atmosférica e de frequente ação convulsiva. Contudo, a natureza providenciou

que esses corpos não sejam obstáculo ao progresso das outras formas de um sistema.

A elevada qualidade das forças dos sistemas desta classe — a qualidade que causa a solidificação prematura da matéria desses corpos secundários — faz com que eles arrefeçam numa forma quase esférica. O processo mais lento de aperfeiçoamento das formas desses corpos realiza esse objetivo, sendo eles de forma tão próxima da esférica, no mesmo tempo em que os processos mais elevados, operantes para aperfeiçoar as formas dos corpos primários, realizam esse objetivo.

Grandes vibrações, assim chamadas, dos corpos cometários e dos planetas, causadas pelas forças perturbadoras combinadas de todo um sistema de sóis ou planetas sobre um deles — cada um deles — produzem a obliquidade das eclípticas. Por exemplo: a Terra, atuada na sua parte protuberante, em determinados períodos, pelas forças perturbadoras combinadas de todos os corpos do sistema solar, é inclinada na sua órbita a partir de uma posição ereta, por assim dizer, causando a chamada obliquidade da eclíptica — fazendo com que a direção do seu movimento em torno do Sol seja oblíqua em relação ao seu equinócio.

Esses períodos ocorrem quando a Terra está situada, comparativamente, sozinha num dos lados do Sol; todos os outros corpos do sistema estando situados, relativamente, no outro lado; relativamente apenas. Isto significa estar colocada de tal modo que as forças perturbadoras de todos os outros corpos do sistema actuem de uma mesma direção relativa para inclinar a parte protuberante do planeta nessa direção.

Essa posição dos corpos do sistema solar nunca foi assumida senão duas vezes desde que a Terra existe. O primeiro período da assunção desta posição ocorreu quando a Terra era um cometa raro; a sua forma foi inclinada a tal grau que os seus trópicos estavam acima do quadragésimo paralelo de latitude — intersectavam as suas zonas temperadas aproximadamente a igual distância dos seus atuais trópicos e círculos polares.

A obliquidade da sua eclíptica, tão grande nesse período, diminuiu gradualmente durante as imensas eras enquanto os planetas iam assumindo diferentes posições no sistema; exercendo as suas forças perturbadoras separadamente e em direções opostas; o planeta sendo inclinado de volta para a sua posição ereta — até essa posição. Quando atingiu essa posição — manteve-a por um tempo — os planetas estavam Mais uma vez a assumir posições para combinar forças para o inclinar na direção oposta. Ele vibrava como um pêndulo

no espaço. Esta, a sua maior vibração, é como uma única vibração numa eternidade, comparativamente falando.

O segundo período ocorreu quando era um cometa denso. Tanto a sua forma — as forças perturbadoras do sistema — haviam sido modificadas que, quando foi inclinado até ao limite que essas forças podiam produzir, os seus trópicos estavam muito afastados da sua posição no período anterior. Estas forças, distribuindo-se Mais uma vez pelo sistema como antes, a Terra está a inclinar-se de volta para a sua posição ereta na sua órbita.

Ao alcançar esta posição, à medida que as eras avançarem, não encontrará nenhuma força perturbadora para a inclinar Mais uma vez na direção oposta; quando esse período tiver chegado, segundo as leis que governam o sistema, as forças perturbadoras terão desaparecido do sistema; como cálculos sobre essas forças — a sua quantidade presente, o seu desaparecimento gradual por razões geométricas exatas — claramente demonstram.

As vibrações menores, assim chamadas, que causam a variação da obliquidade das eclípticas, são causadas pela divisão desigual das forças perturbadoras de um sistema em lados opostos de um corpo do sistema; por exemplo: estando a maior massa das forças perturbadoras do sistema solar situada num dos lados da Terra, relativamente, essa força é exercida para inclinar o planeta ligeiramente nessa direção com uma vibração menor — uma subordinada à grande vibração; os corpos do sistema mudando gradualmente de posição, as forças distribuem-se de modo que o planeta volta a inclinar-se para a sua posição anterior.

Ao atingir essa posição, por algum tempo mantém-na, subordinado à grande vibração; enquanto as forças se acumulam no lado oposto — até que a força maior seja exercida desse lado, momento em que o planeta é inclinado nessa direção.

Esta vibração menor é descoberta e calculada pelos astrónomos da época; enquanto a grande vibração não o é. Destas vibrações menores houve dez desde que a Terra existe; tal como as grandes vibrações, estão a diminuir em intensidade à medida que as forças perturbadoras do sistema diminuem em intensidade — diminuem em quantidade.

À medida que os corpos de um sistema perdem a sua forma cometária, estas forças diminuem em quantidade. Quando um sistema não contém corpos cometários, estas forças estão graduadas na sua quantidade mínima, assim chamada; estando no seu máximo quando todos os corpos estão na forma cometária, e no seu estado médio quando parte são cometários e parte planetários. Estas forças no sistema solar estão agora na sua quantidade mínima.

As vibrações acima mencionadas, chamadas grandes e menores, são as mais importantes dos movimentos oscilatórios dos corpos de um sistema, no que diz respeito ao seu propósito de auxiliar no aperfeiçoamento das formas dos planetas. Outras, igualmente importantes no que respeita ao aperfeiçoamento da matéria dos planetas individuais, são menos importantes como auxiliares no aperfeiçoamento da forma planetária.

Essas vibrações são diretamente responsáveis pelas variações de clima nas superfícies dos corpos, as quais produzem as condições necessárias para levar a cabo os processos da natureza de condensação da matéria cometária, o arrefecimento das superfícies e a qualificação das condições atmosféricas dos corpos cometários e planetários.

A destruição e restauração do equilíbrio atmosférico produzem todos os processos de evolução periódica de massas de matéria atmosférica gasosa a partir do interior dos corpos cometários, para se misturar como agente refinador com os elementos atmosféricos já existentes desses corpos; de rutura periódica das superfícies planetárias solidificadas para permitir a emissão, a partir dos seus interiores, desse mesmo elemento refinador, imperativamente exigido pelas suas atmosferas equilibradas.

As oscilações, assim chamadas, dos corpos dos sistemas são causadas pela combinação das forças perturbadoras do corpo central e dos planetas vizinhos, como primários ou satélites. A Terra oscila obedecendo às forças combinadas do Sol, Mercúrio e Vénus; do Sol e Marte; do Sol e da Lua. Estas oscilações menores produzem uma oscilação maior, descoberta pelos astrónomos e denominada oscilação produtora da precessão dos equinócios. Esta oscilação, atribuída mais particularmente às forças perturbadoras combinadas do Sol e da Lua, é diretamente afetada pela ação combinada dessas forças do Sol e dos planetas interiores, e do Sol e Marte.

A grande oscilação é composta por oscilações menores, e não poderia existir se estas não existissem. Descrever estas oscilações menores seria apenas repetir a descrição de uma vibração. O facto de tantas forças distintas atuarem ao mesmo tempo, maiores e menores, vindas de todas as direções sobre o corpo, dá à vibração a natureza de uma giração — uma repetição da vibração proveniente de todas as direções em torno do corpo.

A Lua atua isoladamente como força maior ou menor, conforme a sua posição relativa a outros corpos perturbadores; e atua com outros corpos na composição de uma força maior ou menor, conforme a sua posição relativa a outros corpos e à Terra.

A nutação, assim denominada — a giração produzida pela ação separada das forças perturbadoras da Lua, do Sol, de Mercúrio, de Vénus e de Marte; sendo as da Lua e do Sol denominadas as forças maiores — é a oscilação à qual a grande oscilação, assim chamada, está propriamente subordinada; — a oscilação que compõe a grande oscilação e, portanto, à qual esta está subordinada.

A nutação é a perturbação real da Terra na sua órbita, pelas forças perturbadoras acima mencionadas atuando sobre a sua porção protuberante; cuja quantidade de força é suficiente, neste caso, para fazer com que a perturbação produzida na porção protuberante seja comunicada a toda a massa do planeta; perturbando efetivamente o seu movimento orbital, como acima se afirmou. Os seus nós recuam sobre o equinócio em consequência desta perturbação. A Lua, girando em torno da Terra em períodos curtos, tendo o seu afélio a uma distância, comparativamente, tão curta desta, é a força maior nesta giração durante a maior parte dela.

O polo da órbita da Lua é o ponto em torno do qual a Terra realmente revolve, obedecendo à grande oscilação, num período variável — aumentando em duração à medida que a quantidade das forças perturbadoras diminui no sistema. Este período, calculado pela quantidade presente dessas forças no sistema, é de quase vinte e seis mil anos. A primeira oscilação da Terra — revolução em torno deste ponto — foi completada em menos de um quinto desse tempo; enquanto a sua última, se pudesse ser completada, seria realizada num período muito mais longo do que o período atual.

A nutação — o movimento giratório da Terra, compondo, como antes se observou, esta grande oscilação — é causada pelas forças perturbadoras da Lua e do Sol como forças maiores; assim: a Lua — a sua força perturbadora — atua sobre a porção protuberante da Terra com tal poder durante a parte do ciclo em que esta giração é executada quando a Terra está no seu apogeu enquanto a Lua está no seu perigeu, que efetivamente retarda o movimento da Terra na eclíptica; fazendo com que, por esta força, ela se incline — vibre na direção da força.

Mudando gradualmente de posição, a Terra, na parte menor deste ciclo, está no seu perigeu, enquanto a Lua está no seu apogeu; isto faz com que a força maior seja transferida para o Sol, fazendo com que a Terra vibre na direção oposta com uma vibração menor.

Se não fosse pelas forças laterais, propriamente assim denominadas, estes movimentos constituiriam vibrações; contudo, as forças laterais — as forças perturbadoras do Sol e dos planetas acima nomeados, da Lua e dos planetas acima nomeados, sendo forças menores que atuam continuamente sobre a Terra a

partir de várias direções conforme as circunstâncias da sua posição — transformam esta vibração numa giração, como antes se observou.

A forma da curva descrita pelo polo da Terra por esta giração, sendo o seu corpo inteiro inclinado ao longo da eclíptica pela força descrita, é a de uma ciclóide com o eixo de movimento deslocado para um lado; sendo a secção alongada a curva descrita enquanto a Lua é a força maior.

O efeito é como se a Lua, tendo perturbado, ou retardado, o movimento orbital da Terra, o Sol, ao procurar restaurar o equilíbrio desse movimento perturbado, apenas parcialmente atingisse o objetivo; falha em afetar toda a massa da Terra durante o período mais curto em que a sua própria força é a força maior, na mesma medida em que a Lua o tinha feito no período mais longo em que a sua própria força era a força maior.

A Terra não assume o seu verdadeiro lugar na eclíptica em obediência à força contrária do Sol. O deslocamento anual da Terra na eclíptica em obediência à força predominante da Lua é de 50,1″. A este ritmo, em pouco menos de 26 000 anos, a Terra retrograda um circuito completo da eclíptica.

Esta explicação da nutação tornará claro ao leitor como a grande oscilação é composta pelas girações, denominadas nutação. O período em que uma giração é completada é de cerca de dezanove anos, e é denominado um ciclo completo da Lua.

Estas mais importantes das movimentações oscilatórias da Terra são tipos das do Sol e de todos os planetas do sistema solar; de todos os planetas — todos os sóis — de todos os sistemas. Existem vibrações menores, peculiares aos satélites; contudo, sendo dependentes das mesmas leis já descritas, não precisam aqui de ser explicadas.

O efeito da grande oscilação, mais propriamente, a nutação, é ajudar no desenvolvimento das superfícies depois de as influências climáticas terem produzido as condições requeridas para esse desenvolvimento. A superfície da Terra é grandemente afetada pelas forças perturbadoras do Sol e dos planetas mais próximos; aquelas que causam a nutação. Estas forças auxiliam grandemente as forças regulares desses planetas na influência sobre as condições elétricas e atmosféricas da Terra, as marés, etc.; ajudando assim a aperfeiçoar a matéria da superfície, que foi tornada suscetível de desenvolvimento superior pela ação convulsiva e pela regeneração da atmosfera, dependentes de condições climáticas como acima descritas.

Os corpos cometários de longos períodos que fazem a sua aparição, quer periodicamente quer de outro modo, aparentemente no sistema solar, nunca

entram no sistema — na esfera de força atrativa do sistema. É ensinado pelos astrónomos da época que cometas de longos períodos entram no sistema solar, aproximam-se muito dos corpos do sistema; que por vezes se movem apresentando as suas caudas na direção do movimento; que mudam as suas formas em períodos notavelmente curtos, assumindo todas as variedades de forma; sendo aparentemente corpos anómalos, sem rumo, erráticos.

A partir dos princípios já enunciados neste volume, o leitor compreenderá facilmente que estes ensinamentos são erróneos e fundados na ignorância, por parte de quem os enuncia, das leis dos sistemas, dos sóis, de toda a matéria.

As esferas de força atrativa encontram-se, mas nunca se misturam; compreendida esta proposição, é suficiente para invalidar os ensinamentos acima mencionados; para convencer a mente do estudante ponderado de ciência astronómica de que, quaisquer que sejam os fenómenos que acompanhem a aparição dos cometas, a sua aparente proximidade do Sol ou de outros corpos do sistema, eles nunca entram na segunda camada do sistema, a qual delimita a esfera de força atrativa do sistema; a sua presença dentro desse limite é apenas aparente, e um fenómeno explicável por lei.

Pelas leis da ótica explicam-se todos os fenómenos que acompanham a aparição dos cometas que se aproximam do sistema solar e permanecem nos seus confins por períodos, obedecendo à sua força atrativa. Esferas de diferentes graus de densidade situadas entre o olho do observador e o corpo observado — esferas de matéria não evoluída do sistema solar e dos vários corpos do sistema — são lentes de diferente qualidade ou densidade que, colocadas em todas as variadas posições que efetivamente assumem entre o olho e um cometa situado nos confins do sistema, apresentam esse corpo em toda a variedade de formas que os corpos assumiriam quando vistos através de lentes de todos os diferentes tipos.

Um cometa, aproximando-se da esfera de força atrativa do sistema solar tanto quanto a sua própria esfera de força atrativa o permitir, sendo atraído quase até ao limite da sua própria esfera pela superior força atrativa do sistema, será invariavelmente um corpo alongado; o comprimento da sua cauda sendo conforme o seu tamanho e a qualidade das forças que atuam sobre ele.

Nenhum cometa alguma vez entra em contacto real com o sistema que não seja raro — não qualificado para obedecer prontamente à força central do seu próprio sistema; consequentemente, todos os cometas que entram em contacto real com o sistema têm caudas. Nenhum cometa se aproxima do sistema sendo de tamanho inferior ao dos primários do sistema, ou de período mais curto do que o dos primários exteriores do sistema; enquanto muitos dos que se aproximam são, em tamanho, iguais e superiores ao Sol.

O limite da esfera de força atrativa do sistema é convexo; a luz do cometa projetada sobre essa superfície convexa é dissipada — expandida. Vista por um observador a partir da Terra sem esfera interveniente, salvo a da Terra, ela é vista através de uma lente plano-côncava, do tamanho para o qual a sua imagem é expandida, sendo projetada sobre a superfície exterior da esfera, sujeita à lei de convergência dos raios que passam para o olho através do meio de ambas estas esferas. Sendo imensa a distância desde qualquer ponto do interior do sistema onde a Terra possa estar situada até ao limite da esfera de força atrativa do sistema, um cometa assim visto parecerá de pequenas dimensões e exibirá uma aparência mais natural do que um visto sob quaisquer outras circunstâncias.

Se camadas densas, ou uma esfera planetária, intervêm, o cometa é visto sob circunstâncias tão diferentes que a sua aparência difere grandemente daquela vista sob as circunstâncias acabadas de delinear. O cometa, projetando-se, como no outro caso, sobre a superfície convexa da esfera, é, como nesse caso, expandido; a sua luz, passando através de uma secção dessa esfera, ligeiramente convergente, é projetada sobre a camada ou esfera interveniente, onde, como antes, o objeto é expandido.

Sendo uma esfera interveniente de menor extensão do que a esfera-mãe, é mais convexa em qualquer parte da sua superfície do que aquela; o objeto projetado sobre essa superfície será mais distorcido do que foi o objeto projetado sobre a superfície anterior. A esfera interveniente entre o olho e o cometa é uma lente côncavo-convexa para o olho do observador; a luz do cometa passando por essa lente apresentará o objeto grandemente distorcido.

Contudo, ele não será geralmente apresentado ao olho diretamente através desta esfera. A luz do cometa projetada sobre esta esfera é projetada sobre uma esfera mais condensada do que a anterior; uma que não transmite tão prontamente a luz do cometa como a anterior, sendo o seu fluido elétrico mais diverso do fluido elétrico do cometa do que o era a anterior. Em vez de transmitir essa luz, reflete-a; reflete-a de volta sobre a superfície côncava de uma camada da esfera-mãe, formando uma imagem distorcida do cometa, que é apresentada ao olho do observador.

As circunstâncias podem ocorrer de modo que esta imagem seja refletida, e a reflexão apresentada ao olho, apresentando assim o cometa distorcido para além da compreensão.

De novo: — um cometa, projetando a sua luz sobre uma das três camadas interiores — mais densas — do sistema, terá essa luz geralmente refletida antes de ser transmitida. Sendo projetada sobre a superfície interior da camada exterior contígua, a imagem assim figurada — apresentada ao olho — é a imagem de um

vasto cometa em estreita proximidade do Sol, cuja cauda pode ser apresentada na direção do movimento, ou de outro modo, conforme as circunstâncias da posição do cometa relativamente ao observador, ou relativamente ao Sol.

Podem ocorrer circunstâncias em que, no curto espaço de poucos dias, o cometa aparentemente mudará a sua direção de movimento, apresentando o seu núcleo e cauda, alternadamente, na direção do seu movimento; alongará enormemente a sua cauda, ou perdê-la-á por completo. Essas circunstâncias são a posição do cometa e do observador — os ângulos sob os quais a luz é projetada sobre uma camada e é refletida dela para o olho.

O enorme cometa visível em 1843, apresentando fenómenos tão notáveis, projetou a sua luz sobre a camada interior do sistema e refletiu-a de volta sobre a superfície interior da camada contígua, sob tal ângulo, que apresentou os fenómenos observados. Muitos outros casos ocorreram em que cometas projetaram assim a sua luz sobre essa camada interior e as duas contíguas, refletindo-a sobre superfícies côncavas contíguas, apresentando ao olho a imagem assim refletida, causando a impressão de que o cometa estava efetivamente na imediata vizinhança do Sol, quase perdido nos seus raios.

Com tal nitidez uma imagem assim se projeta sobre superfícies adjacentes, que é difícil convencer a mente, quando ela é vista, de que não é o objeto real, embora distorcida em tal grau que a lei não pode explicar a sua forma ou proporções.

O reaparecimento de cometas de períodos determinados, sob diferentes circunstâncias em cada reaparecimento sucessivo, é prova de que as órbitas destes não estão dentro do sistema solar, quer no todo, quer em parte; é prova de que é a posição dos corpos do sistema — as suas esferas individuais, e a do observador relativamente ao cometa — que é produtiva dos fenómenos que acompanham a aparição de um cometa.

Há menos cometas de períodos determinados do que os astrónomos calculam; contudo, eles calcularam com justiça os períodos de muitos de “longos períodos”. Confundem cometas vizinhos — habitantes do mesmo sistema — que periodicamente se aproximam do sistema solar e entram dentro das influências das suas forças, com o mesmo cometa. As circunstâncias da revolução orbital do sistema solar e dos sistemas vizinhos a que os cometas pertencem determinam que os períodos destas aproximações alternadas ao sistema coincidam tão de perto que são facilmente tomados pelo mesmo cometa.

O notável cometa de 1843, cujo período é na realidade de 175 anos, ou perto disso, foi calculado por alguns como sendo um cometa de “período curto”; o seu período foi calculado por alguns como sendo de vinte e um anos, por outros de

sete anos, e por outros de seis anos. Estes erros de cálculo são sugestivos dos cálculos errados dos astrónomos quanto ao número real de cometas que entram dentro da esfera de influência atrativa do sistema solar; sugestivos dos cálculos errados quanto à duração dos períodos da maior parte daqueles cujos períodos foram calculados.

O cometa de Halley é um exemplo de cálculo correto do período de um cometa. É também um exemplo das diferentes circunstâncias sob as quais um cometa pode ser observado no sistema. A sua "passagem pelo periélio", assim denominada, nunca foi observada ocorrer sucessivamente no mesmo dia ou mês do ano, e os seus reaparecimentos sucessivos foram sempre adiados por intervalos de meses.

Também tem, quando observado no seu "periélio", apresentado sempre fenómenos diferentes dos anteriormente apresentados nesse período. Num momento aparece com uma cauda de 30° de comprimento; noutro, com uma de 20°; noutro, sem cauda durante a maior parte do período da sua aparente proximidade mais próxima do Sol; e, em cada um destes períodos distintos, apresentou fenómenos novos e variáveis.

Este cometa pode ser tomado como exemplo para ilustrar a ação da lei produtora dos fenómenos que acompanham a aparição dos cometas. A sua "passagem pelo periélio" foi calculada com exatidão, por assim dizer, três vezes, até ao dia. Isto significa que o dia da sua aparição em mais próxima proximidade do Sol foi calculado; sendo essa aparição a imagem projetada do cometa sobre a superfície interior da camada exterior das três camadas interiores — mais densas — do sistema; ficando o corpo real, apresentado através da segunda dessas camadas, perdido na luz interveniente entre ele e o observador.

O Sol, sob certas circunstâncias, pode estar mais próximo do limite da sua esfera do que sob outras.

Sendo a esfera cometária, obedece às leis que governam a matéria cometária; a sua matéria fica atrás do centro de movimento do corpo condensado da esfera, sujeita à posição dos planetas. Estando esses planetas situados, relativamente, atrás desse centro de movimento, o Sol ocupará na sua esfera uma posição semelhante à ocupada pelo núcleo de um cometa; estando eles situados à frente do centro de movimento, ou em qualquer dos lados, o Sol ocupará uma posição central dentro da sua esfera; sendo os planetas forças de retenção para a matéria dessa esfera em grau quase igual ao do Sol.

As coincidências são raras em que o Sol seja abordável por um cometa a uma distância inferior ao semidiâmetro real da esfera, se esse corpo fosse esférico; portanto, as "passagens pelo periélio" dos cometas são apenas a sua aparição

mais próxima do Sol, como acima se afirmou; e os fenómenos exibidos em tais períodos dependem da posição da Terra e dos outros corpos no sistema.

A "passagem pelo periélio" de alguns dos cometas observados é a sua posição atrás do Sol relativamente à Terra, ou tão perto disso que a sua luz, para chegar à Terra, tem de passar através de uma ou de todas as três camadas interiores do sistema. Isto, geralmente, como antes se observou, determina a produção de fenómenos extraordinários.

Dos cometas que foram observados, relativamente poucos apresentaram os notáveis fenómenos que acompanham o contacto de um cometa com o sistema na posição acima indicada. São raras as coincidências em que o mesmo cometa venha sucessivamente a contactar com o sistema atrás do Sol, relativamente à Terra, produzindo os fenómenos em questão.

A última aparição do cometa de Halley antes da sua aparição em 1835 foi prevista sob circunstâncias extraordinárias — circunstâncias que mostram que podem ocorrer coincidências, de modo que o retorno periódico dos cometas ao seu "periélio" possa ser calculado, sujeito às forças do sistema; como no caso citado; mostrando também que, sob certas circunstâncias, as esferas planetárias — as dos planetas exteriores equilibradores e contíguos — podem alcançar o limite do sistema e retardar o movimento de cometas que possam estar na sua vizinhança.

As esferas de Júpiter e de Saturno retardaram efetivamente o movimento do cometa ao longo do limite do sistema. Todas as "passagens pelo periélio" observadas deste cometa ocorreram quando o Sol estava no centro da sua esfera; ou comparativamente assim. O retardamento deste cometa a que se alude foi apenas o seu retardamento no limite do sistema enquanto procurava seguir o seu caminho próximo desse limite, obedecendo à poderosa força atrativa do sistema; que, por algum tempo, o desviou do seu verdadeiro caminho. Estando então no seu afélio, o período em que estava menos sujeito à sua própria força central parental, ficou sujeito a qualquer influência com que pudesse entrar em contacto.

Estando então Júpiter e Saturno situados de tal modo no mesmo lado do sistema que as suas esferas de força atrativa entraram, sucessivamente, em contacto com a do cometa, e sendo as suas esferas de grau superior ao da esfera parental, detiveram-no nessa localidade, contígua ao sistema, até que os movimentos orbitais desses planetas tivessem levado as suas esferas para além do alcance da esfera cometária; momento em que ficou livre para obedecer à força mais fraca da esfera parental.

A última aparição deste cometa — a de 1835 — não foi acompanhada por este fenómeno; a sua "passagem pelo periélio" foi corretamente calculada. Foi

visível da Terra durante nove meses; embora não num só lugar durante esse período. Os fenómenos que acompanharam a sua aproximação à sua "passagem pelo periélio" durante todo o tempo da sua visibilidade foram peculiares. A sua primeira aparição foi a de uma nebulosa oval com um ponto de luz concentrada dentro dela. Conservou este aspeto por quase dois meses, quando começou a aparecer uma cauda; a qual, a partir daí, se desenvolveu rapidamente até atingir o seu maior comprimento, que foi de 20°. Depois de atingir o seu maior comprimento, voltou a diminuir tão rapidamente que, em vinte dias, tinha desaparecido. Acompanharam o desenvolvimento da cauda um fenómeno invulgar. O núcleo, subitamente, no dia do início observado da cauda, intensificou o brilho e foi observado a lançar jatos de luz a partir da parte voltada para o Sol — na sua direção de movimento.

Com intermissões ocasionais, este fenómeno continuou até a cauda ter desaparecido. Estes jatos eram expelidos do núcleo em todas as direções possíveis, sujeitos, contudo, à direção geral do movimento do cometa. Sendo expelidos em direções aproximadas à direção do movimento, curvavam-se para trás, parecendo a sua matéria misturar-se com a da cauda e ajudar a formá-la.

Um único jato foi, numa ocasião, observado, mal visível, tão estreitos eram os seus limites de divergência a partir do núcleo; também jatos em forma de leque noutras ocasiões; noutras, muitos jatos singulares lançando-se em diferentes direções. Todos estes jatos, curvando-se para trás e misturando a sua matéria vaporosa com a cauda, transmitiam à mente a ideia de um corpo que se move contra um vento; corpo esse que estava constantemente a emitir jatos de matéria vaporosa que eram levados para trás pelo vento e reabsorvidos no corpo, ou dissipados no espaço atrás dele.

Após a "passagem pelo periélio", o cometa perdeu-se de vista por dois meses. No seu reaparecimento, apresentou um aspeto completamente diferente, tendo, aparentemente, sofrido uma transformação completa durante esse período. Não apresentava qualquer vestígio de cauda; o núcleo parecia rodeado por uma coma *(ou halo)* que parecia ser gradualmente absorvida pelo próprio núcleo, à medida que o cometa continuava a afastar-se do Sol; entretanto, observou-se que o cometa estava a aumentar rapidamente em dimensões; no espaço de uma semana dilatou-se para quarenta vezes as suas dimensões da semana anterior. Continuando a dilatar-se, assumiu gradualmente uma forma cometária; a sua porção posterior, contudo, sendo demasiado larga para ser denominada cauda. Tornou-se efetivamente invisível por expansão, tudo exceto o núcleo, que continuou a brilhar mais enquanto o invólucro continuou a dilatar-se e a desaparecer. Na sua última aparição, apresentou o mesmo aspeto apresentado na

sua primeira aparição — o de uma pequena nebulosa redonda com um ponto brilhante no centro.

Os fenómenos acima descritos que acompanharam a última aparição do cometa de Halley são os mesmos que acompanham a aparição de qualquer cometa das suas proporções que assuma a mesma posição relativamente à Terra que este cometa assumiu; e entrando em contacto com o sistema como ele entrou. O cometa foi primeiro visto como um pequeno corpo redondo e nebuloso; apenas dois meses depois da sua primeira aparição começou a aparecer uma cauda; a qual, tendo começado a desenvolver-se, cresceu tão rapidamente que em quinze dias tinha atingido o seu maior comprimento, 20°.

A luz do cometa foi refletida a partir da superfície convexa da segunda das três camadas interiores do sistema sobre a superfície interior, côncava, da camada exterior destas três camadas interiores; cuja imagem refletida transmitiu a sua luz aos observadores na Terra através do meio dessa camada. A luz mais desenvolvida — a do núcleo e das porções adjacentes — foi primeiro refletida, primeiro transmitida ao olho a partir da imagem; assim, a sua primeira aparição foi a de um núcleo rodeado por uma coma, que coma se intensificou — parecia ser absorvida no núcleo — enquanto um invólucro nebuloso de maiores proporções se desenvolvia em torno do núcleo, antecedendo e simultaneamente com o desenvolvimento da cauda.

A luz proveniente da matéria mais rara do cometa projetada sobre esta superfície convexa não podia atingir essa superfície tão cedo como a luz de qualidade superior; não podia obedecer tão cedo à lei da reflexão; ou, quando refletida, atingir tão cedo a superfície da camada adjacente; consequentemente, a luz do núcleo, que foi primeiro refletida sobre essa superfície, começou a ser transmitida ao olho antes de toda a imagem ter sido projetada sobre a superfície. Assim, o núcleo teria necessariamente de ser o único visível durante um período, enquanto a matéria de qualidade inferior do corpo refletia a sua luz e a transmitia a partir da imagem projetada.

O núcleo de um cometa transmite a sua luz através das camadas do sistema, e através das esferas planetárias, prontamente, em comparação com as porções raras; reflete-a com igual prontidão e transmite essa luz refletida ao olho com igual prontidão; portanto, um cometa, assumindo uma posição favorável à sua visibilidade, o seu núcleo e as porções adjacentes tornam-se visíveis antes das porções mais raras. Tão baixa é a qualidade da luz das porções raras de um cometa que, quando tem de chegar ao olho por reflexão, como no caso do cometa em consideração, demora muito a chegar; muito em comparação com o tempo ocupado pela luz de qualidade superior.

A matéria cometária rara é de tal natureza; o fluido elétrico que atua sobre ela e por ela é gerado é de qualidade tão baixa, que desta matéria é extraída luz de baixa qualidade, e essa luz é transmitida a uma velocidade elétricas comparativamente baixa.

Dois meses decorreram depois de o núcleo deste cometa ter transmitido a sua luz ao olho, antes de a matéria da cauda começar a ser visível; antes de a sua luz começar a alcançar a Terra, transmitida a partir da sua imagem refletida. Esta luz, tal como a de outras porções do cometa, foi transmitida conforme a sua qualidade; tornando-se primeiro visível a porção mais densa da cauda, e a extremidade, ou a matéria mais rara, por último.

Mudando de posição, gradualmente a matéria da cauda desapareceu, enquanto o núcleo e a coma permaneceram visíveis. Esta aparência resultou da posição que a imagem refletida assumiu relativamente ao observador — a forma da imagem refletida sobre esta superfície côncava. Permaneceu visível apenas enquanto esteve numa posição tal que refletia esta imagem sobre a superfície interior da terceira camada. As suas dimensões eram tais que, refletindo a sua imagem sobre uma superfície interior a esta, se tornava invisível a partir da Terra — perdido na luz interveniente.

O fenómeno raro apresentado por este cometa, dos jatos de matéria emitidos pelo seu núcleo, é um que ilustra, perfeitamente, os fenómenos que acompanham o movimento rotatório dos corpos cometários. A matéria destes corpos, como se observou, revolve em torno de centros em correntes. Estas correntes tornaram-se efetivamente visíveis através do telescópio, no caso deste cometa.

Arrastadas em torno do centro pela sua força irresistível, estas correntes de matéria ficavam rapidamente para trás do centro de movimento, ao contornarem a extremidade do núcleo, apresentando a aparência de jatos de matéria vaporosa deixados para trás pela superioridade de movimento do núcleo; matéria vaporosa essa que se misturava com, e formava, a matéria da cauda. A natureza deu aos filósofos, pelo menos, uma ilustração da ação da lei da revolução da matéria cometária; um marco, por assim dizer, pelo qual podem compreender o método da revolução desta matéria e medir os efeitos da solidificação, e assim inferir a justa lei do movimento rotatório de todos os sóis.

Emergindo da luz absorvente que se interpõe entre ele e o observador, este cometa tornou-se Mais uma vez visível pela sua imagem, projetada, como antes, sobre a superfície interior da camada exterior das três camadas. O seu aspeto, no reaparecimento, foi quase idêntico ao do seu primeiro aparecimento; contudo, sendo refletido sob circunstâncias diferentes, apresentou fenómenos diferentes.

Apresentou dimensões tão enormes — dilatou a sua forma de modo tão notável — que se tornou invisível, exceto o núcleo.

Apresentou, após algum tempo, toda a sua forma à vista, como antes do seu desaparecimento; mas tão exagerada era essa forma que se disse não ter desenvolvido uma cauda; mas ter qualificado a sua forma para a de um paraboloide, cuja extremidade se dissipava — perdia-se à vista. O seu tamanho notavelmente exagerado, no reaparecimento, deveu-se simplesmente à posição da sua forma projetada. Esta forma foi projetada sobre a extremidade acentuadamente arredondada da superfície exterior desta segunda camada interior; acentuadamente arredondada, neste caso, pela posição de Vénus, o planeta que revolve nessa camada.

Um corpo expandido como um cometa, transmitindo a sua luz para uma superfície distante, projeta essa luz sobre uma imensa área de superfície. O Sol é visível de todos os pontos dentro do sistema; o olho de um observador recebe raios provenientes de todos os pontos dessa superfície voltada para ele; contudo, não recebe toda a luz dessa superfície; cada observador recebe apenas a que é adequada ao seu olho. Assim, o Sol é visível no espaço até ao ponto em que feixes de fluido elétrico provenientes dele se tornam dissipados — perdidos no espaço por serem absorvidos por objetos intervenientes.

Um cometa é visível no espaço até ao ponto em que feixes de fluido elétrico provenientes dele se perdem, tendo sido assim absorvidos. Uma superfície, como o olho, atrai aqueles feixes que lhe são afinizados; e as superfícies mais favoravelmente situadas, sendo as que atraem mais luz, apresentam o quadro mais vívido do corpo real de um cometa. É uma tal superfície que sempre transmite ao olho a luz do cometa por reflexão; superfícies desfavoravelmente situadas raramente transmitindo qualquer imagem do corpo refletido. Quando não é refletido, um cometa é visto como qualquer outro objeto é visto, por meio de átomos da sua luz transmitidos em feixes de fluido elétrico a partir do seu corpo.

Assim, quando uma superfície reflete uma imagem, reflete-a sempre exagerada, salvo quando refletida de uma superfície côncava. A superfície recebe feixes de fluido elétrico — feixes de luz — exatamente na proporção da sua situação relativa ao corpo. Se for uma superfície plana, com o corpo situado perpendicularmente a ela, receberá uma projeção exagerada do corpo sobre si; sendo essa projeção em tamanho conforme a distância; se estiver situada diagonalmente relativamente à superfície, a projeção pode ser exagerada, ou não, conforme a obliquidade dos feixes emanados do corpo e que atingem a superfície. Se a superfície for côncava, a projeção de um corpo situado

perpendicularmente a ela será de proporções naturais, ou exageradas, conforme a concavidade da superfície. Se for uma superfície convexa, a imagem será exagerada em grau para além daquele a que é possível a uma superfície plana ou côncava exagerá-la.

A convexidade daquela secção da camada sobre a qual a luz do cometa em questão foi projetada no seu reaparecimento era suficiente para exagerar as suas proporções muito para além do que foram exageradas no seu primeiro aparecimento; tanto mais exageradas quanto a imagem transmitida do cometa, vista após o seu reaparecimento, foi maior do que a imagem transmitida vista após o seu primeiro aparecimento. A tal grau foi a luz projetada dissipada sobre esta superfície convexa, que a imagem refletida era de tal rarefação que não podia ser perfeitamente transmitida ao observador na Terra; apenas as porções mais densas do invólucro transmitiam perfeitamente a sua luz; e esta era de consistência tão rara que era apenas visível.

Mudando de posição à medida que recuava ao longo do limite do sistema relativamente à posição do Sol, voltou a apresentar o aspeto apresentado na sua primeira aparição; tendo a imagem projetada passado para um ponto da esfera menos convexo. O cometa desapareceu quando a sua imagem foi retirada da superfície que a transmitia.

Este cometa é de proporções comparativamente pequenas; aproximando-se do tamanho do planeta Úrano. O cometa de 1843 era de proporções muito maiores; de proporções tais que se tornou visível, como antes se afirmou, pela sua imagem projetada sobre a superfície interior da segunda das três camadas. O tamanho deste cometa corresponde aproximadamente ao de Neptuno.

Todos os cometas visíveis dentro do sistema solar entram em contacto real com o sistema, por meio das suas esferas de força atrativa.

Visitantes ocasionais do sistema solar são cometas de dimensão mais vasta; de dimensão correspondente à do Sol. Estas visitações são extremamente raras, tendo ocorrido três desde as primeiras observações na ciência astronómica na Terra. A primeira ocorreu no ano 575. O cometa foi visto ao meio-dia “perto do sol”, como está registado. A segunda, no ano 1105; a terceira, em 1402. Todos estes foram confundidos com os de menor dimensão e de período mais curto; contudo, cada um deles faz os seus retornos periódicos à vizinhança do sistema solar apenas uma vez em milhares de anos. São sóis irmãos do Sol; mas não da mesma formação; pertencem à formação imediatamente interior, que está agora a ser evoluída pelo sol parental.

Os outros cometas que visitam a vizinhança do sistema são membros de sistemas irmãos contíguos. Os sóis da formação da qual o Sol é membro contam-

se por milhares; as esferas destes sóis devem, por necessidade, colidir frequentemente; pois revolvem no mesmo plano em torno do seu corpo central.

O sistema solar, no decurso da sua revolução orbital, entra assim em contacto com muitos sistemas irmãos — muitos que estão a evoluir as suas formas; consequentemente, o número de cometas que se tornam visíveis neste sistema é grande; contam-se por milhares; contudo, passam milhares de anos enquanto todos estes se tornam visíveis no sistema — enquanto o sistema executa a sua revolução completa.

A astronomia cometária mal pode dizer-se estar na sua infância entre os homens; ela está ainda por nascer; não tendo nunca sido descoberta a verdadeira teoria dos fenómenos cometários — a natureza dos cometas e os seus usos no universo. De todos os erros ensinados pelos filósofos acerca dos fenómenos astronómicos, os ensinados relativamente aos cometas são os mais flagrantes. O fracasso em descobrir o uso destes corpos num sistema, no universo, a sua perpetuidade como corpos; o facto de que nenhum cometa de "longos períodos" é habitante do sistema solar, nem pode possivelmente sê-lo, revela um grau de ignorância dos métodos da natureza, das leis do sistema, verdadeiramente notável nesta era de luz comparativa. É ensinado por alguns dos mais eminentes astrónomos da Terra que os cometas, sem dúvida, em cada revolução — em cada "passagem pelo periélio" — perdem uma porção da matéria das suas caudas; matéria essa que está agora, provavelmente, misturada com a matéria luminosa que rodeia o Sol e é visível da Terra. Nunca pararam para considerar as consequências de tais catástrofes num sistema; caso contrário, jamais poderiam ter promulgado tal teoria. Com tais catástrofes iminentes em todos os momentos, como há de manter-se o equilíbrio do sistema?

Tal matéria que se pode tornar visível na Terra a partir das distâncias reputadas destes cometas nas suas "passagens pelo periélio", por mais vaporosa que pareça, deve possuir ponderabilidade; e possuindo-a, lançada ao acaso em qualquer parte do sistema deve produzir desordem — destruir o equilíbrio do sistema. Quem alguma vez descobriu que Deus tenha instituído uma forma tão inútil, tão sem propósito, como os cometas são, segundo a teoria recebida da natureza destes corpos?

Desde o átomo que flutua no raio de sol, o poderoso sol que revolve no espaço, até ao espírito do homem, não há forma sem propósito; nenhuma que não preencha um lugar no universo, num sistema, num mundo, que nenhuma outra forma pode preencher; e que, sem essa forma, seria um vazio, criando desordem, desastre, no universo.

Sendo o progresso a lei — e a forma desenvolvendo-se progressivamente — pode aceitar-se prontamente que os cometas são sóis infantis — planetas embrionários, cujo propósito último no universo é produzir o homem; e assim glorificar o Deus da natureza.

Os cometas de "períodos curtos" descobertos dentro do sistema são fragmentos da formação desagregada — asteróides — que retiveram a condição cometária desde a desagregação da sétima formação. Destes não é necessário aqui falar mais.

Não menos inconsistente com a lei é a teoria, acima mencionada, dos astrónomos acerca da matéria rara dos cometas, do que a que ensina que há efetivamente matéria meteórica em revolução no sistema, fora da atmosfera da Terra. A ocorrência periódica de chuvas meteóricas, a queda ocasional de massas de substância mineral para a superfície, a partir de grandes alturas na atmosfera, essas chuvas emanando, aparentemente, de uma região dos céus, e essas massas minerais caindo em localidades muito afastadas de vulcões ativos, conjeturou-se — sem sombra de razão ou prova filosófica — que estas emanam de regiões para além da atmosfera; que, possivelmente, são remanescentes de corpos desagregados, ou caudas de cometas, que estão em revolução no sistema na vizinhança da Terra.

Sem entrar na discussão dos princípios pelos quais ocorrem os fenómenos das chuvas meteóricas, é apropriado, nesta ligação, afirmar que estas chuvas — todos os meteoros de qualquer descrição vistos na atmosfera da Terra — têm origem nessa atmosfera, em virtude de ação química instituída entre as correntes do fluido elétrico que nela entram vindas de planetas distantes e o que nela se origina, e correntes de matéria atmosférica mais grosseira. Correntes de matéria atmosférica grosseira de certas qualidades, ao entrarem em contacto com correntes semelhantes do fluido elétrico de certas qualidades, produzem combustão instantânea; formam-se massas meteóricas, ou a substância formada pela união química de matérias afinizadas dissipa-se em coruscações estreladas de matéria gasosa.

A ocorrência periódica das chuvas meteóricas deve-se ao retorno periódico das condições que as produzem; condições essas que são as condições atmosféricas que acompanham uma peculiaridade de posição da Lua relativamente à Terra; peculiaridade de posição essa que é indutora de peculiares condições elétricas da atmosfera da Terra.

Nenhuma esfera de matéria meteórica está em revolução em parte alguma do sistema solar; nem é possível que, caso existisse, qualquer porção dela pudesse abandonar o seu plano de revolução e determinar-se para qualquer planeta do

sistema sem produzir desordem no sistema — destruindo o seu equilíbrio; como o leitor compreenderá facilmente pelo que foi dito acerca das leis que governam os sistemas.

CAPÍTULO IV
TERRA

Assim como o sistema solar foi selecionado como exemplo perfeito do método da evolução e do desenvolvimento progressivo de todos os sistemas, a Terra é selecionada como exemplo perfeito do método da evolução e do desenvolvimento progressivo de todos os sóis. Assim como o que foi dito a ilustrar as leis que desenvolvem, regulam e governam o sistema solar se aplica igualmente a todos os sistemas, assim também o que será dito a ilustrar as leis que desenvolvem, regulam e governam a Terra se aplica igualmente a todos os sóis de todos os sistemas. Tendo sido discutido o sistema solar quanto à sua evolução, a evolução das suas várias formas, a sua distribuição, etc., resta agora discutir, com igual minúcia, o método de formação de um sol — um corpo solidificado — e o método de aperfeiçoar a forma e a matéria desse sol.

É propósito deste capítulo discutir o desenvolvimento da Terra até à condição planetária.

A Terra, a nona formação do sistema solar, foi evoluída pelo sol parental de acordo com a lei da evolução dos sóis já enunciada. Por esta lei, quando foi pela primeira vez evoluída, era um cometa raro. A sua primeira revolução foi a de um cometa mais raro do que o cometa de Halley no período das primeiras observações desse cometa; mais raro do que o cometa de 1843 no período das primeiras observações sobre ele, que foi há muitos séculos; — um cometa cuja esteira, vista à distância da Terra e do Sol, teria medido 30°, e mais.

Na sua primeira revolução, o afélio da sua órbita estava para além das órbitas dos asteróides mais próximos; — perto da localidade onde a órbita do planeta desagregado teria estado quando regulada; o seu periélio, dentro da órbita regulada de Mercúrio. Muitas revoluções deste cometa raro foram realizadas antes de haver qualquer variação sensível da localização do afélio e do periélio; muitas revoluções antes de haver qualquer diminuição sensível do comprimento da cauda.

Marte, ele próprio um cometa raro neste período, foi o seu único agente perturbador e desenvolvedor próximo; a desagregação da sétima formação tendo-o privado de um agente poderoso para a regulação da sua forma e dos seus movimentos. Júpiter exerceu a sua influência sobre o sol infante, tal como o fez o mais distante Saturno; influências essas que foram poderosas para auxiliar as do Sol e de Marte na regulação do seu movimento orbital.

A sua primeira era cometária foi mais longa do que teria sido se o sistema tivesse sido regularmente desenvolvido — se nele não tivesse ocorrido qualquer catástrofe. Esta era encerrou quando a matéria cometária que formava o corpo se tinha condensado o suficiente para que a sua ação química pudesse extrair calor. Durante esta primeira era, a matéria do cometa era luz grosseira; tão grosseira que era visível como substância vaporosa.

O frio foi a primeira condição da matéria da Terra, como de todos os sóis. A duração desta era foi maior do que a de qualquer outra; mediu-se por miríades de eras. No fecho desta era, pouca mudança apreciável tinha ocorrido na situação da sua órbita, pouca nas suas proporções. A instituição da segunda era foi a instituição de um progresso mais rápido no desenvolvimento do corpo. O calor podia agora ser extraído como agente acompanhante da luz; um que podia auxiliar na extração de uma forma mais elevada do fluido elétrico do que a que até então tinha sido eliminada pela matéria do corpo; fluido esse que deveria operar com os outros elementos existentes para a instituição de condições mais elevadas da matéria.

O calor foi raro durante a segunda era cometária; contudo, atuou para condensar apreciavelmente a matéria do cometa e, assim, auxiliar apreciavelmente as forças centrais e outras do sistema na regulação do seu movimento orbital. Durante esta e a primeira era, a atmosfera do corpo era de densidade quase igual à do corpo condensado, assim denominado. A sua substância era a qualidade mais elevada de átomos de luz repelidos pelos átomos mais grosseiros; átomos esses que escapavam ao contacto com esses átomos mais grosseiros em emanações e que retinham lugares em torno do corpo condensado conforme o seu grau de densidade, ou qualidade; os mais grosseiros tomando posição mais próxima da superfície do corpo, os de mais elevada qualidade a maiores distâncias. Esta atmosfera, durante estas duas eras, era indistintamente discernível do corpo condensado do cometa.

No fecho da segunda era, o afélio da órbita da Terra ainda estava fora da órbita regulada de Marte; o seu periélio, dentro da de Mercúrio. A cauda do cometa teria medido, à distância da Terra ao Sol, quase 30°; tão pouco tinham as forças condensadoras, durante este longo período, atuado sobre a sua matéria rara. A introdução da terceira era foi apenas o estímulo da ação desta matéria cometária.

Como se notou no capítulo precedente, as eras cometárias e planetárias, como eternidades e ciclos de eternidades, são separadas por intervalos; intervalos esses que são períodos de mais completa inatividade, encerrando a noite da era, como é denominada a última porção de uma era, e precedendo o dia, como é

denominada a porção anterior de uma era. Estes períodos de inatividade não são distintamente distinguíveis da porção precedente da noite de uma era; apenas o são tenuemente; sendo períodos de repouso mais profundo — de estagnação mais completa das forças do que na parte anterior da noite de uma era.

Este período de profundo repouso, de completa estagnação, corresponde ao que precede o despontar do dia; sucede à hora da meia-noite, — um período de quietude em toda a natureza tal como não houve durante a tarde. Também corresponde aos períodos intervenientes entre eras, ciclos de eras, eternidades e ciclos de eternidades. É contado como um período separado em todas as eras, pelo facto de ser um período marcado; em algumas é mais marcado do que noutras.

Este período interveniente entre ciclos compostos de eternidades é o período que sucede à decomposição perfeita da matéria — a reabsorção dos elementos primais; e é um período marcado; o mesmo período entre ciclos, e dias de um ciclo, são períodos quase igualmente marcados. Embora denominados períodos intervenientes, contam-se como porções do ciclo composto, ciclo ou dia; sendo, propriamente, parte dele, como se verá.

Manhã, propriamente, significa um período de ação, assim como tarde ou noite, propriamente, significam um período de repouso; portanto, o período interveniente aqui referido pertence propriamente à noite da era.

As eras, como os dias, subdividem-se em manhã, dia, tarde e noite; cada subdivisão sendo distinguível da precedente ou da seguinte pelas condições existentes da natureza durante essa subdivisão da era. Assim como na manhã de um dia a natureza acorda do sono, desperta-se em preparação para os labores do dia e introduz o nascer do sol, o período atarefado; assim, na manhã de uma era, a natureza acorda do sono; as suas forças, que, imediatamente antes, estavam estagnadas, despertam para uma ação renovada.

Como se, por assim dizer, se ouvisse o cantar do galo e o mugir do gado; o chilrear da ave matutina, o som da bigorna, e o assobio do trabalhador que se apressa a começar o labor do dia. O movimento é estimulado em toda a matéria; sucede-se a ação convulsiva; o elemento procura o seu elemento afim; os elementos atmosféricos começam a combinar-se com os elementos terrestres nos corpos planetários, e a matéria cometária começa a enviar elementos mais elevados para satisfazer as necessidades de uma atmosfera cometária estagnada; — numa palavra, começa o labor.

Assim como o dia propriamente dito é o período durante o qual se realiza o trabalho ativo — o período energético; assim também o dia de uma era é o período em que a natureza realiza trabalho ativo — o período energético. A ação

iniciada durante a manhã é energizada quando o dia se instala e avança. A maior parte do labor que se realiza durante uma era é realizada durante o dia da era. A ação elemental é intensa durante o dia, ao passo que, durante outros períodos, é lenta ou inerte. Assim como na tarde propriamente dita a atividade decresce, toda a natureza procura naturalmente isenção do labor — procura repouso, assim também, na tarde de uma era, a ação elemental diminui gradualmente; a natureza procura gradualmente o seu repouso necessário — cai em repouso. Assim como numa noite propriamente dita toda a natureza dorme, assim também, numa noite de uma era, toda a natureza dorme. A ação elemental é estagnação, por assim dizer; a vida é morte; a ação é repouso.

Os períodos eternos — dias e noites — correspondem ao dia e à noite de uma era; o dia, ou período de ação, correspondendo ao dia de uma era (o qual dia compreende a chamada manhã e o dia de uma era), a noite, ou período de repouso, à chamada noite de uma era (a qual noite compreende a tarde e a noite de uma era). Assim como estes períodos — o dia e a noite de uma era — têm igual duração, assim também os períodos eternos têm igual duração; sendo propriamente subdivididos, como o são o dia e a noite de uma era.

A natureza da diminuição da ação no início de uma era de repouso corresponde à natureza daquilo que introduz um período eterno de repouso; assim como a natureza da renovação da ação no alvorecer de uma era de ação corresponde à natureza daquilo que introduz um período eterno de ação; contudo, no caso de uma era, os processos de abertura e fecho são menos marcados do que no caso dos períodos mais longos, visto que a matéria progrediu de tal modo que a ação não pode cessar na extensão em que cessa no fecho de um dia eterno; e, por conseguinte, a decomposição das formas não pode ocorrer.

O período cometário, dividido em doze eras, é composto por dois ciclos, propriamente assim denominados, de seis eras cada. Do mesmo modo, as doze eras planetárias compõem dois ciclos.

A terceira era cometária da Terra, inaugurada após uma noite de repouso de todos os elementos do corpo, foi uma era de maior ação do que a precedente; cada novo estímulo do movimento instituindo uma qualidade mais elevada de movimento — uma condição mais elevada de matéria. Durante esta era, a condensação deu-se mais rapidamente do que durante a anterior, pelo facto de a ação estimulada fazer evoluir maiores quantidades de calor. No fecho desta era, a Terra era ainda um cometa raro, vaporoso; o seu afélio situava-se mesmo fora da órbita regulada de Marte; o seu periélio, mesmo fora da de Mercúrio. A sua cauda teria medido 28°. As condições atmosféricas não se alteraram apreciavelmente durante esta era.

A inauguração da quarta era foi a instituição de condições ainda mais elevadas dessa matéria cometária. Um grau ainda mais elevado de ação induziu a extração de quantidades ainda maiores de calor dessa matéria durante a era; a condensação deu-se mais rapidamente do que durante a era precedente. Durante esta era, o movimento orbital foi regulado mais do que durante as duas anteriores; ainda assim, contudo, no seu fecho, a órbita era extraordinariamente excêntrica; o seu afélio e o seu periélio estando, comparativamente, pouco afastados das suas posições no fecho da última era; a sua cauda medindo, comparativamente, pouco menos do que então.

Durante esta era, a força procriadora do corpo foi qualificada até tal grau que formações podiam ser instituídas dentro dele, e poderiam ter sido aperfeiçoadas até à evolução se a esfera do corpo tivesse sido de maiores proporções e de menor densidade; contudo, nenhuma formação foi instituída durante esta era, dentro do corpo, que tivesse sido completada até à evolução. Estabeleceram-se centros em torno dos quais átomos afinizados se acumulavam, correspondendo aos centros de formações para as três camadas contíguas à camada exterior do sistema.

Tão rápida foi a evolução da matéria deste sistema, tão rapidamente começaram sucessivamente as camadas a evoluir a sua matéria, que estes sóis embrionários foram desorganizados e a sua matéria atraída para outros centros à medida que progredia a evolução de matéria mais densa. Só depois do começo da quinta era é que foi instituído um centro permanente; um que pudesse ser permanente pela sua natureza.

O átomo central, neste caso, era daquela porção da segunda camada interior do sistema que podia evoluir átomos em tempo oportuno para assumirem o ofício de átomos centrais. Sendo evoluído um apto para esse fim, instantaneamente a matéria evoluída do sistema começou a acumular-se em torno dele; imediatamente a sua força se fortaleceu de tal modo que nenhum átomo do sistema podia desorganizar o germe de uma formação assim instituída. Foi completada e evoluída antes da instituição da sexta era. Toda a matéria evoluível do sistema determinou-se para esse centro — está compreendida no diminuto sistema da Lua.

Durante a quinta era, o calor foi a condição da matéria do corpo. A condensação deu-se rapidamente pela natureza da ação induzida pela quantidade de calor e pelo fluido elétrico mais elevado desenvolvido nesta fase.

Antes da instituição da terceira era, Vénus foi evoluída; corpo esse que atuou como agente desenvolvedor para a Terra desde o período da sua primeira evolução. Progrediu rapidamente sob as poderosas influências que sobre ela

atuavam; e foi um agente qualificante eficaz para a Terra durante a quinta e eras subsequentes. Mercúrio, evoluído antes da instituição da quinta era, desempenhou também o papel de agente qualificante para a forma e os movimentos da Terra durante essas eras.

No fecho da quinta era, o afélio estava localizado quase em coincidência com a órbita regulada de Marte; o periélio, quase a meio caminho entre o de Mercúrio e o de Vénus. O tamanho do cometa tinha diminuído sensivelmente; a cauda teria medido 25°.

As condições atmosféricas durante a quinta, como durante as eras precedentes, eram quase as do corpo condensado. Apenas ligeiramente mais rara do que a matéria do corpo, os elementos atmosféricos trabalhavam para o seu próprio progresso, tal como os elementos do corpo. Sendo a rara volatilidade a condição, durante este período, da matéria do corpo condensado, havia reciprocidade contínua de ação entre os elementos atmosféricos e os do corpo. Perpetuamente emanavam do corpo correntes de fluido gasoso afinizadas à atmosfera; enquanto os elementos de superfície do corpo atraíam perpetuamente para si os elementos atmosféricos mais grosseiros; desenvolvendo-se assim — produzindo condições de superfície mais elevadas do que as que prevaleciam nas profundezas do corpo.

A instituição da sexta era foi a instituição do estado mercurial raro, ou de mercúrio em ebulição. O estado vaporoso denso precedera este — foi a condição durante a quinta e a porção final da quarta era. Enquanto no estado vaporoso denso, a volatilidade da matéria é como a de vapor condensado. O estado vaporoso semi-denso ocupou a terceira e a parte inicial das eras quarta; sendo o estado imediatamente subsequente ao vaporoso raro, que ocupou a primeira e a segunda eras.

Durante a continuação do estado mercurial raro, a intensidade de calor foi a condição da matéria do corpo. Não foi, contudo, senão na sétima era — na porção final dessa era — que se desenvolveu a maior intensidade de calor. A volatilidade da matéria estava a diminuir, enquanto a intensidade do calor estava a aumentar. Neste período, a matéria tinha a volatilidade do mercúrio em ebulição; os seus constituintes eram as formas mais baixas de substância gasosa.

O enxofre era o elemento predominante; e este, em combinação com os elementos básicos, era matéria — toda a matéria naquele período. Um exame atento desta matéria teria transmitido à mente a ideia de que era simplesmente enxofre; embora muito mais volátil do que o enxofre na sua condição de ebulição; não o puro e dourado enxofre de hoje, mas enxofre metálico grosseiro

de grande impureza; contudo, não se assemelhando a nada tanto, quer no sabor quer no cheiro, como ao enxofre.

A condensação progrediu durante esta era tanto quanto nas três últimas. No seu fecho, o afélio estava dentro da órbita regulada de Marte; o periélio, aproximando-se do de Vénus. A sua cauda teria medido mais de 20°.

O fecho da sexta era foi o fecho do primeiro ciclo de eras cometárias; a ação tinha-se tornado enervada pela sua longa continuidade; era necessário um período de repouso mais longo. Interpôs-se a noite do ciclo, que foi um período, em duração, correspondente a uma era; mas contado como porção da última, ou sexta, era. Este longo período de repouso foi seguido por um estímulo de ação mais elevado do que o que instituiu o ciclo anterior.

Instituiu-se um novo ciclo cujas eras deveriam corresponder às precedentes; e cuja ação das eras deveria ser ação estimulada, em comparação com a das eras correspondentes do ciclo anterior. Portanto, a ação durante a sétima era, embora intensa por causa da condição da matéria, não foi ação estimulada em comparação com a da era precedente. Era apenas a manhã de um ciclo — o período em que as forças da matéria se estavam a reunir para a ação.

Durante esta era, a ação da matéria do cometa continuou quase a mesma, ao longo de toda a era, como tinha sido durante a precedente. Sendo a intensidade de calor a condição da matéria, como durante essa era, a intensidade de ação era inevitável. Esta era desenvolveu o estado mercurial aquecido — a condição de maior intensidade de calor da matéria de um sol.

Durante esta era, a condensação contraiu o corpo mais do que o tinha feito durante as duas eras imediatamente precedentes; mais do que o tinha feito durante as quatro primeiras eras. No fecho desta era, o cometa estava tão contraído que a cauda teria medido menos de 15°. O seu afélio tinha-se deslocado para muito dentro da órbita regulada de Marte; o seu periélio, fora da de Vénus.

A condensação da matéria até ao primeiro estado mercurial induziu novas condições relativas à evolução da matéria atmosférica. Já não eram perpétuas as emanações do corpo condensado; eram periódicas. Elementos extraídos dentro do corpo pela ação elemental eram evoluídos dele em massas, em curtos intervalos, enquanto a matéria estava no seu estado mercurial. Estes intervalos alongavam-se à medida que a matéria se condensava para os estados mais elevados. Desde a instituição do estado mercurial raro, as condições atmosféricas mudaram. Já não era a atmosfera envolvente do cometa de densidade quase igual à do corpo condensado. Estava a tornar-se mais rara, enquanto aquele corpo se condensava.

Como antes se observou, durante a porção final da sétima era, atingiu-se a condição mais intensamente aquecida da matéria. A volatilidade da matéria estava a diminuir em preparação para a inauguração do estado mercurial, assim denominado. A instituição deste estado e da oitava era foi a instituição de uma era de máxima importância no progresso do corpo.

O desenvolvimento atmosférico tinha progredido até tal grau que o frio, por agência atmosférica, podia começar a atuar sobre a matéria de superfície do corpo condensado.

"O frio é a ausência de calor:" esta é a verdadeira definição do termo frio; portanto, compreender-se-á facilmente como a posição, como a de secções de um planeta ou cometa, relativamente ao seu corpo parental, afetará a condição dessas secções, ou da atmosfera dessas secções. Se uma secção estiver situada de modo a receber diretamente — em feixes perpendiculares — as correntes do fluido elétrico provenientes do corpo parental, resulta calor como consequência, segundo a qualidade da matéria da secção, ou da atmosfera da secção. Se uma secção receber esses feixes obliquamente, menos calor é gerado na secção ou na atmosfera da secção, qualquer que seja a qualidade da matéria destas.

As perturbações da Terra — os seus movimentos vibratórios na sua órbita — afetaram grandemente as suas condições climáticas durante todas as eras da sua história passada. O arranjo perfeito, a maturidade do plano, marcam a ordem destas perturbações. Cada vibração e contra-vibração ocorre exatamente no tempo necessário para assegurar o maior, o melhor efeito sobre o corpo. A grande vibração referida, produtora da maior obliquidade da eclíptica, começou com o começo da primeira revolução do corpo em torno do seu centro parental. Operando gradualmente as forças perturbadoras do sistema para inclinar o corpo da sua posição ereta, a maior obliquidade da eclíptica foi atingida cerca de meados da terceira era. No fecho da sétima, tinha oscilado de volta para a sua posição ereta, quando o seu equinocial era paralelo ao plano da eclíptica. Durante este imenso período, três das vibrações menores tinham, por outras tantas vezes, aproximado a eclíptica e o equinocial de uma quase coincidência, enquanto as oscilações menores iam periodicamente induzindo o seu efeito delineado sobre a matéria do corpo. A ocorrência periódica de quase coincidência da eclíptica e do equinocial produziu o efeito de igualar a temperatura da matéria volátil do corpo, ou da atmosfera do corpo — de todas as suas secções.

Isto resultou na produção de maiores graus de calor na matéria de todo o corpo, ou de toda a atmosfera, do que quando o corpo estava mais inclinado; induzindo assim intensidade de ação atómica em toda a matéria do corpo, ou nos elementos atmosféricos de toda a atmosfera envolvente. De novo: as três épocas

em que essas vibrações menores causaram maior obliquidade da eclíptica foram épocas em que as condições climáticas de várias secções do corpo ou da atmosfera eram mais diversas. Calor tórrido e frio polar intenso foram a condição contemporânea de diferentes secções nessas épocas. Esta condição também foi produtora de intensidade de ação.

O frio, atuando juntamente com o calor, é produtivo de maior intensidade da ação elemental, assim denominada, do que a que resulta da ação do calor por si só. O elemento atua sobre o elemento neste caso, como o átomo atua sobre o átomo no outro; induzindo assim intensidade de ação elemental, tal como a intensidade de ação atómica é induzida no outro caso. Os efeitos, em cada caso, são os mais benéficos sobre a matéria cometária de um corpo condensado e a sua atmosfera, nos primeiros períodos em que ela está ainda tão pouco desenvolvida que apenas aprecia ligeiramente as influências da posição, quando mal começou a eliminar calor como agente para a sua própria elevação, ou a operar com o frio sobre os elementos para a evolução de novos elementos; e são igualmente benéficos sobre a matéria de um corpo condensado por meio da sua atmosfera, e sobre a própria atmosfera.

A condensação da matéria cometária, produtora do calor da matéria do corpo condensado, é produtora de uma condição mais elevada da atmosfera. A evolução do calor — a intensidade da ação química dos elementos produtora da condição, calor — induz a eliminação de elementos atmosféricos. Elementos atmosféricos significam elementos da mesma natureza que os elementos terrestres; sendo eles um grau mais elevado dos mesmos elementos; a ausência de matéria terrestre na atmosfera sendo a ausência das formas mais grosseiras da substância elétricas que constitui toda a matéria.

Estes elementos mais elevados, eliminados pela intensidade da ação química, gravitam em direção ao plano espiritual tanto quanto a sua natureza o permite; contudo, a sua ponderabilidade, ou afinidade com a substância física, não permite a sua fuga da esfera imediata de influência da matéria de superfície do corpo condensado.

Um corpo nunca está desprovido de atmosfera desde o período da sua primeira instituição, pelo facto de a matéria ser de duas naturezas, atmosférica e terrestre, assim denominadas. A matéria atmosférica, assimilando-se ao plano espiritual, é sempre matéria exterior; enquanto, na sua natureza, é de consistência mais rara do que a terrestre. Assim, um corpo, mesmo no seu estado embrionário, possui uma atmosfera; mesmo o único átomo central, antes da acumulação de átomos em torno dele, elimina a sua atmosfera, como o fazem todos os átomos singulares e todas as acumulações de átomos.

A intensidade do calor, tal como a intensidade do frio, é uma condição baixa da matéria; a intensidade do calor desenvolvida pela matéria do corpo condensado de um sol na sexta e sétima eras não é desenvolvida pela matéria atmosférica; sendo esta, durante essas eras, de natureza a apreciar o frio do espaço; o qual, durante eras anteriores, ela pouco melhor estava qualificada para apreciar do que a matéria do corpo condensado. Alcançado o estado mercurial raro, como antes se afirmou, começa a eliminação de elementos atmosféricos mais elevados; a atmosfera começa a rarefazer-se, enquanto o corpo condensado se condensa. Com a inauguração deste estado, começa uma nova era de desenvolvimento atmosférico; doravante, o frio do espaço pode atuar para qualificar a sua temperatura — para condensar os seus elementos mais grosseiros, para que tendam para a superfície; e assim a atmosfera torna-se continuamente mais rara. Todo o espaço é frio — tem de o ser pela natureza da matéria do espaço; portanto, este é um agente perpetuamente operante para a qualificação da matéria atmosférica.

As eras da sexta e sétima eras cometárias de um sol apenas bastam para qualificar a atmosfera ao grau em que pode atuar como agente para transmitir o frio do espaço à matéria de superfície. Este imenso período basta para arrefecer e rarefazer a atmosfera a tal grau que o frio do espaço possa ser transmitido através dela à superfície do corpo condensado, por meio das suas várias camadas. Assim, a instituição da oitava era e do estado mercurial é a instituição de uma nova era no progresso do corpo condensado — uma era de progresso mais rápido; pelo facto de que o frio atmosférico pode agora auxiliar na sua condensação; condensação essa que não poderia, a partir deste período, progredir sem o auxílio deste novo agente.

As correntes elétricas parentais que atuam sobre a atmosfera e o corpo condensado, que apenas indiretamente são produtivas das variedades de temperatura atmosférica e de superfície dos corpos em estados mais elevados de desenvolvimento, pode dizer-se que afetam diretamente a temperatura atmosférica e de superfície dos corpos nos primeiros estados cometários. O seu efeito é produzir um grau de ação de toda a matéria do corpo, dependente da suscetibilidade dessa matéria à sua ação e da direção dos feixes deste fluido que entram em contacto com as várias secções do corpo; direção essa que depende da posição do corpo na eclíptica.

O fluido elétrico que, indiretamente, por meio da luz que primeiro é eliminada, atua para produzir calor numa atmosfera qualificada, sobre uma superfície qualificada, atua diretamente para produzir calor na matéria cometária baixa; assim, como substância, atua diretamente com essa substância, ao mesmo

tempo que causa uma ação mais intensa dos seus átomos entre si; ação essa que é produtora de calor na matéria cometária.

A diversidade de condição da matéria cometária e planetária exige uma diversidade de método pelo qual se eliminem as quantidades necessárias de calor para os usos dos corpos nestas duas condições. O calor, desenvolvido por um corpo cometário pela intensidade de ação da sua matéria volátil, e pelos corpos planetários por agência atmosférica — sendo a volatilidade da matéria uma necessidade na eliminação do calor — é o efeito da mesma qualidade de ação; a saber: a ação química de átomos de luz.

Contudo, o método desta ação é diverso, em que o calor atmosférico é eliminado pela agência de átomos de luz extraídos da matéria atmosférica inferior pela agência do fluido elétrico; enquanto o calor da matéria cometária é eliminado pela ação do fluido elétrico com átomos de luz já existentes, ou matéria baixa, e pela ação dos átomos dessa luz, ou matéria baixa, entre si, como acima descrito. Em outras palavras: é pela ação química direta dos átomos do fluido elétrico com a matéria existente que o calor é extraído dessa matéria.

Uma qualidade de calor existe na atmosfera qualificada dos corpos planetários e em toda a substância, efeito de ação semelhante; contudo, é de grau demasiado baixo para ser distintamente apreciável a menos que seja estimulada por meios artificiais; como no caso de aquecer o ar ou substâncias por meio da combustão de certas outras substâncias; como madeira, carvão, etc.

Este método de produzir calor atua com extrema lentidão no caso da matéria cometária baixa; e daí as eras que intervêm enquanto essa matéria se vai aquecendo; ao passo que o calor atmosférico, assim denominado, desenvolvido por uma qualidade comparativamente elevada de matéria durante todas as eras em que é distintamente desenvolvido, é eliminado com um grande grau comparativo de rapidez durante todas essas eras.

Em atmosferas qualificadas, o frio qualifica os graus de calor eliminados por todos os vários meios, pela matéria atmosférica ou de superfície; ao passo que, em atmosferas não qualificadas, este agente não opera para este fim no mesmo grau, ou em qualquer grau apreciável. Portanto, é que a matéria dos corpos cometários se torna tão intensamente aquecida durante o período em que a atmosfera é não condutora do frio para a superfície; e portanto é que, após este período, a matéria arrefece.

A condição da matéria atmosférica no fecho da sétima era era tal que podia atuar como meio para a transmissão do frio para a superfície. Nesse período, era substância vaporosa densa aquecida até à intensidade. Passou pelo seu período de maior intensidade de calor pouco antes do período em que se tornou meio para a

transmissão do frio — pouco antes do fecho da sétima era. Toda a sua massa esteve, durante o vasto período em que o corpo se aproximava quase da sua posição ereta, continuando nessa posição e apenas recuando dela, em intensa ação atómica.

O objetivo da natureza, nesse período, era arrefecer a matéria; rarefazer suficientemente a atmosfera por ação atómica, para que toda a superfície pudesse ser simultaneamente atuada pelo frio. A ação elemental induzida pela ação do frio com o calor sobre a matéria, juntamente com a ação atómica, atua mais poderosamente para rarefazer uma atmosfera cometária do que a ação atómica por si só; contudo, este agente não podia ser eficazmente empregado e toda a superfície ser simultaneamente atuada pelo frio.

Nesse período, a condensação induzira o desenvolvimento de um grau suficiente de calor para a evolução dos elementos básicos, que até então tinham estado em combinação; esta evolução desses elementos significando apenas a sua eliminação em forma de substância fundida da maior grosseria, todos misturando-se em massa. Agora o esforço tinha de ser causar uma diminuição do calor, para que estes elementos pudessem aperfeiçoar-se e atuar naturalmente uns sobre os outros para a evolução de elementos mais elevados.

O período necessário para a condensação da matéria desde o estado mercurial aquecido, ou aquela porção desse estado em que prevaleceu o maior calor, até ao estado mercurial propriamente dito — aquela condição em que os processos de arrefecimento começaram materialmente a ajudar na condensação da matéria — foi igual, em duração, à nona era.

A razão média de diminuição da duração das eras em consideração é uma razão que varia de um e meio para um, a um e dois terços para um. A duração da primeira era de um ciclo, que é aproximadamente a mesma que a última era do ciclo precedente, é uma vez e menos de um terço a duração da segunda era do ciclo; enquanto a quinta era é quase o dobro da sexta; fazendo assim a média como acima indicado. Esta é a duração comparativa das eras que compõem um único ciclo, qualquer que seja a sua natureza — seja um ciclo de eternidades, ou as eras mais curtas do desenvolvimento planetário.

A primeira era cometária da Terra foi uma vez e um terço a duração da segunda, enquanto a quinta foi quase o dobro da sexta; assim com as eras do segundo ciclo de eras cometárias.

A oitava era realizou a condensação da Terra até tal grau que, no seu fecho, a sua cauda cometária teria medido menos de 10°; enquanto a posição do seu afélio e do seu periélio se alterou em igual proporção.

A nona era, ou estado de enxofre em ebulição, realizou a sua condensação até tal grau que a sua cauda, no seu fecho, teria medido menos de 3°. A volatilidade da matéria estava a diminuir de tal modo que o corpo estava a assumir proporções — estava a aproximar-se da forma esferoidal. As últimas eras cometárias realizaram, aparentemente, menos na regulação das proporções do corpo do que as eras anteriores; contudo, mais foi realizado nestas eras no sentido da condensação da matéria, da sua preparação para assumir a forma planetária, do que durante todas as eras anteriores.

Durante a nona era — o estado de enxofre em ebulição; a décima — o estado de enxofre aquecido; a décima primeira — o estado de lava; realizou-se mais de condensação efetiva da matéria do que durante todas as eras precedentes. No fecho da décima era — o estado de enxofre aquecido — o corpo perdeu a sua verdadeira forma cometária; assumindo, no decurso do estado de lava — a décima primeira era — a forma esferoidal oblata. No período da assunção desta forma — a parte inicial do estado de lava — as posições do afélio e do periélio estavam a aproximar-se das suas posições atuais.

À medida que todos os corpos do sistema perdiam a sua forma cometária, todos revolviam em órbitas, comparativamente, reguladas; tão reguladas quanto as forças do sistema o permitiam; sendo as suas formas esferóides condensados. Ao alcançar a forma esferoidal, os corpos continuam desta forma por longos períodos; durante os quais, as suas órbitas são irregulares; tornando-se, por algum tempo, fixas na forma elíptica.

O desenvolvimento dos corpos desde a forma esferoidal oblata até à esférica, e o das suas órbitas desde a elíptica até à circular, corresponde, na razão do progresso, ao seu desenvolvimento desde a forma cometária mais baixa até à esferoidal; e o das suas órbitas desde a excêntrica até à elíptica. No início, o progresso é lento; como no caso das formas cometárias raras, quando de uma era para outra mal se efetua qualquer mudança apreciável de forma. Chega um período em que o progresso é estimulado; em que o esferoidal se determina rapidamente para o esférico; correspondendo ao período em que o cometário se determina tão rapidamente para o esferoidal.

As condições atmosféricas, durante estas últimas eras mencionadas, progrediram tão rapidamente quanto as do corpo condensado. Durante a nona era, a atmosfera perdeu a sua, assim denominada, volatilidade vaporosa densa e assumiu a semi-densa. A mudança periódica das condições climáticas operou a sua regeneração até este estado antes do período em que a segunda grande vibração deveria causar a maior inclinação possível do eixo da Terra à eclíptica, a partir da quantidade existente de forças perturbadoras no sistema — cerca de

meio do período interveniente entre aquele em que estava na sua posição ereta e este. No período em que a atmosfera passou do estado vaporoso denso para o semi-denso, uma vibração menor tinha trazido o equinocial e a eclíptica a uma quase coincidência; portanto, a ação dela, nesse período, foi atómica, não elemental. A ação atómica, abundante em toda a atmosfera, determinou que toda a massa fosse simultaneamente desenvolvida para esta condição; enquanto a igualização da temperatura de toda a massa envolvente induziu rápida condensação da matéria de superfície de todas as secções do corpo condensado.

A intensidade de calor continuava a ser a condição da matéria. Não podiam evoluir novos elementos até que a condensação tivesse avançado até à solidificação; até que os elementos básicos se tivessem desenvolvido em forma, por assim dizer. Estes, enquanto misturados num estado de fusão, não podiam eliminar novos elementos. A ação elétricas sobre eles, enquanto nesta condição, apenas extraía átomos atmosféricos de substância semelhante, que escapavam da massa volátil do corpo condensado como emanações gasosas.

O alvorecer de uma era foi a instituição de um período de maior intensidade de ação do que o que marcou o seu fecho. A estagnação das forças da natureza marca sempre o fecho de uma era, seja qual for a natureza ou a duração dessa era. Assim como há graus de estímulo da força, há graus na sua estagnação. O alvorecer de uma era cometária foi marcado pela evolução simultânea de massas de matéria atmosférica gasosa a partir da matéria volátil do corpo. Sendo a matéria volátil, essas massas foram evoluídas sem um esforço tão aparente como o que marca a evolução de tais massas no alvorecer de uma era planetária; contudo, o efeito foi o mesmo em comparação com o grau de desenvolvimento da matéria, cometária e planetária.

Durante o dia da era, prevaleceu intensidade de ação; as emanações desta matéria foram contínuas ou periódicas, conforme a volatilidade da matéria. À medida que a tarde sucedia ao dia, cessava a intensidade da ação; à medida que a noite se aproximava, a ação diminuía, aparentemente, e a estagnação era a condição dos elementos, tanto do corpo condensado como da atmosfera. À medida que a noite avançava, mais completa estagnação era a condição desses elementos; contudo, não era estagnação completa, pois a ação é perpétua; nem era, no período em consideração, estagnação como a que marcou a noite de um ciclo das primeiras eras cometárias da Terra; e, contudo, era estagnação. A ação era insuficiente para induzir a evolução de elementos atmosféricos a partir da matéria volátil do corpo condensado. O processo de evolução desses elementos a partir do corpo cessou na parte inicial da tarde; contudo, a ação continuou pela força das condições existentes.

Os elementos atmosféricos operavam uns com os outros, operavam sobre os elementos de superfície, e estes operavam entre si e sobre os atmosféricos. Assim a ação continuou até que as forças decrescentes da atmosfera e da matéria de superfície se esgotaram; então começou a noite. O esgotamento das forças atmosféricas e das da matéria de superfície não foi um esgotamento completo destas; foi esgotamento aparente, — esgotamento em grau.

A instituição da décima primeira era foi a instituição da mais elevada condição da matéria cometária. As condições atmosféricas foram menos favoráveis ao desenvolvimento da matéria de superfície de todas as secções do corpo do que tinham sido durante as eras passadas imediatamente precedentes. A grande vibração estava a causar grande obliquidade da eclíptica, condições climáticas extremamente diversas em diferentes secções da atmosfera, o que determinava que a ação elemental fosse mais favorável para a qualificação da atmosfera durante essa era; e que a ação elemental da matéria de superfície causasse uma preparação dessa matéria para um progresso mais rápido numa era futura.

O estado de lava testemunhou os elementos básicos num estado de fusão; ainda atuando uns sobre os outros como elementos para a evolução de elementos atmosféricos.

A ação elemental é sempre estimulada pela diversidade das condições climáticas de diferentes secções de um corpo. As condições atmosféricas durante a continuação do estado de lava estavam a tornar-se cada vez mais favoráveis à produção de condições ativas à superfície; estavam a tornar-se mais favoráveis à produção de condições mais ativas dos elementos atmosféricos. A atmosfera estava a tornar-se melhor condutora de forças, à medida que se tornava mais volátil, mais refinada. A sua volatilidade durante a décima primeira era correspondia à de vapor semi-denso. Era de qualidade demasiado baixa para transmitir o fluido elétrico parental em quantidades suficientes para a superfície do corpo condensado, para desenvolver condições climáticas dessa superfície, propriamente ditas; contudo, o suficiente era transmitido à superfície para causar intensidade de ação dos elementos fundidos — intensidade de ação em comparação com qualquer ação anterior.

As camadas superiores da atmosfera, sendo matéria mais refinada, eram mais suscetíveis à influência do fluido elétrico; mais suscetíveis à influência da posição do corpo — posição de várias secções dele relativamente ao Sol. Estas desenvolviam, em certo grau, as diversas condições climáticas dependentes da posição das várias secções do corpo relativamente ao Sol. As camadas inferiores, embora menos qualificadas para apreciar a posição, desenvolviam estas diversas

condições climáticas em menor grau; por outras palavras, tornavam-se meios para a transmissão destas condições à superfície.

Ainda assim, toda a matéria era ígnea. O corpo condensado da Terra era um oceano sem margens de lava a ferver, a borbulhar, a fumegar; a sua atmosfera, vapor negro e sulfuroso. Pode dizer-se que a luz era a condição à superfície nesse período; pois, da massa líquida em ebulição, eram constantemente emitidas correntes de substância gasosa semelhante a chama, que emitia luz suficiente para fazer as camadas inferiores da atmosfera assemelharem-se a chama, em secções; enquanto outras secções, onde essas emissões eram menos contínuas — eram apenas periódicas — eram negras; uma escuridão cobria essas secções da superfície que era, enfaticamente, "trevas espessas". Tão grande era o calor à superfície e nas camadas inferiores da atmosfera durante esta era, que todos os metais hoje conhecidos na Terra teriam sido por ele fundidos.

É quase impossível à mente humana conceber como o frio, em quantidades suficientes para arrefecer essa superfície, poderia ter sido transmitido através de tal atmosfera até ela; mas, quando se compreende que a era em consideração teve centenas de milhões de anos de duração, compreender-se-á que muito podia ser realizado durante a era, embora o processo de arrefecimento, pela condição da atmosfera, fosse extremamente lento. Nenhuma diminuição percetível de calor em qualquer parte dessa superfície, em qualquer momento, poderia ter sido percebida pela compreensão humana durante essas eras.

Aparentemente, foi uma só condição ao longo de toda a parte inicial da era — a de intenso calor da atmosfera e da superfície. E, contudo, o frio atuou sobre essa atmosfera e, por sua agência, sobre essa superfície. Pela influência de camadas contíguas mais frias, uma camada intensamente aquecida tornava-se menos aquecida; esta atuava sobre a próxima camada intensamente aquecida, e esta sobre a seguinte; e assim até à camada inferior; a qual, de modo semelhante, atuava para arrefecer a intensidade do calor da superfície.

Assim, embora impercetivelmente durante eras, o processo de arrefecimento avançava seguramente. A mente humana, no seu estado presente, não tem poder para apreciar a intensidade do calor; como a da matéria de um sol nos seus estados mercurial, de enxofre e de lava.

No fecho da décima era, perdeu-se a verdadeira forma cometária do corpo; nenhuma cauda, propriamente dita, era desenvolvida pelo movimento do corpo, cuja matéria era ainda volátil — cometária. Estava a assumir a forma esferoidal oblata na instituição da décima primeira era. No fecho da décima era, a grande vibração estava a causar a maior inclinação possível do eixo à eclíptica, a partir

da quantidade existente de forças perturbadoras no sistema, sujeita à vibração menor que, nesse período, atuava em oposição a ela.

Nesse período, os trópicos estavam localizados a norte e a sul da sua posição atual, causando grande diversidade de condições climáticas nas diferentes secções da atmosfera da Terra. O esforço era qualificar assim a matéria durante o progresso da décima primeira era — arrefecê-la de tal modo — que pudesse resultar a eliminação dos elementos básicos em forma individualizada, por assim dizer, a partir da matéria de superfície do corpo. A instituição desta condição foi a instituição da décima segunda era cometária, ou estado planetário.

Durante a décima segunda era, a solidificação da matéria começou. A ação contínua ao longo das incontáveis eras desde que a Terra foi evoluída do seio do sol-mãe tinha conseguido apenas a eliminação dos elementos básicos.

Quando a solidificação resultou do processo de arrefecimento, a matéria solidificada assemelhava-se a lava grosseira; esses elementos eram essa matéria. Eis a obra da natureza! Toda a matéria no estado de lava! À mente não instruída, pareceria que pouco se tinha realizado durante todo o passado para aperfeiçoar a matéria pelos processos instituídos nas várias eras desde que a matéria foi evoluída da sua mais baixa condição primeva. Tal mente teria exclamado, ao ver o resultado de toda esta ação: "É um fracasso!" "Nada foi conseguido, salvo o desenvolvimento de cinzas!"

Contudo, quando a Terra atingiu esta condição — quando a sua matéria volátil começou a solidificar — todas as hostes do Altíssimo clamaram de alegria; dizendo: "Está consumado! Nasceu uma criança de esperança! Um planeta está a sair do ventre da natureza!" Bem podiam todas as inteligências rejubilar à vista do que fora realizado; bem podiam glorificar o Pai ao observarem — estudarem — os processos pelos quais um planeta tinha sido desenvolvido — processos que, embora na sua realização se tenham consumido eras incontáveis, tinham, ainda assim, realizado aquilo para que foram instituídos. Bem podiam estes regozijar-se; sabendo, do que já tinham observado, que aquilo que Deus prometera era capaz de o cumprir — o cumpriria, tão certamente como o tinha cumprido até então.

As eras da décima primeira era tinham bastado para arrefecer suficientemente a matéria de superfície, de modo que ela pudesse consolidar-se pela ulterior ação do frio sobre ela. A atmosfera estava a tornar-se melhor condutora do frio para a superfície, à medida que as suas várias camadas se iam qualificando para apreciar a posição, à medida que as condições climáticas das suas várias camadas se desenvolviam. A ação elemental, durante o longo período desde que a Terra estivera na sua posição de maior inclinação, realizou muito no

sentido do refinamento dos elementos atmosféricos. Na instituição da décima segunda era, a volatilidade da atmosfera estava a tornar-se a do vapor raro. No período do fecho desta era, a Terra tinha assumido a forma esferoidal regulada; o movimento rotatório regulou a forma do corpo de modo que a sua secção protuberante fosse a secção equatorial.

Em auxílio do movimento rotatório, a vibração menor tinha, durante o progresso da era, trazido a eclíptica e o equinocial a uma quase coincidência. Isto ocorreu cerca de meio da era, quando a matéria estava naquela condição em que era suscetível à influência do movimento orbital o suficiente para constituir esse movimento um auxílio ao rotatório na regulação da forma. À medida que essa vibração menor voltou a atuar para causar maior obliquidade da eclíptica, a matéria tornava-se menos suscetível à influência do movimento orbital; consequentemente, este movimento já não tinha o efeito de variar a forma do corpo. A forma esferoidal oblata tornou-se a forma fixa do corpo, até que forças desenvolvedoras planetárias a mudassem para a esférica.

O calor continuava a ser a condição da superfície e da atmosfera no fecho da décima segunda era; contudo, a intensidade do calor tinha diminuído a tal grau que o frio atmosférico podia atuar sobre a matéria de superfície para auxiliar na sua condensação; a sua solidificação. A intensidade do calor continuava a ser a condição da matéria central do corpo. Isto implica que toda a matéria do corpo, salvo uma camada de matéria de superfície, estava numa condição intensamente aquecida. Portanto, longos períodos tinham de decorrer antes que muito pudesse ser realizado no sentido de solidificar a matéria de superfície até ao grau em que uma crosta permanente pudesse formar-se sobre a massa fundida.

Durante a décima segunda era — o estado planetário — não se formou qualquer crosta permanente sobre a massa volátil que constituía o corpo condensado da Terra. A ação operante durante essa era foi a ação dos elementos básicos uns sobre os outros, por meio do fluido elétrico gerado por cada um. Foi a ação do fluido elétrico parental e atmosférico e dos elementos atmosféricos grosseiros com o fluido elétrico terrestre e os elementos terrestres grosseiros; sendo esta última ação um agente poderoso de avanço da matéria de superfície.

Sendo uma secção da superfície solidificada pelo frio, imediatamente o fluido elétrico parental, combinando-se com o atmosférico, operava para extrair um fluido semelhante dos elementos que compunham essa matéria solidificada, elementos esses que eram da natureza dos elementos grosseiros de que tinham sido evoluídos. Estes atuavam quimicamente sobre os correspondentes elementos grosseiros e uns sobre os outros, e cooperavam com os elementos atmosféricos para a evolução de novos — mais elevados — elementos terrestres.

Esta ação, ao longo de toda a era, realizou a regeneração da matéria de superfície e atmosférica, por assim dizer; realizou esta regeneração determinando a evolução de novos elementos para atuarem com os já existentes, para a purificação da atmosfera e o desenvolvimento da superfície.

A cristalização parcial começou durante a porção final da era; nenhuma cristalização permanente podia resultar durante a era, pois os elementos eram ainda demasiado grosseiros para cristalizarem em justas proporções e formarem organizações permanentes. A decomposição das formações cristalinas baixas fornecia os elementos mais elevados para a organização de novas formas, para o suprimento de elementos atmosféricos aptos a auxiliar na evolução de formas mais elevadas.

Muitas tentativas de cristalização permanente foram feitas, por assim dizer, durante a era; cada esforço produzindo uma forma mais elevada do que a precedente. E, contudo, a matéria era cinzas! Cada forma determinava de volta, aparentemente, para a sua condição original de lava grosseira em fusão.

O calor foi o agente auxiliar do frio para a evolução de elementos mais elevados a partir desta forma baixa de matéria terrestre. Mal uma secção da matéria de superfície se tinha arrefecido, logo que certas mudanças ocorrendo nas camadas atmosféricas induziam menor grau de frio nessa secção particular e, desse modo, o calor interno ganhava ascendência, essa secção de matéria solidificada fundia-se na massa aquecida abaixo; e de novo essa secção da superfície era lava a ferver, ondulante. Aparentemente, o que fora ganho pela solidificação era perdido por esta ação do calor interno; contudo, esta perda aparente era ganho.

A refusão da substância grosseira solidificada que constituía os elementos básicos recém-eliminados era o processo da natureza para a evolução, a partir deles, dos mais elevados elementos possíveis de serem evoluídos deles no estado existente da matéria. Estes elementos, misturando-se com a atmosfera, ou determinando-se para alguma secção de superfície solidificada, entravam em combinação para formar as rochas cristalinas imperfeitas acima referidas. A refusão destas formas ainda mais elevadas de matéria de superfície, como antes, era produtora de elementos ainda mais elevados; e assim o processo foi contínuo ao longo de toda a era.

De consistência vaporosa rara, a atmosfera era ainda negra; trevas espessas eram a condição à superfície, salvo apenas quando secções das camadas inferiores da atmosfera eram chama lívida, ou pareciam sê-lo, pelas quantidades de substância gasosa semelhante a chama emitidas para dentro delas a partir da matéria agitada do corpo.

Um sol é uma máquina para a manufatura do fluido elétrico para o sustento do seu corpo individual e o de todo o seu sistema; é uma organização cujos vários órgãos atuam como geradores dos vários tipos deste fluido necessários ao sustento do corpo e do sistema. O coração desta organização é a sua matéria mais altamente qualificada. No período da instituição da formação, e até que as forças naturais desenvolvam matéria de superfície mais elevada do que esta, a matéria central constitui este órgão. Os vários órgãos desta organização são as substâncias minerais que compõem o corpo; as quais, em todos os períodos da sua existência, nas suas formas mais elevadas, se acumulam em localidades distintas dentro dele, sujeitas às condições de superfície induzidas pela ação elemental.

Desde o período da instituição de um corpo, correntes do fluido elétrico originadas por estes órgãos pela cooperação do fluido elétrico parental percorrem-no para o estímulo do seu progresso e como originadoras de toda a ação da sua matéria. As circunstâncias de posição de um corpo na sua órbita, as condições climáticas, a ação elemental e atómica, determinam que certas secções de um sol sejam positivas relativamente a outras secções, por períodos; e por fim fixam a relação positiva e negativa dos hemisférios e polos entre si.

O polo norte da Terra é positivo relativamente ao seu sul; o seu hemisfério norte é positivo relativamente ao seu sul. Esta condição foi determinada pela posição quando a Terra estava na sua terceira era cometária — um estado raro e volátil.

Aqui se observa que os polos de todos os sóis ficam fixados como positivos e negativos durante a condição rara e volátil da sua matéria; e pelo mesmo método pelo qual os da Terra foram assim fixados.

Durante esta era, como já se afirmou, a grande vibração induziu a maior inclinação do eixo à eclíptica. A maior diversidade de condições climáticas dos diferentes hemisférios possível a partir da condição da matéria nessa era inicial foi induzida por esta posição. Foi longa a era em que existiu esta diversidade de condições climáticas — a era da maior inclinação do eixo; e durante este longo período, a ação elemental estabeleceu correntes de matéria positiva no hemisfério norte e correntes de matéria negativa no hemisfério sul.

Isto foi determinado pela circunstância comparativamente trivial da direção da inclinação; sendo o hemisfério norte o que estava inclinado na direção da força perturbadora. Esta força foi suficiente para atuar sobre a matéria mais altamente qualificada do corpo, de modo a gradualmente atraí-la para esse hemisfério e fixá-la nesse hemisfério, sujeita à influência da ação elemental.

Este resultado foi alcançado pela ação da força perturbadora — a grande quantidade dela que produziu a grande vibração, a obliquidade da eclíptica. A condensação tinha avançado tanto antes da inclinação do hemisfério sul na direção da força perturbadora, que essa força já não tinha poder para deslocar a matéria do corpo, como anteriormente.

Os verdadeiros polos da Terra, segundo a explicação já apresentada do movimento rotatório de um corpo, significam os pontos nas extremidades do corpo fixados pela solidificação da matéria de superfície como pontos únicos de rotação — átomos que não têm poder para rodar em torno do átomo central, estando fixos pela solidificação da matéria circundante; mas que rodam em obediência ao átomo central como as extremidades de um eixo. Estes polos não são os polos elétricos do corpo. Os polos elétricos estão fixados na vizinhança dos verdadeiros polos, em localidades onde a matéria localizada é o melhor condutor do fluido elétrico.

A localização destes polos é fixada perto da dos verdadeiros polos em consequência da natureza do fluido conduzido; sendo ele da espécie mais baixa gerada pela matéria de superfície do corpo e afinizada à espécie mais baixa atraída ao corpo a partir do Sol. Há constante reciprocidade de ação entre os polos da Terra e os do Sol; o fluido elétrico fluindo em correntes maciças de um para o outro, sendo estes pontos particularmente atrativos para esses graus do fluido; sendo eles, como já se observou, condutores para essas qualidades do fluido.

Estes são os verdadeiros polos elétricos, simplesmente porque são os melhores condutores para este baixo grau do fluido. Quaisquer outras localidades correspondentes em cada hemisfério poderiam ser os polos, se as substâncias minerais congregadas nessas localidades fossem da natureza adequada para constituí-las os melhores condutores da grande massa do fluido elétrico conduzido por esses polos. Toda localidade que constitua um leito mineral pode ser denominada um polo, e um polo positivo ou negativo conforme a sua situação em qualquer dos hemisférios.

Correspondendo a cada elemento positivo há um negativo; correspondendo a cada corpo positivo há um negativo; correspondendo ao hemisfério positivo desse corpo há o negativo; e correspondendo aos elementos positivos desse hemisfério positivo há os elementos negativos do hemisfério negativo; de acordo com a explicação deste assunto dada num capítulo anterior.

A ação recíproca dos membros da força dual — o positivo e o negativo — determina isto. Toda corrente estabelecida como corrente positiva no hemisfério norte tem a sua correspondente negativa no hemisfério sul; porque assim atuam

as duas forças quando uma é constituída força positiva no período mencionado. Desde a primeira instituição da forma do corpo estas forças tinham atuado reciprocamente; contudo, apenas quando reguladas pelas circunstâncias acima descritas passaram a atuar regularmente para o desenvolvimento do corpo.

Este arranjo das forças positivas e negativas de um sol é, em todos os sentidos, um arranjo necessário — é o arranjo da própria natureza. Em todos os sentidos este arranjo dessas forças é o de toda forma, desde um universo até um átomo.

O período que fixou os hemisférios positivo e negativo fixou também as posições dos polos elétricos. O movimento rotatório determina que a posição da matéria de mais alta qualidade de um corpo esteja nas regiões equatoriais; a força atómica dessa matéria sobrepondo-se à da qualidade inferior, determinando assim que as correntes dessa matéria girem nas regiões equatoriais; ou numa direção diretamente oriental.

Assim, quando a matéria estava no seu estado volátil, todas as correntes ficaram fixadas nesta posição relativa; este princípio determinando que as correntes da matéria de qualidade mais baixa fossem as que rodavam em torno dos verdadeiros polos.

As correntes de matéria de um corpo em rotação são semelhantes, no arranjo das diferentes qualidades de matéria, às camadas de uma esfera. Estas correntes não são correntes de matéria diversa; como de substâncias de naturezas diferentes, mas são correntes de diferentes graus de substância da mesma natureza.

A grande lei da matéria que determina que a matéria mais condensada de um corpo se determine para o centro é a lei que fixa a localização dos polos. Ao longo e perto do eixo de rotação, através de toda a crosta em ambas as extremidades da Terra, está localizado um veio de substância mineral de qualidade tal que atua como um íman para o fluido elétrico circulante — aquela qualidade deste fluido evoluída pelos minerais grosseiros.

Este veio está assim localizado pela circunstância de que a matéria que o compõe era a matéria de mais alta qualidade das correntes ali localizadas — a mais condensada; matéria que se determinou para o centro, ou tão perto dele quanto possível dada a posição das correntes. A matéria de superfície solidificante tornou-se matéria mais altamente qualificada do que esta; contudo, tal era a natureza desta matéria que, enquanto secções inteiras de substância intermédia entre esta e a matéria de superfície, compreendendo em algumas localidades milhas de profundidade, são substância comparativamente pouco desenvolvida, esta está desenvolvida na elevada forma de substância mineral.

Sendo de natureza particularmente suscetível às forças desenvolvedoras, pela agência da pressão e do calor subterrâneo, atingiu esta forma. As extremidades superficiais destes veios são amplas áreas — milhas de superfície; não necessariamente metálicas em todas as secções, mas necessariamente carregadas em todas as secções com fluido elétrico da natureza descrita. As localidades dos polos elétricos são determinadas pela estrutura superficial das extremidades destes veios; estrutura essa que resultou como efeito da ação convulsiva durante uma era remota do passado. Uma secção é propriamente um polo elétrico — uma secção do grande leito mineral cuja superfície foi menos desintegrada pela ação elemental e que, portanto, está melhor calculada para conduzir o fluido para, ou a partir de, secções interiores da crosta. Se as regiões polares pudessem ser examinadas minuciosamente, muitas localidades seriam descobertas que poderiam ser denominadas polos, no mesmo sentido em que os descobertos são assim chamados; havendo muitas secções dessa superfície bons condutores do fluido.

Em nenhum outro lugar de toda a crosta da Terra existem tais veios; em nenhum outro lugar podem existir, devido à tendência constante da matéria de superfície para progredir para formas mais elevadas. Sendo estes veios contínuos através de toda a crosta em cada extremidade, são condutores perfeitos do fluido para toda a crosta. São, em certo sentido, o coração do corpo, do qual, e para o qual, determinam todas as veias e artérias do corpo através das quais este carácter de fluido é transmitido.

Embora estes sejam os veículos de transmissão para a grande massa do fluido elétrico grosseiro — aquela qualidade evoluída em maior quantidade pela matéria da crosta terrestre e recebida em maior quantidade pela Terra a partir do sol parental — há inúmeros outros veículos para a transmissão de qualidades mais elevadas do fluido elétrico; há muitos polos elétricos na Terra — localidades que são condutores para diferentes qualidades do fluido elétrico. Cada polo transmite a sua qualidade peculiar do fluido; cada leito mineral é o recipiente de uma qualidade peculiar do fluido, qualidade essa que é produzida por ele com o auxílio do fluido parental que recebe.

Tal como a matéria atua no estado planetário, assim atua, em grau, no cometário. Assim como veios, leitos minerais e polos estão localizados na crosta da Terra, estando ela em estado planetário, também estavam localizados na sua substância de superfície quando estava no estado cometário; sujeitos à condição cometária da matéria, como já foi explicado. Há perfeita correspondência entre a ação da natureza nas eras correspondentes do estado planetário e do estado cometário. Cada era do estado planetário teve a sua era correspondente no cometário, em que a ação foi semelhante em grau.

A décima segunda era realizou a preparação da matéria para a assunção do primeiro estado planetário. Embora tivesse falhado em aperfeiçoar uma única organização, não falhou em nenhum propósito para o qual fora instituída. Enquanto qualificava a forma do corpo, estava a desenvolver a matéria de superfície até ao estado em que, quando o movimento fosse Mais uma vez estimulado, pudesse resultar organização permanente da ação da natureza.

A era declinou; a sua tarde avançou; a ação elemental diminuiu. Então a escuridão foi universal. O poderoso abismo cessou o seu tumulto; calma, quietude, assentaram sobre a face da natureza; era como se a vida não existisse; como se a morte universal reinasse. A tarde foi sucedida pela noite; a escuridão não era mais profunda, mas a quietude era maior, o repouso mais profundo.